Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Ciências Sociais

Jéssica Santos da Silva

Assumindo os cachos: um estudo sobre a relação das mulheres com seus cabelos

Rio de Janeiro

2024

Jéssica Santos da Silva

Assumindo os cachos: um estudo sobre a relação das mulheres com seus cabelos

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.ª Drª. Claudia Barcellos Rezende

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

S586 Silva, Jéssica Santos da.
Assumindo os cachos: um estudo sobre a relação das mulheres com seus cabelos / Jéssica Santos da Silva. – 2024.
196 f.

Orientadora: Claudia Barcellos Rezende.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Institu
to de Ciências Sociais.

1. Mulheres - Aspectos sociológicos - Teses. 2. Beleza feminina (Estética) - Brasil - Teses. 3. Cabelo - Teses. 4. Autoestima em mulheres - Brasil - Teses. I. Rezende, Claudia Barcellos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Sociais. III. Título.

CDU 3:111.85-055.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Jéssica Santos da Silva

Assumindo os cachos: um estudo sobre a relação das mulheres com seus cabelos

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em: 23 de fevereiro de 2024.

Banca Examinadora:

_____

Profª Drª Claudia Barcellos Rezende (Orientadora)
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

_____

Profª Drª Waleska de Araújo Aureliano
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

_____

Prof. Dr. Guilherme Nogueira de Souza
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira

_____

Profª Drª María Elvira Díaz
Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____

Profª Drª Kátia Lerner
Fundação Oswaldo Cruz

Rio de Janeiro

2024

À minha mãe Ilca em nome de todo meu amor

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Claudia Barcellos Rezende pela prontidão, disponibilidade e parceria na elaboração deste trabalho, me senti plenamente acolhida e atendida em todos os momentos que precisei.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro pela presteza e por todo aprendizado adquirido ao longo do curso.

À CAPES e à Universidade do Estado do Rio de Janeiro pela bolsa de estudos adquirida durante o Doutorado, que possibilitou a concretização do presente trabalho.

Aos meus colegas e companheiros de curso pela colaboração e trocas de experiências.

A todas as entrevistadas que possibilitaram a realização deste trabalho e que genuína e voluntariamente tiveram a vontade de falar e contar suas histórias.

Aos meus amados amigos e familiares pelo incentivo de sempre. A minha mãe e a meu pai. *(In memoriam)*.

RESUMO

SILVA, Jéssica Santos da. **Assumindo os cachos**: um estudo sobre a relação das mulheres com seus cabelos. 2024. 196 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

O presente estudo tem como proposta trazer para a arena de discussão mulheres negras e mulheres brancas de diversas idades e desenvolver uma análise sobre suas relações com seus cabelos crespos e cacheados. Assim, buscamos, a partir de entrevistas, observar especificamente a história dessas mulheres a partir de suas narrativas na elaboração de um olhar racial e geracional, e também na construção social dos corpos, nas relações de gênero e de raça. Para tal, procuramos desenvolver uma análise das memórias dos cuidados com os cabelos durante a infância e a adolescência; perceber como ocorre a influência da família dessas mulheres, dos salões de beleza que frequentaram ao longo da vida, do processo de transição capilar (caso tenham realizado), e evidentemente a influência da mídia, como essas mulheres são impactadas pelos meios midiáticos. Também buscamos discutir sobre os contextos de interação e cabelos; por fim, analisamos como as mulheres narram sobre suas origens e seus processos identitários. Há, portanto, um reconhecimento da importância do cabelo como elemento corporal que simboliza importantes marcadores sociais.

Palavras-chave: cabelos; mulheres; racial; geracional; corpo.

ABSTRACT

SILVA, Jéssica Santos da. **Affirming the curls**: a study on the relationship between women and their hair. 2024. 196 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

The present study aims to bring black women and white women of different ages into the discussion arena and develop an analysis of their relationships with their frizzy and curly hair. Thus, we seek, from interviews, to specifically observe the history of these women from their narratives in the elaboration of a racial and generational perspective, and also in the social construction of bodies, in gender and race relations. To this end, we sought to develop an analysis of memories of hair care during childhood and adolescence; understand how the influence of these women's families occurs, the beauty salons they frequented throughout their lives, the hair transition process (if carried out), and obviously the influence of the media, how these women are impacted by the media. We also seek to discuss the contexts of interaction and hair; Finally, we analyze how women narrate their origins and identity processes. There is, therefore, recognition of the importance of hair as a bodily element that symbolizes significant social distinctions.

Keywords: hair; women; racial; general; body.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	**MEMÓRIAS DOS CUIDADOS**	17
1.1	**Infância**	17
1.2	**Adolescência**	39
2	**SOBRE AS INFLUÊNCIAS**	59
2.1	**Família**	59
2.2	**Salão de beleza**	76
2.3	**Transição Capilar**	90
2.4	**Mídia**	110
3	**CONTEXTOS DE INTERAÇÃO E CABELOS**	122
3.1	**Ambientes frequentados**	125
3.2	**Se o estado de seu cabelo te afeta**	134
3.3	**Relacionamentos amorosos**	138
4	**SOBRE ORIGENS E OLHARES**	144
4.1	**De quem você puxou esse cabelo**	144
4.2	**Imaginários sobre a outra**	149
5	**SOBRE OS PROCESSOS IDENTITÁRIOS**	161
5.1	**Relatos de dor**	161
5.2	**Identidade como mulher negra**	172
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	184
	REFERÊNCIAS	188
	ANEXO A – Roteiro de entrevista	196

INTRODUÇÃO

Ingressei no Doutorado com a intenção de estudar o Instituto Beleza Natural, havia todo um interesse especial e pessoal. Por se tratar de um salão de beleza tão marcante na vida de muitas mulheres negras tanto mais velhas quanto mais jovens, sob olhares de adesão e de desaprovação, há os que defendem e os que criticam (principalmente por promoverem tratamentos químicos como se fossem naturais). É importante já de início trazer o foco para um dos pontos em especial: minha autoanalise como pesquisadora. Esse aspecto chama a atenção pois traz o olhar do pesquisador para si mesmo no bojo da pesquisa. "Sendo o pesquisador membro da sociedade, coloca-se, inevitavelmente, a questão de seu lugar e de suas possibilidades de relativizá-Io ou transcendê-Io e poder "pôr-se no lugar do outro"." (VELHO, 1978, p. 127)

O Instituto Beleza Natural foi o salão de beleza que frequentei por muitos anos, mesmo quando muito nova, na companhia de minha mãe. O funcionamento do salão sempre chamou minha atenção, o atendimento quase que de produção em série, as funcionárias divididas em setores, exercendo quase sempre a mesma função. Em alguns dias a fila era quilométrica, com pessoas vindas de fora do estado, agindo como se a ida ao salão fosse a realização de um sonho, além dos pedidos para que o salão inaugurasse em suas cidades de origem, essa era uma cena comum no Beleza Natural. Quando terminei meu Mestrado em Geografia, refleti muito sobre que caminhos tomar, havia um interesse pelo Doutorado e vi nas Ciências Sociais uma possibilidade estimulante. A vontade e entusiasmo pelo tema foi crescendo, como mulher negra frequentadora do salão, passou a ser meu objetivo entender o papel do Instituto na relação das mulheres negras com seus cabelos. Contudo, a pandemia global de Covid impôs uma reorientação à pesquisa, não era mais possível pesquisar o salão de beleza em si, as unidades foram fechadas, não era possível fazer observação participante. A princípio a pesquisa foi direcionada a suas propagandas e seu marketing, também havia uma proposta de analisar a relação das mulheres com seus cabelos através de suas interações nas mídias sociais.

Até que se abriu a possibilidade de realização de entrevistas com mulheres negras, duas entrevistas foram feitas com mulheres muito próximas e foram muito frutíferas, com muitos pontos destacados, entrevistas fluidas e bem reveladoras. Isso fortaleceu o interesse em continuar com as entrevistas, assim outras mulheres negras com cabelos crespos/cacheados também foram convidadas para a entrevista a partir da minha rede de conhecidas que foram convidando outras mulheres.

O interesse por expandir a pesquisa e incluir mulheres brancas de cabelos crespos/ cacheados surgiu em uma aula a distância na UERJ durante a pandemia. Ao apresentar minha pesquisa outras mulheres brancas (também alunas) começaram voluntariamente a dar relatos, falaram sobre sua infância, de sua vida e sua relação difícil com seus cabelos. Esses relatos, sobretudo o relato de Eduarda (que posteriormente viria a ser uma das entrevistadas), chamaram minha atenção sobre como é essa questão também para esse grupo de mulheres e como eu poderia intercruzar e relacionar com os relatos das mulheres negras, me interessei pelo que a pesquisa poderia revelar. Depois de compreender que o olhar de mulheres negras e mulheres brancas comporiam a tese, também veio a importância de perceber o olhar geracional e a busca por mulheres de diversas idades e observar seus relatos. Na medida em que os cabelos têm se tornado parte de uma importante arena política nos últimos anos (SILVA, 2019), a ideia de conversar com mulheres de gerações distintas permitiria entender como essa mudança recente em torno dos cabelos crespos se apresentava para elas.

Assim, nesta tese observo a relação das mulheres com seus cabelos e o papel dele na construção de um olhar racial e geracional. Entendo que a partir dos cabelos, é possível discutir a construção social dos corpos bem como as relações de gênero e de raça, como apontarei na breve revisão teórica adiante. Para tal, faço uma análise das memórias dos cuidados na infância e na adolescência; as influências da família, do salão de beleza, da transição capilar, da mídia; além de discutir sobre os contextos de interação e cabelos; por fim, as origens e os processos identitários. Conforme já dito, nesse estudo proponho trazer para a arena de discussão mulheres negras e mulheres brancas das mais variadas idades e desenvolver um olhar sobre suas relações com seus cabelos crespos e cacheados, esse é nosso objeto de análise e real interesse, observar o mundo dessas mulheres a partir de suas narrativas. Nesse momento é importante apontar algumas questões que orientaram essa pesquisa como: analisar como ocorre a dinâmica da vivência racial e geracional de mulheres negras e brancas que possuem cabelos crespos e cacheados e a importância do cabelo como elemento corporal no processo de reconhecimento identitário; compreender os processos de mudanças dos cabelos e importância da transição capilar; observar como as pessoas estudadas são impactadas pelos meios midiáticos; dentre outros objetivos.

Tanto o cabelo quanto o corpo, seja ele negro ou branco, não podem ser vistos como algo meramente biológico e físico. Segundo Giddens (2002), o corpo vai muito além de algo físico, é um sistema de ação sendo fundamental para a autoidentidade na vida cotidiana. Assim, o indivíduo tem uma série de comportamentos apropriados para os diversos lugares e ambientes.

Corroborando com esse pensamento, Gomes (2002) afirma que o corpo está relacionado com o nosso estar no mundo, uma vez que nosso lugar na sociedade ocorre por sua mediação no tempo-espaço. (GOMES, 2002)

Desse modo, o corpo é natural e é também simbólico. Nesse contexto, manipular o corpo, danças, cultos, penteados, tranças, capoeira, ervas medicinais foram maneiras específicas de trabalhar o corpo (MAUSS, 1974). A relação humana ocorre a partir das alterações do corpo, de forma que pintar, escarificar, tatuar, cortar, que são ações culturais e rituais das sociedades. "O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. O mais exatamente, sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo." (MAUSS, 1974). Assim, o corpo é sempre modificado pela cultura, em busca de uma afirmação identitária, evidenciando padrões estéticos. O cabelo e a cor da pele, por exemplo, representam a construção social, cultural, política, ideológica simbólicas. O cabelo funciona como um mensageiro, carregando significados e informações, interpretações e entendimentos, definitivamente trata-se de um ícone identitário. Bouzón (2010) afirma que “o cabelo classifica e hierarquiza, qualifica e desqualifica, exclui e inclui, aproxima e distancia, deixando pouco espaço para indefinições” (BOUZÓN, 2010).

Inclusive a justificativa e pertinência desse estudo encontra-se na importância que os cabelos têm para as mulheres. Neste contexto, o cabelo figura como um dos elementos indispensáveis na construção do feminino. (GODOFREDO DE OLIVEIRA, SANTOS & TEIXEIRA, 2016). Para Butler (2003) o gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou como um locus de ação dos atos, pelo contrário, o gênero é uma identidade constituída temporal e espacialmente por meio da repetição dos atos. O efeito do gênero ocorre pela estilização do corpo, pela forma corriqueira dos gestos, movimentos e estilos corporais, pela ilusão de um eu marcado pelo gênero. (BUTLER, 2003). “Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos.” (BUTLER, 2003, p. 195).

A realidade do gênero é criada mediante performances sociais contínuas o que significa que as percepções de sexo essencial, de masculinidade e de feminilidade verdadeiras são constituídas, como estratégia de ocultar o caráter performativo do gênero. (BUTLER, 2003) Afirmar que a realidade de gênero é performativa quer dizer que ela só é real na medida em que for performada. Alguns tipos de atos são interpretados como expressão da identidade de gênero,

e esses atos ou estão em conformidade com uma identidade de gênero esperada ou questionam, de alguma maneira, essa expectativa (que é baseada na percepção do sexo). “Essa teoria implícita e popular sobre os atos e gestos como expressivos do gênero sugere que o gênero em si existe anteriormente aos diversos atos, posturas e gestos pelos quais ele é dramatizado e conhecido.” (BUTLER, 2018, p. 14).

> Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. (BUTLER, 2018, p. 11).

Para Butler (2011) o gênero não é inscrito no corpo de forma passiva e também não é determinado pela natureza, linguagem, símbolo, ou pelo patriarcado. O gênero é assumido pela coação cotidiana e incessante de inquietação e prazer. Se esse ato contínuo é confundido com dado linguístico ou natural, o poder ocorre para expandir o cultural, tornado físico através de performances diversas (BUTLER, 2011). O gênero aparece como objeto de performance cotidiana, onde o corpo é fundamental, e o cabelo se torna um elemento central.

Assim, não é só por mera vaidade ou por questão de aparência que as mulheres dão tanta atenção ao cabelo. É importante falar do caso da mulher negra especificamente, em que manipular o cabelo representa uma dentre as múltiplas formas de expressão da corporeidade e da cultura, as quais remetem a uma raiz ancestral. O cabelo representa a maneira como a pessoa se vê e como é vista pelo outro, essa relação do “eu” e do “outro” é conflituosa e inerente à questão do corpo e da estética, havendo um movimento estético e político. (GOMES, 2003) Ainda falando especificamente das mulheres negras, há um imaginário com fortes influências sociais de modo que em algum momento de suas vidas buscam negar seus próprios corpos e suas próprias imagens, há uma ‘recusa de si’: “Nesse momento em que sucumbe a essas fortes imposições sociais, inicia-se o terrível processo de autorrejeição tendo o próprio corpo negro, como objeto persecutório - a vergonha - surge como o centro da questão”. (OLIVEIRA, 2008, p. 27). Mas é fundamental destacar aqui que o cabelo é um elemento central tanto para mulheres brancas quanto para mulheres negras guardadas as devidas proporções já mencionadas; sobretudo porque estamos nos referindo a cabelos crespos e cacheados, quase sempre associados a uma herança negra mesmo quando em corpos brancos, assim, tanto negras quanto brancas buscam em algum momento esconder, camuflar, alisar o cabelo e desassociar dos imaginários empregados, ainda que as representações possam ser diferentes para esses grupos

distintos de mulheres. Assim, os cabelos se tornam elementos importantes para as relações raciais.

Segundo Gomes (2002) a manipulação do cabelo é uma técnica corporal e um comportamento social presente em distintas culturas. Segundo Le Breton (1995), ao longo do tempo, veio sendo construída uma paradoxal concepção sobre o corpo. O corpo por um lado é visto como o delimitador das fronteiras entre o indivíduo e o mundo; por outro lado, o corpo é concebido como algo dissociado do homem. Dessa forma, para o autor se instala uma questão: o corpo mais como um *ter* do que um *ser*, em que num momento o homem se distancia do corpo além de o depreciar; e, em outro momento faz do corpo sua identidade, sendo ele mesmo, antes de ser membro de uma comunidade. (GOMES, 2011) "Pensar o corpo é outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social; uma perturbação introduzida na configuração do corpo é uma perturbação introduzida na coerência do mundo" (LE BRETON, 1995)

Marcel Mauss (1981) percebe que a condição coletiva dos sentimentos não impede nem prejudica o sentir individual; algo que é obrigatório pode ser também espontâneo. Essa concepção de que tudo é uma construção social por vezes parece indicar que o que é construído socialmente não é genuíno do indivíduo, remete a algo falso. Mas o fato é que essa construção social também é genuinamente humana, seja individual e coletiva. Os sentimentos têm uma marca da cultura, do social, mas nem por isso deixam de ser genuínos do indivíduo. As emoções ocorrem a partir da interação social e são corporificadas. Por isso é fundamental destacar a importância da dimensão do corpo nesse bojo teórico, uma vez que é através do corpo que nos expressamos. Essa dimensão corporal não significa que as emoções surjam do corpo, uma vez que são socioculturais. Importante destacar que o corpo é a postura, é o gestual, é o físico, é a linguagem. "Aprender como, quando, onde e por quem as emoções devem ser encenadas é aprender um conjunto de técnicas corporais que incluem expressões faciais posturas e gestos." (ABU-LUGHOD e LUTZ, 1990, p. 10)

Não podemos saber de fato a emoção que o outro sente, mas podemos ouvi-lo falar sobre o que sente; podemos interpretar suas expressões e comportamentos. Nesse sentido, buscamos aqui por um exemplo de corporificação e expressão dos sentimentos: a relação das mulheres com seus cabelos crespos e cacheados. Nos interessamos especificamente por um momento em que negação/vergonha e aceitação/orgulho são explícitos, escancarados e saltam aos olhos. Portanto, é importante destacar que toda análise aqui proposta acompanha o fio-condutor dos estudos das emoções.

A partir disso, temos que, neste trabalho, procura-se elaborar uma pesquisa de caráter qualitativo. Além da leitura de textos e material acadêmico que tragam lucidez a discussão acerca da estética dos cabelos crespos e cacheados e da (re)afirmação de sua identidade, optei pela realização de entrevistas com roteiro semi-estruturado com mulheres negras e brancas que tenham cabelos crespos e cacheados.

Procuro compreender como o cabelo ocupa lugar de extrema importância na vida das mulheres entrevistadas e como influenciam de certa forma em suas lutas individuais e coletivas. Entendendo que são mulheres dotadas de particularidades, com históricos de vida, cotidianos, práticas, ideais, opiniões, símbolos e significados próprios e múltiplos.

Foram entrevistadas 13 mulheres com idades entre 20 e 67 anos, podendo ser classificadas como sendo de camadas médias ou médias baixas.

Aqui vale destacar que usamos o termo camadas médias em referência aos estudos de Gilberto Velho notadamente na constância de indivíduos e famílias que em tese estariam nos mesmos critérios socioeconômicos, de renda, de ocupação, de educação e que por isso seriam incluídos em uma mesma categoria, mas que por vezes acabam apresentando diferenças em termos de ethos e visão de mundo. Afirma o autor que a explicação estaria na trajetória e não apenas na posição do indivíduo ou família. Assim como o autor, optamos pelo termo “camadas médias” ao invés do termo fixo “classe média”, como forma de esquivar de uma segmentação rígida que ignora a heterogeneidade, uma tentativa de não tratar esse grupo analisado como uma mera lacuna entre as elites dominantes e a classe trabalhadora. Dessa forma, corroboramos com Velho (1987) que a formação dos grupos de status está associada aos estilos de vida e promovem distinções e hierarquias, sendo necessário inclusive entender que há uma diversidade nas camadas médias, em suas relações amorosas, vínculos de amizade, questões geracionais, questões raciais, de consumo, de apreciações artísticas. As entrevistadas são mulheres de camadas médias ou médias baixas, todas com curso superior, vivendo no que chamamos de condições financeiras para tratarem seus cabelos de acordo com seus desejos.

Todas as entrevistadas cresceram no Rio de Janeiro e a maioria é residente na cidade, mas algumas residem em outros países, experiência que afeta suas relações com seus cabelos crespos. O interesse por mulheres dessa classe social se deu para que houvesse uma tentativa de equiparação, entre mulheres com poder aquisitivo semelhantes, para que não houvesse um distanciamento muito grande nas realidades descritas nas entrevistas. Divididas em dois grupos: mulheres brancas (7 entrevistadas) e mulheres negras (6 entrevistadas). Etariamente (mulheres brancas): foram 5 mulheres brancas em um grupo etário de 53 a 65 anos e 2 mulheres brancas

em um grupo etário de 24 e 35 anos. Etariamente (mulheres negras): foram 2 mulheres negras em um grupo etário de 55 e 66 anos e 4 mulheres negras em um grupo etário de 25 a 41 anos. O roteiro de entrevista pode ser observado no Anexo A desse trabalho. O interesse em fazer uma separação etária foi para abrir uma frente de análises que possibilitasse compreender qual a relação das mulheres com seus cabelos e como isso ocorria em grupos etários distintos. Havia também a hipótese de as mulheres mais novas terem uma liberdade maior para os cuidados com seus cabelos, para o processo de aceitação dos crespos/cachos; e, o interesse de observar se essa questão apareceria nas entrevistas. As entrevistas foram realizadas entre março de 2021 e abril de 2022, todas de forma virtual, e todos os dados que pudessem identifica-las foram substituídos para manter seu anonimato.

Não senti tanta diferença ou algum tipo de prejuízo em entrevistas realizadas a distância. A princípio acreditava que o ideal seria fazer entrevistas presenciais e que o distanciamento geraria um incômodo fazendo com que as entrevistadas falassem menos e que a distância física fizesse com que se sentissem também distantes sentimentalmente o que dificultaria estabelecer uma relação de confiança para que ficassem confortáveis para falar. Mas as entrevistas remotas foram muito fluidas, as entrevistadas estavam à vontade, falaram livremente, mesmo nas entrevistas mais curtas fizeram pontuações interessantes e importantes para a pesquisa.

Aparentemente o fato de estarem em suas próprias casas gerou uma sensação de aconchego e comodidade fazendo com que as entrevistadas ficassem tranquilas, assim as entrevistas ocorreram em tom de conversa, bate-papo. Em alguns momentos mais emotivas, ao falarem de episódios mais sofridos de suas vidas algumas mulheres realmente se mostraram bem emocionadas em algumas passagens. Em outros momentos havia descontração, falavam de memórias divertidas e se lembravam de pessoas queridas que passaram por suas vidas. Havia de fato uma genuína vontade de falar. Falar sobre seus cabelos abriu muitas portas para memórias que pareciam abandonadas e que estavam sendo retomadas. Algumas entrevistadas, inclusive, mesmo após terminar a entrevista enviaram mensagens escritas completando, corrigindo ou falando de novas memórias. Era perceptível que a pesquisa havia mexido com elas e que continuavam inquietas pensando em tantas outras coisas que saltavam a mente. Achei interessante como um assunto “simples” que parece “bobo” podia mexer tanto com aquelas mulheres. Algumas inclusive falavam por mais de 1h com muito entusiasmo optei por colocar trechos das entrevistas e dar voz às entrevistadas, conforme poderá ser observado ao longo dos capítulos. Abaixo segue uma lista sobre as entrevistadas (em ordem alfabética):

Nome	Raça	Idade	Local de residência
Agatha	Negra	25 anos	Zona Oeste do Rio de Janeiro
Amanda	Negra	33 anos	Zona Sul do Rio de Janeiro
Bruna	Negra	27 anos	Zona Sul do Rio de Janeiro
Cíntia	Negra	41 anos	Zona Norte do Rio de Janeiro
Eduarda	Branca	35 anos	Zona Norte do Rio de Janeiro
Gloria	Branca	53 anos	Europa
Julia	Branca	54 anos	Zona Sul do Rio de Janeiro
Laura	Negra	66 anos	Zona Sul do Rio de Janeiro
Lucia	Branca	54 anos	América do Norte
Lurdes	Branca	57 anos	Zona Oeste do Rio de Janeiro
Marta	Negra	55 anos	Rio de Janeiro
Raquel	Branca	24 anos	Rio de Janeiro
Ruth	Branca	65 anos	Zona Sul do Rio de Janeiro

O trabalho está organizado em cinco capítulos. Primeiro capítulo trata de compreender as memórias dos cuidados que as entrevistadas têm sobre seus cabelos. Então é um resgate sobre as memórias de infância e adolescência. Assim, passamos pelos sofrimentos das entrevistadas e também sobre memórias acolhedoras, a escola surge como um espaço de destaque e figuras como as mães também chamam a atenção.

O segundo capítulo é sobre as influências que as entrevistadas recebem, sejam influências de suas próprias famílias, dos salões de beleza que frequentam, do processo de transição capilar que já passaram, ou influências midiáticas. É interessante como os salões de beleza são espaços chave, ainda quando não são frequentadoras as mulheres carregam alguma memória de quando estiveram nesses espaços, com lembranças de acolhimento ou de repulsa. Neste capítulo, as mulheres discutem como entendem e vivenciam a transição capilar, bem como o papel da mídia na relação com seus cabelos.

O terceiro capítulo é sobre os contextos de interação e cabelos, onde se busca compreender a importância dos ambientes frequentados; se o estado do cabelo afeta as entrevistadas e os relacionamentos amorosos. Aqui os espaços frequentados pelas entrevistadas ganham destaque, se as mulheres arrumam seus cabelos de forma específica para os diversos ambientes que frequentam. Também buscamos compreender as emoções associadas à relação das mulheres com seus cabelos. E então, entender como ocorre o tratamento que dispendem aos cabelos quando estão em algum relacionamento amoroso, se já sofreram algum tipo de pressão para mudar os cabelos.

O quarto capítulo é sobre origens e olhares, um capítulo direcionado especificamente para as entrevistadas brancas de todas as idades. Nesse capítulo se procura saber sobre a máxima “de quem você puxou esse cabelo?” em que mulheres brancas com cabelos crespos e cacheadas

se põem a pensar de onde veio essa característica, de quem elas puxaram, da família paterna ou materna e qual a importância e o peso dessa reflexão, muitas mulheres parecem indicar uma herança negra em seu passado. Também nesse capítulo se busca indagar sobre o que essas mulheres brancas costumavam pensar e ainda pensam sobre as mulheres negras, aqui se evidencia que apesar de semelhanças e proximidades, há um fosso de distanciamento entre essas mulheres.

No quinto capítulo se discute sobre os processos identitários, um capítulo direcionado exclusivamente às mulheres negras de diversas idades. Aqui surgem os relatos de dor dessas mulheres, com as memórias de preconceito e injúria racial, sobre como seus cabelos foram tratados e discriminados. Mas há também nesse capítulo uma discussão sobre como os cabelos crespos e cacheados estão associados a identidade dessas mulheres negras.

Enfim, conforme dito, percebi que havia uma genuína vontade de falar, as entrevistadas narravam com entusiasmo suas histórias. Das melhores às piores recordações as mulheres iam contando sobre suas relações com seus cabelos ao longo do tempo e dos espaços em que ocupavam. De alguma forma esse movimento entusiasmado tomava conta das entrevistadas, fosse indicando novas entrevistadas ou reavivando e querendo dividir suas lembranças. Falar sobre seus cabelos era como abrir um baú de memórias. Não se trata aqui de minimizar ou maximizar as dores, de relativizar as narrativas dessas mulheres, trata-se de compreender que são histórias diferentes, de mulheres absolutamente distintas, cada uma com suas experiências, suas vidas, com sua relação particular com seus cabelos, na infância, na juventude, nos espaços em que viveram, temos histórias que são parecidas e temos histórias que são muito distintas. E esse é o foco do trabalho, o foco é entender a relação dessas mulheres múltiplas, de gerações diferentes, idades diferentes, que vivem em lugares diferentes, raças diferentes e que tiveram suas relações particulares com seus cabelos crespos e cacheados e como isso ocorreu ao longo de sua vida.

1 MEMÓRIAS DOS CUIDADOS

1.1. Infância

> "Eu acho que hoje em dia eu tenho autoestima baixa porque eu lembro muito das coisas que eu ouvi na infância"

No processo de elaboração das perguntas que seriam inseridas nas entrevistas decidi começar com questões sobre a infância, sobre as primeiras memórias que tinham sobre sua relação com seus cabelos, sobre quem cuidava, sobre o que costumavam ouvir. Essa temática fez com que já de início as entrevistadas falassem bastante, tive a impressão de que todas queriam dizer como algo que ocorreu na infância de alguma forma ainda tinham efeito sobre suas vidas adultas.

Fanon (1952, 2008) afirma que para inventariar a concepção de mundo de uma pessoa convém investigar e traçar uma linha a partir de sua infância até o estado atual. É necessário conseguir traçar o caminho percorrido pelo sujeito, uma linha de orientação desenhada que orienta o indivíduo, cuja configuração sofre modificações, mas o conteúdo principal é implantado sem alteração desde a infância, há uma certa conexão com a infância, mais tarde se destacando inerente à sociedade humana. (FANON, 1952, 2008). Essa colocação é importante pela ligação entre infância e vida adulta. Não pretendo "traçar uma linha" por não compreender a vida a partir de um viés cartográfico de causa e efeito linear, mas compreendendo que situações vividas têm repercussões. Além disso essa percepção linear sobre passado e presente abre para a discussão que trataremos mais adiante sobre as memórias das entrevistadas. Sendo de antemão necessário pontuar que as narrativas da memória são feitas no presente, há um reenquadramento do passado a partir de visões do presente. É nesse sentido que em alguns momentos as entrevistadas podem, a partir um olhar do presente, ver afeto como algo violento no passado. Hoje há uma discussão que não havia no passado, assim ocorre a construção de dores e sofrimentos a posteriori em que categorias do presente ressignificam o passado.

Independente de suas idades, em todas as faixas etárias trabalhadas na pesquisa, as entrevistadas tinham memórias e outras recordações que buscavam e falavam longamente sobre experiências vividas no início de suas vidas, fossem eventos positivos ou negativos. Mas antes de dar início aos eventos narrados por minhas entrevistadas gostaria de tecer alguns aspectos que serão o embasamento desse capítulo.

Conforme você já deve ter notado eu escolhi o trecho “Eu acho que hoje em dia eu tenho autoestima baixa porque eu lembro muito das coisas que eu ouvi na infância” para ilustrar esse capítulo e isso se deve ao fato de muitas passagens trazidas pelas entrevistadas se situar nesse local de uma infância traumática. Portanto, trazer uma breve discussão sobre os sofrimentos e dores na infância se faz necessário. Logo após sigo abrindo para o debate acerca do cabelo crespo na infância. Depois podemos seguir para alguns fragmentos escolhidos das entrevistas onde poderemos analisar a relação das entrevistadas com seus cabelos e suas recordações da infância.

Assim, sobre as discussões que tratam de sofrimentos e dores na infância separei alguns estudos que achei bem interessantes. O primeiro é o de Cléa Adas Saliba Garbin *et al* (2012). que fala sobre violência sofrida na infância. Nessa pesquisa em boa parte do texto evidentemente se refere à violência física, mas aqui neste meu trabalho parto do princípio de que o tratamento realizado por adulto nos cuidados com os cabelos de crianças pode ter uma carga traumática e pode ser visto como um ato violento. Assim, destaco algumas passagens dessa pesquisa, como:

> Mesmo que se tenham certas restrições quanto ao conhecimento exato da dimensão da violência familiar contra crianças e adolescentes, existem evidências que reforçam a necessidade de um enfrentamento contundente e imediato do problema. Isso porque, independentemente da forma de abuso [...] inúmeras são as consequências dos maus-tratos na infância. Essas afetam significativamente o desenvolvimento das esferas física, social, comportamental, emocional e cognitiva desses sujeitos: futuros adultos (Holt, Buckleyb e WhelGlória, 2008 apud Garbin, Queiroz e Saliba, 2012, pag. 109)

Essa passagem é muito interesse ao passo de que é importante destacar que o que ocorre na infância tem consequências na vida adulta. Reitero que as crianças podem ser submetidas a diversas formas de violência, aqui estamos considerando que a forma de tratamento capilar muitas vezes pode ser vista através do prisma da violência. Os puxões de cabelo, o uso de instrumentos muito quentes que queimam o couro cabeludo, o uso de química que provoca alergias que tem reações nos olhos e na pele, tudo isso aplicado a corpos ainda pequenos e muito frágeis das crianças. Essas práticas se repetiam, por vezes, semanalmente. É importante ainda ressaltar que não se trata apenas dessa “agressividade”[1] física, há também uma violência emocional em forma de palavras, de submissão.

[1] Destaco a palavra agressividade entre aspas, pois creio que não se trata de algo intencionalmente agressivo, não há intenção para a violência, mas parece haver intencionalidade para a disciplina.

Assim,

> Infelizmente, a maior parcela das ocorrências violentas se dá entre os laços familiares, o que torna a questão da identificação dos casos ainda mais difícil e relevante, dada a necessidade de se romper os pactos de silêncio impostos nessa situação (Arpini, Soares, Bertê & Dal Forno, 2008 apud Garbin, Queiroz e Saliba, 2012, pag. 114)

Claro que nos trechos acima os autores se referem a situações de violência mais graves e precisamos fazer essa distinção. Mas em menor escala considero que devemos considerar que há, na relação do adulto que cuida de cabelo da criança, uma violência implícita; existe cuidado, afeto, mas na busca pela disciplina muitas vezes surge o tratar mais agressivo. Um ponto trazido por um dos trechos acima e que dou destaque agora é o de que na maioria das vezes a violência parte de um familiar próximo a criança. Nesse sentido isso vem de encontro ao que expuseram minhas entrevistadas, já que o cuidado com os cabelos era feito por mulheres da família (como mães, avós, tias). Isso será trabalhado novamente no capítulo sobre Família.

Corroborando com essa pesquisa também julgo interessante o estudo de Vanda de Souza Flores (2008) sobre dores da infância. Aqui, assim como no outro estudo citado nos parágrafos anteriores, também se faz necessário compreender que muitas vezes o modo como o cabelo crespo ou cacheado das crianças é tratado de forma violenta. Essa violência infligida na infância aparece nas entrelinhas das falas das entrevistadas na pesquisa. Desse modo, considero que são importantes algumas pontuações feitas pela autora supracitada de forma a ampliar nosso leque de discussões e assim poder seguir para uma análise das entrevistas.

Nesse sentido é interessante perceber que essa forma de violência infligida aos cabelos das crianças provavelmente não era enxergada pelos familiares como uma violência em si, mas deixaram marcas nas crianças a ponto de surgirem nas entrevistas. Na colocação acima também surge a necessidade de ações governamentais e civis para que a violência acometida diminua. Adianto que, em relação as entrevistadas, é possível perceber que as mais jovens foram menos expostas a violência do que as de mais idade (embora algumas jovens tenham frisado muito sobre passagens de violência sofrida). As mulheres brancas de variadas faixas etárias trazem as passagens de violência de formas distintas das mulheres negras, como se fossem episódios com menor frequência e intensidade. Há, portanto, uma forte questão geracional e racial nessa discussão. Assim, fica o questionamento se ao longo dos últimos anos houve alguma redução nesse tipo de violência direcionada às crianças.

> Essas influências repercutem em todas as esferas de relacionamentos da criança seja na escola, nas relações interpessoais, e principalmente na vida adulta, pois ocasionam

> traumas que irão prejudicar o seu desenvolvimento. (SOUZA FLORES, 2008, pag. 19);
>
> Por maus tratos psicológicos compreendemos todas as atitudes de rejeições, depreciação, desrespeito, cobrança e punição descontroladas por parte de um adulto para atender as suas necessidades psíquicas, e que podem causar danos ao desenvolvimento biopsicossocial da criança. (FERREIRA, 2001, apud Souza Flores, 2008, pag. 26)

Aqui retomamos o que corrobora e já havia sido levantado pela autora anterior que é o fato de como a violência sofrida na infância acompanha a vida dessa criança e pode ter consequências até no seu desenvolvimento. Nas citações anteriores, vale destacar os maus tratos psicológicos, nem sempre estamos falando de uma violência física, muitas crianças por vezes sofrem violência verbal. Ao descreverem que os cuidados capilares recebidos vinham acompanhados de correções verbais, broncas, brigas, as entrevistadas destacam nas entrelinhas que foram expostas a esse tipo de tratamento na infância.

Além desses dois estudos supracitados, também achei oportuno introduzir o estudo de Aryanne Pereira de Oliveira, Glória Rocha Mattos (2019) sobre identidades em transição, ainda que sejam estudos com o olhar disciplinar da psicologia, destacam elementos e questões que aparecem nas entrevistas. Esse estudo tem passagens sobre a infância e a adolescência na formação da identidade e sobre os tratamentos capilares. Assim, destaquei alguns pontos levantados pelas autoras, como:

> A infância e a adolescência são períodos de grande importância nos processos de subjetivação. Se as experiências vividas a partir dos cabelos fenotipicamente herdados produzem sofrimento porque estes são associados a estereótipos negativos, o desejo de mudá-los (ou, mais especificamente, alisá-los) é relatado. Sendo a infância um período de produção de identidade e de subjetivação, "ele diz respeito à construção dessa criança enquanto sujeito em relação à própria imagem e também é resultado de relações sociais assimétricas, baseadas na imposição de modelos de homem, de mulher, de adultos, de raça e de etnia" (GOMES, 2006, p. 199 apud OLIVEIRA E MATTOS, 2019, p. 452)

As autoras reforçam a ideia de a infância ser importante para a subjetivação e que as experiências vividas refletem no desejo por mudanças na estrutura capilar, até mesmo o desejo pelo alisamento. Também é importante frisar o que dizem quanto a infância ser um período de produção de identidade. O estudo dessas autoras será retomado no capítulo referente a especificamente o cabelo das mulheres negras.

Aqui é importante retomar a ideia de memória para tal faremos uso dos estudos de Myrian Sepúlveda dos Santos. A autora se debruça a investigar o trabalho de Marianne Hirsch criadora do termo "pós-memória", caracterizado pela experiência dos que cresceram dominados

por narrativas e silêncios dos que viveram episódios e eventos de sofrimento e dor. Sepúlveda (2013) afirma que os estudos sobre memória cresceram a partir dos anos 80. Sepúlveda segue afirmando que, para muitos autores, memória não estaria ancorada em grupo de indivíduos havendo estudos sobre a transmissão de signos, representações, estruturas e também de dores entre as gerações. A autora recupera a máxima de que "a tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos". Onde o passado pode produzir ignorância, superstição, intolerância, mas também é capaz de libertar.

Maurice Halbwachs mostrou que construções em grupo, lugares, datas, palavras são representações partilhadas por todos que tem lembranças (Halbwachs, 1994, p. 51-2 apud Sepúlveda, 2013, p. 57). Para Halbwachs a memória social não seria necessariamente uma expressão do passado e sim uma construção coletiva do passado feita por indivíduos; assim, parte dos eventos seria esquecida e parte lembrada, o que desagregasse os indivíduos seria descartado pela memória dos grupos, os vínculos de solidariedade fariam a coesão das sociedades.

Bastide e seu olhar sobre a escravidão em que, segundo o autor, destruiu a transmissão de mitos de estruturas complexas que organizavam os africanos, mas que estes se reorganizaram no Brasil com suas práticas rituais, com reinterpretação de costumes arcaicos, mesmo que não houvesse a plena consciência dos mitos africanos, dada a "ausência" de estruturas "quadros sociais da memória", o que antes era associado ao caos, à permissividade, à loucura passa a ser compreendido através de normas e regras. (SEPÚLVEDA, 2013, p. 57)

Então, Sepúlveda (2013) se põe a pensar sobre a discussão de trauma e retoma o trabalho de Sigmund Freud, em que simplificadamente as lembranças podem retornar em forma de pesadelo ou restrições por não terem sido vivenciadas em plenitude, assim, sendo neutralizados pelo sujeito no passado. O trauma, portanto, surgiria como resultado do processo devastador dos eventos e também da incapacidade da mente de lidar com alguns eventos; não se tratam de testemunhos do passado já que não foram vivenciados como experiência e sim como trauma. Em casos específicos de violência o passado ressurge não como narrativa de um evento vivenciado, mas por reações incompletas dessa experiência, uma vez que se buscam explicações para as barbáries ocorridas, mas o excesso se mantém além de qualquer compreensão, o vazio narrativo sendo vivenciado em forma de trauma. (SEPÚLVEDA, 2013, p 63)

É nessa perspectiva de trauma que Grada Kilomba (2010), analisando Fanon, diz que o autor utiliza a linguagem do trauma para a maioria das pessoas negras ao falarem de suas experiências cotidianas de racismo, indicando como é doloroso o impacto corporal e a perda

inerente ao que chama de colapso traumático, uma vez que no racismo o indivíduo é cirurgicamente e violentamente separado de qualquer identidade que possa ter. Essa separação produz um trauma clássico, privando o indivíduo até mesmo de sua própria conexão com uma sociedade inconscientemente pensada enquanto branca. Kilomba (2010) observa que o trauma de pessoas negras provém, portanto, não apenas de eventos de base familiar, mas do traumatizante contato com a violenta barbaridade branca e a irracionalidade do racismo que sempre coloca o negro como o Outro, o estranho, o incomum. É justamente essa realidade irracional do racismo que é descrita por Fanon como traumática, a irracionalidade do racismo é o trauma.

Nesse momento é importante destacar alguns pontos. Antes de tudo temos que o tratamento despendido aos cabelos crespos e cacheados em crianças brancas ou negras não necessariamente passa por experiências de trauma. Em nossas entrevistadas apesar deste termo aparecer, não compreendemos que se trate de trauma exatamente nos motes levantados pelos autores supracitados. Percebemos que em suas narrativas existem nuances e ambivalências onde há presença de desconfortos, de marcas, de sofrimento e de dor. Mas há também muito afeto, dedicação e humor.

Dessa forma, vale salientar que os relatos das entrevistadas estão carregados de momentos de dor ou de sofrimento (e não especificamente de trauma), portanto é necessária uma breve noção de análises mais recentes sobre dor e sofrimento. Rezende (2019) aponta que os estudos de dor e sofrimento cada vez mais buscam se afastar de ideias dualistas sobre o corpo. Sendo o corpo sujeito de percepção e ação, os comportamentos não estariam “fora” da cultura, como diz a autora, já que toda experiência é intersubjetiva. Assim, a dor surge como uma experiência física e emotiva afetando a totalidade do indivíduo. O afetivo mistura-se com sensação e sentimento na experiência corporal. Ainda que seja particular, a dor evidencia os enraizamentos corporais e simbólicos das sociedades, com diversas interpretações culturais sobre como aliviá-la e expressá-la corporalmente. Sobre como manifestá-la, há distinções de gênero, idade, classe social e evidentemente raciais. Além disso, a dor pode ser involuntária ou produzida pelo sujeito, ganhando outros significados como forma de educação ou de punição ou uma experiência consentida ou ainda um ritual de passagem. Já o sofrimento surge para além da dor como quando se impõe ao indivíduo algo que ele não deseja. (REZENDE, 2019)

É nesse sentido que as mulheres entrevistadas ao narrarem memórias de experiências ruins nos cuidados com seus cabelos na infância falam de momentos de dor infligida, algo físico dada a forma por vezes agressiva desse ‘cuidar’. Em alguns momentos podemos identificar

passagens de dor e em outros, passagens de sofrimento (nesse caso sobretudo quando se trata de algo que não desejavam e não tiveram controle, mas que lhes foi imposto mesmo assim – como cortes de cabelo indesejados que geraram um sentimento de pesar).

Feita esta observação, podemos seguir com os relatos das entrevistadas, dando início com as mulheres brancas com menos de 40 anos.

ENTREVISTAS

Raquel (mulher branca menos de 40 anos)

Entrevistadora: É, e o que você lembra assim de ouvi as pessoas falarem, as pessoas falavam alguma coisa assim do seu cabelo, você lembra ou não?

Entrevistada: Lembro, é eu lembro que era, eu não sei se era apelido, mas sempre falava que eu era cachinho de ouro, porque meu cabelo sempre foi enrolado, e eu sempre fui loira, ai lembro que me chamavam de cachinho de ouro. (risos)

Eduarda (mulher branca menos de 40 anos)

Entrevistadora: As suas primeiras lembranças com o seu cabelo, quando você era pequena o que que te vem na memória?

Entrevistada: Na época da infância eu tinha um cabelo liso, mas ele sempre era um cabelo que a minha mãe tinha que dar uma controlada de alguma forma. É… eu ia pra escola sempre com xuxinhas e arco porque só a xuxinha não segurava o cabelo, ele ficava todo assim e tal. Eu tinha também uma questão que eu odiava lavar cabelo, e aí lavar cabelo era sempre um sofrimento pra conseguir lavar o meu cabelo. E minha família gosta muito de ir pra praia, e aí toda vez que ia pra praia era um sofrimento porque tinha que tirar areia de dentro do cabelo, não sei o que, aquela coisa toda, né? Na minha infância, quem tomava realmente conta do meu cabelo era minha mãe.

E a minha mãe tem o cabelo liso. Aliás, a minha mãe, ela se descobriu uma pessoa com cabelo ondulado tem uns dois meses [risos] [...] tem uns dois meses, e aí, o cabeleireiro finalizou o cabelo dela, chegou com o cabelo completamente ondulado em casa, [...] E aí a minha mãe cuidava do meu cabelo como um cabelo liso: penteava, pegava o cabelo, puxava tudo pra trás e botava um arco assim, né? [...] Mas eu diria que a minha relação com meu cabelo começou no momento em que eu tive que realmente cuidar do meu cabelo na adolescência e foi principalmente quando ele mudou de formato. Eu não sei exatamente dizer se essa mudança de formato também se deu quando minha mãe começou a passar pra mim essa responsabilidade de arrumar o cabelo, né? É… mas eu me lembro bem fortemente assim, de eu ir no salão cortar o cabelo e voltar pra casa com o cabelo completamente diferente. Que é aquela história, cabelo compridão, e aí fui cortar o cabelo já adolescente depois de entrar na puberdade e tal. E aí voltei pra casa com o cabelo completamente diferente, eu falei: "pronto, agora danou-se, vou ter que… [risos] fazer alguma coisa com esse cabelo". [...] . E aí, saí do salão o cabelo tava lindo, arrumado e tal. E aliás, lindo porque tava escovado, né? O cabeleireiro cortou o cabelo e escovou o cabelo. E aí quando eu lavei eu falei: "ih, não deu certo". A primeira solução que a minha mãe me deu foi a gente ir num salão pra fazer uma hidratação, alguma coisa assim, porque a princípio eu já tinha um cabelo que tava super ressecado. E aí fez uma hidratação, e a menina falou: "não, ela tem que fazer uma escova progressiva, pra fazer a hidratação não vai adiantar, ela vai lavar o cabelo vai ficar igual, e aí pra poder ficar hidratado, pra ficar tratado", porque tinha essa coisa de progressiva no começo, né? De ser um tratamento. O cabelo, ele era tratado, cê não tá alisando o cabelo, cê tá tratando o cabelo. E aí, foi eu… eu acho que a primeira escova progressiva que eu fiz eu devia ter uns 13 anos, o que eu me lembro foi isso. [...] Aí fiz a escova progressiva, saí com o cabelo lambido do salão e aquela foi a solução pro meu cabelo durante alguns anos. Eu não sei exatamente até quando eu fiz, mas até pelo menos o meio da faculdade, assim, uns vinte e poucos anos, vinte e três… vinte e dois, vinte e três [...] É… então assim, a forma que eu lidei com meu cabelo foi de controlar ele, né? Eu diria assim, na minha… na minha infância e adolescência era um… realmente um controle do cabelo.

Eduarda (mulher branca menos de 40 anos)

Entrevistadora: Sim. É… e nessa época assim… você bem jovem, pode ser tanto na sua infância ou já na adolescência quando o seu cabelo começou a mudar de formato. O que você lembra, assim… teve algo marcante de você do que as pessoas falavam? O que você lembra de ouvir as pessoas falarem sobre o seu cabelo?

> Entrevistada: É… então, é… a minha mãe criticava muito o meu cabelo. A minha mãe, acho que justamente por ela ser essa pessoa que era responsável pela minha estética, né? Que cuidava da minha estética. É… e a minha mãe sempre foi uma mulher muito feminina, é… ela trabalhava fora e aí ela era uma… uma mulher assim, que andava muito arrumada, sempre com o cabelo muito arrumado… e roupa muito arrumada. E aí ela me cobrava isso de mim também. Só que eu nunca fui… eu nunca entrei muito nesses estereótipos assim, né? Eu sou… eu me considero uma mulher feminina, mas eu não sou tão feminina quanto a minha mãe, digamos assim, se eu fosse comparar. E aí a minha mãe sempre me criticou muito desde sempre… é… em relação a… tanto ao cabelo quanto a, por exemplo, eu não gostava de usar brinco, eu não gostava de usar nenhum acessório, eu não usava nada. É… e ela me criticava muito de que eu tinha que ser uma mulher feminina e que isso passava por usar acessórios, e usar o cabelo arrumado… meu cabelo todo desarrumado, e não sei o que. [...] É… o meu pai, ele foi a pessoa, assim, pouco presente nesse sentido de que meu pai foi sempre muito contra fazer qualquer intervenção ao que é natural, né? [...] E aí, ele era muito contra a gente fazer esse tipo de escova no cabelo [...] Mas ele criticava muito, toda vez que eu chegava com o cabelo liso em casa ele ficava reclamando que não era pra eu ficar fazendo aquilo no cabelo, que ia estragar o cabelo, não sei o que. Aí… aí ele vinha meio como essa pessoa que dava uma criticada mais na minha mãe do que em mim, né? É… mas também não fazia nada pra ajudar, só criticava, mas com certeza a figura que mais cobrava era a minha mãe.

Os depoimentos acima chamam atenção por se tratarem de duas jovens brancas que contam passagens notadamente diferentes sobre sua infância. Raquel destaca uma memória que discursa de forma positiva, como algo bom de seu passado. Aparentemente não há em sua narrativa um histórico traumático, pelo contrário, ela fala de forma carinhosa sobre como era tratada e sobre como tratavam o cabelo dela. O apelido *cachinho de ouro remete aos cachos angelicais.* Não podemos desatentar para o fato de que a cor do cabelo tem sua importância, o fato de Raquel ter cabelos loiros pode abrir uma margem para a forma como se referiam a seus cabelos.

Sobre isso Bouzón (2008) afirma que há sempre um fio que liga os cabelos às diversas dimensões da vida social. Aponta que existe todo um imaginário na relação morena *versus* loira, onde a construção social da morena é criada a partir do contraste com a loira. Ganhando atributos de “discrição”, “seriedade”, “pouca ousadia”, assim associam mulheres morenas aquelas que prezam pelo respeito sobre sua aparência e moral (BOUZÓN, 2008) A autora ainda afirma que existe uma tendência de aproximar as morenas da natureza, do natural, o normal, o comum, há uma familiaridade com a tonalidade escura que predomina no Brasil.

Bouzón (2008) ainda pontua que os cabelos influenciam nas subjetividades, uma mudança no cabelo pode assumir uma nova realidade social. Uma textura diferente, um corte, uma cor nova podem transformar a vida de uma pessoa, pode fazer com que a pessoa se abra para novas possibilidades em sua vida. Os cabelos atuam como proteção e segurança emocional, assim, o cabelo arrumado, dentro dos padrões protege a pessoa de ser julgada e excluída por sua aparência. (BOUZÓN, 2008) Dessa forma, ao observar o modo como era o cabelo de Raquel na infância, ainda que fosse loira, tratava-se de uma coloração natural, não era tingido e isso garantia o caráter de inocência, pureza, candura. O loiro pode se opor ao moreno, como diz Bouzón, mas nem sempre ser associado a falta de seriedade ou excesso de ousadia. Se for

natural, a cor loira dos cabelos ganha novas contornos e significados, sobretudo quando se trata de uma criança. Então é possível notar que os cabelos loiros cacheados de Raquel faziam com que a associassem aos anjos, ao angelical. O mesmo não se vê nos cabelos cacheados morenos de Eduarda.

Eduarda, um pouco mais velha do que Raquel, narra sua história de forma diferente. Na sua relação com seus pais, as críticas aos seus cabelos eram o que mais se notava em sua infância/adolescência. É importante atentar para como essas memórias de infâncias são permeadas pelo olhar da vida adulta e assim perceber se houve alteração do cabelo da infância para o cabelo atual, assim essa recordação se torna algo verdadeiramente distante para essas mulheres. Dessa forma, é necessário observar para as memórias que remetem a algo positivo ou negativo. No caso de Raquel é interessante como seu olhar para a infância parece ativar o que seria uma ingenuidade, pureza; nesse caso, devemos questionar essa concepção do adulto sobre a criança, se essa inocência de fato se concretiza. Voltar-se para a infância reflete no olhar sobre si mesmas sendo construído desde pequenas, então cabe a reflexão sobre como foi a ideia de construção de beleza que tiveram ao longo da vida. Vale atentar que esse olhar para a infância é muito contextual, sendo apenas um momento de entrevista sobre os cabelos, em outros momentos, outras conversas, as lembranças podem ser diferentes.

Interessante como Eduarda relata sobre a presença de sua mãe e de seu pai. Sua mãe como figura central com fortes críticas e seu pai em uma espécie de ausência-presença se colocando contrário aos tratamentos capilares que a mãe orientava como aplicação em seu cabelo. Uma forma de sofrimento que aparece nas entrelinhas da fala de Eduarda é a forma como seus cabelos eram cuidados principalmente na infância e no início da adolescência. Os comentários mais marcantes a ponto de ainda estar presente em suas memórias vinham justamente de dentro de sua própria casa. Nesse sentido a entrevista de Eduarda nos transporta para um lugar bem diferente da de Raquel. São narrativas bem distintas, inclusive no decorrer, Eduarda tem falas mais longas e duradouras, enquanto Raquel discursa de forma breve e pontual. Cada uma parece querer levar o ouvinte para lugares distintos, Raquel para suas melhores recordações e Eduarda para recordações que a marcaram de alguma forma. Chama atenção como mulheres e gerações tão próximas podem ter narrativas tão diferentes acerca de sua infância.

Dado essa breve análise sobre mulheres mais jovens, especificamente brancas, agora seguimos para mulheres brancas com mais de 50 anos.

Lúcia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Quando você era pequena o que que você lembra da tua relação com o seu cabelo?

Entrevistada: O que eu lembro é que eu não sabia que eu tinha cabelo cacheado até eu ter assim uns 10, 11, mentira, quantos anos que eu tinha? Uns 10 anos, porque minha mãe sempre cortava o meu cabelo curtinho, e escovava, então meu cabelo era, simplesmente, cheio. Era cheio, assim ele era como ele é quando você passa a escova no cacho, ele né? E eu nunca via, não formava os cachinhos, nunca formava, porque era sempre escovado, penteado, com grampinho e tudo. Quando eu fiz, assim, uns 10 anos eu já falei [inaudível]: "não, eu quero meu cabelo, quero deixar o meu cabelo crescer". Aí o meu cabelo foi crescendo até que um dia eu senti assim. Aí eu senti assim: "ué? Eu tenho cachinhos" [risadas] Foi aí que eu descobri que eu tinha um cachinho. Aí quando ele foi ficando maior que eu vi, que aí eu, quando eu lavava ele ficava com cachos mesmo. E tinha muito isso na minha família, todas as mulheres que tinha cabelo cacheado, minha mãe tinha, mas eu não sabia também que ela tinha porque ela sempre fazia touca. Sabe o que que é touca? Aquele negócio que você… né? Bota no cabelo grampo, grampo, grampo, grampo. Ela fazia touca, ela cortava curto. Tinha a minha avó também, eu só fiquei sabendo depois de velha que a minha vó tinha cabelo cacheado, porque ela também fazia escova, essas coisas. Aí, eu na adolescência assumi, adorei meus cachos, deixei crescer bastante. Anos 80, né? É, tinha muito disso. O cabelo grande era na moda e tudo. Porque minha mãe, quando ela já tinha essa idade, era assim, aí ela foi me contando que quando ela era adolescente ela passava o cabelo a ferro assim. Porque ninguém aceitava esse cabelo crespo, tinha que ter o cabelo liso, escorrido, penteadão, não sei o que. *Tinha muito preconceito* mesmo com esse assim: "cabelo tem que ser liso". É… ninguém usava cabelo crespo na época. Nenhuma das minhas tias que tinha cabelo, todas tem cabelo cacheado, ninguém usava porque era assim, o padrão você tem que faz escova, faz touca todo dia, passa o teu cabelo a ferro. E é isso, mas eu não, eu quando eu descobri eu adorei. [risadas]

Ruth (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: [risos] Quando você era pequena, quais são suas primeiras memórias, assim, da sua relação com seu cabelo na infância?

Entrevistada: Péssimo. Passar ferro, passar vela… enrolava assim, passava vela pra tirar os quebrados e eu comecei a alisar o cabelo eu devia ter uns 12 anos. Muito nova.

Glória (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: [risos] Quando você era pequena, qual era a sua relação com seu cabelo? Assim, como é que são suas primeiras lembranças?

Entrevistada: Pequena… é meio complicado, né? A questão do cabelo. Quando era muito pequenininha, assim, até uns 5 anos, ele era mais… menos crespo, ele era mais ondulado e ele foi ficando mais crespo. E eu tive uma época, assim, de cabelo muito curto e quando chegou, assim, uns 10 anos, eu comecei a deixar crescer e o cabelo encheu bastante, né? Ele era bem cheio. Era engraçado porque teve, assim… é… classe média, né? Branca e numa escola particular. Estudei numa escola particular, a maioria das crianças brancas, assim, *eu tive muita experiência, assim, de preconceito com cabelo,* sabe? De bullying, de chamar de… sabe? De [inaudível], de leoa, de não sei o que, né? Tipo, eu experienciei muito isso. É… com 10 anos eu quis alisar o cabelo, eu fiquei meio frustrada, sabe? De até pelo todo o bullying, não sei o que. Eu falei: "ah, não, vou alisar". Aí cheguei no… num [inaudível]... num salão de beleza e quis alisar. Aí a mulher foi até… foi interessante porque a cabeleireira falou: "não, se você for alisar agora vai ser um caos, você é muito nova, vai ter que fazer escova, vai ser muito difícil de ter… você conseguir lidar…" - né? - "com… com cabelo, cuidar, fazer escova…", não sei o que. Aí tudo bem. Aí a partir daí eu falei: *"vou assumir e vou lidar com o cabelo que eu tenho*". Né? Tipo: "vou apreciar". Aí, mas eu acabei cortando… aí eu cortei Joãozinho, e fiquei Joãozinho assim acho que 3, 4 anos. Né? Então foram… foram 10. Logo depois eu fiquei meio frustrada, não sei o que, cortei o cabelo, ficou bem… bem curtinho. E quando foi com 14, 15 anos, eu resolvi deixar crescer, e finalmente eu deixei crescer. No que eu deixei crescer, eu comecei a assumir e curtir o meu cabelo crespo. É… tem a questão assim: o cabelo crespo, ele é muito rebelde, né? Então, às vezes você acorda com o cabelo bom, e às vezes você não acorda com ele… né? Não… não o cabelo bom ou cabelo ruim, assim, às vezes você acorda com cabelo de cachinhos tão mais comportados. É uma coisa… é uma relação assim, que eu não tenho mais com o cabelo que muita gente não vai reparar, mas eu reparo quando ele tá melhor… tá melhor, assim… tá mais comportado ele tá meio… como é que fala? É… e os cachos tão mais… tão mais comportados e mais certinhos assim. Mas… mas aí depois disso nunca mais… eu nunca mais pensei em alisar. Então eu falei: "não, eu vou assumir esse cabelo, esse é ok cabelo que eu tenho e curto". E agora eu tô deixando ele crescer, eu tava com o cabelo mais curto e… e eu curto meu cabelo. Mas, eu acho que eu experienciei… é… eu acho que o Brasil é um país muito… muito racista, né? E… e eu acho que tem essa associação de… do cabelo crespo com… o… não, uma associação com o racismo, né? Não é muito aceito. E eu vejo que, recentemente, eu acho que a relação com o cabelo crespo que tenha funcionado nos últimos 10 anos,

talvez, as pessoas começaram a assumir mais, né? O cabelo crespo. Né? Tanto negros quanto brancos no… no Brasil. É… eu moro… eu moro na [Europa] e quando eu cheguei na [Europa] com uns 20 anos, eu comecei a ver como que as pessoas apreciam mais a diversidade, né? Os cabelos diferentes… muito mais do que no Brasil. Eu acho que talvez as coisas tenham mudado no Brasil recentemente, mas assim… mas foi uma experiência, foi uma experiência diferente. Chegando na [Europa] as pessoas realmente apreciam a diferença… de apreciar, né? As… as belezas diferentes, né? Mas eu… eu acho que no Brasil tem muito… é… tem muita… preconceito, talvez, com cabelo crespo.

Os depoimentos das mulheres com mais de 40 anos ao serem perguntadas sobre sua relação com seus cabelos apresentam coisas em comum. Lúcia, Ruth e Glória relatam sobre passagens difíceis durante a infância, Lúcia conta do momento em que descobriu seu cabelo cacheado. Tanto Lúcia quanto Glória usavam o cabelo bem curto na infância e relatam que em sua primeira infância não reconheciam seus cabelos cacheados, isso só veio com uma tomada de consciência mais tarde.

No depoimento de Glória algo chama a atenção quando diz que vai assumir e lidar com o cabelo que tem. Essa percepção de "lidar com o cabelo" aparece em vários momentos nas falas das entrevistadas (tanto negras quanto brancas, nas mais diversas idades). Nilma Lino Gomes [2002?] tem um olhar sobre essa expressão que se torna emblemática e que tem diferentes significados para distintas categorias sociais, mas grosso modo nas relações sociais é associada ao trabalho. Trata-se do trabalho visto como um fardo, uma exploração e não uma realização pessoal. (GOMES, 2002?)

Nesse processo cabe aqui a contribuição de Laura Moutinho (2014) que disserta que por vezes a discriminação ora baseada na raça, ora baseada no gênero pode fazer com que mulheres brancas e negras experimentem a discriminação de modo similar, guardadas as devidas proporções. Assim nesses depoimentos de mulheres brancas sobre a discriminação sofrida devido a seus cabelos crespos/cacheados pode haver interjeições similares às que surgirão nas falas de mulheres negras, mas isso não indica necessariamente que os processos vividos são os mesmos, pelo contrário, as vivências são particulares, embora as dinâmicas sejam coletivas. As mulheres brancas não experimentam a discriminação como mulheres negras, elas experimentam como mulheres brancas que especificamente têm cabelos crespos e cacheados. Dessa forma quando adentrarmos nas narrativas das mulheres negras não se trata fundamentalmente da vivência de discriminação a partir de um somatório de gênero e raça, não se trata da soma, mas sim de serem mulheres negras por si só (e não o somatório de "não-branca" e "não-homem") (MOUTINHO, 2014). É nesse mesmo sentido que cabem as colocações de Bairros (1995), onde na relação de dominação raça, gênero e classe social, uma mulher negra não é necessariamente triplamente oprimida ou mais oprimida do que uma mulher

branca de mesma classe social, porém experimenta e vivencia a opressão a partir de um lugar que proporciona um ponto de vista diferente sobre o que é ser mulher numa sociedade racista e sexista. (BAIRROS, 1995) É importante ter essas concepções como pano de fundo uma vez que são o fio condutor da análise deste trabalho.

Nesse sentido, em relação a esses depoimentos de mulheres brancas e da discriminação que sofreram/sofrem sobre seus cabelos crespos, muitas questões podem ser levantadas. Essas mulheres são compreendidas socialmente como brancas e nunca duvidaram de sua cor, mas a condição de seus cabelos poderia coloca-las no lugar de mestiças, o cabelo crespo poderia indicar mistura ou impureza, essa é uma questão. Brancos só podem ter cabelos lisos, cabelos crespos podem ser *coisa de branco*, ou apenas *coisa de negros,* essa é outra questão. Como se dá exatamente a leitura social e racial dessas pessoas? Seriam novas mestiçagens? Poderemos entrar melhor nessa discussão no capítulo "De quem você puxou esse cabelo" onde as entrevistadas brancas falam de seus antepassados e levantam hipóteses sobre de onde veio esse cabelo crespo.

Importante frisar sobre estas passagens difíceis, as três narram sobre momentos complicados na infância, sobretudo no núcleo familiar, a figura materna eventualmente aparece.

Lurdes (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Quando você era pequena, quais são suas memórias da sua relação com o seu cabelo?

Entrevistada: Eu… a minha infância foi nos anos 70, eu nasci em 66, mas assim, as minhas recordações… é… maiores, né? Começam nos anos 70, e era uma época em que as mulheres faziam touca no cabelo. Então assim, era moda o cabelo muito liso mesmo, é… pelo menos na… no meu entorno, porque a gente passou também a nossa infância [no nordeste]. Né? Depois até foi na [América do Norte], e que também é um lugar onde a gente era cercado por pessoas brancas de cabelos lisos. Assim, na grande maioria, assim, eu não tenho lembrança nas minhas… na minha turma de… de criança de ter outra pessoa com o cabelo enrolado. E aí… o que acontece é que minha mãe, ela também tem o cabelo bem cacheado, né? O cabelo dela é bem tipo o meu. E ela fazia touca no cabelo dela, ela fazia escova, penteados daqueles tipos. Então, assim, eu passei a infância achando que eu tinha que pentear meu cabelo com escova, né? Com aquela escova. E fica horrível. O cabelo cacheado penteado com escova, ele fi-... ele… ele abre todo, ele fica sem forma. Então, eu oscilava entre o cabelo bem curto, tipo Joãozinho mesmo assim… cabelo… é… o suficiente pra ter o cachinho assim, enrolado, que me fazia parecer um menino. [risos] E… ou… tentar deixar meu cabelo crescer e pentear botando num rabo de cavalo, ou tentando botar uma presilha, ou fazendo… tentando uma Maria Chiquinha, uma coisa assim. Então, era assim… uma coisa assim, que *eu não sabia lidar com meu cabelo*[2], minha mãe também não porque ela sempre penteou o cabelo dela e eu penteava o meu. Então, assim, na primeira infância, eu… assim, as minhas fotos de… de infância são todas com o cabelo igual de menino, curtinho mesmo, ou então, quando tentava deixar crescer era sempre mesmo o rabo de cavalo. E me… era fonte de infelicidade pra mim. Eu brincava de botar uma toalha na cabeça pra sair… é… correndo assim… sentir o que que era um cabelo balançar, porque o meu cabelo não balançava, né? É… tinha uma tia minha que tinha uma peruca, então, quando ela me emprestava a peruca de cabelo… que, antigamente, o pessoal botava uma faixa aqui… botava… se usava peruca, né? Aplique. Então, eu pegava aquele cabelo, assim… era meu sonho, era minha frustração eu não ter um cabelo que fosse liso. E eu tenho uma irmã com cabelo bem liso, e uma outra com o cabelo enrolado, mas… é… mais… mais liso do que o meu. A [inaudível] tem o cabelo mais liso, o dela ela penteava e ficava OK o penteado. Teve uma vez que o meu pai foi para a [América do Norte] e eu pedi que ele trouxesse algum produto que pudesse alisar o meu cabelo. Aí, foi uma… eu tinha… sei lá, 7 anos, e ele trouxe uma coisa, mas não funcionou. Eu lembro que eu passei, fiquei esperando e não fez a menor diferença. Eu não sei o que que ele trouxe. [risos] Mas não funcionou, não fez a menor diferença. E eu lembro dessa coisa da

[2] Novamente o termo "lidar com o cabelo" aparece.

touca, que quando eu tinha cabelo, que deixava o cabelo maior… de fazer isso… de botar o cabelo todo pra um lado com lenço, aí depois passava todo pro outro lado, botava o lenço e tirava, mas ficava horrível. Então, assim, foi uma questão minha infância inteira. Foi uma tristeza [risos] na minha vida de criança. Aí, tinha apelidos como touca de urubu… me chamavam. Depois, quando começou o Sítio do Pica-Pau Amarelo, aí eu já era um pouco maior… porque tinha a Isabela Garcia que tinha um cabelo enrolado igual o meu, aí me chamavam de Narizinho… era mais simpático esse daí. Porque ela tinha o cabelo enrolado um pouco assim igual o meu, então… assim, mas era sempre uma… uma coisa, uma questão mesmo. Na minha infância.

Julia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Então aí na sua infância, quando você era bem pequena assim, quais são suas primeiras memórias, agora de pronto, suas primeiras memórias da sua relação com seu cabelo?

Entrevistada: Então, é, é, interessante que quando eu era pequena, meu cabelo não era cacheado, meu cabelo era liso e ele era tipo cuia sabe? Aquele cabelinho lisinho, cuia de índio, e até mais ou menos meus 8, 9 anos e eu me lembro que meu tio-avô cortava meu cabelo. E, e eu não sei o que, que aconteceu, que, que eu mudei, sei lá uma outra pessoa cortou meu cabelo, mas eu não acho que foi por isso, mas é uma coisa que marcou né, porque era meu tio-avô, que tinha todo cuidado, que era cabeleireiro e tal, aí eu cortei meu cabelo muito curtinho aí depois ele cresceu enrolado, ai eu me lembro, eu me lembro que eu passei a mão assim no meu cabelo, ai falei "gente meu cabelo ta enrolado", que meu cabelo não era enrolado. E aí foi uma coisa… Que meu cabelo ficou muito assim [fazendo sinal de cachos com os dedos], meu cabelo era bem assim tipo Elba Ramalho [risos] antes do alisamento assim, era uma coisa assim absurda. Eu nunca nem, aí eu, eu parei de pentear, eu nuca tive essa coisa de ficar penteando cabelo que ele ficava mais ainda, tipo, tipo Maria Bethânia, Gal Costa, aquela Gal Costa, ficava assim [fazendo sinal de cabelo cheio com as mãos], mas assim, eu… Ah, me lembro uma coisa da escola, que, olha só que absurdo, os meninos faziam tipo um concurso, peito, bunda, rosto, não sei o que… Eu sei que eu tirava, eu era assim né bonitinha na escola, aí chegava cabelo: zero [risos] Ai você vê como tem esse estigma né de cabelo enrolado, só que eu era tipo muito loira como a Raquel [filha dela, também entrevistada], que o cabelo, assim, parecia tipo assim sarará né, tanto é que eu e minha irmã sempre cantava aquela música da... Sandra de Sá, Sarará Criolo, eu sempre me achei muito assim sarará, loira de cabelo enrolado. Inclusive eu tenho um tio que o apelido dele é [sarará], por causa disso, ele é claro do cabelo [faz sinal de cabelo crespo/cheio com as mãos], e eu sempre convivi muito com pessoas pretas né, porque eu fui professora de capoeira e tal, e aí, tem muita coisa aí. [risos]

Os dois depoimentos acima se destacam pelos aspectos em comum, como o uso do cabelo bem curto na infância a ponto de não se reconhecer o próprio cabelo cacheado. Duas mulheres brancas com mais de 50 anos relembrando suas infâncias. Em parte de seus depoimentos também citam as referências culturais na arte, seja pela personagem Narizinho ou por cantoras da MPB, todas com seus cabelos naturais soltos e volumosos. Atitudes que se tornaram referências, sendo citadas pelas entrevistadas. Nesse caso, se coloca em questão o debate sobre as influências durante a infância, quais são as ações midiáticas que marcam esse período da vida e como isso afeta meninas brancas e negras. Como essas referências chegam e são consumidas por meninas de raças e gerações em décadas distintas. Outro ponto interessante a ser destacado é o depoimento de Lurdes que afirma que tanto ela quanto sua mãe não sabiam pentear seu cabelo durante sua infância. Aqui precisamos refletir sobre a idade de Lurdes e a época em que se deu sua infância, vale pensar se o modo de lidar com o cabelo era outro uma vez que o padrão estético era outro. As mudanças na forma de se tratar o cabelo podem gerar essa percepção de um "não saber lidar", remetendo à ideia de uma "natureza" do cabelo que era desconhecida em sua infância. Assim, suas memórias perpassam pela evolução dos tratamentos capilares e pelas formas de se apresentar o cabelo socialmente.

Julia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: E... quando você pensa assim na sua infância, você falou da escola já, mas o que você lembra de ouvir as pessoas falarem do seu cabelo nessa época?

Entrevistada: Exatamente assim tinha esse professor ne, que falava que eu não penteava o cabelo e pra ele era uma coisa né… sei lá fora da norma né, teve esse tal do concurso que eu falei "caramba", fiquei bem chateada mesmo, era pra eu ter tirado o primeiro, segundo lugar, fui lá pro décimo por causa do meu cabelo [risos], mas eu não me lembro assim de ter comentários desse tipo não.

Ruth (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: E o que que cê lembra assim, cê falou muito, já falou da escola, é… mas que que cê lembra, assim, de ouvir as pessoas falarem?

Entrevistada: Que meu cabelo era feio, que… ninguém achava o meu cabelo bonito. Só eu que fui achar o meu cabelo bonito a 5 anos atrás quando eu parei totalmente de fazer escova progressiva, que aí quase que eu raspei a cabeça. Cortei curtinho, fui cortando, cortando, cortando pra sair tudo e até hoje eu tenho resquício porque fica na raiz. Até hoje eu tenho resquícios de escova progressiva, de alisamentos, de tudo. Mas… era isso. Então quando eu dançava na época do balé, eu tinha o cabelo compridão então, eu puxava e fazia coque, mas já alisava nesse momento, então, vivia com cabelo preso de vergonha. As pessoas me criticavam, riam, sabe? Então, foi essa fase, passar ferro no cabelo, isso não é da tua época. [risos] Cara…

Entrevistadora: Eu peguei essa época. [risos]

Entrevistada: Mas vocês de cor [3] é muito diferente, vocês assumem o cabelo, raras são as negras que alisam. Claro, tem as atrizes aí, as famosas, né? A Oprah, né? A Camila Pitanga… é várias aí que… aquela que jornalista, que teve até adotou duas crianças. Esqueci o nome dela.

Entrevistadora: A Glória Maria.

Entrevistada: Glória Maria.

Entrevistada: Ela também porque ela fazia escova progressiva no mesmo lugar que eu. Ela, a Camila Pitanga, essa turma toda. Mas é raro. Hoje que eu tenho muito mais amigos de cor, não me lembro de nenhum ter cabelo alisado não, acho que sempre foi assumido com uns penteados lindos, enfim. Coisa que hoje eu tô aprendendo melhor a... meus penteados, como fazer. Mas hoje que eu aprendi que eu tenho que amassar meu cabelo e, sabe? Não passar, nunca mais passei pente, escova… isso… nada, é dedo que abre ele no chuveiro, e olhe lá. Depois joga o cabelo pra frente e pra trás. [risos] Agora a gente gasta muito dinheiro, muito dinheiro, porque o Leave-in, porque se eu não passo Leave-in, não, aí não rola, aí fica aquela coisa feia. Tem que passar Leave-in pra dar uma hidratada nos cachos, sabe?

Em outro momento da entrevista, Ruth segue dizendo:

Ruth (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Dessa lembrança sua de alisamento na infância, como é que você lembra, assim, dele sendo tratado e quem cuidava mais assim? Existe alguma figura mais presente nessa época?

Entrevistada: Não lembro, minha mãe nunca gostou do meu cabelo crespo. Eu acho assim, fora alguns irmãos… que eu sou caçula de sete, então fora alguns irmãos, os homens, principalmente, têm o cabelo muito crespinho, mais pra enroladinho até. Minha mãe, por eu ser a caçula, queria o meu cabelo liso, esticado, e era uma loucura, era uma loucura. E eu dançava, porque eu sou da área de dança, então, eu vivia de coque, eu tinha vergonha

[3] Quando Ruth (uma mulher branca com mais de 50 anos) usou o termo "de cor" ao se referir a pessoas negras foi algo que chamou atenção por se tratar de um termo que já não é mais tão utilizado, pode indicar muitas coisas, mas nos ateremos aqui que provavelmente Ruth não se atualiza tanto sobre as discussões ligadas ao tema. Ainda assim, essa é uma discussão que desperta interesse que é o desuso ou o retorno de alguns termos a nossa linguagem. Antonio Guimarães (2011) fala de como houve o retorno do termo raça, por exemplo, a ponto de ser usado pelo IBGE ("Qual a sua cor/raça?"). Primeiro é importante ater que esses termos nunca desapareceram como um todo. Para o autor, no uso burocrático e popular o termo *cor* substituiu o termo *raça,* mas é mais do que *cor de pele,* a textura do cabelo, o formato de nariz e lábios, traços culturais, são importantes na definição de cor. Outro termo muito utilizado é etnia, que muitas vezes surge como sinônimo de raça. Mas há um ressurgimento do termo raça enquanto classificador social, "para incluir, não para excluir", "para reivindicar e não de sujeitar". Foram os movimentos sociais do começo do século XX que retomaram o termo raça para reafirmar-se. (GUIMARÃES, 2011)

do meu cabelo, sempre tive, eu só me libertei depois dos 60. [risos] Depois da era escova progressiva, mas… é… sofri muito, muito, muita ferida no couro cabeludo, foi horrível, horrível. Aí teve uma época que eu já tinha casado e meu primeiro marido, aí ele: "ô, para com isso". Eu acho que era na época do relaxamento só mudava os nomes, né? Porque tudo acabava sendo a mesma coisa. E aí eu me assumi um pouquinho mas não durou muito não [risos] não durou. Eu tinha vergonha, sei lá… minhas amigas… Você tá falando, você começou a pesquisa com pessoas de cor e os meus amigos... eu tinha raro, só na faculdade que eu fui ter amigo de cor. E… eles todos eram brancos, [inaudível] e de cabelo escorrido, eu era a única diferente. Até no meu colégio de freiras eu sofria bullying, sabe? Por causa do meu cabelo, enfim. E era isso, e minha mãe achava que eu tinha que ter o cabelo liso[risos] então pronto.

Além de recordarem sobre suas primeiras memórias de infância, durante as entrevistas também foram levadas a lembranças do que ouviam as pessoas falarem sobre seus cabelos. No geral, ouviam que o cabelo deveria ser liso, houve histórico de comentários de rejeição para as três entrevistadas acima. Alguns pontos devem aqui ser destacados, em seus depoimentos as entrevistadas indicam que na infância tiveram uma relação ruim com seus cabelos, achavam seus cabelos feios, algumas até parecem indicar um sentimento de vergonha implícito em suas falas. Também parecem destacar que é na adolescência que descobrem o que seria a "verdadeira natureza" de seus cabelos, aprendendo a lidar, a pentear, a cuidar dele (em um próximo capítulo trataremos melhor sobre a relação dessas mulheres com seus cabelos no período da adolescência). Chama a atenção como esse processo de autoafirmação passa pela influência de mulheres midiáticas, como foi preciso a referência de alguma celebridade com cabelos cacheados para que as mulheres entrevistadas mudassem a forma como cuidavam de seus cabelos (também trataremos a influência da mídia em um próximo capitulo).

Daremos sequência com as entrevistas de mulheres negras com menos de 45 anos.

Amanda (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Tá. Bom, quando você era pequena, qual era a sua relação com o seu cabelo? Assim, do que você lembra.

Entrevistada: Bom. Eu tinha uma relação bem conflituosa com meu cabelo, porque eu acho que a minha mãe, né? por ter a pele um pouco mais clara e minha família por parte de mãe ter a pele um pouco mais clara, eu acho que não era muito… não era muito bem visto, né? … o meu cabelo. Então tinha uma certa necessidade, né? de tá sempre fazendo coisas no meu cabelo. Então, desde pequena eu me lembro já de fazer relaxamento, de alisar cabelo. É… então, eu tenho muita lembrança da minha relação com a minha família e meu cabelo, é… dos sei lá, desde os meus 6, 7 anos de idade, por aí. É… eu digo conflituosa porque isso; eu acho que isso perdurou até agora há pouco tempo, então, tenho muitas lembranças de sofrimento de lembrar da minha mãe… sei lá, passar pente quente, né? Que era dolorido. Ou produto que tinha um cheiro ruim, ou de já ir… já fui uma vez com uma amiga [risadas] com uma peruca pra escola. [risadas] Lembro disso e é muito doido porque hoje quando eu lembro disso eu… eu acho que é engraçado, mas ao mesmo tempo eu sei que… que era bem… era bem difícil pra mim, né? Aceitar que meu cabelo era crespo, que meu cabelo é crespo, e que aquilo que era meu cabelo não era o que era bonito, né? Não era o que era bem visto sobretudo pra minha família, né? Não é à toa que realizava tantos procedimentos pra tentar apagar um pouco aquela coisa que eles consideravam que era feia, né?

Agatha (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Quando você era pequena qual era sua relação com seu cabelo? Assim, do que você lembra.

[...] Entrevistada: Eu lembro que… era um pouco complicado, porque eu me achava muito diferente assim, né? Não… eu gostava, eu gostava. Eu sempre gostei, nunca pensei nem em alisar meu cabelo, mas eu via que… no tempo, né? Quando eu era mais nova, era diferente. As pessoas não… eu não via, tipo, isso com outras

amigas, e aí… elas tinham uma relação diferente com o cabelo delas, então eu achava que eu de-... que eu deveria ter uma relação parecida, sabe? Só que meu cabelo [inaudível] diferente, mas a minha relação sempre foi boa com meu cabelo. Eu sempre gostei, minha mãe também me ajudava muito, ou às vezes eu falava pra ela que eu queria alisar o cabelo e ela falava: "não, não alisa, você vai se arrepender". Aí, eu nunca… nunca alisei, mas sempre foi uma relação boa, né? Sempre deu muito trabalho, mas eu sempre gostei.

Cintia (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Quando você era pequena. Então, assim, quando você era assim… sua primeira infância, do que que você lembra em relação ao seu cabelo?

Entrevistada: Ai, eu lembro que eu ficava muito descabelada, e sempre que a minha mãe tentava cuidar do meu cabelo doía muito, né? Porque ou era aquele pentinho quente assim, pra ficar… né? Ou, sei lá. Assim, eu tinha muito cabelo, agora eu tô ficando careca… tá? [risos] Mas o meu cabelo era uma juba[4] enorme e a minha mãe não tinha muita paciência. E ele é fininho, então ele embola, ele dá uns nozinhos… aí quando a minha mãe pegava, filha…sofria, né? [risos] Sofria muito. Mas eu lembro disso: eu andava muito descabelada e quando a minha mãe botava a mão, filha, era choro na certa. [risos]

Esses são os três primeiros depoimentos de mulheres negras sobre seus cabelos cacheados/crespos. São histórias de mulheres com menos de 45 anos. Duas entrevistadas demonstram um estranhamento e como era difícil a relação com seus cabelos. As três entrevistadas citam suas mães e os cuidados que tinham com seus cabelos, seja apoiando o uso do cabelo 'natural' ou estimulando o alisamento. Nos depoimentos dessas mulheres é interessante perceber como parecem indicar que passaram por um processo de "aceitação" dos cabelos, o que nos leva a uma ideia de negação prévia, recusa prévia, para que posteriormente pudessem compreender e aceitar seus cabelos. Isso é importante de ser destacado uma vez que nos depoimentos das mulheres brancas de diferentes gerações há um interdito em seus depoimentos que parecem indicar uma "descoberta" de seus cabelos. Assim, aparentemente são processos diferentes, enquanto umas *aceitam* outras *descobrem*. A negação não necessariamente precisa aparecer nas falas das mulheres brancas, enquanto que na fala das mulheres negras é quase que inevitável.

Amanda (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Você falou muito das suas memórias de infância e aí eu queria voltar nisso. Assim, das suas memórias na infância desse cuidado com o seu cabelo, você lembra de alguém que cuidava do seu cabelo? Quem era essa pessoa? Você falou muito da sua mãe, da sua família por parte de mãe, mas você lembra, assim, de alguém que tinha uma responsabilidade em cuidar do seu cabelo na sua infância? E como era?

Entrevistadora: Alguém que tinha uma responsabilidade em cuidar do seu cabelo e como era.

Entrevistada: Ah, entendi. Bom, a responsabilidade maior era da minha mãe, de fato, né? Porque ela que… que fazia o preparo pra ir pra escola, então minha mãe era essa pessoa responsável. Mas ela também… é… tinha uma amiga e… aí… [...] [risadas] gente, desculpa. E… e que compartilhava um pouco isso também, que ela era uma mulher negra e… e eu me lembro também dela passando pente quente… tinha a coisa do henê, né? Então… Eu me lembro de uma forma muito… muito afetiva também esse cuidado, sabe? De… de tentar o melhor mesmo. Então, ainda minha mãe tinha essa amiga dela também que contribuía nos cuidados, acho que até por conta de ser negra… uma filha negra e eu.

[4] Juba – é interessante como alguns termos aparecem para se referir ao cabelo cheio e volumoso. É como se de alguma forma fosse visto como desgrenhado, bagunçado.

Cintia (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: E… aí você lembra, assim, desse momento na infância, a pessoa que mais vem na sua memória é sua mãe ou tinha mais alguém que cuidava do seu cabelo?

Entrevistada: Não, quem mais vem é minha mãe… é minha mãe mesmo. A minha avó às vezes cuidava, mas a minha vó trabalhava muito, então ela mexia muito pouco. Quem cuidava mais era a minha mãe.

Os dois depoimentos são de mulheres negras com menos de 45 anos. Sobre os cuidados com os cabelos, principalmente sobre quem cuidava, as duas entrevistadas citaram suas mães (isso também é notado nas entrevistas com mulheres brancas). É interessante a forma que a primeira entrevistada cita o processo de cuidado como algo afetivo (citando os cuidados da amiga de sua mãe). É possível perceber que embora houvesse uma imposição que podem inclusive ter gerado sofrimentos e dores na infância há nas entrelinhas afeto, amor, carinho, dedicação, preocupação, nesses cuidados.

Amanda (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Foi? [...] É… dessas lembranças mais fortes da infância, o que que você mais ouvia falarem do seu cabelo?

Entrevistada: É… eu acho que a frase clássica é: "Ah, ele não é tão ruim assim". É… mas também as pessoas, quando era uma pessoa mais próxima, né? Tinha essa fala, né? Do tipo: "ah, ele nem é tão ruim assim". É, mas eu acho que no geral tinham muitas frases mais agressivas, né? Da minha própria mãe, assim, né? Na hora de pentear, aí: "aí…", né? "Cê tem cabelo duro". Do tipo, né? Que eu puxei muito a coisa do cabelo e, enfim, a minha aparência física, eu tenho… que é muito próxima do meu pai, que é negro também. Então, tinham essas frases relacionadas ao cabelo duro, né? De usar essa palavra "duro" como uma… como algo pejorativo, né… pro meu cabelo.

Agatha (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: É. Quais são suas lembranças mais fortes, é… da infância da relação do seu cabelo? O que que você ouvia as pessoas falarem sobre o seu cabelo? Você lembra? ou não?

Entrevistada: Lembro. Eu acho que hoje em dia, eu tenho autoestima baixa porque eu lembro muito das coisas que eu ouvi na infância. É… por exemplo, eu andava com o cabelo muito amarrado também. Eu gostava de ter meu cabelo cacheado, mas eu andava com ele muito amarrado porque eu tinha aquela sensação de que tá com ele solto, tá com ele cheio… as pessoas sempre me zoavam quando eu era mais nova, sempre falavam que meu cabelo tava um leão, assim, sabe? Sempre criticavam, né? As crianças em si que conviviam comigo na escola[5], até aqui no condomínio, então sempre falavam do meu cabelo. Então sempre vivi com ele bem amarrado, né? E, é… essas foram uma das críticas. Era: "ah… seu cabelo é muito duro", "é seco", é… Eu também tinha crítica até aqui quando eu ia pra piscina, quando eu era mais nova que eu mergulhava e as pessoas falavam: "nossa, mas o seu cabelo continua seco", tipo, "ele não… não molha quando você mergulha?". Ficavam me zoando, então, eu… eu tinha muita vergonha. Teve momentos, assim… que eu chegava na piscina, eu já nem… eu só molhava aqui [apontando do pescoço para baixo], eu nem chegava a molhar o cabelo porque eu sabia que eu ia ouvir crítica

[5] Nas entrevistadas o ambiente escolar surge como um espaço conflituoso e problemático. No caso específico das mulheres negras é importante resgatar os estudos de Nilma Lino Gomes sobre como é a situação dos alunos negros na instituição escolar. Diz a autora que a escola aparece nas lembranças reforçando representações negativas sobre os negros e sua estética. O cabelo que carrega forte marca identitária é visto como marca de inferioridade. Para Gomes (2002) a escola não aparece como espaço de revalorização da estética, do corpo e do cabelo crespo. Além disso, nos livros didáticos e na relação pedagógica há uma representação do que é ser negro. A autora afirma que a escola impõe padrões de currículo, de comportamento e também de estética, é preciso seguir o padrão e uniformizar-se, a exigência para se cuidar da aparência é reiterada. Os argumentos não são explicitamente raciais, são mascarados por preceitos higienistas. Mesmo a mãe mais cuidadosa, apresentando a criança bem penteada e arrumada, não consegue evitar que seja alvo de piadas pejorativas no ambiente escolar. (GOMES, 2002) Isso será visto melhor no próximo capítulo.

então eu… eu evitava. E isso até hoje mexe um pouco comigo, apesar de que agora eu acho que as pessoas, é… Não sei o que que tá acontecendo, mas… tão falando bastan-… tão falando muito mais sobre cabelo cacheado, tá muito mais incluso essas coisas e antes eles criticavam muito. Hoje a gente não ouve mais tanta crítica assim, né? Ainda tem, né? Mas eu sempre ouvi muita crítica do meu cabelo por ele ser duro, por ele ser diferente, porquê que o aspecto dele é diferente. Muita coisa.

Bruna (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Então, quais são as suas lembranças mais fortes da sua relação com o seu cabelo na infância? É… o que você se lembra de ouvir as pessoas falarem? Enfim.

[...] Entrevistada: É…né… não é tão boa, né? Apesar do meu… de muita gente dizer que meu cabelo é liso, ele sempre tá preso aqui no creme. [...] [inaudível] foi bem frisado aqui na frente e muito cheio, e por conta da indústria cosmética, nunca teve um… sei lá, um… não me lembro de um produto específico que deixasse o meu cabelo bonito como [inaudível]. Então era sempre cheio, sem… sem forma, com muito volume, e eu queria sempre, assim, quando eu era criança ficava muito nisso, porque era minha mãe que ajeitava. Mas aí quando eu entrei no [colégio] eu tinha bolsa lá, eu era bolsista integral. Quando eu estudei lá e vi… e me deparei com cabelos lisos e o meu daquele jeito. Assim, foi complicado. Aí você... tentar a me adequar naquele padrão ali. [...] Eu ainda faço um corte pra reduzir o volume, sabe? Mas não adianta muito. Então, sempre foi essa guerra assim, não tinha formato, era muito cheio, e todo mundo que ia, sei lá… falava de mim sempre me falava pra fazer assim, sabe? "Ah, ela tem o cabelo cheio". Não sei o que, não sei o que. Então eu lembro disso. Eu usei muita química, é… eu passo por um processo de deixar ele o mais natural possível, né? Só que… eu tô tentando, eu ainda sinto um pouco de química. Apesar de… faz o que? Faz um ano, um ano e quatro meses que eu não aplico mais, porque eu tava aplicando só aqui na frente, tá vendo? Que é muito frisado. Eu pegava assim pra frente… passava o alisante. Só que assim, eu acabei desistindo, aí eu tô tentando outras coisas: henna, óleo, umectação. [...]Então é isso. Aí minha mãe fala: Não pode ser só química, sabe?[...]

Cintia (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: O que que você lembra, assim, de ouvir as pessoas falarem do seu cabelo nessa época?

Entrevistada: Ah, sempre tinha os apelidos, né? O... que hoje é bullying, né? [risos] Na minha época não era, né? Que eu falo... Eu tava até falando isso com uma amiga hoje mais cedo que teve uma palestra do trabalho até bem interessante. Nem foi uma palestra, foi uma reunião, é... de uma pessoa falando sobre o preconceito, enfim. Aí… ela chegou nessa parte das brincadeiras que a gente faz que hoje magoa, mas que quando a gente era mais nova era super normal. Então, me chamavam de capacete... cara, muito apelido... muito apelido. Eu lembro que teve uma época que a Benedita tava sendo candidata a prefeita. E o pessoal do colégio só me chamava de Benedita. E naquela época eu não entendia. Eu falei: "gente...". Aí o pessoal falou... depois de muita zoação e tal: "ai, porque o cabelo é igual, porque a cor é igual". Aquele... aquela mistura de racismo com brincadeira ou com bullying, enfim, aquele pacote todo. Mas sempre rolava umas sacanagens em relação ao cabelo. [...]

Nos depoimentos das mulheres negras com menos de 45 anos em relação ao que escutam/escutaram sobre seus cabelos surgem comentários que remetem a experiências traumáticas, inclusive termos como “guerra” e “conflito” com o cabelo aparecem muito nos depoimentos das mulheres negras; são críticas muito fortes aos próprios cabelos e as falas costumam ser mais bélicas. Aparece em alguns depoimentos que escutavam que seus cabelos eram ‘duros’, ou que tinham cabelo de leão ou serem apelidadas por outras mulheres negras famosas. Como a própria entrevistada fala, havia uma mistura de injúria racial com bullying, a entrevistada até mesmo fala que na sua época os apelidos que recebia seria comparado ao que hoje se chama de bullying. É interessante como esse olhar sobre a infância coloca as entrevistadas nos centros das atenções, como crianças que inspiram cuidado. Nesse sentido, é importante avaliar que emoções são ativadas nesse processo de retomar memórias. Parece que nesse processo tanto as entrevistadas negras quanto brancas tiveram emoções positivas ou

negativas, com relatos de carinho, amabilidade, zelo, mas também de obrigatoriedades, imposições, hostilidades.

As entrevistas seguem para mulheres negras com mais de 55 anos:

Laura (mulher negra mais de 55 anos)

Entrevistadora: Então, Laura, quando você era pequena, quais são suas primeiras memórias da sua relação com o seu cabelo?

Entrevistada: Bom, a minha mãe alisando meu cabelo sentada na beira do fogão. Ela passando pente quente e chapinha e eu não podia nem me mexer porque podia queimar e com isso, eu também devia achar que não devia respirar direito, né? Porque criança, eu não sei quantos anos eu tinha, que eu tivesse 6, 7… aí ela falava: "não se mexe". E eu não me mexia, e aí eu só sentia aquilo assim: [sons com a boca para representar o processo de alisamento]. Só escutava aquele barulho. É… primeiro foi pente quente que aí botava na… na… na boca do fogão, depois se eu não me… eu sei que tinha uma chapinha que era duas placas. É, e aí… é… não sei como é que era, quanto tempo era, né? Quantas vezes era, eu só vivia sentada ali. Até que eu acho que alguém falou com ela… talvez eu tivesse o que? 8 anos? Não sei. Pra passar pasta, e antes disso eu não sei se ela usava henê, eu sei que ela usava esses trecos que esquentava na boca do fogão… Aí, ela foi passar pasta. Eu só me lembro que não deu o tal dos seis meses que era pra dar, né? Aí, é… ela passou pasta e aí ela passava o pente e o meu cabelo caindo e eu aos prantos. Chorei, chorei, chorei, porque aí ela fez um buraco aqui que até hoje… agora o buraco melhorou, mas até uns 20 anos atrás, ou 30, sei lá… que aí eu tive que… é… tinha que virar eu acho que pro lado de cá, e era cabelo caindo, e era cabelo caindo e eu chorando, ela desesperada, e aí quase fiquei careca com essa tal de passar pasta. É… depois disso, eu não me lembro de mais nada desse ato. É… aí, até a minha outra mãe brigou com ela: "você deixa a minha filha em paz com essa história de mexer no cabelo dela". Porque não era eu que pedia não, era ela que mandava no meu cabelo. Aí, depois disso, minha mãe não deixou mais ela mandar no meu cabelo, e aí, pelos retratos que eu vejo, ele era alisado, é… depois ele cresceu, eu vi alguns retratos eu de rabo de cavalo, então, daí em diante eu acho que passava era henê, porque o cabelo era escuro.

Marta (mulher negra mais de 55 anos)

Entrevistadora: É… a outra pergunta era justamente isso, assim, sobre essas memórias, assim, tinha alguém que cuidava do seu cabelo. Acho que você falou bastante da sua mãe. [...]

Entrevistada: Não, era mais a minha mãe, a minha… eu tinha uma tia cabeleireira, né? [...] Que eu falo assim, cara, a minha mãe, ela se dedicava de uma tal maneira, porque era babosa, era óleo de rícino…A gente usava muito óleo de rícino, né? Era uma coisa muito ligada a nossa cultura que agora tá voltando, a [inaudível] agora tá descobrindo óleo de rícino, poxa, isso foi minha infância, né? [risada] É… e a babosa e o óleo de rícino era praticamente aquilo que a gente usava, e a minha mãe dizia, né… depois que eu cresci, ela: "quando eu cuidava do seu cabelo o seu cabelo não ficava assim" [risadas] De fato, porque ela cuidava, ela tinha toda aquela preocupação de me deixar apresentável, né? Então, os penteados, aquela coisa toda, né? Então é uma memória de afeto também, embora tenha, assim, *essa coisa relacionada a dor*, né? Nem tanto pela negação, por que eu acho que a negação ela entra num espectro mais amplo. Mas principalmente relacionada a… ao momento da ruptura, né? Quando ela corta o meu cabelo que pra mim era uma identidade muito forte.

Segue Marta:

Marta (mulher negra mais de 55 anos)

Entrevistadora: da sua relação do seu cabelo na infância, e… enfim, memórias… pode ser o que você ouvia, enfim.

Entrevistada: É, minha infância anos 60/70, né? então, momentos "marcado" por… por um racismo mais exposto do que era até antes da pandemia, porque com a pandemia a gente tem outros pulsos…de manifestação, né… desse racismo. As pessoas hoje acho que voltaram a se sentir à vontade, né? na… nos seus manifestos. Então pegando ali anos 60 e 70, o negro não usava seu cabelo natural; nem a mulher negra, nem o homem negro, né? O do homem negro era baixinho cortadinho, às vezes era um [inaudível], uma pasta, né? Que era o que era utilizado à época pra… pra fazer os alisamentos. Ou então ferro quente, a chapinha, né? Que eram os modelos. Eu tinha um cabelo assim que minha mãe cuidava muitíssimo, divinamente, né? [risada] Acho que eu nunca tive um cabelo tão cuidado na minha vida. Que ela… ela mantinha aquele cabelo pra ser… pra ser longo, né? Então eu tinha bem longo, né? Meu cabelo era praticamente na altura do quadril, e minha mãe cuidava dele assim, né… com muito afeto, muito… fazia muito penteadinho de cachinhos, e não sei o que. Quando eu ia de cachinhos, é... algumas pessoas elogiavam muito… tinha aquela brincadeira de pedir um cachinho, né? Até aí tudo bem, quer dizer… ele preso, ele era aceitável, né? Ou… eu usava muita trança, né… uma trança ou duas trancinhas. Ou então quando

tinha um evento mais específico, né? Era o movimento dos cachinhos, né? E aí eram vários tipos: chuquinha, solto com… sei lá… tinha de várias formas. Como a gente tinha muito pouca foto, eu tenho algumas fotos, né? Tenho pouquíssimas, umas cinco talvez, em que eu possa retratar essas… esses momentos, né? E… só que assim, era… era um cabelo muito cheio, muito grande, crespo, então era considerado trabalhoso para se cuidar, principalmente nesses… naqueles parâmetros do que que era o… o cuidar pra minha mãe, né? De um cabelo. E obviamente sempre uma estética domesticada, né? porque soltar aquele cabelo que ficava "desse" tamanho… não podia. E aí surgiam os conflitos comigo, né? Porque foi a época que apareceu Gal Costa, Bethânia, e a Sônia Braga em Gabriela. Sônia Braga então era emblemático porque ela foi… ela foi criada para ter uma pele negra clara, que se chamava morena, e… aquele cabelo, né? meio que selvagem, uma… uma sexualização que apela, né… pra um imaginário selvagem, né? Da mulher negra, né? Embora não considerada à época como negro. Então eu não entendia isso. O meu cabelo era igualzinho o da Gabriela Cravo e Canela lá da novela. E porque que ela podia usar e eu não podia usar o cabelo solto? E que a Bethânia podia a Gal podia e eu não podia? Eu nunca… eu não conseguia entender isso, né? Eu tinha muito esse conflito. [...] E minha mãe dizia que cabelo duro tinha que andar preso, né… era isso que a gente ouvia o tempo todo. Então, de forma que soltar o cabelo era algo extremamente raro, até porque… como ele armava, né? Era aquela coisa assim, desfazia tranças e tava muito bonitinho, né? Aí ia secando e ele ia se expandindo… Eu não fugia mais, "volta aqui e prende", né? então, é… havia uma prisão simbólica [inaudível] do que… do que era esse corpo. E justamente pelo entendimento, né? …de que era um cabelo que precisava ser domesticado, a minha mãe de vez em quando me segurava pra passar uma pasta. Passar uma pasta, [inaudível], né? Eu só tava tentando lembrar o que eu tinha até falado com a [inaudível], quando ela falou… falei: "cara isso foi a tanto tempo…" "foi… foi de uma maneira tal… que eu não… eu não racionalizei da forma como hoje a gente debate", né? E, eu tinha, eu [inaudível] muito conflito com isso… a pasta eu não gostava porque ela queimava. Ela era… você tinha que botar e meu cabelo era muito fino, então se ele passasse do ponto era uma merda, Jéssica…porque queimava o couro cabeludo. E quando queimava meu couro cabeludo, eu achava que eu ia ficar careca, eu a… eu achava o que ia vir de pior, sabe? Eu me sentia extremamente ameaçada com isso. Mas eu gostava do efeito; ficava bonito, né? Ficava aquele cabelo longo, né? Eu me sentia uma índia, não me sentia uma negra, né? Porque, é… o automático é você fazer essa… essa… transposição: você… ser… ser índio é legal, ser negro não é, né? Então, a gente ia muito por esse caminho. Mas era assim, muito pontual, era uma vez ou outra. E… talvez meu cabelo nem suportasse tanto. E… eventualmente quando eu ia pra casa dos meus avós em [nordeste], vinha o papo de fazer… passar a ferro; é o pente quente… que era… eu tinha um pavor daquilo, eu tinha um medo daquilo horroroso, porque era aquele medo de queimar, né? E aí, aquilo só podia passar com ele seco, então eu e minha prima que tinha o cabelo liso só que ondulado, assim… a neura da minha família era tão grande por essa negação de ser negro, que até ela, coitada, não podia ter as ondas do cabelo dela. E ela era… pele muito clara, muito clara "mêmo". Minha família é uma família de um… meu avô era negro filho de ex- escravizados, porque meu bisavô nunca conseguiu conhecer a liberdade. E minha avó era o extremo oposto, ela era filha dos… branca, filha dos [inaudível], descendente de espanhóis e portugueses, então a família era multicolor, sabe? Assim, era um gradiente de cores, né? E aí o racismo fica muito forte porque alguns podem e outros não em função dos traços, né? Então essa coisa de manter nossos cabelos lisos era uma exigência, sabe? [...] Mas eu gostava do meu cabelo, eu curtia meu cabelo, eu curtia minhas trancinhas, né? Aí a minha mãe quando eu fiz dez anos, a minha mãe precisou fazer uma cirurgia, e ela começou a ficar preocupada com quem seria a pessoa que trataria do meu cabelo como ela tratava. Meu pai não conseguia, né? Eu não tinha irmão morando comigo, né? então era pra ser "contratar uma pessoa pra cuidar de você aqui, ela não vai fazer o que eu vou fazer". E aí me… foi uma das… dos momentos traumáticos pra mim, bem traumático mesmo; acho que até traumático até hoje… que eu negociei com a minha mãe. Já que ela queria cortar, eu queria que ela cortasse ele numa altura abaixo dos ombros que eu conseguiria pentear com esse movimento [...] Mas na hora, meu… meu referencial minha mãe penteando, então eu… "Mãe, até aqui eu consigo". Só que aí tem um outro lado que… que *eu sempre fico tentando analisar porque minha mãe foi tão cruel comigo naquele momento.* A minha mãe foi extremamente motivada por uma vizinha nossa que era negra, que tinha o cabelo bem crespo e bem curto, que ela dizia que não tinha necessidade daquele cabelo, ela ficava o tempo todo dizendo pra minha mãe que não tinha necessidade, que ela cortasse o meu cabelo bem curtinho como o da filha dela. E foi o que minha mãe fez comigo. Meu cabelo que era na cintura, né? Ele de repente… fez isso aqui ó… pá. [simbolizando cabelos curtos com a mão] E eu botei a mão no meu cabelo, que eu procurei meu cabelo… chorei horrores, horrores assim, foi muito forte, sabe Jéssica? E eu dormia às vezes, que eu tinha mania de pegar a trança e botar aqui em cima do ouvido pra aquecer, né? E aí, quando eu fazia isso, que não achava minha trança, era comum eu acordar no meio da noite e chorar, porque foi muito doído e eu nunca perdoei a minha mãe por isso, né? E eu sempre disse pra ela, você podia ter me dado a chance de ter cuidado do meu cabelo, porque eu gostava do meu cabelo, e minha avó paterna, que era negra, dizia pra minha mãe: se você gosta do cabelo da sua filha, não corte ele, não corte muito curto porque ele jamais voltará a ser o que era. A minha avó sempre disse isso pra ela e ela também não ouviu, né? Então, assim, eu tive uma mágoa muito grande com a minha mãe por causa disso, né? E aí, esse período entre os 10 e os… 16/17 anos, ele foi tentando conviver com essa estética, né?

do cabelo que eu tinha e que a sociedade me impunha. Então eu nunca tava satisfeita, né? Alisava, né? Ficava… eu… Sabe? Assim, não… *não conseguia lidar com ele* [6].

Nos dois depoimentos acima, com duas mulheres negras com mais de 55 anos podemos ver muita fluidez na fala e muita vontade de falar. As duas entrevistadas tinham muitas histórias para contar e fortes memórias da infância e da adolescência. Desde passagens de alisamento capilar, até cortes de cabelo. Laura conta de uma passagem de um processo de alisamento compulsório com uso de uma pasta realizado por sua mãe e parece indicar ter uma outra mãe, provavelmente "mãe de consideração", que tenta a proteger do tratamento descomedido. Sua fala parece carregar angústia pelas memórias de impetuosidade na infância. Assim como a fala de Laura, a de Marta também parece carregar sofrimento, também se recorda de sua mãe, como aquela que cuidava de seu cabelo com afeto, mas também como aquela que dizia que cabelo duro tem que andar preso e aquela que cortou seu cabelo lhe gerando um episódio traumático, Marta fala da *dor* que sentiu.

Sobre esse sentimento de dor sentido por Marta cabe abrir um parêntese em que Cynthia Sarti (1998) disserta sobre as formas de manifestação dos sentimentos, sobre a expressão da dor, em que a dor será vivenciada e suportada distintamente a partir das culturas. Dessa forma, cita Cecil Helman (1994) que distinguia a "dor privada" da "dor pública", sendo vivenciada de formas diferentes nesses âmbitos sociais, conforme o significado para o indivíduo e a cultura a que pertence. O que vale ser destacado aqui é que "a forma de manifestação da dor precisa fazer sentido para o outro". Conforme já discutido na Introdução, as formas de expressão dos sentimentos não são naturalmente dadas e mais importante do que manifestar os sentimentos é manifestá-los aos outros. (MAUSS, 1981) É nesse sentido que cabe agora uma observação sobre a *dor de Marta*, em uma sociedade com problemáticas de gênero, classe, raça, há uma clivagem que qualifica a realidade e importância da dor. Há uma percepção social de maior ou menor tolerância a dor. (SARTI, 1998) Marta, por ser uma mulher negra, espera-se que tenha uma maior resistência a dor, que aguente mais a dor, e não necessariamente sua dor fazia sentido para sua mãe, provavelmente uma dor não assimilada pelos outros.

Marta cita algumas figuras midiáticas e a influência que tiveram em seu cuidado com o cabelo. Trata-se de um depoimento interessante por falar de injúria racial em um panorama

[6] O termo "lidar" aparece mais uma vez nos depoimentos das entrevistadas. Mas por se tratar de uma mulher negra, então especificamente a "lida" deve ser compreendida a partir de um olhar racial. Para Nilma Lino Gomes (ano) o termo remete a ideia de labuta, sofrimento, fadiga, exploração, violência e açoites. (GOMES, 2002?)

geral e também sobre um olhar específico para sua história familiar, contextualizando os cuidados que sua mãe tinha com seu cabelo na infância.

Assim podemos nos remeter aos estudos de Souza Flores (2008) e Garbin et al. (2012) onde a violência sofrida na infância tem consequências em seu desenvolvimento ao longo da vida. Também podemos nos remeter ao estudo de Sepúlveda (2013) e dizer que as memórias das entrevistadas se dão tanto em forma de memória comunicativa (passada de geração para geração) quanto de memória cultural (passada ao longo dos séculos através de símbolos), ou seja, são memórias que vem mesmo de antes dessas mulheres nascerem e muito carregadas de seus antepassados. Assim, a partir disso, pode-se dizer que em sua maioria as lembranças dos cabelos na infância são mais difíceis, seja pelo tipo de cuidado recebido, seja pela percepção de não saber lidar. A fala das mulheres negras mais velhas é carregada de muito sofrimento; as mulheres negras tanto as mais jovens quanto as mais velhas tiveram falas mais bélicas, associando o cabelo a recordações ruins. As mulheres brancas no geral (das mais variadas idades) associam o cabelo a uma "descoberta". Mas de fato há relatos que remetem a agressividade, sofrimento, mas também afeto e cuidado nas falas de todas as entrevistadas.

A concepção de "pós-memória" onde se cresce sendo dominado pelas narrativas, silêncios e traumas de antepassados que de fato viveram os eventos. Ocorrem as transmissões entre as gerações; o passado pode produzir aprisionamentos como também pode ser libertador. As lembranças são presentes, mas é na construção coletiva que se dá o que permanece na memória e o que vai se perdendo com o tempo, aquilo que desagrega o grupo coletivo tende a ser descartado. As tradições, por exemplo, se manteriam para garantir e criar privilégios e hierarquias. Os traumas, conforme pudemos observar, são lembranças que não foram vividas plenamente, a mente não consegue lidar com os eventos sofridos, não são testemunhos vez que não são experiências vividas e sim traumas, é a busca por explicar uma barbaridade que está fora de qualquer compreensão. As gerações vão tendo forte relações com seus próprios traumas e com os traumas das gerações anteriores. É através de toda essa perspectiva que voltamos nosso olhar aqui no presente trabalho. As memórias das mulheres entrevistadas não dizem apenas sobre suas vidas e suas lembranças individuais, trata-se de uma fazer coletivo notadamente baseado em raça e geração. Trata-se também de um olhar para seus antepassados e sua relação com as memórias que por vezes sequer vivenciaram. (SEPÚLVEDA, 2013)

É necessário, por fim, perceber que a análise das entrevistas parece indicar um caminho semelhante ao que dizia Gomes (2002) em que algumas famílias negras arrumam o cabelo das crianças tentando romper com o imaginário de negro descabelado e sujo; outras o

fazem pela prática cultural de cuidado do corpo. Mas há, de modo geral, um jeito negro de pentear-se a adornar-se, que segundo Gomes (2002), é diferente das crianças brancas, ainda que essas se enfeitem. Para a autora, isso ilustra a relação do negro, o cabelo e a identidade negra. (GOMES, 2002) Assim, há nas falas das mulheres negras entrevistadas um forte caráter identitário; e, as falas das mulheres brancas com cabelos crespos parece indicar que especificamente sobre os cabelos voltam-se para o identitário negro, veem seus cabelos como uma herança identitária negra, e não como uma herança identitária branca (isso aparecerá novamente no capítulo "De quem você puxou esse cabelo").

1.2 Adolescência

> "Eu alisei o meu cabelo na minha adolescência inteira. Sempre foi uma relação ruim com meu cabelo, nunca gostei do meu cabelo. Mas na verdade eu não conhecia o meu cabelo porque eu não tinha lembrança dele natural."

A adolescência é um período importante que nos interessamos a investigar e observar como ocorria a relação das mulheres com seus cabelos, tanto a partir de um olhar racial quanto geracional. Stuart Hall (2003) afirma que os jovens expressam uma certa fidelidade às suas tradições, ao mesmo tempo em que declinam. Acabam declarando escolha ao grupo que desejam ser associados, as escolhas identitárias são políticas e associativas. (HALL, 2003) Segundo Mauss (2003) a adolescência é marcada por ser uma fase crucial no processo de internalização das técnicas corporais que conservarão durante toda vida adulta. (MAUSS, 1974)

Novaes (2009) aponta que as "idades da vida" são produzidas histórica, social e culturalmente. Para a autora, hoje ser jovem é estar imerso em identidades, posições e vivências; é estar em um estado de devir, socialmente visto como imaturidade, impulsividade e rebeldia. Segundo Novaes (2009), é nessa fase da vida que se encontram muitas ambivalências principalmente dada a negociação e subordinação à família e à sociedade, além de se criarem muitas expectativas de emancipação. Atenta que o desafio dessa discussão é evitar generalizações e simplificações, ao mesmo tempo afirma que a sociedade contemporânea é o que chama de "juventudocêntrica". A juventude é considerada a partir de um simbolismo positivo com a valorização da beleza, da saúde, da coragem, da revolta, todos buscam ser jovens e adiar a velhice, a procura em ser "jovem de espírito". Paradoxalmente, por outro lado, a juventude é considerada também o mal estar social, as inquietações, a violência, o ócio, o

desperdício, a irresponsabilidade. Quando o assunto é juventude, a discussão levanta temas que mobilizam diversas emoções, há inclusive tensões entre a vida privada e pública. (NOVAES, 2009)

Novaes (2009) reflete sobre as comparações entre jovens de diferentes décadas e percebe que é preciso evitar comparações entre jovens de décadas passadas (como anos 60 e 70) com jovens atuais. Mesmo quando se busca comparar jovens de um mesmo período histórico, para a autora, a juventude não pode ser compreendida de forma isolada da sociedade como um todo. Inclusive, seria necessária a comparação entre jovens e entrevistados de outras faixas etárias (exatamente o que buscamos desenvolver aqui neste trabalho), sobretudo para avaliar de que modo um fenômeno é exclusivamente juvenil ou de toda uma sociedade. (NOVAES, 2009, p. 13)

A autora frisa que se até os anos 70 o que marcavam os atos juvenis eram estudantes de classes médias, atualmente são diversos setores sociais promovendo sentimentos de pertencimento social, de descontentamentos, denunciando e elaborando participações. Assim é necessário conhecer melhor os atos desses jovens (antes de considerá-los simplesmente artísticos, místicos ou assistencialistas), é preciso compreender melhor a atuação de jovens no espaço público e observar o que a autora chama de efeitos políticos dessas práticas sociais. Nessas dinâmicas deve-se atentar para os grupos de afirmação de identidades, dentre eles os jovens negros, com lutas sociais que vêm de outras gerações pegam essas demandas para dentro de seus movimentos já existentes ou criam novos grupos, assim antigas demandas são renovadas novas demandas específicas são criadas. A autora também destaca a presença dos grupos culturais que buscam visibilidade e articulação e adesão de outros jovens através de ritmos, gestos, rituais e palavras. (NOVAES, 2009, p. 14) São grupos que (re)inventam formas de expressão, articulam identidades e são referências para projetos individuais e coletivos; assim, esses marcos culturais identificam diferentes gerações. (NOVAES, 2009, p. 15)

Novaes (2009) aponta que atualmente as relações sociais são dependentes das tecnologias de informação e comunicação, dessa forma a internet deve ser considerada quando se propõe uma análise da participação juvenil. Ainda que não haja uma democratização das informações, são as tecnologias que também agregam os espaços juvenis, construindo pontes de comunicação, identificação e ação. (NOVAES, 2009, p. 16)

Considerando-se que os direitos garantidos aos cidadãos são conquistados através de lutas sociais, a autora se indaga se os jovens seriam “sujeitos de direitos”, buscando oportunidades iguais e acessos aos patrimônios sociais. Por fim, a autora constata que

considerar os jovens como “sujeitos de direitos” significa compreender “tanto os civis, políticos, sociais e culturais, quanto os difusos que marcam especificidades geracionais em suas diversidades.” (NOVAES, 2009, p. 17)

Nilma Lino Gomes (2002) pontua que para os adolescentes negros especificamente, a insatisfação com sua própria imagem frente aos padrões estéticos como a textura do cabelo por exemplo é uma experiência comum. Aqui estamos nos debruçando sobre a forma como as entrevistadas olham para seu passado, suas memórias, lembranças, e de que forma isso afetou e ainda afeta no modo como lidam e se relacionam com seu próprio cabelo. É um olhar sobre si mesmas e um olhar sobre o outro. Observar como ocorre esse olhar a partir de diferentes grupos raciais e geracionais, devemos atentar tanto para como se deu suas adolescências em décadas distintas, passando por movimentos sociais distintos; e, também compreender a influência das novas juventudes de hoje e como afetam as mulheres entrevistadas (estendendo essa discussão para o capítulo de Mídias).

Daremos início com as entrevistas de mulheres brancas de várias idades:

ENTREVISTAS

Raquel (mulher branca menos de 40 anos)

Entrevistadora: Conforme os anos foram passando, e aí você entrou na adolescência, quais são as memórias que você tem assim com a relação a seu cabelo, nessa época assim, da vida?

Entrevistada: Então, eu era atleta de natação, então meu cabelo era mais cloro do que cabelo, então, sei lá eu nunca cuidei muito bem, nunca fui de cuidar de cabelo, sempre deixei ele mais natural assim, ele era muito quebrado por conta do cloro e tal, mas acho que ele meio que se acostumou, depois de tanto tempo, é nadando, ele acostumou. Eu lembro quando parei de nadar, meu cabelo ficou muito, muito pior assim, com tempo, não pior, mas ficou tipo mais ressecado por um tempo, acho que o cloro, sem o cloro, foi muito doido isso. [risos].

Ruth (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Você falou do balé, que você prendia o cabelo, isso era na sua época de adolescência? Isso era… era na adolescência?

Entrevistada: Era… era.

Entrevistadora: Então, a relação com teu cabelo na adolescência era basicamente essa…

Entrevistada: Preso.

Entrevistadora: De prender.

Entrevistada: Preso.

Entrevistadora: Tá.

Entrevistada: Preso… e coque… coque, foi… eu não comecei a alisar com 12 não, acho que minha mãe não deixava nessa época. Eu devo ter começado a alisar com uns 14… por aí. Tinha um salão no Rio de Janeiro que também não é da tua época, era no Catete e se chamava Júpiter. Foi o primeiro salão do Rio… era um salão bem simples, mas foi o primeiro do Rio que começou alisamento com soda cáustica. E depois, eu frequentava o Meyer, mas aí eu já tô a uns 15, 20 anos, quando começou a escova progressiva, que foi o salão do Meyer, que botavam formol… e… mas eu peguei formol de 14%. Hoje em dia parece que não… não fazem mais nem de 2 %, né? Uma coisa… mudou os nomes: escova longa, escova não sei o que. Então… mas… é isso. [risos] Uma luta, a vida inteira foi uma luta. [risos]

Glória (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Você falou bastante dessas suas memórias mais novinha, dos 10 anos até os 14, queria… é… falar mais de um outro momento da vida, que é a adolescência. Você tem memórias, assim, mais dos quinze aos vinte e poucos mais ou menos, como é que era a sua relação com o cabelo nessa idade?

Entrevistada: Não, aí… aí eu já curtia o meu cabelo, eu já tava com o cabelo comprido, né? O meu cabelo mais longo e… não, aí eu curtia mais… aí eu usava, assim, o cabelo bem… assim, né? Muito mais assi-... totalmente assumi o cabelo e… é, não, e… e bem… bem cheio também. Agora ele tá meio minguado, mas geralmente ele enche mais, né? Então… então [inaudível], com certeza eu assumi mais… é… o cabelo, e curti, né? E a diferença de ter uma coisa mais… mais única… assim, mais…né?

Julia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: E aí vai correndo o tempo, e a gente chega na adolescência, nessa época você, como era seu cuidado, como era sua relação com seu cabelo na adolescência?

Entrevistada: Eu sempre fui assim estilo… a minha filha é muito parecida comigo nesse sentido pra mais roots ainda né. Eu sempre fui meio 'basicona' até hoje, eu não faço nada no meu cabelo, eu não pinto. É, minha filha mais velha tem uma aptidão pra cortar então muitas vezes ela corta meu cabelo. Eu também não gosto dessa coisa de salão, me dá assim uma certa...eu vou assim uma vez ou outra, na pandemia eu devo ter feito a unha umas três vezes [risos], quatro no máximo, e eu moro no [bairro nobre da Zona Sul do Rio de Janeiro] assim, então parece que me sinto um pouco fora da curva assim, eu até comento com meu marido que ele não sabe o que é uma mulher que gasta dinheiro no salão, é um absurdo o que as pessoas gastam. E a gente é bem 'basicona' assim e na pandemia me deu uma doida, eu peguei meu cabelo, sabe quando você pega assim e faz aquela "xuca" aqui em cima e 'clack' cortei o cabelo [pegando o cabelo segurando para o alto e imitando uma tesoura com os dedos], sei lá o que que me deu e ficou uma coisa estranha porque a franja ficou mais curta [risos], mas eu não fiz nada, não fui [inaudível], ah vou consertar, vai ficar assim e paciência. Mas, assim, na adolescência eu achava meu cabelo um pouco estranho assim [risos], mas ao mesmo tempo eu não queria fazer diferente, eu falava assim, vou, vou… mas quando eu vejo minhas fotos eu falo "meu Deus como minha mãe me deixou sair de casa assim?" [risos] Porque era um 'capacetão' assim [imitando um capacete com as mãos] [risos], depois eu posso até te mandar uma foto, minha carteira de identidade quando eu tinha 15 anos, eu era muito revoltada, adolescente rebelde e o cabelo, mas ao mesmo tempo acho que era uma marca registrada minha. Até lembro uma vez que saiu uma foto no Jornal do Brasil, extinto Jornal do Brasil, show do Stanley Jordan na [inaudível] aí tinha assim centenas de pessoas na platéia e eu consegui me ver, "porque?", por causa do cabelo [risos]

Começo as memórias de adolescência com mulheres brancas de várias idades. São quatro depoimentos de início para depois dar sequência aos próximos depoimentos que serão mais aprofundados. Nessas entrevistas já é possível notar o quão diferentes são os depoimentos e a relação com o cabelo na adolescência, temos quem manteve o cabelo natural, quem fala inclusive em assumir o cabelo, quem alisava com química forte e quem usava o cabelo bem armado, bem cheio. No geral, é importante destacar que em diferentes entrevistas é comum que as entrevistadas divaguem, falem sobre diversos outros assuntos. Algumas falam sobre sua localização social/residencial, outras falam de vínculos familiares, sobre seus filhos, sobre suas idas a salões de beleza, sobre os efeitos da pandemia em suas vidas; e, só depois entram no assunto que foi perguntado. Esse é um traço comum nas entrevistadas independente de sua cor ou recorte geracional. As entrevistadas falam pouco sobre suas lembranças, mas adiante voltaremos as mesmas entrevistadas falando de maneira mais decupadas sobre suas adolescências e sua relação com seus cabelos. Agora na sequência também trataremos de quatro depoimentos, só que dessa vez com mulheres negras.

Amanda (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: E conforme você foi crescendo na adolescência, como passou a ser a sua relação com seu cabelo?

Entrevistada: Eu alisei o meu cabelo na minha adolescência inteira. É… e sempre foi uma relação ruim com meu cabelo, nunca gostei do meu cabelo, né? Mas na verdade eu não conhecia o meu cabelo porque eu não… eu não tinha lembrança dele natural. E o… e, sei lá, eu só fui ter essa quebra, né? … de… de me dar conta disso, de que eu *não conhecia o meu cabelo natural quando eu entrei na faculdade*[7] por conta da minha formação especificamente, as discussões que tinha nas disciplinas. E… e a partir daí que eu comecei a me questionar e querer ver o meu cabelo, assim, sabe? Quase como que uma coisa de curiosidade. "Ah, não, eu quero saber como é que eu sou de verdade, como é que eu sou sem alisar o cabelo". Eu acho que é… é nesse momento que tem essa… tem essa quebra. Mas na adolescência em si, ele sempre foi alisado e eu me lembro de coisas muito marcantes assim, tipo de não ir à praia porque eu tinha feito escova no cabelo, se eu ia num lugar, tipo, tinha oportunidade de ir numa piscina, e aí eu não entrava ou eu não ia, ou se tava muito sol eu não ia também porque ia suar e aí meu cabelo ia deixar, né? … de ficar no formato lá da escova. Enfim, eu lembro de várias restrições que eu tive que fazer por conta do cabelo, assim, do tipo de não fazer coisas que eu queria fazer, pra não deixar de ter o cabelo liso, né? Porque ele era com escova, então qualquer umidade ele já dava sinais de feiúra pra mim.

Agatha (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: E como que foi quando você foi crescendo, assim, na sua adolescência, como é que passou a ser sua relação com o cabelo?

Entrevistada: É… eu, na verdade, *eu fui aprendendo a lidar com meu cabelo*[8]. Eu tive a fase de andar com ele amarrado, mas eu não… deixava ele sempre preso, eu não tinha… eu não queria… eu acordava, eu passava um creme e eu amarrava ele. Eu não queria ter aquele contato, tanto assim, né? E deixava ele alí. E aí depois eu fui soltando ele, soltei meu cabelo. E aí eu comecei a gostar dele desse jeito, eu já não ligava mais pras críticas. Na adolescência eu já usava ele solto, black… eu nem ligo. Nem ligava e hoje em dia eu ligo menos ainda. E… é o meu jeito de lidar com meu cabelo. Eu aprendi, eu também não sabia as coisas que eu tinha que fazer no cabelo cacheado. É eu conheci outras pessoas com cabelo cacheado que me ensinou a fazer outras coisas no meu cabelo. Aprendi muita coisa com esse tempo, eu aprendo até hoje… eu aprendo a lidar com meu cabelo. Até hoje eu… continuo aprendendo, cada dia que passa eu vou aprendendo [risadas] como lidar com meu cabelo de uma forma diferente.

Bruna (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Conforme você foi crescendo na adolescência, como é que era o seu cuidado, assim, com seu cabelo?

Entrevistada: Aí minha adolescência foi aquilo, né? Eu entrei nesse colégio, aí… era muita gente com o cabelo liso, escorrido…com menos volume. E o meu cabelo sempre foi assim. Aí começou aqueles processos de alisamento. Eu fiz… é… eu fiz alguns. [inaudível] Alguns pra não dizer muitos, né? [risadas] Eu usei vários tipos. É…vários produtos. Até guanidina eu usei. Entendeu? Foi muito alisamento pra abaixar o volume, pra… pra… por… isso que eu tô te falando… pra abaixar o volume, pra reduzir. Mas não… não adiantava muita coisa não.

Cintia (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Ao longo do tempo, assim, na adolescência, como é que passou a ser a sua relação com seu cabelo?

Entrevistada: Não, eu gosto do meu cabelo. É... queria até que ele fosse mais cheio, né? É... até já tentei parar de... de usar química, mas o máximo que eu consegui é uns 6, 7 meses... aí fica muito difícil pra... pra pentear, aí eu fico com preguiça e vou... e volto pro relaxamento. Mas já usei muita trança. Adoro trança, adoro... só que agora eu já tô com 41, eu tô ficando carequinha aqui na frente... aí eu tô evitando essas coisas que possam agredir a raíz, né? Mas se eu pudesse, agora eu estaria de trança, de... Ah, esqueci o nome, tem um que eu acho lindo. Eu

---

[7] "No ensino superior, as mulheres, que já eram quase 60% dos concluintes em 1990, ampliaram sua presença na década, atingindo percentual superior a 61% em 97. Constituem maioria também – 55,1% – entre aqueles que ingressaram no ensino superior, pelo vestibular de 1998. Não pairam dúvidas, portanto, sobre o avanço das mulheres na aquisição de escolaridade, o que lhes propicia maiores credenciais para seu ingresso e permanência no mercado de trabalho em ocupações que requerem estudo. Uma análise dos percentuais femininos por áreas do conhecimento, no entanto, revela que, tanto no ensino técnico e profissional quanto no nível superior de ensino persistem determinados guetos femininos que se reproduzem, posteriormente, no mercado de trabalho." (BRUSCHINI & LOMBARDI, 2001, p. 167) Aqui nesse trabalho, as mulheres, assim como Amanda, entraram a faculdade e se formaram, fazendo parte de um grupo privilegiado da população.

[8] Mais uma vez que o termo "lidar com o cabelo" aparece.

fazia muito nagô, né? E... e eu gosto... tem um... não é dread não, é aquele que é... que é um nome evoluído do dread, não sei se é... se é [inaudível]. É alguma coisa com "O". Enfim, eu acho muito bonito... até pensei em fazer, mas eu acho que pelo peso não... pode dar… problema aqui (apontando para área sem cabelo).

Os quatro depoimentos acima apesar de breves trazem muita riqueza de informações na relação dessas mulheres negras com seus cabelos na adolescência (lembrando que são depoimentos de mulheres negras com menos de 45 anos). Temos desde depoimento onde a entrevistada disse parar de usar alisamento para, em suas palavras, saber como é seu cabelo de verdade. Também falou das restrições que sofria para manter o cabelo alisado e esconder os sinais de feiura. Trata-se de um depoimento forte denotando muitas dificuldades no período da adolescência. Um outro depoimento é interessante para perceber como esse processo de aceitação está vinculado ao processo de aprendizado. A entrevistada que na adolescência já usava cabelo black, mas que segue aprendendo a lidar com seu cabelo. Temos também depoimento onde a relação com o cabelo na adolescência foi apenas de alisamento. Tivemos, então, quatro depoimentos com uma riqueza de variedade. Mais adiante teremos depoimentos mais longos e mais detalhados dessa época da vida, que surgiram em momentos aleatórios das entrevistas, é possível perceber que não há uma pergunta seguida de resposta. Trata-se apenas de um trecho onde as entrevistadas voltam a falar de sua adolescência. Logo abaixo surgem dois trechos de mulheres negras (Laura e Marta) com mais de 55 anos contando memórias de suas adolescências.

Laura (mulher negra mais de 55 anos)

É… depois dessa pasta (de cabelo) eu acho que não passou mais nada, se passou era henê até mais ou menos os meus 18 anos, até 18 anos, que aí, eu cortei meu cabelo Black Power, e a partir dos 18 anos eu resolvi assumir a negritude. E aí eu fui… é… mudei meu modo de vestir… é… por eu cortar o cabelo eu me lembro que ele… eu passava… eu nem sei se podia ser pasta, era alguma coisa que alisava, então, ele devia ser por aqui assim [cabelo na altura da cintura]. Aí, a minha mãe falou: "tá muito comprido o seu cabelo, vou cortar". No que cortou aqui, fez assim: [som com a boca para representar o cabelo caindo]. Saiu o peso. Quando eu olhei pra mim e vi aquele cabelo, porque quando ele tava aqui ele tava lisinho por aqui assim. Quando foi cortar que… olha, chorei, me descabelei, foi um show até que a minha mãe resolveu cortar mais, e aí virou Black Power, que era até o nome que dava. Aí, então, dali… eu peguei e fui ler, e fui buscar, mudei minha roupa, minha roupa ficou mais colorida. E aí eu comecei a usar uns brincos enormes, é… é… eu já usava brinco, mas eu não me lembro se era tão grande, mas eu me lembro que eu comecei a usar argola, usar brinco mais pendurado, minhas roupas eram mais africanas e… ou seja, mais coloridas, e cai no ombro e… e enrola… pega um pano e enrola. E daí, isso eu tava com 18, depois eu fui fazer pré-vestibular, aí meu cabelo continuava Black Power, mas no cursinho a minha roupa já tava mais moderada. Ela só era mais assim quando eu ia pra festa. Aí depois, eu fui pra faculdade, e aí nessa época eu comecei a fazer dança afro e não me lembro como era o meu cabelo. Eu sei que devia ser alguma coisa prática porque eu fazia muita aula de dança e eu fiz [dança] afro 8 anos. Então, é… além de eu estar vendo como é que era a dança negra, vendo como… é… porque a dança afro falava do culto também aos santos, né? [...] Então, todas as danças eram ligadas a um orixá. Mas não se falava… ele nunca falou: "é orixá tal". Não. Ele dava uma coreografia e a gente seguia aquilo que ele dava. É… e aí tinha o arco e flecha, eu me lembro que tinha o espelho, tinha o da armadura [...] Que dizer cada professor, ele enfatizava uma parte da dança afro. E quando eu fui pra essa professora… é… eu era assim, é… eu tinha molejo nos braços, na perna, mas no quadril não. Então, foi ela que ensinou como dançar afro mexendo os quadris. E aí, eu também fiquei com ela não sei quanto tempo, eu sei que deu um total de oito anos. [...] Agora, nesta época, como eu vivia, assim, num meio mais de artista, era assim a gente era mais despojado [...] mas eu não consigo me lembrar como é que era o meu cabelo nessa época, é…

porque aí quem cuidava do meu cabelo era eu, então… ah, eu… eu sei que eu fazia touca, teve uma época… quantos anos eu devia ter? Que surgiu época de peruca. Então, eu tinha um cabelão aqui, mas eu fazia touca e botava a peruca. Porque? Porque a peruca o cabelo era liso, e tudo que eu queria era ter o cabelo liso. Isso, já tinha passado da fase dos 18 e da identificação, porque? Porque eu estava na faculdade… não, foi bem antes. [...] E aí, na faculdade, talvez eu fosse… como só tinha eu de negra, talvez eu agisse mais… mais pra branco, porque só tinha eu de negra na minha turma. Então eu não me lembro como é que era o meu cabelo nessa época. É… aonde eu tratava do meu cabelo? Eu sei que depois eu descobri um cabeleireiro, que era o Brasil, que aí ele passava uma química em que o cabelo, de princípio eu queria ele liso. Então, o Brasil foi um cara, ele cuidou do meu cabelo anos e foi daí que meu cabelo cresceu. E aí, ele passava uma química que ardia… é… eu ficava sentada lá na cadeira dele não sei quanto tempo e depois o cabelo não ficava totalmente liso, mas ele ficava liso mais natural. Eu fiquei com o Brasil até mais ou menos eu descobrir o Beleza Natural, porque aí o Brasil morreu. Então, eu devo ter ficado com ele, eu acho que mais de dez anos. Aí, nesses mais de dez anos, *muita gente que ia lá fazer o cabelo não eram negros.*[9] A maioria por incrível que pareça eram brancos, e aquilo me chamava atenção, que brancos que tavam indo pra alisar cabelo; porque pra mim branco sempre teve cabelo liso. O que que estavam fazendo ali? Né? Inclusive, eu não sei nem se eu vi alguma vez ali alguém negro alisando quando eu tava. Se eu vi, acho que foi uma vez só. Mas me chamava atenção, até porque cabeleireiro é caro, né? É… pessoas brancas alisando o cabelo. Eu não me lembro quanto tempo eu demorava com o Brasil… não sei se uma hora, uma hora e pouco, porque ele era muito cuidadoso. E essa fórmula que ele passava era uma fórmula que era dele, que ele disse que foi o pai dele que fez e o pai dele passou a receita pra ele. [...] Aí, depois ele morreu, fiquei com a assistente dele, e aí, depois a assistente deixou de trabalhar, foi aí que eu fui pro Beleza [salão Beleza Natural]. Aí, eu fiquei no Beleza muitos anos até que fechou o de Ipanema. E aí, agora eu tô com uma que ela faz… deve ser a mais ou menos a fórmula do Beleza, que fica tudo cacheado. Mas assim, é a época que eu resolvi assumir que eu era negra foi quando eu fiquei com o cabe-... eu já… eu já tive cabelo natural, é de deixar Black, mas assim, eu usava pente de garfo, eu tenho até hoje. E me dava muito mais trabalho, mas me dava muito trabalho. Porque eu tinha que… que passar creme pra não… pra ficar macio, eu tinha que ver com o que que eu ia lavar, aí eu tinha que fazer massagem. É… o pente… aí eu penteava, aí você fica horas, porque aí esse lado fica maior do que aquele, aí você bate nesse… aí você sobe tudo. Aí, depois eu passava não era creme de pentear, mas era sempre um creme que passava. E é… e assim, quando eu comecei a me vestir mais África era um… eu não ligava muito sobre o que as pessoas iam falar ou deixar de falar. Era como eu gostava de me vestir. Realmente, era muito colorido, eu usava muita saia, muito vestido, é… usava cinto grande…. É… muito colorida. E o cabelo, às vezes, eu até botava turbante, mas não era sempre não. Usava brincos grandes. É… e teve a época que eu usei Black Power, aí quando eu tava trabalhando, que eu trabalhava de meio dia às seis, eu resolvi botar máquina zero no meu cabelo. Mas aí, já que eu tava com ele bem baixinho, eu botava brincão, *pra não acharem que eu era homem.* Então, eu me maquiava muito, *eu criei uma pessoa, uma figura exótica.* Mesmo com o cabelo baixo, eu *nunca deixei de ser negra*. Eu botava brincão, eu usava roupas também ainda coloridas ou às vezes não. No trabalho era mais moderado. Mas, pintava os olhos, e o cabelo mesmo baixo era sempre tinha algum adorno, né? Às vezes eu botava… ai, como é que chama aquilo? É… não é fivela não… é… ah, cheguei a usar arco, é… ou então, presilha [...] E eu sempre fazia um estilo, mesmo, aí quando o cabelo crescia um pouco, aí eu ia com… "mas você quer que corta?"; "quero, eu quero que corte [...] É… e aí era ótimo que não me dava quase trabalho, porque eu lavava ele, passava um creme, é… penteava com pente, né? [...]E aquele cabelo era ótimo, ele me simplificava muito a vida. E aí diziam assim pra mim: "como é que você tem coragem de cortar tão pequeno?" Eu falei: "cabelo cresce, agora ele tá assim, mas…". Coragem. Então, todo mundo ficava muito admirado, porque ele era bem baixinho mesmo. "E você não tem medo de ser confundida?". "Confundida com o que?". Né? Então, eu já me maquiava, usava batom, brinco grande, pra ver que eu sou mulher… Eu não sou um homem. É… né? E… e as pessoas ficavam, assim, da coragem de eu cortar ele tão curto. Porque hoje raspa, cê vê naquela época não era assim não. Ter ele curto era assim: " como é que você corta o seu cabelo tão curto?". "Ué, eu chego lá e peço pra cortar máquina 1 ou 0… é só pedir". Porque… é… como não crescia muito, era isso. E aí eu pedia pra fazer a nuca, então eu… a nuca ficava assim: aqui eu falava com ele: "abre aqui assim". Então, meu cabelo da nuca aparecia, só que ele era mansinho. E… e aí eu fiquei muito tempo, e acho que depois disso foi com o Brasil, e aí, depois do Brasil foi o Beleza Natural e assim, a influência do cabelo quando eu era criança e na adolescência foi muito marcante. Porque enquanto minha mãe me mandava,

[9] Essa surpresa expressada por Laura, de ver um cabeleireiro especializado em cabelos crespos e cacheados atendendo pessoas brancas pode ser explicada pelos estudos de Nilma Lino Gomes [2002?] que fala da clientela prioritariamente atendida por estabelecimentos étnicos, a saber, negros e mestiços. Diz a autora que há uma "classificação atribuída devido ao pertencimento étnico/racial do proprietário ou proprietária, à especificidade do serviço oferecido, a saber, o trato do cabelo crespo e à existência de um projeto de valorização da beleza negra. Assim, o termo étnico, ao se referir aos salões, às cabeleireiras, aos cabeleireiros e à sua clientela, é usado pelos sujeitos envolvidos [...] e por uma grande parte do mercado de cosméticos no Brasil e nos EUA como sinônimo de negro." Se o termo étnico é socialmente usado como sinônimo de negro nesses espaços, então ser frequentado por pessoas brancas pode gerar o tipo de estranhamento sentido por Laura.

era ela que mandava. Na adolescência é que foi a complicação de eu escolher como e o que fazer. Porque alisar eu não me lembro que eu acho que era henê, eu não lembro dessa época o que que eu fazia com meu cabelo na época da adolescência. É… eu acho que era alisado, agora quem alisava eu não me lembro de eu alisando o cabelo, então, não sei. É… essa época, assim, de 19, 20 eu tava com o cabelo Black tipo, foi quando eu cortei com 18, e aí, eu entrei pra faculdade, eu acho que eu tava eu não sei onde tá minha foto de formatura mas eu acho que eu tava com o cabelo Black nessa época. É… quando ele crescia um pouco, aí eu ia pra aparar, porque era complicado ficar no tamanho ideal.

Marta (mulher negra mais de 55 anos)

E havia um estranhamento da minha parte com aquela figura que às vezes eu curtia, às vezes não curtia, mas eu queria ser livre, adorava praia, eu era maior rata de praia. Então, o alisamento para o meu cabelo era uma desgraça, porque ou eu ficava com ele uma merda, ou eu me divertia na praia, e eu queria ir pra praia mesmo; ele virou de fato uma gaiola aprisionante, sabe assim? Foi… foi um momento muito complicado, que aí quando eu ingressei na universidade, eu fiz a vira, né? Eu fiz o… eu vi o giro. Isso em 1982, eu entrei com 17 anos; foi quando eu comecei a não querer mais alisar o cabelo, né? E aí, era um ou outro, já andando com os crespos, as brancas, fazendo seus… é… como é que é o nome daquilo, era… que frisava o cabelo…

Entrevistadora: Babyliss, não sei…

Entrevistada: Esqueci o nome daquele troço?

Entrevistadora: Não era Babyliss não…

Entrevistada: Não, Babyliss é recente.

Entrevistadora: Era…

Entrevistada: Não, isso é recente

Entrevistadora: Ai, eu sei, quer dizer… Hum?! Permanente?! Não sei. Alguma coisa que… [inaudível]

Entrevistada: Permanente!

[risadas]

Entrevistada: Permanente, pois é. E aí, eu comecei a usar mesmo, minha mãe começou a reclamar. Aí veio um… um tipo de… Um… um salão afro que era o Afonjá, que tinha em Copacabana, foi antecessor do Beleza Natural; e ele veio com essa estética do relaxamento, que eu cheguei a fazer algumas vezes, mas no final dava ruim porque eu pedia só pra tirar um pouquinho do crespinho daqui, e teve um dia que deixou o cabelo chapado na minha cara e eu falei: eu não tenho essa cara. Aí eu ia pra debaixo do chuveiro e lavava, lavava, lavava, lavava pra tirar aquilo pra poder voltar pra ir ao ponto que eu queria. Então isso foi me trazendo assim, tanto… tanta irritação, que teve um dia que eu falei assim: "Bastou. Eu não vou fazer mais". E passei a assumir o meu cabelo. A minha mãe entrou em desespero total, total. Quando ela viu eu com o meu cabelo natural, né? Soltando, ela começou a querer criar caso e aí que é o mais engraçado da história, né? Que eu cheguei pra ela e falei assim: "Olha, se encher o meu saco, eu vou fazer trancinha de nagô." [risada] E aí, ela falou porque ela sabia que eu era apaixonada pelas trancinhas. Quando a gente ia pra Salvador que eu via o [inaudível] gigante passar, eu enlouquecia, eu ficava louca com aqueles homens lindos, maravilhosos, sabe assim? E ela dizia assim pra mim: "não é pro teu bico que tu é muito pálida pra eles", porque eles só ficavam com mulheres negras retintas, né? [risada] Eu me sentia uma [inaudível], assim, sabe? Eu sempre me sentia um resto... Porque os homens eram lindos, maravilhosos, gigantescos, super, aquela cor, né? Então quando eu falei pra ela: "vou usar trancinha de nagô", ela congelou porque ela sabia que era um passo que eu precisava pra fazer. [risada] E ela não queria, porque aquilo era assumir uma negritude muito forte, né? E por mais que ela me ensinasse que eu era negra… e ela também só se identificava como mulata, né? Ela dizia que nós éramos mulatas, por não ser retinta, né? E… insistindo, né? O que que era isso, e ao mesmo tempo combatendo, uma coisa muito contraditória, né? Porque havia essa posição também de se assumir negro de uma certa forma mas um negro que precisava ser aceitado, né? Aceito, né. Que precisava… é… que não precisava sofrer [inaudível] tanto [inaudível] para manter sua naturalidade. Então era um conflito eterno, né… em relação a isso. Então eu cheguei pra ela e falei assim: "eu não vou mais", "não vou mais", "não vou alisar" e aí ela começava a achar… buscar subterfúgios, ela e meu pai, que ficava assim: "ah!"... ela dizia pra mim assim: "ah… as pessoas dizem pra mim que você é muito bonita, mas que melhorasse o seu cabelo…". Eu falava: "ah… então eu vou ficar feia, porque eu não vou melhorar nada, meu cabelo vai ficar assim". [risada] E aí ela ficava desesperada, sabe? E pronto, a partir daí eu passei a dizer assim: "não… esse é o meu cabelo". E eu gostava dele, já tinha conseguido ficar um pouco maior, era bem cheio, né? E a partir daí, né… dos 19… 18/19 anos em diante, é eu passei a usar o meu cabelo natural, que eu curtia, incomodava porque não era… não tinha produtos adequados. Até aí, você tem toda uma coisa de tentar manter, mas… é… sem a chance de um cuidar que era acessível, [inaudível] pelo menos dentro do espaço urbano naqueles recursos que estavam disponíveis pra nós, né? Essa era a diferença.

Esses dois depoimentos acima são muito interessantes, são duas mulheres negras com mais de 55 anos trazendo à tona memórias de suas adolescências. Ambas falam que foi na adolescência que ficou mais forte o processo de do que seria "assumir a negritude". Cada uma fala desse processo de uma maneira bem pessoal. Para Laura chama a atenção sua identidade visual, uso de roupas com estampas africanas, fosse usando perucas ou com o cabelo completamente raspado, reafirmava sua identidade negra através do que chama de uma figura exótica. Também é interessante que na adolescência fez dança afro o que julga ter fortalecido a construção de sua identidade negra. Conta que na faculdade era a única pessoa negra e que passava uma química forte nos cabelos que chegava arder. Interessante que Laura conta que estranhava a presença de pessoas brancas no salão de beleza para alisamento capilar, associava pessoas brancas a cabelos lisos. Por fim, neste depoimento, diz que fazia de tudo para que não pensarem que era homem devido ao uso do cabelo muito curto, além disso faz uma colocação forte quando afirma que nunca deixou de ser negra por usar o cabelo raspado.

Já Marta ao falar sobre o processo de assumir seu cabelo na adolescência começa afirmando que só queria ser livre. É curioso como a figura materna aparece em seu depoimento, como sua mãe se desesperava com as decisões da filha. Marta afirma que a mãe não negava a negritude completamente, mas se via como mulata e não como negra por não ter a pele retinta, era uma compreensão como um negro que precisava ser aceitado. Existem traços de encontro nos dois depoimentos. Inclusive o salão Beleza Natural aparece na fala das duas mulheres como um ponto de tratamento em algum momento quando eram mais jovens.

Além de saber sobre os momentos, principalmente da infância para a adolescência, compreendem esse período de forma temporal, também estabelecem uma relação espacial, ou seja, espaços frequentados nessa época da vida. Assim a universidade se coloca como um espaço de observação interessante, por geralmente vir logo após a adolescência e entrada na vida adulta. Importante destacar que a universidade se coloca em contraste com o colégio, despontando como um espaço de liberdade e de maior diversidade. Escolas e universidades são espaços-chave para o autoconhecimento pessoal.

Sobre as escolas, Gomes (2003) observa que funciona como um espaço específico de formação, vai além dos currículos, disciplinas, regimentos, normas, provas. Segundo a autora, trata-se definitivamente de um espaço que interfere na construção da identidade negra e o olhar sobre a cultura negra na escola pode tanto valorizar identidades como "estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las, negá-las." Gomes (2003) segue afirmando que as experiências de preconceito racial vividas na escola (sobre corpo, cabelo, estética) ficam na memória do

indivíduo mesmo depois de adultos quando adquirem consciência racial, ainda que busquem superar a introjeção do preconceito, as marcas da violência sofrida permanecem em suas memórias. Gomes (2003) diz ainda que "a ausência da discussão sobre essas questões, tanto na formação dos professores quanto nas práticas desenvolvidas pelos docentes na escola básica, continua reforçando esses sentimentos e as representações negativas sobre o negro." (GOMES, 2003, p. 176) Todas as entrevistadas, tanto brancas quanto negras, das mais variadas idades se recordam da escola como um ambiente conflituoso, mas as entrevistadas negras especificamente se recordam o ambiente escolar de vivências racistas. É nesse sentido que devemos abrir um questionamento sobre se o ambiente escolar é mais nocivo do que o ambiente universitário e como seriam as especificidades desses ambientes. É evidente que as pontuações levantadas por Gomes (2003) não evaporam e deixam de existir por se tratar de um novo ambiente, nas universidades toda essa problemática se mantém, talvez ganhando novos contornos e novas formas de relações entre os sujeitos. Mais adiante veremos o que as entrevistadas falam sobre o ambiente universitário.

As universidades são mais citadas nas falas das entrevistadas do que os colégios. Dessa forma as entrevistadas foram perguntadas sobre a relação com seu cabelo na época da universidade. De agora em diante acompanharemos suas respostas, daremos início com os depoimentos de Raquel e Eduarda, duas mulheres brancas com menos de 40 anos.

Raquel (mulher branca menos de 40 anos)

Entrevistadora: E, mas teve alguma mudança que chamou mais sua atenção? A gente está falando mais de épocas da vida, mas relação a espaços que você frequentava, fosse nessa, na natação como você falou, ou na escola, ou quando você entrou na universidade, não sei se você faz faculdade, mas nesses ambientes, você acha que teve alguma mudança? No modo como você cuidava do seu cabelo ou como as pessoas falavam sobre o seu cabelo, nesses ambientes?

Entrevistada: Ah, sempre, sempre elogiaram bastante meu cabelo assim, tipo, eu tinha acho, minha parte preferida do meu corpo, é meu cabelo, eu o adoro (risos), e não sei assim, acho que sempre chamou atenção por ser cacheado e loiro né, não sei (risos) e é isso.

Eduarda (mulher branca menos de 40 anos)

Entrevistadora: Você falou da família, assim, do núcleo familiar, falou agora da escola também. Falando desses ambientes, assim, é… de escola, universidade, o que que você acha assim, que teve de mudança, se é que teve alguma mudança, na forma como você via o seu cabelo nesses dois ambientes?

Entrevistada: Olha, eu vou te falar um negócio, isso é uma coisa muito curiosa assim, porque eu estudei numa escola que é uma escola pública. Só que é uma escola pública muito elitizada, assim né? É... foram dois momentos, eu entrei no CA, no sorteio, né? Na época o CA, que hoje em dia é o primeiro ano, então, assim, até a quinta série, a grande maioria dos estudantes eram alunos negros. É… e aí na quinta série tinha aquele vestibulinho, não sei se lembra dessa história, [risos] que os alunos fazem tipo um vestibular pra entrar no Pedro II, CA, Colégio Militar, né? E aí nessa leva vem muita gente, aqueles alunos de classe média que estudava em escola particular, e aí vem aquela chuva branca pra dentro da escola assim. [risos] E são geralmente esses alunos que terminam a escola, porque esses alunos negros, de classes mais desfavorecidas, né? É… eles acabam saindo da escola, porque a escola, ela tem uma política de que se você reprova duas vezes você é jubilado e expulso da escola. É… então você chegava no terceiro ano, assim, a grande maioria dos alunos eram brancos. E aí na escola o tempo todo, eu era menina que fazia escova progressiva. É… e aí eu fui fazer faculdade com um ambiente, meu ambiente de universidade também era um ambiente extremamente elitizado. É… e lá eu continuei com a minha escova progressiva. E aí…

Entrevistadora: Você fez aonde?

Entrevistada: Eu fiz na [faculdade federal]. É… e assim [faculdade federal] antes de qualquer política social, assim, só tinha gente branca na minha turma. Tinha pouquíssimas pessoas negras na minha turma e aí enfim, cabelo não era uma questão na faculdade, eu simplesmente fazia a escova progressiva e continuava. O lugar em que eu realmente mudei a minha concepção de cabelo foi quando eu comecei a dar aula na escola pública. É eu trabalho numa escola, escola do Estado, e eu diria que, assim, 90% dos meus alunos são negros. É… e nessa escola, coincidentemente, assim, eu tive muitas alunas que eram meninas que tavam tentando ser blogueiras no Instagram, e etc. E aí tinha uma que ela já tinha uma irmã meio famosa e essa irmã dela era dona de salão, e aí essa menina tava também tentando fazer a carreira dela, ela tinha lá o perfil dela no Instagram. E um dia eu cheguei na escola com o cabelo, assim, muito louco e aí meio atrasada, tal. E aí ela veio falar comigo, ela falou: "professora, porque você não passa não sei o quê no seu cabelo?". Aí eu falei: "o que que é…?". É… "Como assim? Não conheço esse creme". Ela foi começou a me falar dos cremes: "ó, tem esse creme, tem aquele creme, tem esse creme que você pode passar… aí você passa assim, você molha o cabelo quando você acorda" - não sei o que - "faz isso". Aí eu falei: "ah, tá bom". Aí fui, comprei o creme e tal, e aí eu comecei a entrar nesse mundo assim, foi quando eu realmente eu entrei no mundo. Porque aí ela tem o cabelo muito mais cacheado que o meu essa menina. E aí na época eu comecei a meio que seguir umas blogueiras que ela tinha me indicado, só que elas não tinham o cabelo parecido com o meu, e aí os cremes não davam certo, não sei o que. Até o dia que eu achei uma menina na internet, assim, que ela tem o cabelo exatamente… foi um achado isso pra mim… ela tem o cabelo exatamente igual o meu: cabelo fino, é… cacheado, mas se você também lava e não faz nada ele só fica muito cheio, ele não toma forma. E aí foi essa menina que mudou, esse ambiente escolar, né? Em que as adolescentes falavam comigo, porque eu chegava… às vezes eu chegava, tava lá sete da manhã, às vezes eu chagava muito desengonçada, assim, pra dar aula. E aí elas vinham e eu era… eu sou *uma professora que eu sou próxima dos meus alunos*, né? Eu converso bastante com eles e tal. E aí elas vieram falar comigo tipo: "professora, passa isso aqui no cabelo, vai ficar melhor", e não sei o que. É… e aí foi nesse momento em que eu realmente mudei a minha postura em relação ao meu cabelo, porque até então eu até parei de fazer escova progressiva. Só que eu continuava fazendo chapinha no cabelo… é… porque o meu cabelo começou a cair muito porque eu tenho o cabelo muito fininho. E aí em algum momento o meu cabelo parou de dar conta daquele monte de escova progressiva, e aí eu tive que parar de fazer. E… mas eu não abandonei o cabelo liso, eu ficava fazendo escova, chapinha, é… e aí teve uma época que eu parei de fazer no cabelo todo, eu fazia só assim na parte que é mais cacheada do meu cabelo, que é uma parte de cima aqui. [...] Aí chegou o momento que meu cabelo ficou completamente caótico. E aí foram as alunas da escola que vieram e falaram comigo: "professora, isso aqui, não sei o que… não sei o que", [risos] elas me deram o… o caminho das pedras assim. É… e isso é um negócio que eu já pensei muito sobre, porque eu fiz [Universidade Estadual], eu fiz faculdade na [Universidade Estadual] também, mas eu fiz também um curso muito elitizado, fazer economia. É… grande maioria dos alunos da faculdade eram brancas, o cabelo liso, não sei o que… nunca teve esse questionamento. É… eu sempre trabalhei em curso de idiomas e as professoras geralmente desses cursos que eu trabalhei eram mulheres brancas de cabelo liso e tal. É… e foi realmente o ambiente… quando eu entrei na escola como professora, que essas alunas se aproximaram de mim e falaram sobre isso, aí eu falei: "pô, deixa eu começar a olhar isso aqui". E aí foi quando eu realmente… eu lembro do primeiro dia que eu finalizei cabelo e sai de casa com o cabelo finalizado, assim, porque eu tava até me sentindo um alien, eu falei: "nossa senhora". Mas foram as meninas, me encorajavam muito. Eu chegava na escola com o cabelo cacheado, elas: "professora, seu cabelo tá lindo hoje". É… elas me encorajaram muito a descobrir como mexer no cabelo. Eu diria que foi esse momento quando eu comecei a trabalhar como professora nessa escola pública.

Os dois depoimentos acima merecem destaque por serem duas mulheres brancas com menos de 40 anos falando de como seus cabelos foram tratados na adolescência. No primeiro depoimento, apesar de muito curto, se destaca pelos elogios, a entrevistada afirma que seus cabelos sempre eram elogiados, que era a parte preferida de seu corpo, que seu cabelo sempre chamou atenção, ela supõe que seja por se tratar de um cabelo loiro e cacheado. Já a segunda entrevistada, naturalmente com cabelos pretos e cacheados, conta que na adolescência era conhecida por fazer escova progressiva. Interessante como a simples coloração dos cabelos já pode supostamente mudar a forma como é socialmente tratado.

A adolescência da segunda entrevistada não foi tão marcada pelos debates sobre cuidados com seus cabelos. O que chama a atenção é a inevitável comparação entre sua adolescência e a de suas alunas. A entrevistada afirma que ao longo de toda sua vida negou seus cachos, só quando passou a dar aula em uma escola que sofreu a *influência de suas alunas*. As adolescentes falavam com a professora e incentivavam a mudança, isso provocou a alteração na postura de Eduarda que parou com a escova progressiva. A entrevistada diz que as adolescentes deram o caminho das pedras, que encorajavam, davam dicas, é só assim ela teve condições para usar seu cabelo sem química.

Nesse ponto fica latente o *fazer* dos educadores, especificamente a relação da professora com suas alunas. Gomes (2003) afirma que nas relações onde há alguma forma de proximidade e confiança dos alunos com seus professores, isso ocorre muitas vezes pelo próprio comportamento do professor. A autora pontua que se o educador for adepto de uma prática pedagógica conservadora ou "neutra" frente a questão racial, o espaço de confiança com os alunos não é criado e o grupo de alunos, tanto negro quanto branco, deixa de viver uma experiência escolar que poderia ser enriquecedora. (GOMES, 2003) Assim, a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar e a escola tem a responsabilidade educativa de compreender sua complexidade, assim como as outras identidades construídas pelos sujeitos. (GOMES, 2005) Interessante ver como em poucos anos as gerações mudaram em relação aos cuidados com os cabelos cacheados. Também é interessante ver na própria fala de Eduarda sobre seu histórico escolar, sobre sua passagem pela escola na infância e na adolescência e em como era sua relação com seu cabelo nessas fases da vida. E posteriormente ver Eduarda falando de uma outra experiência escolar, dessa vez na função de professora e como sua relação com suas alunas negras mudou a forma como cuida de seu cabelo. É o espaço escolar surgindo em momentos diferentes, épocas diferentes, proporcionando vivências diferentes. Assim, vemos que a posição de Eduarda mudou de quando era aluna para quando virou professora.

Agora veremos como ocorre essa questão para as mulheres negras mais jovens entrevistadas.

Agatha (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Teve alguma mudança, assim, que chamou a sua atenção? Na escola, na universidade quando você entrou; você acha que o jeito que você cuidava do seu cabelo, por exemplo, antes de entrar na faculdade, mudou alguma coisa assim?

Entrevistada: Eu tô notando uma mudança de quando eu entrei. Eu tinha uma certa mania de amarrar ele aqui em cima ainda, e hoje em dia eu gosto de usar ele bem mais solto. Quanto mais cheio ele tiver melhor pra mim. Assim, eu tinha uma mania de chegar e lavar ele todo dia… uma mania de lavar ele todo dia, o cabelo, pra deixar ele assim, baixo, né? E aí, hoje em dia, eu… [inaudível] pra ir pra faculdade, ficou muito diferente é… de uns tempos pra cá. Eu… e vou pra faculdade, eu não preciso lavar o cabelo, não… não me importo. Deixo ele do jeito que ele tá, que é o jeito dele, que é solto, cheio.

Entrevistadora: Você tava falando que na faculdade, antes você usava o cabelo mais preso… aí, que você voltou a usar ele mais solto… era isso, né?

Entrevistada: Mais solto, sim. Tá. Eu vi também, quando eu entrei, que as pessoas me achavam muito diferente. Muito. Ainda mais pelo cabelo. Era sempre… todas as pessoas que falavam comigo ali, até hoje se eu voltar lá eles falam: "Ah, você é muito diferente". Eu pergunto o porquê e eles falam: "Ah, porque o seu cabelo é de um… é desse jeito". Você é diferente dos outros alunos, o seu cabelo é bonito. Tipo, sempre tem mas… sempre falam mais do meu cabelo, né? Diferença, mas… falam mais sobre o meu cabelo.

Bruna (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Então, a gente tá falando, assim, de uma questão temporal, né? Da infância pra adolescência. Mas e em questão de espaço, assim, se você pensar… você falou do seu… do bullying na escola, é…esses espaços: a escola, e aí um pouco depois a universidade. Você fez faculdade, né?

Entrevistada: [inaudível] [risadas] Tô quase, tô quase.

Entrevistadora: Tá quase. Nesses espaços, assim, como que você percebe que foi o modo que você usou seu cabelo? Assim, tanto na escola quanto na faculdade?

Entrevistada: Na escola foi controlado, né? Então, assim, ele sempre tava assim… bem preso, ou eu ia de escova, é… ou eu fazia tranças. Eu fazia muita trança, eu tive muita trança… [inaudível] às vezes eu ia de Maria Chiquinha. Tudo porque se eu… às vezes… sei lá… tinha foto, essas coisa. Colégio de rico, né? Eles inventam…[risadas] inventa coisa. Aí, quando soltasse ficaria menos assim, sabe? Controlado, bonitinho. Então ele vivia assim: preso no coque, é… *trança embutida, trança lateral*, rabo de cavalo, *rabo de cavalo com trança*. [risadas]… na escola era assim. Já na faculdade, aí já veio aquele momento de aceitação, né? Eu não tinha isso, era só liso, liso, ditadura do liso. Na faculdade, é… eu já tive um pouco mais de liberdade porque eu via todo mundo… muita gente com o cabelo assumido, sabe? Eu falei: "ah, então, vamos lá… vamos ver o que que vai dar aqui". Vou… aí eu passei a cuidar melhor, aí eu vi que esses produtos com [inaudível] não fazem bem pro meu cabelo, nem pro couro cabeludo. Né? Aí eu fui lá… aí eu… estamos aí, faço o cronograma, umectação… eu faço isso tudo, apesar de não parecer, mas eu faço. [risadas]

Entrevistadora: Você faz *cronograma capilar*[10], você falou?

Entrevistada: Uhum. Eu faço, tem que fazer, se não não fica bom não. [risadas] Eu… tem vá-... alguns, alguns cremes de pentear. Assim, eu compro creme de pentear. Minha sobrinha tem o cabelo mais bem [inaudível]; o dela é 3… deixa eu ver… 3c, o meu já vê, é 2a/2b, sabe? É ondulado, ele é mais ondulado que cacheado. Então, assim, se eu testo o produto, se não prestar no meu cabelo eu dou pra ela. Aí a gente se dá bem. Então eu faço isso, então eu nunca jogo coisa fora. Aí tô tentando me adequar a isso e tentar assumir, se libertar porque é uma ditadura, você fica refém daquilo: passa escova, passa prancha, produtos. Sempre, assim, eles falam: "ah, não tem formol". Tem formol, tem o mínimo que a legislação permite, então tem formol. Então, a longo prazo você vai ver se vai te dar… você vai ver o que vai dar. Dizem que dá até câncer, né? Então, assim, aí… foi isso, foi bem isso. *Na escola foi uma situação um pouco opressora*[11]*,* assim. Mas já na faculdade eu já sentia essa liberdade, eu via outras meninas com… é… assumindo seus cabelos, eu tive mais liberdade. Mas mesmo assim, o meu curso, ele não dá tanta liberdade como os demais. Né? Eu faço… tô terminando Direito. Então você já sabe como é que é. É… [risadas] já não é uma faculdade famosa, assim, por ter é… por… sei lá… ter bons… sei lá, bons hábitos de aceitação, né? Não é.

Entrevistadora: Cê faz aonde?

Entrevistada: Na [universidade estadual]

Cintia (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: E... você acha, assim, que teve alguma mudança que chame a sua atenção? É... eu não sei, eu não perguntei a você se você tem curso superior. É... se nesses espaços, isso... de alguma forma tem alguma mudança. Seja da escola, e aí conforme você foi... no colégio, como é que era esse tratamento? Né? Se você fez curso superior, se você foi pra faculdade... ou em ambiente de trabalho.

---

[10] Cronograma Capilar – "O cronograma capilar é a pedida ideal para manter os seus cabelos fortes e saudáveis. Ele é uma sequência de tratamentos que oferece a nutrição, hidratação e a reconstrução para fios 100% saudáveis." Fonte: https://www.belezanaweb.com.br/loucas-por-beleza/como-fazer-cronograma-capilar/

[11] Essa situação opressora no ambiente escolar vivida por Bruna está ligada a um processo descrito por Gomes (2002) em que a escola representa uma abertura para uma vida social mais ampla, o contato é diferente do estabelecido "na família, na vizinhança e no círculo de amigos mais íntimos." A autora frisa que nascer uma criança negra e ter cabelo crespo em uma comunidade negra é muito diferente de ser uma criança negra e ter cabelo crespo em um ambiente de brancos. Assim, o ambiente escolar acaba se configurando um dos primeiros momentos de "contato interétnico", onde as diferenças emergem e se destaca um "nós" (criança e família negra) em oposição aos "outros" (colegas e educadores brancos). (GOMES, 2002)

Entrevistada: Quando você diz uma mudança em relação à aceitação… com as pessoas sobre o cabelo... não?

Entrevistadora: É mais assim, por exemplo, a... sobre os ambientes que você frequentava. Então, de acordo com o ambiente, se tinha uma mudança no modo como as pessoas falavam do seu cabelo. Como é que você sentia isso?

Entrevistada: Hum... pera aí... [...] você diz assim, por exemplo, é... tem uma coisa que eu percebo, é delicado, assim, falar, né? Mas, por exemplo, eu percebo que quando eu tô num ambiente como... quando eu tô na Zona Norte, eu acho muitas pessoas que se aceitam. Tá? Eu moro na Zona Norte, enfim, aqui eu vejo muita gente como eu, me sinto bem e percebo que as pessoas se sentem bem. Agora, se eu for pra Zona Oeste, pra Zona Sul, eu vejo muito menos gente como o cabelo como o meu, muito menos gente se aceitando, enfim. É... eu acho que mudou muito... pô, hoje eu tenho 40, em relação a quando era criança ou quando era adolescente... pô, a gente se aceita muito mais, eu percebo em mim às vezes... que antigamente... um exemplo mínimo, né? Eu prendia o cabelo, aí ficava aqueles os miojinhos aqui, em pé. Aí eu ia lá, passava uma água, passava creme. Hoje eu falo: "cara, vou passar nada, é o meu cabelo, vou passar nada", "se quiser reparar que repare". Gente, sabe? Aí, acho que foi muito bom, a gente se libertou, eu me cobro muito menos. Essa coisa que eu te falei que agora eu faço de vez... 6 meses sem relaxar, jamais eu faria isso a um tempo atrás. Já ia ficar na neura: "caraca... um mês, dois meses... meu Deus, minha raiz tá enorme". Agora ela tá baixinha, porque eu fiz tem duas semanas, e como ele é muito fininho, ele custa a encher. E aí quando ele enche eu gosto, então, assim, eu só faço mesmo porque fica um parto pra pentear, porque se não eu deixaria, entendeu? Então, é... assim, eu me aceito em relação a isso e eu percebo que no meu entorno as pessoas também se aceitam. Mas, assim, eu fiz faculdade, eu tenho amigos de todo tipo, tenho... enfim, amigos da minha classe, tenho amigos que não tiveram a mesma oportunidade que eu, tenho amigos que já nasceram num berço de ouro. Então, por exemplo, quando eu vou aos amigos que já nasceram em berço de ouro, eu não me identifico, sabe? Eu não me vejo ali, eu não vejo pessoas como eu. Eu chego no lugar e falo assim: "caraca, cadê o meu povo, entendeu? Cadê...? Sabe? É... é diferente. Eu tô com meus amigos, eu me sinto bem, mas sabe quando falta alguma coisa? É não sei se é... se era isso que você queria, que te atende agora, né?

Os comentários acima são de três mulheres negras com menos de 45 anos. Não se trata de momentos especificamente durante a adolescência das entrevistadas, mas sobre breves memórias sobre suas passagens pela universidade. A faculdade é observada aqui como um espaço frequentado logo após a adolescência (início da idade adulta) e também é interessante saber como foi a relação dessas mulheres com seus cabelos nesse espaço e nesse momento da vida.

A primeira entrevistada, Agatha, observa que durante a faculdade passou a gostar de usar o cabelo mais solto, mais cheio. Também disse que em sua faculdade as pessoas a achavam muito diferente. A segunda entrevistada, Bruna, fala sobre momento de aceitação, diz que se aceitou na faculdade, se sentia livre que via mais gente com cabelo assumido. Foi quando passou a se dedicar mais ao cabelo, fazendo inclusive cronograma capilar. A terceira entrevistada, Cintia, disse ver muita diferença entre os ambientes que frequenta, que vê diferença entre as pessoas na Zona Norte e Zona Sul, por exemplo. Também afirmou que na faculdade as pessoas se aceitam muito mais.

Interessante como as três entrevistadas falaram sobre sentir mais liberdade no manejo de seus cabelos durante a faculdade, fosse usando o cabelo mais cheio, sem química, elas não falam que o julgamento é menor, mas indicam que entraram em processo de aceitação. Tanto nesses depoimentos quanto nos próximos fica subentendido que a adolescência é um momento

que fica marcado, pois é quando as mulheres passam a cuidar de seus próprios cabelos. Ainda que continuem tendo influências do meio social, o tratamento dos cabelos passa a ser de responsabilidade própria, assim a busca pela identidade própria aflora. Também fica implícito que a relação com a família muda nesse período de transição entre a infância e a vida adulta. Com muitas novas mudanças, teoricamente de maior impulsividade (aqui devemos desmistificar os mitos da adolescência, subvertendo o conceito). Além, é claro, de ser o momento da iniciação sexual, do interesse por parceiros e de ser olhada a partir do desejo. A puberdade surge como uma questão, inclusive fica a cogitação de se o próprio cabelo "naturalmente" num sofre alterações na adolescência (textura, volume, cor). Essas são questões que devem estar como pano de fundo desse debate.

Lucia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Falou da escola… mas assim, além desse intercâmbio, você lembra? Não sei, quando você fez faculdade? Não sei se foi aqui, se foi lá [América do Norte]. Mas como é que era esse espaço pra você? Na tua relação com o teu cabelo.

Entrevistada: [...] Na faculdade… eu fiz faculdade aqui já mais velha e, tipo assim, num ambiente, eu moro na [América do Norte] agora [risadas]. E eu fiz faculdade aqui já mais velha com uns 27 em uma cidade mega multicultural, gente de todo jeito, é… é… mulher com véu, mulher de cabelo crespo, branco, negro, loiro, ruivo. Cada um com seu cabelo do jeito que quer e eu nunca senti, assim, pressão pra ser nada aqui. Eu sempre me senti essa sou eu, [inaudível] do jeito que eu quero. Várias belezas diferentes sendo valorizadas. Não, meu cabelo, assim, eu sou… eu tenho preguiça com cabelo então eu uso ele assim, a minha vida inteira uso ele assim, de cabelo preso porque eu não gosto de cabelo na minha cara, porque eu não tenho saco de acordar e fazer, por exemplo, quando pro meu cabelo ficar bonito, que assim, eu acordo e ele vai ficar é, assim, eu pareço uma leoa, né? [inaudível] Primeira coisa que eu tenho que fazer é prender, porque não tem jeito mesmo, eu teria que… fazer um… molhar ele todo, passa meu produto, apertar, ou então enrolar pra formar os cachinhos, usar meu difusor, ou então deixar ele secar naturalmente. Aí fica lindo cacheadinho, do jeito que eu gosto. Mas eu não tenho saco de fazer isso todo dia, então eu prendo ele muito. É, mas quando eu lavo, eu adoro. Eu passo meu produto e deixo ele secar naturalmente fácil-fácil. [risadas] Ham… mas é, em ambientes diferentes com certeza a relação foi diferente, mas eu dei sorte de ter tido… assim… de não ter me sentindo… apesar que eu sempre senti que o meu cabelo, assim, no Brasil, quando criança, senti que a valorização realmente era outro padrão de beleza. Assim, sempre achei que, como eu te disse, eu era a irmã… irmã da gata, tinha prima gata, eu nunca fui a gata. Então, porque… [risadas] eu era muito comum, assim, né? Mas não era uma coisa que me reprimia, mas assim, eu via a minha prima, [inaudível], que me… que me conectou com você, era uma das da família, das primas que tinha cabelo cacheado. O dela era bem mais cacheado que o meu, o dela é mais cacheado-crespo, né? Ela sofreu pra caramba, assim, a irmã dela, eu lembro, ela me contou isso outro dia antes da sua pesquisa… é… dela me falar da sua pesquisa, assim. Ha uns meses atrás, ela me contou...eu fiquei muito… ela era minha melhor amiga quando a gente cresceu. E o cabelo dela sempre foi super crespo, não é igual o meu que parecia que não era que eu não sabia que era crespo, que eu achava que era curtinho e ficava meio ondulado. O dela sempre foi claramente cacheado/crespo, e parecia um *anjinho* quando ela era… quando ela era pequenininha. Quando ela foi ficando mais velha foi ficando mais crespo e eu fiquei depois muito amiga da irmã dela que é mais velha, e ela me contou umas coisas que eu não lembrava. Quando a gente era criança, a irmã dela chamou ela, disse pra ela que ela tinha cabelo de Bombril. E me colocou pra falar isso também. [risada] Eu não lembrava disso. Eu pedi… eu pedi perdão pra ela, eu tinha sei lá quantos anos, 5 anos… sei lá, 6 anos. É… nossa, eu fiquei horrorizada. E eu falei pra ela: "que coisa horrorosa". E ela ouvia isso por o cabelo dela ser mais crespo, entendeu? É… cabelo de Bombril. Eu ouvia expressões que eu ouvia quando eu cresci.. quando eu era… quando eu cresci assim, que eram super comuns: "Ah, não sei quem tem cabelo sarará", "tem cabelo de Bombril", "tem cabelo…" é… assim. Mas eu não lembro de nenhuma expressão… é… assim, pra cabelo liso por exemplo. Nunca vi ninguém falar: "Ah, tem cabelo…" - sei lá - "... espaguete", "tem cabelo…". Não existe isso. Assim… tudo bem, "ah, tem cabelo lambido", mas a gente não… é… você vê muito menos do que…Ser lambido é quando é escorrido assim, mas é…mas não era. Não tinha a mesma… o mesmo peso assim, sabe? E… eu sei que pra ela foi bem mais complicado porque mais crespo do que cacheado, entendeu? Não tinha essa coisa ambígua que eu tinha, quando eu era criança que eu nem sabia que eu tinha cabelo cacheado.

É… que mais? É… é isso. Hoje em dia, num ambiente de trabalho também, num ambiente de trabalho [inaudível] também de bastante diversidade, aceitação. [...] vou de cabelo cacheado pro trabalho, mas eu vou passando a mão, vai chegando no final do dia tá todo bagunçado. Aí, sei lá: "e se eu fizer escova pra ir pro trabalho?". [...]

Ruth (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Você já falou mais ou menos na época da escola, como é que foi assim o ambiente da universidade? Não sei se você fez universidade… Aonde você fez? Qual foi? Mas como é que foi esse ambiente pra você?

Entrevistada: Ah, era mais livre. Eu estudava em [zona sul do Rio de Janeiro], eu fiz Administração, depois eu fiz dois Mestrados: Dança e Administração também. Não vai me perguntar porque [risos] que eu fiz Dança e Administração, que é tão fácil pra mim explicar… [risos] vou te explicar: porque a disciplina e a Dança me fez… o balé me fez, assim, super disciplinada e organizada. Depois eu virei coreógrafa na Dança, tive companhia de dança, viajei muito pra fora. E… se você não tem disciplina, se você não é organizada não funciona. Então, mas na faculdade, eu estudei numa faculdade muito liberal, que era [Universidade Particular] de [zona sul do Rio de Janeiro], na primeira turma de lá. E eu passei pra estudar a tarde, então, era todo mundo muito livre, a gente ia pra praia de manhã, e depois só botava uma saia e ia assistir aula… uma bagunça… [risos] ah, era uma farra doida. Mas enfim, é… eu não assumia o meu cabelo ali não, viu? [risos] E tinha cabelão, mas era ali… ali eu… não, acho que era ainda alisamento, porque depois que passou pra relaxamento, eu fiquei muitos anos no relaxamento. Mudou o nome, a soda cáustica talvez fosse um pouquinho mais suave. Cê já alisou, ô Jéssica?

Seguimos acima com dois comentários de mulheres brancas com mais de 50 anos. A primeira entrevistada conta sobre sua experiência na faculdade, ela considera que fez faculdade tardiamente, em uma cidade multicultural, onde podia ficar do jeito que queria. Também traz à tona uma recordação de sua infância onde humilhou uma prima, chamando de cabelo de Bombril, e que anos depois pediu desculpas. Além disso, disse que atualmente não se preocupa com o que falam como era em sua juventude. Sobre a experiencia na universidade, a segunda entrevistada afirma que se sentia mais livre, que sua faculdade era muito liberal, que todos eram livres. Mas diz que mesmo assim não conseguia assumir seu cabelo.

Lurdes (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: É… mas a gente tá falando de uma questão temporal, né? Infância, adolescência, a gente tá caminhando assim. Queria propor agora uma questão dos espaços, assim, que a gente caminhasse por alguns espaços. É… teve alguma mudança que chame a sua atenção em relação aos espaços que você frequentava? Na escola, na universidade por exemplo, ou no trabalho. Esses espaços, assim, como é que foi… é… a tua relação com o teu cabelo nesses espaços?

Entrevistada: Bom, na escola eu acho até que eu já falei bastante. Na universidade, é eu fazia Teatro na [Universidade Pública], e aí eu acho que a coisa pulverizou, [...] tinham pessoas negras com o cabelo bem assumido, é tinham pessoas de orientações sexuais diferentes, tinham gays, tinha tudo, o anfiteatro na [Universidade Pública], era uma liberdade total. Então, assim, né? Não te… eu acho que aí foi quando a coisa pra mim virou normal, quando o meu cabelo deixou de ser uma questão, porque era… ali era… pra você ver… tava muito bem inserido. E depois, eu também fui trabalhar com meio de teatro, também depois trabalhei em televisão, uns anos fazendo figurino. E não sinto, assim, em nenhum desses lugares o meu cabelo foi jamais uma questão, porque era um ambiente todo muito livre assim. É… e as pessoas eram muito assumidas com os seus estilos… e eu acho até estimulado. E eu quando eu comecei a trabalhar com figurino, eu comecei a me vestir com roupa de brechó, com o que eu pudesse achar de mais diferente. Quando eu fui morar na Europa pra fazer Mestrado em Teatro, é… também… eu era muito diferente das outras pessoas, né? Porque era no Norte da [País Europeu], basicamen-... eu era a única brasileira da cidade, de que eu saiba. E eu tinha esse cabelo diferente, mas eu me vestia já muito diferente, já era um ambiente de teatro, então, assim, era uma diferença para o positivo. Meu cabelo, nessa época, chamava muita atenção por uma coisa muito legal. Então, é… eu acho que foi uma força, na verdade, pra mim. Né? Na verdade, há muitos anos que eu trabalho sozinha no meu… não tem mais um ambiente como um escritório. Mas uma coisa que eu reparo, porque depois eu passei, já na minha vida adulta, né? Depois de já ter filhos, voltei a fazer as pazes com o salão para… quando eu comecei a pintar. As poucas vezes que eu comecei a pin-... como eu comecei a ter cabelo branco, eu falei: " não, não vou querer, vou passar… tô passando tonalizante".

E aí toda vez que eu ia pro salão, a… a pergunta era assim: "e a escova?". Aí eu falei: "não, não". Ao ponto de eu falar assim: "não, não… eu sou hippie, eu gosto do meu cabelo enrolado". Porque isso já… [risada] eu comecei a fazer, as poucas vezes que eu fui ao salão pra fazer alguma coisa, antes de pintar, alguém me perguntava: "mas tu não quer fazer uma escova?". E aí eu falava: "não, eu não gosto de escova, eu gosto do meu cabelo enrolado". É… aí, quando eu comecei a pintar mesmo pra tirar os brancos foi isso, era toda vez e as pessoas perguntavam. E assim, depois… dependendo o que, eu fui mudando. Eu sou muito fiel a um salão, mas alguma outra vez que eu fui pra um outro, me perguntavam. E recentemente, eu fui num outro salão, também a mesma coisa: "ué, mas não vai fazer escova?". [risada] Assim, incrível, né? A pessoa olha um cabelo desse, e ela. e a pergunta é: "não vai fazer uma escova?". Eu falo assim: "não, eu adoro os meus cachos", [risadas] "não vou fazer". Então, essa coisa do salão é uma coisa que eu percebo que, em geral, as pessoas tem essa tendência de achar que todo mundo faz escova até hoje, mesmo vendo… né? Os cabelos que todo mundo tá usando hoje em dia, cacheado ainda, né? [risadas] É isso.

Julia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: É... Você falou ao longo do tempo né, mas só pra gente frisar mais assim, ao longo dos espaços que você frequentou tem alguma coisa que te chama mais atenção? Esses espaços mais fixos, escola, trabalho, na universidade quando você entrou, teve alguma coisa assim?

Entrevistada: mais marcante? Eu sempre me senti descabelada, mas por um lado eu nunca, acho que até um certo prazer em me sentir diferente, porque todo mundo faz escova, todo mundo é loiro, todo mundo pinta o cabelo, tem um padrão né, aquele padrão Barbie né e fica aquela coisa meio pasteurizada né, padrão do que é belo aí como eu sou pesquisadora, estudei um pouco de Filosofia, o meu conceito de beleza é um pouco mais assim, eclético né. Assim, a minha vaidade é fazer exercício, me alimentar bem, eu não sou assim, claro eu gosto de ta assim, por exemplo, eu estava atendendo, eu não vou atender toda [fazendo sinal de cabelo bagunçado com a mão], eu gosto de ter um...um… a minha vaidade eu sinto que é uma vaidade diferente do padrão, mas eu sou, eu sou ascendente em Leão tem a coisa do cabelo e... dá juba né, mas assim, eu sinto que é uma coisa diferente dessa estética que nos é embutida né, por um lado eu me sinto diferente, mas ao mesmo tempo eu gosto, né. Mas as vezes eu fico pensando "meu Deus, como é que eu arrumava namorado senhor?" [risos], e só namorei menino bonitinho, vou falar baixo porque meu marido tá aqui [risos]

Temos acima dois comentários de mulheres brancas acima dos 50 anos. A primeira entrevistada traz as memorias de sua universidade como um ambiente de liberdade total, quando seu cabelo se tornou "normal", que se achava diferente e gostava disso. Conta que quando foi fazer mestrado em outro país, se sentia a única brasileira na cidade e que também gostava de ser diferente. Já agora, com a chegada dos cabelos grisalhos (que voltaremos a falar no próximo capitulo), começou a pintar, mas segue se recusando a alisar os cabelos. A segunda entrevistada falou que ao longo da vida se negou ao padrão Barbie e que seu padrão de beleza é mais eclético. Curiosamente, assim como as outras entrevistadas também disseram, afirmou que se sente diferente. É interessante como para as mulheres entrevistadas ter cabelos crespos/cacheados faz com que se sintam pessoas diferenciadas.

Marta (mulher negra mais de 55 anos)

Entrevistadora: E em relação aos ambientes que você passou, você lembra, assim, é… porque você tá falando muito da casa, né? muito do lar, da família…Fora da casa, em outros ambientes, escola, você falou um pouco da universidade quando você entrou, tendo contato com algo novo, como que foi?

Entrevistada: Estranhamento, Jéssica. Como é com todos nós até hoje, como é com você. O estranhamento, ele sempre prevaleceu nas nossas relações fora do domicílio, né? da área domiciliar, da família. Então, assim, na família o padrão era o mesmo, né? dessa coisa de sintonizar, de ter meio que uma certa competição de quem é o mais crespo, de quem é o menos crespo, porque na verdade, quem é mais preto e menos preto, né? ou mais branco, se preferir. Mas fora desse ambiente familiar em que os iguais estão ali, né? Nesse inter relacionamento, que às vezes ele é positivo e às vezes é menos. Fora desse raio, [inaudível] um estranhamento [inaudível] de me proteger também, eu consigo hoje ter essa leitura. Né? E… é isso, né? As pessoas, na educação básica, que pra gente era científico, hoje é o ensino médio, é assim, até os 10 anos eu estava pobre, né?…

[inaudível] que pegava todo aquela área da Pequena África, ali da parte da Central, né? Da Lapa. Então era uma comunidade pobre, mas era racista sem sombra de dúvida, né? Mas o estranhamento era um pouquinho menor. A minha grande dor, ela surgiu quando meu pai me tira dessa escola que era pra uma classe C, digamos assim, e me coloca numa escola classe B, da Tijuca, né? E tijucano é o povinho, né? É... conservador, reacionário, bolsonarista [risada], e tudo... o que é. E era de uma classe média, que é... e o que que eu costumava dizer o que que é a classe média tijucana, é aquela que pensa que é sem nunca ter sido, né? Então era uma escola extremamente elitista, né? Branca, em que o meu corpo era um... então foi um dos momentos mais racistas que eu sofri na vida, foi extremamente doloroso, e... eu tive uma inadequação completa à escola. Então as pessoas estranhavam minha cor, estranhavam meu cabelo, eram agressivos, e eu só escapei de uma agressividade maior, de uma certa forma, me ignoravam, né? Eu me relacionava com poucas pessoas, e algumas, sempre com esse estranhamento do cabelo, de quem eu era, da minha condição de ser mais pobre porque meus pais pagavam aquela escola com muita dificuldade. Mas eu escapei por duas razões: uma, que eu fiquei três anos nessa escola, eu fiquei na sétima, na oitava e no primeiro ano. Nos dois primeiros anos, tinha uma colega e ela era branca, ela descendia de holandeses, só que ela era muito feia, então, as pessoas canalizavam pra ela os seus preconceitos, né? E era violento, e justamente por isso eu colava com ela. Eu tinha mania de procurar aqueles que eram os mais rejeitados, né? E eu defendia muito ela. E o outro detalhe é que embora eu fosse a negra, né? Eu tinha um corpo apreciável. Então eu era a negra gostosinha. Tá, só que eu era fechada. Eu trancava, por alguma razão, eu me aproximava de um ou outro e tinha uma relação de amizade. E aí eu tinha uma fuga, e a minha fuga se chamava [inaudível] principalmente meninos que gostavam de ter um contato, me procurassem pra conversar, e esses meninos acabavam me protegendo. Né? Então, eu tinha uma relação com a escola que tipo eu odiava a professora de Geografia, que ela era muito chata, e tinha um professor negro, que era o de Matemática, que era o único que realmente me entendia e eu adorava ele, muito legal, mas eu não conseguia avançar na disciplina dele de jeito nenhum, [...] em compensação, em História eu conseguia tirar 11 numa prova que valia 10, eu pegava História assim, eu devorava, e o professor de História me adorava porque eu era simplesmente a melhor aluna da escola pra ele. Então, eu tinha uma rela-... [inaudível] ... então ao mesmo tempo que eu, se eu não ia tão bem em determinadas matérias, era mais Matemática mesmo, né? Mas as outras nem tanto. Em outras eu mostrava um certo brilhantismo, então era confuso, né? Aonde eu me situava? Os professores ao mesmo tempo que me consideravam inteligente, né? Eu tinha aqueles conflitos de afastamento de tudo, né? E isso fazia com que alguns colegas me respeitassem porque quando a gente ia pro debate eu ia, né? Eu debatia, eu questionava, eu trazia. Então isso trazia uma certa coisa tipo assim, "epa, pera aí, quem ela é?" né? Só que eu não conseguia me adaptar à escola. E aí eu acabei tendo uma reprovação em Matemática. E aí é uma coisa muito interessante, que o professor de Matemática, ele dizia assim pra mim: "você não precisa passar por isso", e eu nunca entendi o que essa frase queria dizer. Eu só entendi quando a reprovação veio, porque foi a minha única reprovação da minha história de vida. Aliás... aquilo foi um baque pra mim porque eu saí de uma escola em que eu era referência, né? Eu era super inteligente, eu era... primeiro ano de escola eu era a primeira da turma. Eu pulei [inaudível], eu pulei para o primeiro ano, porque eu era muito preparada. Eu aprendi a ler cedo, eu aprendi a escrever cedo, né? Eu sempre gostei de escrever. Então, eu saí de um lugar em que eu era protegida, querida, tinha boas relações e etc, pra uma escola que era agressividade pura pra mim. Então, eu me considerava burra, eu não só me considerava feia; eu era feia, burra, eu não interes-... numa fase da adolescência que a… a atividade sexual se inicia, eu não era atraente pros meninos, é o complexo, né? da mulher negra nessa fase inicial da vida. Você não serve, você serve para ser usada, mas você não serve pra ser amada, então, é a solidão da mulher negra no seu… no início, né? desse processo. [inspiração profunda] Então, quando veio a reprovação é que me veio o baque e aí eu percebi o que tava acontecendo, e eu falei assim: "não sou eu, é a escola; eu não consigo ficar aqui". E aí eu tive que negociar com os meus pais, porque pra eles, eles estavam super chateados, mas, e com muito sacrifício pra pagar aquela escola. E eu falei: "eu não quero mais ficar nessa escola, essa escola vai me matar; eu não tô feliz, eu não tô bem". Né? Os meus pais não compreendiam muito bem, e aí, meu pai, eu pedi pro meu pai me botar num lugar, numa escola em que eu pudesse cursar o segundo ano normalmente e fazer a dependência porque já tava começando esse processo. E meu pai tinha um certo medo de fazer isso, porque ele achava que essas escolas não seriam tão boas, e ele… e a escolaridade pra minha família era a principal coisa que eles podiam me dar, né? é a saída, né? do pobre… do pobre negro é a escolaridade, ainda mais da mulher negra, porque minha mãe tinha isso na cabeça, "você precisa estudar pra você ser independente", e eu levei ao pé da letra isso. Né? Então, eu tive que negociar com meu pai pra ele me colocar numa escola, ele chegou a pensar na [escola particular], que era mais barata, mas eu não quis, e aí eu fui pro [escola particular]. E aí eu fiz a guinada, né? E aí, foi aí que eu comecei a trabalhar… a trabalhar?! Não foi trabalhar. Ne trabalhar, no sentido de superar aquilo… a [universidade estadual], né? A [universidade estadual] sempre foi muito mais popular, ela sempre teve muito mais negros do que a [universidade federal] que era o nome de referência, mas ainda sim havia estranhamentos, né? Ainda assim a gente era aquele grupo… ah, o grupo do tapete. A Biologia era uma bagunça, né? pra os alunos… muito… a galera, né? muito metida à [universidade particular], nem todo mundo era [inaudível] nem nada. Mas eu já tava aprendendo a me defender mais em relação a minha negritude. E me defender, a autodefesa, sempre foi uma coisa que as famílias negras deram aos seus filhos e filhas, né? Mas, é… quando eu ingresso na universidade, eu me estabeleci ainda mais nesse papel de que só eu podia me defender, né? Meus irmãos não moravam comigo,

né? era eu, minha mãe e meu pai. Minha mãe tinha alguns problemas de saúde. Meu pai tava praticamente saindo de casa. Então, a minha defesa, ela teria que ser forjada pra que eu pudesse me manter nesse espaço que era um espaço de agressão. E aí eu me colocava como [inaudível], mas tinha isso das pessoas perguntarem, por exemplo, quantas vezes eu lavava meu cabelo no mês, né? Vinham umas falas assim, e aí eu, como eu sempre fui muito combativa e debochada; aí eu respondia: "mais do que você lava suas mãos num dia". E aí, né? entravam os conflitos, né? Aquela coisa toda, mas eu… era combatente, né? só que isso não significa não ter dor, porque a rejeição, a negação, né? O lugar de humilhação que nos colocam é o lugar da dor, né Jéssica? Então essa coisa fica. Agora, obviamente que na atualidade isso vira uma bandeira, uma bandeira de luta, né? Você trazer para o corpo toda a representatividade do que que é a luta negra. E que, isso só que isso comigo começou muito cedo sem que eu tivesse nome pra isso, né? E hoje eu… nós temos nome pra isso, né? Aí tem um letramento racial que ele só vem porque a universidade te coloca nesse, nesse confronto, né? É, porque… o meu espaço domiciliar não me faz isso, porque eu não ocupo um espaço de classe média, então a classe média, ela é embranquecida, e ela é controladora desses corpos.

Esse último depoimento é de uma mulher negra com mais de 55 anos e é interessante por trazer muitos questionamentos. Enquanto muitas das outras entrevistadas se recordam da universidade como um espaço de liberdade, essa última entrevistada afirma que sentia estranhamento. Ela começa seu depoimento falando de sua adolescência e do processo de mudança para uma nova escola, que ela considera extremamente elitista. Prosseguindo, ela afirma que foi o momento em que mais sofreu injúria racial na vida, que era uma completa inadequação, que estranhavam sua cor e seu cabelo. O que a salvava dos ataques, além de outras coisas, era o fato de ter um 'corpo apreciável'. Ser uma boa aluna também fazia com que alguns colegas a respeitassem. Mas reafirma que havia saído de uma escola onde era protegida, querida e tinha boas relações para uma escola que era agressividade pura. Essa escola fez com que acreditasse ser burra e feia, tendo uma adolescência difícil, não se considerando atraente para os meninos. Afirma ter experenciado a solidão da mulher negra já muito nova, onde servia para ser usada, mas não servia para ser amada. Ao perceber que o problema era a escola tentou negociar com seus pais para mudar, mas foi uma negociação difícil pois acreditavam que a saída para o pobre negro é a escolaridade, sobretudo para a mulher negra. Também se recorda de um professor negro que teve e que foi importante como apoio e identificação. Diz que as coisas melhoraram ao mudar de escola. Na universidade volta a pontuar sobre o sentimento de estranhamento, embora estivesse aprendendo a se defender mais em relação a sua negritude, havia uma autodefesa sobre as agressões que sofria; que se tornou uma mulher combativa e debochada e assim enfrentava os conflitos. Fala de dor, de rejeição, de negação e de humilhação.

Aqui podemos voltar aos estudos de Novaes (2009) que percebe a adolescência como um período de subordinação à família e a sociedade, havendo simbolismos tanto positivos quanto negativos desse período da vida. Além do fato de serem juventudes diferentes em décadas diferentes, assim os jovens de hoje experienciam coisas distintas dos jovens dos anos 60 por exemplo. Há, sem dúvidas, uma questão geracional. Dessa forma, podemos perceber como a adolescência foi um período de mudanças cruciais na relação dessas mulheres

entrevistadas (independentemente de sua cor ou geração) com o cabelo, algumas falam de "liberdade", de como passaram a se sentir livres cuidando de seus próprios cabelos. Essa maior autonomia em relação ao cabelo fica ligada a uma identidade mais aflorada. Esses processos de alguma forma são afetados pelos espaços frequentados, notadamente escolas e universidades. Todos depoimentos em relação a adolescência são emotivos, mas os depoimentos das mulheres negras com mais de 55 anos são mais carregados de sofrimento ao recordar dessa fase da vida, embora as vezes tragam memórias positivas associadas. Entre as gerações tem-se que tanto as mais jovens quanto as mais velhas falam de espaços importantes e citam muito seu período na universidade, que no geral é ligado a um processo de descobertas.

2 - SOBRE AS INFLUÊNCIAS

2.1. Família

> "Minha irmã sempre muito implicante com o cabelo, principalmente que ela tem o cabelo bem liso, né? Muito cheio, mas liso."

Neste momento da tese é importante introduzir uma questão central da pesquisa que é a relação das entrevistadas com seus familiares e como isso afetava no modo que tratavam e cuidavam de seus cabelos. Muitos familiares eram citados como fortes influências externas e a própria relação intrafamiliar é citada para a forma como as entrevistadas lidam com seus cabelos e como veem a si mesmas. Para compreender melhor como ocorre essa dinâmica se faz necessária uma breve análise onde daremos início com os estudos de François de Singly.

Segundo Singly (2007) existem dois períodos da família contemporânea. Afirma que do século XIX aos anos 1960 é possível constatar uma coincidência entre a instituição casamento e a focalização nas relações interpessoais. Destaca que três elementos formam um modelo de referência: amor no casamento; divisão estrita do trabalho entre homem e mulher; atenção à criança, à sua saúde e à sua educação. Dessa forma, durante meio século foi comum o fato de o homem trabalhar fora e ser o provedor enquanto a mulher ficava em casa se ocupando dos filhos. (SINGLY, 2007, p. 130) Não podemos nesse momento cair na armadilha da generalização, valendo a crítica de se pensar sobre quais famílias são essas que o autor está se referindo. Essa percepção do homem como provedor e da mulher como dona de casa carece de uma discussão mais ampla, vez que mulheres negras muitas vezes não tinham essa figura de homem provedor e cabia a elas a função do sustento e garantia de vida da família. Assim é importante em toda pontuação levantada pelos autores ter essa análise como pano de fundo.

Singly (2007) afirma que a partir dos anos 1960 a modernidade na Europa mudou de direção entrando em um segundo período. Esse período se caracteriza, para a família, pela crítica ao modelo de "mulher dona de casa". Com o tempo a lógica de "família feliz" foi mudando, foi se tornando menos atrativa, onde o que importa é a felicidade de cada um. (SINGLY, 2007, p. 130-131) "O 'eu' é mais importante do que o 'nós', mas ele não propõe, bem ao contrário, o desaparecimento do grupo conjugal nem do grupo familiar." (SINGLY, 2007, p. 132) Assim, ocorre que nessa valorização do reconhecimento de sua própria existência pelo outro há uma valorização da independência e da autonomia pessoal. O autor destaca ainda que o valor do individualismo é mais reivindicado por pessoas que dispõem do que chama de

grande dote cultural e social. Assim, o autor volta a frisar que a autonomia pessoal não pode ameaçar a existência do grupo, não pode ser interpretada como uma desconfiança em relação ao cônjuge. (SINGLY, 2007, p. 142)

É interessante observar a formação familiar tendo a mulher como um sujeito de análise desta estrutura, para tal farei uso principalmente dos estudos de Lucila Scavone (2001) que se põe a refletir sobre a maternidade refutando o determinismo biológico onde às mulheres era reservado o destino social de serem mães. Desse modo, a maternidade compreendia-se como uma construção social designando o lugar das mulheres na família e na sociedade; assim, a maternidade era um elemento-chave para explicar a dominação do sexo masculino sobre o feminino. Cabia às mulheres, na reprodução biológica, o lugar da gestação, do parto, da amamentação e do cuidado das crianças. (SCAVONE, 2001, p. 138) Scavone (2001) segue dizendo que a princípio a maternidade foi tida como um defeito natural, assim a negação da maternidade representaria uma recusa a dominação masculina possibilitando que as mulheres buscassem sua ampla identidade; a autora resgata inclusive a luta política das mulheres nos anos 70 na França com a máxima "un enfant, si je veux, quand je veux" ("uma criança se eu quiser, quando eu quiser") com uma forte reivindicação à livre escolha da maternidade. (SCAVONE, 2001, p. 139) Esta máxima citada rompia com a premissa "tota mulier in útero" onde as mulheres eram definidas pela maternidade.

A autora também recupera a "teoria dos papéis" onde a mulher tem um papel significativo dentro da família (notadamente no âmbito afetivo) e o homem teria um papel instrumental (notadamente de provedor dos bens familiares), garantido o funcionamento do sistema social. (SCAVONE, 2001, p. 142) Para Scavone, a maternidade como símbolo sendo construído ao longo de um percurso histórico, foi cada vez mais se complexificando nas sociedades contemporâneas, tendo a família como núcleo central articulador. Assim, segue a autora se pondo a pensar sobre como, sob a ótica de gênero, devemos questionar o "lugar da mãe" em relação ao "lugar do pai" na família. (SCAVONE, 2001, p. 146) Scavone caminha sua análise introduzindo estudos a partir do conceito de "parentalidade", um tipo de análise que permite compreender a relação de adultos (homens e mulheres) com suas crianças. Nesse sentido, a autora frisa que a maioria desses estudos constata uma parentalidade onde as mulheres seguem tendo uma relação mais comprometida com seus filhos do que os homens, assumindo inclusive mais responsabilidades parentais. (SCAVONE, 2001, p. 148)

Assim, Lucila Scavone (2001) finaliza afirmando:

> Entre o modelo reduzido de maternidade com uma variedade crescente de tipos de mães (mães donas-de-casa, mães chefes-de-família, mães "produção independente",

> casais “igualitários”) e as diversas soluções encontradas para os cuidados das crianças (escolas com tempo integral, creches públicas, babás, escolinhas especializadas, vizinhas que dão uma olhadinha, crianças entregues a seus próprios cuidados, avós solícitos), a maternidade vai se transformando, seguindo tanto as pressões demográficas, natalistas ou controlistas, como as diferentes pressões feministas e os desejos de cada mulher. (SCAVONE, 2001 p. 149)

Essas concepções de maternidade são importantes para compreender a posição da mulher como elemento central e nuclear na estrutura familiar. Neste capítulo, ao serem perguntadas sobre a opinião das outras pessoas incluindo de sua família, muitas mulheres falaram sobre suas mães e outras figuras femininas. É importante aqui destacar que essa mesma figura que surge em lugar de cuidado também pode surgir como lugar de medo, repressão e até mesmo violência. Por isso darei enfoque agora para o estudo de Suely Deslandes.

Deslandes (1994) afirma que quando se trata de violência contra crianças o âmbito familiar é o locus privilegiado desses atos sociais, a autora diz ainda que geralmente são infligidos pelos próprios pais ou responsáveis, trata-se de um conjunto muito variado de ações que podem se enquadrar nos chamados “maus-tratos”. (DESLANDES, 1994, p. 177) Muitas vezes tem o que se configura como “família maltratante” que é compreendida como “partícipe de um problema que envolve uma complexidade de determinantes culturais, sócio-psicológicos, econômicos, religiosos e psiquiátricos, cujas diferenças regionais interferem na sua compreensão” (SANTOS, 1991 apud DESLANDES, 1994, p. 178).

Deslandes (1994) destaca a mãe enquanto possível agressor; assim, de modo geral, a mãe é quem passa mais tempo com os filhos tendo de tomar decisões do dia a dia e manejar a convivência no lar. Mas, segundo a autora, essa permanência no lar pode levar as mulheres a terem frustrações, por se sentirem presas a vida doméstica e não poderem almejar outras realizações pessoais. Esse cenário da mãe como figura agressora pode ser igualado quando o pai também tem um tempo maior de permanência com os filhos e se torna o agressor mais frequente (DESLANDES, 1994, p. 182). Além disso, Deslandes (1994) aponta o desemprego, a baixa renda, a extensa jornada de trabalho, insalubridade, como fatores importantes para a frustração e estresse propiciando a prática abusiva.

Deslandes (1994) finaliza apontando para a compreensão da família a partir de relações onde a criança possa crescer e se desenvolver saudavelmente. Importante destacar que, para a autora, esta análise sobre maus-tratos não deve dicotomizar a família entre vítimas e algozes; aquele que agride física, verbal, mentalmente, deve ser envolvido na atuação, assim como os demais familiares e responsáveis. Desse modo, diz Deslandes (1994) que os cuidados devem ser integrais para toda a família, para todos os envolvidos; uma vez que é a família que continua

sendo a principal referência para crianças e jovens. (DESLANDES, 1994, p. 185) Essa concepção, evidentemente, é passível de contestação e carece de uma análise minuciosa caso a caso. Nos exemplos citados neste capítulo, através das entrevistas que traremos a seguir temos muitas concepções do elemento familiar, dos membros, de suas funções como responsáveis ao longo da vida das entrevistadas, estaremos constantemente entre o cuidado, afeto, responsabilidade e o polo oposto do descuido, da desatenção, não chega a ser exatamente os maus-tratos citados anteriormente, mas é uma relação familiar em algum momento permeada pela dor. Assim é importante frisar que nesse bojo da discussão sobre a maternidade, o lugar do cuidar e do cuidado despendido pelas mães aos filhos como vimos anteriormente não deve necessariamente nos levar a ideias únicas de agressividade ou violência. Aqui, conforme veremos nas entrevistas, podemos apontar que essas mães não são "cruéis" porque são cúmplices do embranquecimento e sim para oferecer aceitação social para suas filhas, muitas vezes como uma forma de amor, proteção e preocupação.

ENTREVISTAS

A primeira pergunta dirigida às entrevistadas foi qual o peso que elas davam a opinião das outras pessoas. A entrevistada Agatha disse que antes dava muito peso à opinião das pessoas, que as críticas pesavam muito, mas que com o tempo foi parando de se importar. Percebe que algumas pessoas que antes criticavam agora também querem cabelo cacheado. Diz que já foi muito criticada por ser diferente, pelo cabelo, afirma que atualmente não vê tantas pessoas falando muito de seu cabelo e que sabe que ele é bonito.

Na sequência, Cintia disse que a opinião das pessoas tem um peso, mas diz que com o tempo as coisas foram melhorando sobretudo quando foi ganhando mais maturidade. Fala muito de seu corpo para além de seu cabelo e de como as meninas que eram consideradas bonitas no colégio eram sempre as de cabelo liso e mais magras.

É interessante ver que mesmo quando não verbalizam serem afetadas por opiniões alheias ainda assim parece que mexe com o olhar que têm sobre si mesmas. Também chama atenção algo interdito pelas entrevistadas que é o modo como as pessoas se sentem confortáveis para tecer comentários sobre a aparência dos outros ainda que gere constrangimentos. E como mesmo elogios podem soar como críticas e cair como ofensas. Mas atentar ao fato de como as entrevistadas buscam mostrar que são livres da opinião alheia. Amanda e Bruna também foram questionadas e as respostas estão a seguir:

Bruna (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Depois da sua adolescência, assim, qual que você acha que… se a gente for pensar, assim, ao longo da sua vida, qual foi o peso da opinião das pessoas especificamente em relação a sua aparência e a seu cabelo? Ao longo da sua vida e hoje.

Entrevistada: Assim, eu pensando agora, eu acho que foi na construção da autoestima, porque… eu fico até emocionada… foi mal… [risos] [suspiro] [...] você vai carregando isso, sabe? E às vezes não… não é só terapia, não é só você desabafar com amigo. Você vai convivendo com aquilo, você sozinho tem que encarar esse processo de desconstrução. Né? Então, assim, é muito. Mas eu acho que agora eu sinto que eu tô mais preparada, mais forte, e aquela coisa, né? Você tá sempre forte, sempre… é… disposta a lutar. Isso é muito chato, muito chato. De você ter que rebater toda hora, de você ter que tá bem toda hora. Então, assim, me afetou na autoestima, porque as pessoas falam: "não, tá lindo", "tá lindo". Aí eu falo: "Obrigada". Mas eu não… eu não vejo nada assim, sabe? Eu não vejo essa beleza ainda. [...]. Mas, eu sinto que tá melhorando, né? Que eu tô mais segura pra falar. Hoje em dia eu não engulo nada, sabe? eu falo. [inaudível]. Mas eu volto a repetir, não é uma coisa que vai… "ah, assim, tem que ir no psicólogo, tem que fazer terapia". Tem, tem que fazer, mas é uma coisa que tem que vir dentro de você. É você que tem que falar pra você assim: "ah, você tá bonita", "você… essa é a sua característica", "você não é inferior a ninguém por conta disso", "tá tudo bem". É você que tem que se sentir assim. Né? Então, isso que eu venho trabalhando. É… eu acho que eu tô avançando. Eu… eu fico emocionada porque não foi só eu que passei por isso, né? Muitas mulheres continuam passando por isso. As minhas amigas passaram por isso. [...] Uma outra amiga nossa. Então, assim, o que também me deixou chateada foi quando eu entrei na faculdade. Eu que era… minha negritude… mestiçagem, o que quiser [inaudível] foi questionada: "ah, você não é tão preta", "você não é…", é… "seu cabelo não é tão assim", "seu cabelo é isso", "seu cabelo é assim". As pessoas sempre apontando e tentando colocar você… é… no estereótipo, no estigma que elas enxergam de você. Só que o… o que ajuda também foi assim, meus pais nunca falaram pra mim: "ah, você é uma menina branca". Pelo contrário, meus pais sempre falavam: "você é preta, você nasceu assim; *o seu tom de pele não é retinto, mas você é preta,* porque…". Isso foi bom porque chegando na escola [inaudível]... "*ah, aquelas meninas são brancas, eu sou preta".* Então, eu carrego isso comigo a muito tempo. Meus pais tiveram a preocupação de me colocar, de me trazer referências de artistas negros, sabe? De mulheres negras… de pessoas pretas que venceram, que são referência hoje em dia. Então, assim, eu ia ao museu e meu pai… eles privilegiavam, é… privilegiava exposições de pessoas pretas. Se eu tinha que ir pra ver um filme, ele privilegiava isso, diretor e não sei o que, ele contava, sabe? Ouvir música também. Ele privilegiava artistas pretos, mistos e brasileiros, né? Também acho que tem esse ponto. Então, é um pouco complicado, porque eu cresci assim e chegando na faculdade tem isso também. Eu acho que o que falta mesmo é as pessoas… é… se unificarem. Eu acho que tá faltando muito isso, sabe? Eu acho que a gente não tá unido porque eu não tô aqui pra chegar o dedo pra uma mulher preta e falar, sabe? O que eu acho dela. Eu não… eu não tenho… eu não tenho que fazer isso, eu não tenho poder pra isso, sabe? Eu não quero fazer isso. É… então, foi isso. Me emociona… me emociona pelo fato de não só eu ter passado por isso, as minhas amigas terem passado por isso, e… sabe? Isso continuar a acontecer, continua a acontecer. Claro que agora, né? A indústria pega a luta, né? E até a nossa [inaudível], e fala: "olha que coisa linda, temos produtos pra vocês". Isso de um lado é muito bom, porque consegue cuidar melhor, né? Da nossa aparência, [...] eu pesquisei, então, eu sei qual óleo vai servir pro rosto, qual óleo vai servir pro meu cabelo, pro meu corpo. É… então é isso, né? É basicamente isso. Foi um pouco opressor, foi um pouco humilhante, mas assim, eu… eu tento superar. Eu me… eu me emociono… Mas eu acredito que eu esteja num caminho assim, de não me afetar tanto como eu me afetava. Eu me afeto, mas hoje em dia, assim: "ah, tu acha isso? Ah, tá bom, beleza". Ou ter um barraco. [risadas] é… é assim, é mais ou menos assim. Mas é isso.

Amanda (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Você fala muito da universidade, então, nessa importância, mas qual o peso da opinião das pessoas quanto à sua aparência e ao seu cabelo?

Entrevistada: Então, depois da faculda-... depois desse… depois dessa coisa da faculdade que eu resolvi deixar ele crescer natural, é… foi… foi muito… foi muito marcante também no primeiro dia que eu cheguei em casa depois de ter cortado o cabelo, né? Que eu dei… fiquei um tempo com ele… é… metade liso e metade crespo e… e aí quando eu cheguei em casa depois de cortar, [inaudível] fizeram comentários super… super… dolorido. Foi pra mim do tipo: " nossa, Amanda, o que que houve?". Tipo, né? Como se tivesse acontecido algo… é… como se tivesse acontecido algo ruim pra mim. E também depois eu me lembro da minha irmã perguntando se eu tava sem dinheiro, é… porque… porque eu não tinha feito o cabelo, sabe? E tudo é em tom de brincadeira, tudo é em tom de piada. Então, naquele iniciozinho que eu tava tentando, né? Nem tava tão convencida assim de que eu queria ver o meu cabelo… assim, era mais uma curiosidade mas eu nem tinha tanta certeza que eu ia conseguir bancar essa ideia. Então, nesse processo pra eu poder… pra eu poder conhecer o cabelo, foi… foi muito doido por isso, porque as pessoas sempre faziam comentários bem, né? Minha família principalmente, né? A minha… a minha tia chegou a falar: *"não, a Amanda agora tá achando que é negra"*.Então, tipo… coisas do tipo. É, minha… minha mãe também falando que… que eu parecia… que eu tava parecendo uma negra, tipo… sempre com esse

tom pejorativo, porque eu acho que a minha família nunca me viu como uma mulher negra, sabe? Tipo, é muito doido isso. Eu quando eu me olho no espelho hoje, eu… eu fico… eu fico muito abismada do tipo: "como assim gente?". Eu sou completamente negra, assim, eu não tenho a menor dúvida, assim, eu não tenho… eu não tenho… Assim, [risada] é até engraçado, porque tipo, é tão doida essa… essa negativa. É claro que em alguns momentos [inaudível] me via, mas eu também nunca me vi como uma mulher branca. Isso eu tenho clareza que eu nunca… nunca me vi assim, mas… eu, assim, [inaudível] como eles falavam, mas nesse nível da época, né? Que eu fiz essa… a transição capilar, né? E aí a galera começou a fazer esses comentários, aí que… que foi tipo… foi bem doido de perceber que as pessoas não me viam como uma mulher negra. E a partir do momento que eu… que eu deixo meu cabelo natural brotar, que as pessoas começam a me enxergar…as pessoas eu digo minha família, né? Eles… enquanto mulher negra.

Os trechos acima são de mulheres negras com menos de 45 anos sendo questionadas sobre a opinião das pessoas e como isso de alguma forma afetava/afeta o modo como lidam com seus próprios cabelos. Bruna foi a primeira entrevistada e disse que a opinião das outras pessoas afetou na construção de sua autoestima, ficou até emocionada em falar sobre o assunto que a afetou e afetou também suas amigas mais próximas. Ao longo de sua vida foi carregando todo esse peso convivendo com essas questões. Foi passando por processos de desconstrução e agora se sente mais forte. Mesmo quando a elogiam às vezes têm dificuldades de assimilar pois não vê essa beleza. Bruna se recorda de quando teve sua negritude questionada, no período da faculdade, diziam que ela não era tão preta. Diz que em sua relação familiar seus pais nunca falaram que ela era uma menina branca, sempre falaram que era preta, embora não tivesse o tom de pele retinto. E que os pais tiveram a preocupação de sempre a cercar de referências de artistas e personalidades negras. A partir dessa colocação de Bruna, cabe a análise de Antonio Guimarães (2011):

> "Cor não é redutível a "cor da pele", a simples tonalidade. Cor é apenas um, o principal certamente, dos traços físicos – junto com o cabelo, nariz e lábios – que junto com traços culturais [...] formavam um gradiente evolutivo de embranquecimento. Preto, pardo, branco. No grupo branco nunca se hesitaria em classificar alguém de pele escura, mas traços finos (europeus) e boa educação. Entre os pardos, estavam certamente aqueles de traços físicos "negróides", mas claros e bem educados. É este sistema de classificação racial por cor – mas não por cor da pele – que vem sendo paulatinamente modificado no Brasil, à medida que o ideal de embranquecimento vai perdendo força. De um lado, a organização política dos negros, que rejeita frontalmente o embranquecimento, e tenta impor uma noção histórica, política ou étnica de raça. Quando se remete à história, a noção reúne pessoas que vivenciaram uma experiência comum de opressão; quando se remete à política, cria uma associação em torno de reivindicações; quando, se remete à etnia, quer criar um sentimento de comunidade a partir da cultura. Em todos os casos, os gradientes de cor seriam contraprodutivos, se não fossem reagrupados para tornar pretos e pardos uma única categoria discreta (não-contínua), que bem poderia ser batizada de *afrodescendentes* ou *negros*. Do outro lado, a cor vem sendo substituída pela cor da pele, como princípio classificatório. Nesse modo de classificar, vigente na Europa atual, e muito utilizada no senso comum jornalístico, mesmo nos Estados Unidos, a cor da pele seria apenas o único critério na classificação. Ou seja, alguns *brancos* poderiam ser chamados de *morenos*, *dark, foncés, brown,* sem serem *negros.* Porque tal forma de classificar estaria se expandindo entre nós, no Brasil? Seria puro efeito da intensidade de nossos contatos com a Europa e os Estados Unidos? Observando mais de perto essa forma de classificar, alguns fatos sobressaem. Primeiro, geralmente o termo branco é etnicizado

> para significar o europeu "de berço", ou seja, sem origem colonial ou imigrante de fora da Europa. Segundo, tal classificação parece conviver com outras classificações nativas. Por exemplo, Obama continua a ser referido como *negro* na Europa e no Brasil, pelo fato de ser negro nos Estados Unidos; ou um capoeirista mestiço brasileiro é *negro* também na Europa, pois é portador da cultura africano-brasileira. Terceiro, tal classificação não se aplica a povos orientais, como chineses, japoneses ou coreanos. A cor da pele se refere a um gradiente entre branco e preto. [...] Apesar de mais fluída no gradiente, a classificação por cor da pele discrimina melhor o grupo *branco*, ou seja, o distingue de todas as outras cores sem os riscos de confusão possibilitados pelo embranquecimento. Evita-se e nega-se formas raciais de classificação, entendendo que a tonalidade da pele é um dado natural. No entanto, pode-se muito bem, voltar-se a uma dicotomia antiga: *brancos* versus *pessoas de cor*." (GUIMARÃES, 2011, p. 268)

Essa condição de Amanda e o olhar sobre sua família, pode indicar muitos fatores. Importante reforçar que não há exatamente uma percepção de que Amanda "era branca" e ao passar pela transição capilar se "tornou negra" (referente ao que Neusa Santos diz sobre tornar-se negro), a própria Amanda afirma que nunca se considerou nem foi lida socialmente como uma mulher branca. Assim, parece que há um processo de se tornar mais negra do que já era, a morena que escureceu ("*a Amanda agora tá achando que é negra"*). Sobre essa passagem ou fluidez da cor Antonio Guimarães (2011) tem uma passagem interessante:

> "De fato, a partir do censo de 2000 a população branca começa a declinar mais que o esperado pelas tendências demográficas, enquanto a parda, a preta e a amarela voltam a crescer. Essas mudanças sugerem, nitidamente, que está em curso um processo de reclassificação racial, posto que as tendências demográficas (fecundidade, mortalidade e migrações) não a explicam.[...] Comparando dois *surveys* realizados pelo *DataFolha*, o primeiro em 1995, e o segundo em 2008, as respostas às mesmas perguntas captam uma diminuição de 18% no número de pessoas que se declaram espontaneamente brancas e um aumento de 18% dos que se declaram morenas ou morenas claras. Poderiam estes dados serem interpretados como uma renúncia à brancura por parte daqueles "brancos" de cor mais escura, aqueles se consideram espontaneamente morenos? É o que sugiro. Tal renúncia não poderia ser feita se fatores outros como origem familiar (seus antepassados), ou sua tradição cultural, não ganhassem importância, na construção da identidade racial de cor, sobre ideais de embranquecimento. [...] a ideologia do embranquecimento perde importância." (GUIMARÃES, 2011, p. 269)

Quando Amanda afirma ter passado por um processo onde sua família passa a enxerga-la como mulher negra isso reforça os estudos de Gomes (2003) em que a identidade negra se constrói gradativamente, desde as primeiras relações estabelecidas sociais mais íntimas, com suas sanções e afetividades, sendo um processo que se inicia na família e vai se desdobrando a partir de outras relações que o indivíduo estabelece. (GOMES, 2003)

Amanda diz que depois da faculdade sua relação com o cabelo mudou e tentou deixar ele crescer naturalmente. Então conta de episódio marcante, do primeiro dia que chegou em casa com o cabelo cortado. Foi quando ouviu comentários muito doloridos, muito ruins vindo de membros de sua família. Os comentários vinham em tom de brincadeira, de piada. Sua tia,

sua mãe e sua irmã fizeram alguns comentários principalmente questionando a negritude de Amanda, dizendo que agora ela estava se achando e parecendo uma negra, tudo em tom muito pejorativo. O que chamou a atenção de Amanda foi o fato de sua própria família nunca a ter considerado uma mulher negra, enquanto ela se percebia como negra, não tinha a menor dúvida e diz que nunca se viu nem foi considerada uma mulher branca. Diz que a transição capilar com a chegada de seu cabelo natural fez com que os outros passassem a enxergá-la como negra, inclusive em sua família. Importante alertar para uma possível discrepância na identidade racial entre pais e filhos, e como isso pode ameaçar uma identidade familiar. É importante compreender como a opinião se configura quando é desferida por alguém da própria família. Parece que o peso da opinião especificamente de familiares tem um peso maior nas falas, a intimidade, familiaridade aparece como permissividade para fazer qualquer tipo de comentário. Como algumas violências podem ser infligidas em forma de cuidado e carinho.

Aqui vale um olhar para as análises de Gilberto Velho (1981) que escreve sobre o estudo de acusações como forma de permitir uma entrada no complexo conjunto de símbolos associados à ideia de família com vínculos imediatos à moral, política, religião. As categorias associadas à família e parentesco estão muitas vezes inseparáveis à esfera da cultura. O significado de família para um grupo social ou universo particular está vinculado a outros significados constituindo um todo mais ou menos sistemático, mas não necessariamente harmonioso. Ainda sobre o problema das acusações há a questão de verificar a percepção que os atores têm de suas circunstâncias. Os atores não são nem robôs programados por mecanismos inconscientes nem o livre arbítrio do indivíduo-sujeito que faz sua vida sem limitações. (VELHO, 1981, p. 69)

Velho (1981) afirma ainda que, resumindo os pontos essenciais sobre conflitos e acusações, fica claro que os pais em sua análise tinham expectativas e um projeto claro que estendiam aos filhos. Basicamente esperavam que a família continuasse ascendendo socialmente, prosperando e aumentando seu status, é como se os filhos carregassem toda responsabilidade pelo sucesso e prestígio da família. Esse é um olhar que podemos de alguma forma direcionar para a história de Amanda. A reação de sua família frente a seu processo de autoconhecimento como mulher negra parece que para seus familiares soasse como ofensa, como se assumir os cabelos crespos fosse negar o processo de ascensão social que tanto batalharam. É como se ter uma filha que se considera negra fosse um flagrante que indicasse a negritude da família como um todo. Há, portanto, uma ruptura onde se põe em questão toda uma visão de mundo e a própria identidade familiar. É o filho que se afasta, o filho rebelde, o

filho estranho. Dá-se um conflito de gerações. Isso ocorre principalmente porque há um processo de individualização onde o projeto individual se corporifica através da família nuclear. Então é através do casamento e dos filhos que planos e objetivos a longo prazo ganham uma dimensão de continuidade temporal que transcende a própria existência pessoal. Dessa forma, a família é representada como uma espécie de indivíduo-coletivo. (VELHO, 1981, p 72-73)

Outro estudo interessante é o de Nogueira de Souza (2012) que levanta um ponto a respeito especificamente da ascensão social dos negros e como sempre esteve muito atrelada a negação e rejeição de seus próprios traços culturais em nome de uma sujeição a classes superiores majoritariamente branca, sendo o embranquecimento social uma peça fundamental nessa discussão; assim, o clarear, o embranquecer fariam parte da mobilidade social, uma reclassificação dentro de um novo grupo. (NOGUEIRA DE SOUZA, 2012, p. 12) Por outro lado, Nogueira de Souza (2012) destaca que apesar dessas perspectivas clássicas recentemente, alguns trabalhos parecem indicar mudanças e uma nova elaboração no sentido de ser negro, notadamente por pessoas em processo de ascensão mais como uma identidade de consumo e como uma instância política (NOGUEIRA DE SOUZA, 2012, p. 12). Esses processos, seja de negação ou de autorreconhecimento também ocorrem no âmbito familiar e é muito permeado pelas relações intrafamiliares, trata-se de algo que aparece nas falas das entrevistadas quando perguntadas sobre suas famílias.

O autor tece uma reflexão interessante quanto ao perfil social de seus entrevistados e em algum momento se põe a pensar sobre a inserção e o acesso à universidade (que seria um pré-requisito para atividades de maior status profissional e de mobilidade), com a implantação de um conjunto de políticas públicas houve uma ampliação do acesso ao ensino superior. É nesse sentido que penso também sobre as mulheres entrevistadas neste trabalho (todas, tanto negras quanto brancas, cursaram o ensino superior) e, portanto, essas mulheres, sobretudo as negras, se enquadrariam no que o autor caracteriza como exceções, não somente pelo ensino superior, mas também por se inserirem no mercado de trabalho em colocações de status, rendimento e até certo prestígio. Assim, é importante entender o que essa posição de classe socialmente privilegiada pode possibilitar.

Segundo Nogueira de Souza (2012) essa posição de classe coopera para um estilo de vida variado e um olhar diferenciado sobre si e sobre o país. “Teoricamente, a ascensão social, a diferenciação, permite ao sujeito a elaboração de narrativas condizentes com a sua posição na estrutura social.” (NOGUEIRA DE SOUZA, 2012, p. 11) Dessa forma, cabe perceber como as entrevistadas interpretam seu mundo e que valores atribuem ao que lhes circunda, como veem

a partir de uma posição de privilégios e como enxergam sua própria realidade no mundo, entender até que ponto essas mulheres, tanto negras quanto brancas, se distanciam do restante da população como um todo que não estão inseridos no ensino superior que ainda é de difícil acesso. (NOGUEIRA DE SOUZA, 2012, p. 11) Não se sabe se as entrevistadas vêm de famílias onde outros membros também já adentraram no curso superior ou se são as primeiras da família a entrar neste universo, mas o fato é que esse privilégio garante uma série de questões que podem distanciar ou aproximar as entrevistadas de seus demais familiares.

Posteriormente, temos em sequência a entrevista com Laura, uma mulher negra com mais de 50 anos.

Laura (mulher negra mais de 55 anos)

Entrevistadora: Como que você enxerga o peso que você deu ao longo da vida ou que você ainda dá… é… pra opinião das pessoas em relação a sua aparência?

Entrevistada: Olha só, antes, quando eu fiz minha primeira faculdade, eu não me lembro de na primeira faculdade ter negros. Não me lembro. Eu me lembro de muita gente branca, mas eu não me lembro de ter pelo menos na minha turma, eu não me lembro. E eu acho assim, naquela época, o que fazia você ser negro ou não, era a classe que você habitava, ou seja, se você era rico, pobre ou classe média. Né? Então era isso que falava da sua cor. Então, eu nessa época era aquela… o tal do negro de alma branca. Então eu também não me via negra e não tinha tanto empecilho assim quanto namoro quanto… até porque a mulher negra, né? Que tem corpo, que tem… é aquela que os homens acham que vão… que vai dar prazer. Então, o que eu me lembro é desse… da minha aparência… é, eu me lembro que eu era muito magra... nessa época, o que me preocupava mais era muito mais estar gorda ou estar magra do que o cabelo. [...] Sem me incomodar muito que cor que era ou não era, porque o que me interessava mais é como era a pessoa por dentro, né? Como assim? É se ela era boa, se não era, assim, se valia alguma coisa ou não. Então, eu nunca… nunca acabo olhando que cor que era a pessoa. É… mas, eu sei que teve racismo, só que eu não via como racismo, então, quando eu fui ver já passava porque não era assim que eu enxergava. Então, muita coisa me falavam e eu não… as pessoas deviam achar que eu levava na brincadeira ou eu não entendia, porque eu não via assim, porque como eu não via os outros assim, eu também não… achava que também não faziam comigo …algumas coisas. E aí, muita coisa que fizeram não deu certo porque eu não via assim. É e aí, assim, tinha dias de eu brigar com meu cabelo, de eu querer que ele ficasse pra um lado e ele ficava pro outro quando eu era criança. Eu chorava muito, mas chorava e falava pra minha mãe: "mãe, olha, o meu cabelo não me obedece… eu mando ele ficar pra um lado, ele não fica, porque que ele não fica como eu quero?". Várias vezes eu… e como no colégio não ensinavam história dos negros, então eu não conseguia entender porque que ele era tão fino e porque que ele era mais pra cima, né? Porque o cabelo é tão fino que ele não tem peso, então ele fica pra cima. Isso… é… ninguém sabia dizer e hoje, outro dia eu me deparei… outro dia não, já tem muito tempo que eu fui num lugar comprar um creme, e aí uma senhora veio me perguntar não sei o que, e falou assim: "não, porque… é esse meu cabelo que era… é ruim". Uma coisa assim. Foi: "meu cabelo é ruim… meu cabelo é duro". Mas eu falei assim: "olha, eu não conheço isso não". [risadas] Eu conheço cabelo… assim, leve, eu conheço cabelo crespo… agora, cabelo ruim eu não sei o que que é isso. É… eu sei que tem cabelos que são enrolados, são mais enrolados, menos enrolados…ah, é… cabelo ruim que ela falou, isso eu não sei o que que é não. E eu falei com ela assim, você não deveria deixar nem você falar, nem as outras pessoas falarem pra você. [...] Mas, cabelo ruim? Como é que um cabelo é ruim? Como é que é isso? Como é que cabelo é bom? Um cabelo é ruim? Quer dizer, ruim ou bom é uma comida… é… é uma cadeira… agora, um cabelo? Né? Mas… É como falam, né?

Laura é uma mulher negra com mais de 50 anos e ao falar sobre o peso da opinião das pessoas volta-se para seu período de faculdade e diz não se lembrar de ter tantos negros nesse espaço; diz que não tinha muitos negros nos meios em que vivia. Assim como Cintia, Laura diz que havia uma preocupação com o corpo, de ter um corpo visto como algo meramente fonte de prazer; e, a questão de estar gorda ou magra preocupavam mais do que o cabelo em si. Foi se

perceber melhor como mulher negra escura tempos depois quando foi fazer terapia. Hoje percebe as vezes que sofreu injúria racial, mas que não via como injúria racial na época, que só notava quando já tinha passado. Laura acredita que as pessoas que faziam/fazem comentários ofensivos deviam achar que ela levava tudo na brincadeira ou que não entendia.

Ruth (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Você tava falando sobre a opinião das pessoas, assim, algumas coisas você já adiantou, é… você falou da opinião das pessoas, mas… tinha alguma reação sua, assim, você lembra de como você reagia? Como você se sentia?

Entrevistada: Não, eu acho que eu ficava triste, porque eu queria o meu cabelo, mas eu não… eu queria mas depois eu já não queria mais, porque eu já tava completamente envolvida naquela situação. Eu acho que eu ficava triste, triste porque eu sofria muito. E tinha época que eu alisava e… se eu pegasse uma chuva, ele fazia assim. E ia… aí eu comecei a usar uma touca, que caso chovesse, eu botava touca e ele não ficava tão arrepiado. Depois teve a fase que eu dormia de clips na cabeça, olha que sofrimento, fazia touca. Então, isso me lembra… se fosse uma amiga dormir lá em casa, eu morria de vergonha, não fazia nada disso. Eu era envergonhada, sabe? Nunca… nunca me dei bem não, nunca tive um momento de felicidade. Com a escova progressiva, eu tive um pouco mais de alegria, porque podia cair a chuva que fosse, que não arrepiava. Mas eu… entrei na fase de: tira química, eu sou super vegana, eu acho que tem mais do que 5 anos, e já tinha parado de fumar, eu fumava pra burro, já tinha parado… fumar eu parei a mais de 20 anos. Então eu comecei a fase mais saudável. Sabe? E que pretendo ter essa fase pro resto da minha vida. Imagina… se quiserem me achar eu sou essa… essa pessoa aqui.

Lurdes (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Qual é o peso da opinião das pessoas em relação a sua aparência e principalmente em relação ao seu cabelo?

Entrevistada: Ah… eu acho assim, eu escuto, assim, [...] é sempre uma coisa, assim, que toca num lugar… é… estranho. Pra você ver, eu um dia tava andando dentro da escola dos meus filhos, e eles já tavam maiores. Nossa, eu já tinha um… meu cabelo tava (aqui ele ficou diferente, tá molhado agora, na hora que ele seca ele ganha um volume maior e eu acho que ele tava um pouco mais comprido). E eu ia passando pelo corredor e nós vimos vindo umas meninas adolescentes numa faixa de uns… sei lá, devia ter 11, 12 anos. E uma delas olhou pra mim, apontou e começou a rir, assim, uma adolescente cutucou a outra assim, e falou alguma coisa assim: "haha, é o cabelo", eu só escutei. Aquilo ali, sabe assim? Tocou numa… numa… acho que eu voltei pra infância, que eu fiquei tão ofendida na hora, assim: "gente que que tem meu cabelo?", entendeu? Assim, uma pessoa… ao ponto de uma… uma garota olhar, catucar a outra, rir e ainda escutei alguma coisa, sei lá, ela fez alguma referência, falou alguma coisa do meu cabelo, alguma coisa. Então, assim, é uma questão pra mim, né? Ainda é uma questão delicada se eu sinto que não tem uma aceitação, que tem uma crítica, que tem… porque eu acho que foi durante muito tempo, né? Foi durante muito tempo um fator que me deixava insegura. E eu acho que depois eu superei isso, e mesmo hoje em dia, eu sou adulta e na boa, faço porque eu gosto do meu cabelo, sou assumida, mas não seria uma coisa que eu levaria numa boa… é… uma pessoa criticar. Até essa coisa do salão quando o pessoal fala: "ah, você quer fazer uma escova?". Eu já falo até no deboche: "não, eu sou hippie mesmo, eu gosto do meu cabelo enrolado, eu adoro…". Isso aqui eu não levo mais a sério porque… coitadas, sabe? Elas crescem achando que é só o cabelo liso que é bacana. Então, eu nem levo tanto a sério. Agora, ter alguém que falou alguma coisa do meu cabelo me incomodaria profundamente. [risos] Né? Eu acho que até hoje.

Seguimos com o questionamento sobre o peso da opinião das pessoas para entrevistadas brancas com mais de 50 anos. Ruth, a primeira entrevistada, ficava triste quando ouvia algum comentário, que sofria muito. Alisava o cabelo e ficava com receio de pegar chuva e o cabelo ficar bagunçado na frente de outras pessoas. Também se recorda de sentir vergonha de convidar amigas para dormirem em sua casa, pois fazia touca no cabelo. Lurdes, a segunda entrevistada, diz que pensar sobre o peso da opinião das pessoas a “toca num lugar”, que é estranho. Lembra de uma situação na escola de seus filhos onde meninas de uns 12 anos de idade riram de seu

cabelo. Percebe que a opinião dos outros ainda é uma questão delicada, que se sente insegura e incomodada quando há alguma crítica, embora com o tempo tenha superado. Além dessas entrevistadas também tivemos os depoimentos de Julia e Glória. Julia afirmou que tem a impressão de que os outros a acham bonita, diz não receber críticas que a afetem. Glória diz que atualmente gosta de ser diferente, de ter o cabelo crespo. Diz ter sentido uma rejeição maior em relação a seu cabelo crespo quando vivia no Brasil e tinha entre 14 e 15 anos, mas que atualmente tem uma boa relação com seu cabelo. Importante destacar que aqui as entrevistadas falam de pessoas em geral (na rua, na escola dos filhos, no salão) e menos de relações específicas, como no caso das mulheres negras.

Eduarda (mulher branca menos de 40 anos)

Entrevistadora: Como é que você vê o peso da opinião das pessoas em relação à sua aparência?

Entrevistada: Ah, até hoje é uma grande questão pra mim isso. É… em relação a várias coisas, em relação a cabelo, em relação a peso, é… e agora, né? Eu sou uma mulher de mais de 30 anos, aí tem todas as questões estéticas de uma mulher que vai envelhecendo… envelhecendo, né? Assim, mas que tá nesse processo. É uma grande questão pra mim, trabalhada em terapia durante muitos anos. É… e hoje em dia eu tenho bastante consciência que eu tenho muito… é… eu levo muito isso em conta por conta da minha relação familiar. É… porque minha mãe é uma pessoa extremamente crítica, sempre foi muito crítica, sempre foi muito crítica em relação a estética… é… o visual mesmo, assim, como a gente se apresenta, como mulheres a gente tem que tá dentro de um padrão e etc. Isso pra mim até hoje eu pesava.

Entrevistadora: Sim. Mas você lembra, assim, de alguma reação, se é que você já teve, algum tipo de reação à opinião das pessoas?

Entrevistada: É, eu lembro. Teve uma vez que eu, enfim, fiz uma besteira no meu cabelo e aí eu fui num salão porque o cabelo… eu detonei meu cabelo e eu precisava cortar o cabelo. Porque eu tinha estragado. E aí, eu cheguei no salão… e aí… eu sempre mantive o cabelo comprido, porque é isso… meu cabelo, se ele tiver mais comprido ele fica menos enrolado, né? Menos cacheado. E aí como eu tinha essa coisa de ficar controlando o cabelo, é… e eu não… já não fazia mais a escova progressiva eu deixava ele o mais comprido que eu pudesse pra que ele ficasse mais reto, mais esticado. E aí eu fiz essa grande besteira no meu cabelo, eu precisei cortar, e aí eu fui num salão que me indicaram, maravilhoso e tal. E aí, o cabeleireiro ainda fez, assim, uma coisa: eu cheguei super estressada no salão porque eu ia ter que cortar o cabelo, e aí o cara começou a cortar, eu falei: "não, não, não, você tá cortando muito"; ele: "não, deixa que eu vou te deixar maravilhosa". Tava de costas pro espelho, quando eu olhei ele tinha cortado meu cabelo tipo aqui assim [cabelo bem curto]. É… eu chorei dentro do salão, comecei a chorar porque eu sabia que aquele cabelo estava daquele jeito porque ele tava escovado. E quando eu lavasse o cabelo, ele ia virar uma coisa completamente diferente… e ele cortou o meu cabelo sem a minha autorização daquele jeito, né? E aí eu falei: "pronto, ferrou". E aí eu, na época eu fazia estágio numa empresa de engenharia, também em um ambiente em que rolava meio que um "dress code", né? A forma que você tinha que se apresentar porque a gente lidava com cliente, não sei o que. É… aí eu cheguei no trabalho e falei: "[inaudível], cara, hoje eu tô com o cabelo liso, eu vou fazer… o que que eu vou fazer com esse cabelo à partir de agora?". É… e aí eu tentei no dia seguinte, eu lavei o cabelo, fui trabalhar, mas eu tava me sentindo péssima com aquele cabelo. Que o meu cabelo é isso, o cabelo era cacheado, ele já tava aqui liso quando cortou o couro aqui… quando lavou, né? Ficou aqui, e encolheu muito. E eu me sentindo super desconfortável, e houveram comentários no trabalho, assim, é… que é isso, era um cabelo mais curto, que eu não sabia cuidar… Que eu tava desconfortável com o cabelo, e aí as pessoas começaram a comentar de: "pô, você cortou muito o cabelo". Sabe? Eu escutava muitos comentários assim: "seu cabelo tá muito diferente" - é… - "você só cortou o cabelo? Teu cabelo tá muito diferente". E aí… eu já… eu já estava naquele momento em que eu tinha parado de fazer a escova progressiva que o cabelo caía. Eu voltei pra escova progressiva, [...] não importa se o cabelo tá caindo, eu prefiro que ele fique liso e eu… [tosse] consiga enfim, trabalhar e fazer o que eu quero fazer com cabelo, ele ia caindo… não importa, quero que ele fique liso. É… esse foi o momento pesadão, assim, pra cabelo pra mim, [...] além de eu não saber cuidar do cabelo, eu não podia mais fazer a escova progressiva porque o cabelo caía, eu tava com o cabelo curtíssimo… e assim, foi uma forma de violência também o cara cortar meu cabelo sem minha autorização da forma que ele cortou. É… ele não conhecer meu cabelo, né? Eu cheguei lá com o cabelo "liso" o cara já meteu a tesoura no meu cabelo e eu falei: "meu Deus… quando esse cabelo secar eu vou ficar um horror". E aí, eu passei por um momento

assim, eu acho que eu fiquei… até eu voltar a largar a escova progressiva de novo, eu acho que eu fiquei mais de um ano fazendo, até ele chegar, sei lá, mais ou menos aqui assim [altura do ombro]. É… porque eu não conseguia lidar com aquilo. E aí a minha mãe, ela… que ela veio, mas eu tava tão mal, eu estava tão mal, [inaudível] comecei a chorar, cheguei em casa no primeiro dia que eu fui trabalhar com cabelo enrolado, né? Cheguei chorando, chorando, chorando. Falei: "meu Deus, o que que eu vou fazer com esse cabelo, vou botar uma peruca, não sei o que que eu vou fazer… não tem como eu continuar com meu cabelo assim, não tem como, não tem como. E minha mãe… se ela quisesse, assim, eu não sei se ela teve vontade de fazer alguma crítica, ela não fez porque eu tava arrasada já. E aí… ela… foi ela até que falou: "cara, faz uma escova progressiva então, se você tá se sentindo tão mal… tão mal, tão mal" - é… - "de repente você vai se sentir melhor". E eu fui, busquei a escova progressiva nesse sentido, pra me sentir melhor porque eu estava péssima com aquele cabelo. E só larguei no momento que eu me senti confiança, confortável de novo, achando que eu ia conseguir controlar aquele cabelo com a minha chapinha... porque é isso, né? A gente faz a chapinha, e aí a gente se limita muito. É… por exemplo, você vai pra praia e aí lá… molha o cabelo, vai pra piscina, molha o cabelo. Se chove, fica úmido o tempo… a escova não segura, uma escova normal, né? Ela não segura o cabelo. E nem com o cabelo curto, eu não tinha como controlar, não tinha outra forma de cuidar, de controlar o cabelo. Eu não podia prender, eu não podia… sei lá, botar alguma coisa assim, porque se eu só botasse a faixa o cabelo aqui atrás ficava super… super alto. E aí, foi o recurso, eu falei: "não, é isso, vou botar a escova progressiva e vou ficar com ela até eu achar que eu consigo controlar esse cabelo de outra forma". E aí, esse momento eu não sei nem de quem foi tanta a pressão assim, se foi mais minha, se foi mais do exterior. Eu tenho consciência que se minha mãe tivesse tido a chance ela teria criticado, mas ela não criticou porque eu já tava péssima, péssima, péssima. É… mas houveram comentários no trabalho nesse sentido de: "você fez alguma coisa além de cortar o cabelo, não é possível, tá muito diferente". É, mas assim, né? "Pô, tá muito diferente… muito diferente". É… além dessa coisa de… eu já cheguei pra trabalhar e os alunos perguntaram pra mim se eu tava maluca: "professora, cê tá maluca… cê tá maluca hoje", e era a questão do cabelo, mas era criança… né? que eu dou aula pra criança também. É… "cê tá maluca hoje" era só meu cabelo que tava mais… mais… sei lá, com *frizz*[12], né? Alguma coisa assim. E aí, a gente vai levando na brincadeira mas são críticas, né? Que a gente vai recebendo em relação ao nosso cabelo.

O mesmo questionamento foi dirigido a uma mulher branca com menos de 40 anos. Assim, Eduarda respondeu que a opinião de outras pessoas ainda é uma grande questão para ela, principalmente sobre seu cabelo, seu corpo e idade. Mesmo em sua relação intrafamiliar essa questão aparecia, sobretudo com sua mãe que era uma pessoa muito crítica.

Recorda de uma experiencia que viveu em um salão de beleza, onde cortaram seu cabelo sem sua permissão, diz ter chorado muito, demorou muito para se adaptar ao novo cabelo, se sentia desconfortável, sofreu muito inclusive com dificuldades de como arrumar o cabelo para se adequar ao ambiente de trabalho. Ouviu alguns comentários no trabalho, a pressão a fez voltar a usar escova progressiva. Entendeu como uma forma de violência o cabeleireiro ter cortado seu cabelo sem sua permissão.

Lucia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Ao seu núcleo familiar. Você percebeu alguma influência de algum membro? Você falou da sua avó, falou da sua mãe. Mas assim, teve alguma influência mais direta? Do tipo, vai tratar o cabelo assim, vai fazer de alguma forma… isso apareceu? ou ainda aparece? Enfim.

Entrevistada: É… assim, de alguém querendo me dizer pra eu fazer de um jeito ou de outro? Isso? Hum… deixa eu pensar um pouquinho. É… nesse sentido, assim, na infância realmente foi a minha avó pouco porque a gente não se via tanto, mas eu lembro que me marcou bastante. Ficou claro pra mim que ela achava que se eu ficar arrumada com o cabelo liso ia ficar mais bonito. A minha mãe foi uma coisa interessante porque eu influenciei ela

[12] Quintão (2013) produz um estudo sobre cabelos crespos e em algum momento pergunta a suas informantes sobre o que entendem por “frizz”. Recebeu respostas variadas, mas de um modo geral se assemelhavam aos significados expostos na mídia, mas as mulheres, tanto brancas quanto negras indicavam que frizz representava cachos, cabelos encaracolados. (QUINTÃO, 2013, p. 40)

a assumir os cachos dela. Depois que foi que eu fiquei adolescente e assumi meus cachos, ela assumiu os dela. Então, meio que eu dei permissão parece... pra mim, a impressão que eu tenho é essa. No trabalho teve esse momento que o meu, né? Que eu fui obrigada literalmente, era assim: ou corta ou sai. Era isso mesmo. E eu não tinha opção. Imagina, não seria permitido eu usar meu cabelo solto jamais, porque é muito, né? Rebelde, tinha que prender. Era caríssimo… muito trabalho, quando eu era comissária da companhia japonesa. Ah… meus namorados, marido nunca falaram nada, pelo contrário, sempre me senti valorizada por quem eu sou, do jeito que eu sou, ninguém nunca deu palpite ou do cabelo assim ou do cabelo assado, nunca. Também… acho que se desse, eu não teria tido [inaudível]. Tem essa tia minha que assumiu os cachos, às vezes quando ela… ela foi a pessoa na minha família que mais se orgulhava em usar… nessa época, quando ela era mais jovem não, mas quando ela resolveu assumir os cachos, ela dava dicas pra mim: "Ah, usa os produtos daquele". A gente trocava dica, sabe? Ah… mas em termos de pessoas dando palpite foi isso mesmo. No sentido negativo foram essas pessoas que faziam isso através da valorização da beleza lisa, não tanto de falar: "ai, seu cabelo tá… assim ou assado" - assim - "ai, tá lindo". Assim, incentivando quando eu tava…assim, era mais esses elogios quando eu tava de escova, assim, que pesavam, me marcava. Isso vinha de muita gente, os elogios. Todo mundo falava: "ai, que linda que você tá de cabelo de escova". Aí eu me sentia linda, eu realmente, eu achava que os momentos que eu me sentia, assim… eu lembro de me sentir muito mais bonita… assim, generalizando, quando eu fazia escova e recebia tantos elogios. [...] Fora isso, os outros momentos que eu te falei. Mas, é… e uma coisa bem bacana também foi a descoberta depois quando mais recentemente, nos últimos dez anos de explosão de produtos [...] Eu falei: "Nossa, como eu queria que quando eu tivesse, assim, uns 12 anos ou menos até, que tivesse alguém que soubesse substâncias" às vezes são tão óbvias hoje em dia, né? Eu não sabia que você não podia escovar, por exemplo, o cabelo depois que ele seca. Básico, não sabia. [...] Não valorizava o meu natural. Aí eu fico pensando: "aí, nossa, se eu soubesse naquela época que era: pô, lavou, passou um "leave in"... não existia o "leave in". Entendeu? Não teve: dá uma apertadinha nos cachos, deixa ele secar natural e não toca mais, deixa ele quieto. Ele teria sido outra coisa, meu cabelo teria sido diferente, porque eu não usava ele assim. Hoje em dia eu tenho profissionais, eu procurei, eu achei… é, assim, eu procurei e achei salão aqui [na Europa], sabe? Que é pra cabelo crespo e cacheado. Uma pessoa que ela tem o cabelo ela ama, assim… foi bacana encontrar esses espaços. Ainda é raro, viu? Aqui tem, tem um salão, que é específico, a dona é uma mulher negra linda que ama seus cabelos. "Profissionalzaça", a mulher é especializada em todos os tipos de cachos que você pode imaginar, desde o mais crespo até… você sabe aquela escala das categorias, várias categorias: 3a, 3b…não sei o que, 2b. Ela, tudo, tudo, tudo ela sabe, aí ela me ensinou, mas ela também… de uma forma assim, que eu nunca tinha visto na minha vida que você… falando do amor pelo seu cabelo. Não só orgulho, né? Aceitando, aceitação, orgulho, mas amor pelo seu cabelo… produtos pra o seu cabelo. E ensinando e mostrando no Instagram dela tem umas fotos de todos tipos diferentes. E aí eu me senti parte de uma… sabe? Parte de uma… de uma tribo, de uma família, assim, sabe? Aí, então, tu sabe cortar, sabe cuidar, produtos, e hoje em dia eu só compro os produtos dela. Sabe? Umas coisas assim seria bacana se tivesse tido isso na minha infância. Essa valorização do cuidado, porque faz uma mega diferença, né? Não é só [inaudível] e beleza, não é assim. O cabelo tem que ter um cuidado diferente, né?

Glória (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Os membros da sua família, se você ampliava, assim, não só para os mais próximos, mas sua família no geral. Havia alguma influência no modo como de que eles pudessem falar, dizer alguma coisa no seu tratamento com o seu cabelo, ou o que eles falavam do seu cabelo. Isso existia dentro do núcleo familiar?

Entrevistada: É… é, teve a questão da minha irmã sempre muito implicante com o cabelo, principalmente que ela tem o cabelo bem liso, né? Muito cheio, mas liso. É… então tinha muita implicância quando ela veio me encher o saco, ela fazia um certo bullying. Em relação a minha mãe, nunca teve muita questão assim, nunca… nunca falou de forma positiva ou negativa, eu acho que assim, é questão do jeito que ela é, ela nunca contribuiu muito nesse sentido. Eu tenho uma tia que tem o cabelo muito crespo também, então com a minha tia sempre fazia, assim, massagem no cabelo toda semana, então a gente fazia, assim, umas massagens, botava… sei lá, abacate com iogurte, fazia uns negócios assim, uns tratamentos e ela sempre assumiu muito o cabelo dela. Então tinha esse apoio de certa forma, mais pela minha tia do que pela minha mãe.

Lurdes (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Você percebe a influência de membros da sua família no modo como você deve tratar o seu cabelo? E se sim, de quem? E como que isso aparece?

Entrevistada: Não, eu acho que na verdade eu tomei a dianteira nesse sentido de até depois vir a ensinar a minha mãe a não pentear. Outro dia ela me falou ainda que ela passa ainda o pente. Eu falei: "mãe, não passa, mãe…tipo, não faz isso, não penteia o cabelo seco". Aí, outro dia eu dei um leave- in pra ela que até hoje… é, ela não usava, assim, o creme pra passar. Porque ela tem o cabelo muito enrolado, ela tinha o cabelo branco, e agora o cabelo dela tá ficando bem mais ralo, porque eu até vi que tava aparecendo assim. Mas, foi uma coisa assim, na verdade, *eu é que aprendi a lidar com o cabelo enrolado* e depois fui falando pra ela, pra ela não pentear e ela foi

assumindo também o cabelo enrolado e foi parando de pentear. O meu filho é… eu tenho um filho que tem o cabelo igual ao meu, totalmente enrolado e pequenininho. Eu quem corto o cabelo dele, [risos] porque às vezes quando vai no salão, o cara corta demais aqui [...]. Então, assim, eu quem corto o cabelo dele, e desde pequeno fiz questão de falar a ele várias vezes que o cabelo dele é lindo, porque ele também passou pela mesma sensação de falar, em algum momento da vida, que o cabelo dele não balança, do cabelo dele ser diferente, de meninas na turma dele falav-... Tinha uma menina que ficava assim: "ele nunca… o [...] nunca penteia o cabelo", "olha, ele nunca penteou o cabelo". Sabe? Então, assim, criança tem uma coisa meio marcando… o cabelo é diferente, ele é o único da sala dele que tem o cabelo enrolado. Então, eu desde pequeno, que falei: "olha, que bacana, o teu cabelo, é seu diferencial, seu cabelo é lindo". E ele gosta do cabelo dele, ele aprendeu e muitas outras pessoas falaram isso pra ele: "ah, que *cabelinho de anjo*", "cabelinho bonito". [risada] então, assim, é… talvez por eles serem menino, seja mais fácil porque é curto e pronto, não se espera nada diferente, mas… né? Eu não tô nem na pele dele pra poder saber.

Seguimos com o questionamento acerca da influência da família na forma como as mulheres lidam com seus cabelos. De início com as mulheres brancas com mais de 50 anos. Lucia foi a primeira entrevistada e disse que na infância de fato havia uma influência de alguns familiares, se recorda de sua avó que, para quem seu cabelo só estava arrumado e bonito quando estava alisado. É interessante que Lucia se vê como uma influência para sua mãe, diz que influenciou a mãe a assumir os cachos. Da família, também se recorda de uma tia que tinha cabelos cacheados e que se tornou uma parceira no processo de aceitação. Destaca alguns momentos em que recebia elogios quando fazia escova e aponta um processo de descoberta quando notou a explosão de produtos para cabelos crespos e cacheados, além de salão de beleza especifico para este público, disse se sentir parte de uma família e lamenta não ter tido esse cuidado desde a infância. Interessante Lucia dizer que influenciou sua mãe nos cuidados com os cabelos, como ocorre essa organização familiar de influências mutuas (de influenciar e ser influenciado). Glória, segunda entrevistada, diz que sobre sua família se recorda das implicâncias da irmã de cabelo liso, conta que sua mãe nunca fez comentários sobre seu cabelo e lembra de uma tia que foi marcante por também ter o cabelo crespo a ajudando em seu processo de cuidado capilar, sentiu mais apoio vindo dessa tia do que de sua mãe. Lurdes, terceira entrevistada, também diz não perceber tanto a influência da família em sua relação com seu cabelo, mas afirma que tomou a dianteira e que ensinou sua mãe nos cuidados e fazendo com que assumisse os cachos (assim como Lucia). Também conta que cuida do cabelo do filho que também é crespo e que ajuda em seu processo de autoaceitação. Chama atenção que também digam que seu filho tem *"cabelinho de anjo"* (algo mais direcionado a brancos com cabelos crespos/cacheados, aqui neste trabalho já vimos essa mesma expressão sendo usada, a mesma expressão não apareceu em falas de mulheres negras).

Além desses depoimentos acima, também tem as falas de Ruth e Julia. Ruth disse não perceber a influência da família na forma como cuida de seu cabelo, mas diz que sua mãe era quem ditava o modo como devia cuidar dos cabelos. E Julia ter percebido uma influência da

família sobretudo da mãe que era uma pessoa muito vaidosa, que trabalhava muito e não tinha muito tempo para falar do que chama de “coisas fúteis”.

Vale destacar que algumas mulheres a princípio negam a influência de sua família, mas depois afirmam que houve. Nesse caso, vale a hipótese de que haja uma necessidade de se mostrarem autônomas como indivíduos.

Assim, daremos sequência a esse questionamento direcionado a mulheres negras com menos de 45 anos.

Bruna (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Você percebe alguma influência dos membros da sua família? Você falou do seu pai e da sua mãe, mas de outros membros da sua família, talvez, no modo como você cuida do seu cabelo. E quais seriam as figuras, assim, que mais aparecem na sua cabeça quando você pensa…? No seu núcleo familiar, pode ser amplo, mas no modo como você cuidava do seu cabelo.

Entrevistada: É… hoje em dia, né? Você vê muito assim: “ah, corta um pouquinho”, ou “ilumina” [risada] [inaudível], né? “Ilumina, faz aquelas mechas, aquelas luzes, você vai ficar linda”. [risos] é tudo uma coisa assim, eles não percebem, né? Até minha avó, mãe do meu pai fala isso. Eles não percebem, esse negócio de: “ah, coloca umas mechas mais claras”. Não vai ficar, eu acho que não vai ficar bom. Né? Também falam assim, minha mãe fala muito: “não, aqui minha filha, passa um pouco na frente…” [risada], “...o alisante”, “tá arrepiado”. [risada] aí eu falei: “não mãe, eu vou achar alguma coisa natural que vai baixar isso aqui, tá vendo? Não vai ter jeito [inaudível]...” [risadas]. Mas tá bom, a gente vai aprendendo a lidar. Entendeu? Aí, o que que mais eu escuto? É… “ah, porque que você não faz mais escova?”, [risada] “fica tão bonita”, “faz mais escova, que aí você vai ver seu cabelo voando pra lá e pra cá”. [risada] Aí eu: “tá, tá bom… eu vou fazer”. Mas eu nunca faço, assim, faço de vez em quando. Eu acho que não é um problema, né… você mudar. Pra você ver, a Beyoncé… [risada] aquele cabelo dela é lindo. Eu acho lindo. Né? Aquele loiro lindo… combina com ela. Mas pra isso você tem que ter um profissional, um cabeleireiro negro que cuida dela a muitos anos. Pô, e o cara… sabe? Ele fez curso sei lá aonde… na França, não sei aonde. [risada] então ele vai saber o que é melhor. [risada] não é que nem aqui que as pessoas, sabe? Só estudam uma coisa só… “ah não, isso aqui vai servir pro seu cabelo, pode deixar que nunca quebrou [inaudível]…”. Aí vai lá, óh… quebra o seu cabelo, aí você que se vire pra poder… Eu tenho muito medo disso, né? De fazer alguma coisa e quebrar porque eu já… ele já foi muito quebrado, o que eu te falei, eu apliquei muita coisa. Então, ele ficava muito quebrado aqui… muito. Então, eu gastei bastante tempo, não só dinheiro, pra melhorar isso aqui, recuperar a fibra do cabelo. Então, eu percebo essas coisas, é… “corta um pouquinho”, “ilumina um pouquinho”, a… deixa eu ver… é… “alisa”, “faz umas escovas”, “baixa um pouquinho aqui”. [risadas] E assim, mas eles não falam assim: “você tem que fazer isso”. Não. Eles só falam assim: “ah, deixa eu dar uma dica, o que que você acha de fazer isso aí?”. “Ah não, pode deixar. Tá anotado aqui no caderninho”. [risadas]

Cintia (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Mas assim, hoje como é que você percebe, assim, você acha que tem algum membro da sua família que fale como você deve tratar o seu cabelo. Como é que é isso? Ou hoje você já não tem mais essa influência?

Entrevistada: Então, hoje, a minha vó sempre cuida muito, tá? Minha avó cuida do cabelo, da vida, tudo que ela puder ela cuida. A minha mãe não tá mais entre a gente… E, a minha vó cuida bastante, principalmente dessa questão da minha queda [de cabelo], né? Sempre fala: "ah, você tem que ir, tem que ver…", não sei o que. Aí quer que eu passe produtos naturais. Aí, é… passa babosa, passa isso, passa aquilo. Um tempo atrás eu fui numa dermatologista que passou pra mim o Minoxidil Power e e uns outros elementos lá, aí a farmácia é bem perto dum lugar que a minha vó sempre vai, né? Aí ela fala: "eu vou lá naquela farmácia de novo pegar seu remédio". [risos] ela fala: "não pode ficar assim, porque…", ela tem pouco cabelo. Né? Ela fala: "vai ficar igual a mim". Enfim, ela sempre tenta cuidar, né? Ela cuida bastante...

O questionamento é direcionado às mulheres negras com menos de 45 anos. Bruna diz perceber a influência da família, principalmente de sua avó paterna e de sua mãe. Ouve comentários sobre pintar os cabelos, sobre alisar e cortar, mas frisa que são comentários em tom

de dicas, sugestões, não são impositivos. Cintia diz perceber a influência da família através de sua avó que cuida bastante e se preocupa muito principalmente com a questão de sua queda capilar. Além desses depoimentos também teve a fala de Agatha que recordou de uma prima e observa que se ajudam e influenciam mutuamente, também destaca a importância de amigas nesse processo de influenciar e ser influenciada.

Laura (mulher negra mais de 55 anos)

Entrevistadora: Ao longo da vida, como você percebe a influência dos membros da sua família? Pode ser qualquer pessoa, ou pessoas mais próximas, ou pessoas mais distantes. De alguma forma eles já tentaram te dizer como você deveria tratar o seu cabelo? Como você deveria cuidar, como foi isso ao longo da vida?

Entrevistada: É… que devia ter ele mais curto [...] porque eu também já usei ele curto, mas todo anelado. Então, eu tive ele curto-anelado e tive ele curto-curto no zero. Mas ele mais curto, ele todo anelado, que já me disseram que eu ficava melhor, que era melhor eu cortar o cabelo. E aí, eu falei: "quem sabe o que é melhor pro meu cabelo sou eu". É… no momento eu não quero cortar ele não. Tá bom assim. Aí… até teve um dia que eu passei o creme de pentear e não ficou. Ficou mais cheio. E aí falou: "seu cabelo tá todo desarrumado". Eu falei: "não, não tá desarrumado não, cabelo de negra é assim mesmo… fica assim, não tá desarrumado não". É… [risos] hoje, que se pode usar o cabelo que é chamado cabelo de negro, que pode estar desarrumado. Ah, é uma maravilha, você pode sair com ele quando você quiser. Sabe? Aí você pode jogar ele pra um lado, pro outro, pra cima, pra baixo. Pode só bater assim, e aí tá arrumado, tá arrumado. É… é libertador… eu sentir isso, uma liberdade de você não ter que ficar preso à como deve ser o seu cabelo pra dizer quem você é.

O questionamento foi levado à uma mulher negra com mais de 55 anos. Laura não apontou exatamente de onde vinha, mas ouvia comentários para deixar o cabelo mais anelado, mais curto. Recordou de uma situação onde o cabelo ficou mais cheio e disseram que estava desarrumado, então corrigiu a pessoa dizendo que não estava desarrumado, que cabelo de mulheres negras é assim mesmo.

Nesse debate sobre família, podemos resgatar a afirmação de Singly (2007) que aponta que em algum momento na história da família ocidental moderna, o individual se torna mais importante do que o coletivo, havendo uma valorização da autonomia pessoal. A partir disso, é possível perceber em todos os depoimentos anteriores que as entrevistadas afirmam não serem muito afetadas pelas opiniões das outras pessoas, que são livres da opinião alheia, o que pode ser compreendido como uma forma de afirmar sua autonomia pessoal, ainda que em outras passagens mostra como a opinião dos outros as afetaram de forma significativa.

Outro estudo que também podemos resgatar é o de Deslandes (1994) que afirma que muitos casos de violência contra crianças ocorrem no próprio núcleo familiar, indicando que essa “violência” pode ser vivida das mais variadas formas possíveis. Notamos que as entrevistadas de diferentes raças e gerações acabam falando sobre as opiniões geradas por sua própria unidade familiar, onde o peso da opinião parece maior e a intimidade permite que algumas falas violentas apareçam como forma de carinho. Isso aparece tanto nas falas de

mulheres mais jovens quanto na de mulheres mais velhas. Algumas destacam que as pessoas muitas vezes fazem comentários em forma de brincadeira. Por fim, apesar de dizerem o contrário, é possível perceber que a opinião de outras pessoas ainda é uma questão para as entrevistadas, que tanto negras quanto brancas, tanto jovens quanto velhas são afetadas pelo que os outros falam.

2.2. Salão de Beleza

> "Eu acho caríssimo o corte de cabelo. Os tratamentos são assim: não tem tratamento por menos de 250 reais. Eu falo: "cara, o que? Como assim?". Além de ser caro, é difícil você conseguir marcar, os horários são difíceis de marcar, tem toda uma burocracia"

Bouzón (2004) afirma que o cabelo além de carregar uma vasta simbologia para a construção identitária também compõe a fachada pessoal e serve para incluir ou excluir o indivíduo do grupo social. (BOUZÓN, 2004, 2008) Os salões de beleza étnicos são interessantes na discussão da importância dos cabelos para a identidade negra. Gomes (2002) aponta que o surgimento dos salões de beleza étnicos faz parte de um contexto histórico. Apesar de salões voltados para uma clientela negra datar de muitos anos no Brasil, são espaços que não se autodenominavam étnicos ou afros e sequer eram vistos como tal (essa classificação parece vir de quem faz referência a esses espaços, sobretudo em estudos e nas mídias). Tratavam-se de salões de bairro ou de fundo de quintal. A autora frisa que os salões de beleza propriamente considerados étnicos surgem acompanhados dos movimentos sociais da década de 70, se fortalecendo nos anos 80 e 90, se popularizando nos grandes centros urbanos. (GOMES, 2002)

Nas entrevistas que fizemos chama atenção um salão de beleza específico que é citado por muitas entrevistadas, o Instituto Beleza Natural. Fundado em 1993, por Heloísa Assis, Leila Velez, Rogério Assis e Jair Conde, o objetivo do salão, segundo Sá Ribeiro (2007), é ser especializado em cabelos crespos e ondulados. O slogan deste estabelecimento é "*bonito é ser você*", onde as várias intervenções capilares servem para trazer uma aparência de *naturalidade*. Há todo um planejamento desenvolvido para garantir a fidelização dos clientes, que geralmente pertencem às classes populares, embora os serviços não sejam tão baratos. O que nos desperta interesse nos salões de beleza étnicos é que são empreendimentos que promovem discursos de (re)afirmação substancialmente étnica, construindo inclusive novos padrões de beleza.

O interesse sobre o Instituto Beleza Natural era tão grande que inicialmente essa pesquisa era sobre o salão, sobre as unidades, sobre as funcionárias, as frequentadoras assíduas, etc. A escolha pelo Instituto Beleza Natural era devido ao fato de ser um dos salões étnicos mais populares do país e por ter todo um funcionamento próprio de atendimento das clientes (algo que se assemelha a uma linha de produção). Trata-se de um salão muito marcante na vida de muitas mulheres. A estrutura do salão e a ordem de atendimento (notadamente para aplicar o famoso Super-relaxante) faz com que seja um salão de beleza único e muito diferente dos demais e é isso que gerava um interesse particular no método deste salão e não em outros salões de beleza também étnicos.

De modo que pudesse proporcionar uma aproximação empírica os salões de beleza étnicos permitiam compreender melhor a questão da importância dos cabelos para a identidade negra. Para tal, eu pensava em selecionar o Instituto Beleza Natural, por ser um dos primeiros salões de beleza étnica de grandes proporções, com vários institutos e quiosques, uma linha de produtos própria e um funcionamento interno em que as clientes passam pela repartição dos cabelos, depois aplicação do produto (Super-relaxante), depois lavagem, hidratação e, por fim, penteado.

Em algum momento da pesquisa faz-se necessária minha colocação, uma mulher negra, frequentadora do Instituto Beleza Natural por muitos anos e que já passei por muitas transformações e tratamentos variados na minha relação com meu cabelo e minha compreensão de pertencimento/proximidade/familiaridade com o objeto de estudo. Exatamente por isso acho relevantes algumas contribuições de Gilberto Velho (1978) notadamente acerca da pesquisa sobre o familiar. Não necessariamente o que é familiar pode ser conhecido. Estar familiarizada e próxima do campo de estudo não significa uma compreensão precisa dos fenômenos. O familiar e o exótico mais mascaram do que mostram e não determinam obrigatoriamente a trajetória da pesquisa por si só (como aponta Da Matta ao observar o campo de pesquisa fazendo o movimento de transformar o "exótico em familiar e o familiar em exótico").

> Essa geração de homens e mulheres negros que tem lutando pela aceitação da estética negra tem se auto intitulado Geração Tombamento, abusando das cores nas roupas, cabelos e maquiagem eles proclamam alegria e empoderamento celebrando as características negras.
> Mas nem todas as mulheres que usam seus "cabelos naturais" se enxergam como negra ou vinculam esse uso a uma aceitação racial, como todo símbolo diacrítico os cabelos estão em disputas em torno dos seus sentidos, significados e quem são aqueles que tem legitimidade para porta-lo, a exemplo da disputa entre os cabelos crespos e cacheados, onde os crespos seriam considerados mais representativos dos negros vinculados a luta política, por ainda não serem bem aceitos, ao passo que o aspecto cacheado é mais bem aceito. (OLIVEIRA MATOS, 2016, p. 91)

Trata-se, portanto, de uma rede de salões que atende a um nicho específico e até então inexplorado.

> No Rio de Janeiro, Brasil, cerca de 25 mil pessoas ficam 4 horas na fila do cabeleireiro mensalmente para ter seu cabelo tratado no Instituto Beleza Natural. A empresa, um salão de beleza, apostou e se especializou em cabelos crespos e ondulados, criando e patenteando a fórmula de um produto denominado "Super Relaxante", carro-chefe dos salões, que torna esse tipo de cabelo mais solto, macio e com cachos definidos. O negócio inovador está preenchendo uma lacuna de mercado, pois 70% das brasileiras possuem cabelos crespos em diferentes níveis. Em 2006, a empresa contava com 5 lojas próprias, uma fábrica, (todos no Rio de Janeiro), uma linha completa de produtos da marca Beleza Natural e uma série de serviços especializados. Tem 500 funcionários e atende por volta de 25 mil clientes por mês. Fechou o ano de 2004 com faturamento de R$13.2 milhões, com taxas exponenciais de crescimento a cada ano. (SÁ RIBEIRO, 2007, p. 32)

Ao negarem ou questionarem os padrões de beleza dominantes, acabam por fomentar a criação de novos padrões de beleza (devendo-se frisar que nem todos conseguem atender a esses novos padrões e continuam excluídos). Também nos chama a atenção o fato de a propaganda (e até mesmo o nome do salão) remeter à importância da beleza dita "natural", nota-se que quando se trata da beleza e dos padrões da negritude sempre há uma valorização do termo 'naturalidade'. (LUTZ, 1988).

A princípio isto parece vago e inofensivo, mas o fato é que cabe uma análise crítica uma vez que o natural faz alusão ao que seria de raiz, de origem, dos primórdios. Então, cabe a crítica já que a beleza realmente natural seria aquela onde não houvesse qualquer alteração (como os produtos químicos, por exemplo). Quintão (2013) fala sobre uma fabricação propriamente cultural onde se busca uma natureza, mas uma *natureza cultivada.* Assim, o mercado oferece diversos artifícios para que as mulheres desenvolvam tal natureza cultivada. O próprio conceito de "cabelo natural" é construído socialmente, desde que atenda a alguns requisitos pré-estabelecidos. Não é necessário ser natural, basta parecer ser natural. Então, os artifícios não-naturais podem ser usados sem que desqualifique a "naturalidade" do cabelo, pelo contrário, os artifícios reforçam sua natureza cultivada. (QUINTÃO, 2013)

Sendo assim, alguns salões de beleza étnicos vendem a ideia de que estão produzindo e proporcionando uma beleza natural, mas na verdade estão interferindo, continuam aplicando produtos químicos, continuam alterando as estruturas dos cabelos, tudo de modo a se adequarem ao que seriam os novos padrões de beleza. Sendo assim, se antes o padrão era dos cabelos lisos, loiros, longos, os novos padrões passam a ser de cabelos com cachos perfeitos, sedosos, soltos, hidratados, com brilho. Quando os movimentos sociais passam a negar antigos padrões, os agentes de mercado logo percebem esses novos movimentos e de modo a atenderem as novas demandas tratam de produzir outros padrões.

Assim, o ‘ser negro’ está diretamente associado ao ‘ser natural’ ou ao menos parecer natural (essa ideia de natureza se articula com raça e gênero, assim as mulheres negras e indígenas estariam mais próximas da natureza do que as mulheres brancas, segundo Lutz (1988)). É evidente que os salões de beleza étnicos contribuem para a reafirmação da identidade negra, para a consciência racial. Mas o debate que proponho aqui é que ao mesmo tempo que trabalham para reafirmar a identidade negra, ainda assim continuam a negando vez que se mantem criando novos padrões que permanecem excluindo boa parte dos que não conseguem se enquadrar nas novas práticas, essa é uma das investigações da pesquisa empírica.

> Têm havido nas últimas décadas uma grande preocupação por parte dos estudiosos em demonstrar de que modo o negro é representado no imaginário ocidental. [...] procura-se mostrar a construção desse imaginário, desenvolvido nas sociedades européias ou na norte-americana através de imagens e discursos estereotipados e eivados de maior ou menor grau de exotismo e/ou racismo. Essas reflexões são importantes para entendermos o processo que levou à criação das ideologias que priorizam imagens hierarquizadas de culturas diferenciadas e compreender de que modo os negros constroem ou reelaboram imagens de si, contrapostas às da representação dominante nas sociedades ocidentais.
> Essas imagens podem ser cruzadas e compreendidas através da análise do discurso de uma iconografia negra, produzida nos salões de beleza étnicos, espaços que podem ao mesmo tempo ser considerados públicos, uma vez que são um empreendimento mercantil, constituem uma empresa e praticam algum tipo de publicidade, e locais alternativos para a construção de um outro padrão de beleza, já que os discursos e imagens ali contidos são reproduzidos na direção de uma reafirmação substancialmente étnica. Os salões de beleza, portanto, permitem a produção de imagens adscritícias, por produzirem signos voltados à criação de uma estética "alternativa" e por expressarem intertextualidade em relação às imagens dominantes na estética ocidental. (TELES DOS SANTOS, 1999, s/p)

> Os salões étnicos são, então, lugares bons para pensar a relação entre cabelo crespo e identidade negra. Por quê? Porque o cabelo não é um elemento neutro no conjunto corporal. Ele é maleável, visível, possível de alterações e foi transformado, pela cultura, em uma marca de pertencimento étnico/racial. No caso dos negros, o cabelo crespo é visto como um sinal diacrítico que imprime a marca da negritude nos corpos. Ele é mais um elemento que compõe o complexo processo identitário. Dessa forma, podemos afirmar que a identidade negra, enquanto uma construção social, é materializada, corporificada. Nas múltiplas possibilidades de análise que o corpo negro nos oferece, o trato do cabelo é aquela que se apresenta como a síntese do complexo e fragmentado processo de construção da identidade negra. (GOMES, 2002, p. 7)

> Os salões étnicos são, portanto, espaços privilegiados para pensar várias questões que envolvem a vida dos negros, dos mestiços e dos brancos. São espaços corpóreos, estéticos e identitários e, por isso, nos ajudam a refletir um pouco mais sobre a complexidade e os conflitos da identidade negra. Nos salões o cabelo crespo, visto socialmente como o estigma da vergonha, é transformado em símbolo de orgulho. (GOMES, 2002, p. 8)

Muitas vezes, o cabelo crespo é seco e os novos padrões de beleza exigem que seja um cabelo de aparência “hidratada, brilhosa e volumosa”, sendo necessária uma série de

tratamentos para que o cabelo atinja esses ideais. Contudo, é importante destacar que concordo com Nilma Lino Gomes (2003) ao afirmar que

> Os salões étnicos apresentam, no seu interior e na sua constituição, todas as tensões e ambiguidades que envolvem a construção da identidade negra no Brasil. Porém, não é só isso. Eles se destacam como espaços de resistência. Revelam-se como algo muito além de microempresas ou lugares de "embranquecimento", como julgam algumas pessoas. Eles são espaços da comunidade negra. As pessoas que por ali circulam e as que ali trabalham enfrentam, cotidianamente, o desafio de "lidar" com as questões concernentes à construção da identidade negra. Nesses espaços, a identidade negra, enquanto processo, é problematizada, discutida, afirmada, negada, encoberta, rejeitada, aceita, ressignificada e recriada. Tudo isso acontece ao mesmo tempo e, nesse sentido, os salões étnicos nos colocam no cerne das tensões e também das possibilidades de recriação vividas por homens, mulheres, crianças, adolescentes, jovens e adultos negros. (GOMES, 2003, p.179)

Os salões de beleza étnicos funcionam a partir da identificação de seu público-alvo. Os salões de segmentação étnica por vezes se apropriam dos jargões da luta dos movimentos sociais. Tal apropriação pode compenetrar os significados transformando suas causas em mercadorias propagadas por planos de marketing das empresas. Não se trata apenas de uma questão mercadológica. E não se trata apenas de uma questão de luta política. São, portanto, processos absolutamente complexos.

> A crescente oferta de salões e produtos voltados para mulheres negras consolida um mercado cada vez mais lucrativo. Se estas antes não eram consideradas pelo segmento da indústria cosmética como um consistente público consumidor, atualmente esse mercado tem sido identificado e reconhecido, com oferta cada vez maior de produtos voltados para mulheres negras. Falando especificamente de produtos para o cabelo, vale ressaltar que nem todo procedimento cumpre o que promete, produzindo também experiências de dor (OLIVEIRA E MATTOS, 2019, p. 457)

> Precisamos, ainda, nos atentar ainda para o fato de que a valorização mercadológica do cabelo crespo pode reforçar o discurso de uma imagem estereotipada sobre mulheres negras, tendo como objetivo a obtenção de lucro a partir de discursos que reificam a alteridade a partir da exotização da estética negra. Nos relatos também esteve presente a experiência de suportar, de maneira consciente, o sofrimento ao se submeter aos procedimentos de tratamento dos cabelos. Ou seja, ainda que essas mulheres soubessem que determinada prática dói, dá trabalho, e pode até ser danosa à saúde por ser um procedimento químico, não interrompiam necessariamente seu uso. (OLIVEIRA E MATTOS, 2019, p. 457)

Porém, Cintia Cruz (2014), por exemplo, destaca que, para bell hooks, o diálogo desenvolvido por mulheres afro-americanas em salões de beleza étnicos durante o tempo de tratamento de seus cabelos foi fundamental para a construção da feminilidade da mulher negra nos EUA. Podemos tecer brevemente sobre esse processo nessas dinâmicas para mulheres brasileiras. Destarte é importante ater que esses salões étnicos também são espaços de acolhimento, de identificação, de pertencimento. Aqui vale retomar o estudo de Gleicy Silva

(2019) e sua noção de "*sentimento de desajuste*", onde mulheres negras se sentem desajustadas, como se não fossem pertencentes a nada, nenhuma roupa combina, maquiagens não ficam bonitas, o couro cabeludo muito maltratado pelos sucessivos procedimentos químicos. Então, essas mulheres, em muitas situações, buscam abrigo e amparo em outras mulheres negras e se voltam para o mercado especializado, encontram ali uma espécie de clube, de grupo de apoio. "No cerne do *sentimento de desajuste*, estão presentes experiências de constrangimento, vergonha, sentimento de inferioridade e humilhação" (SILVA, 2019) E posteriormente entra o "caminho de resgate" com reinterpretação dos sentimentos de inadequação e autodepreciação, acabam sendo atos de resistência e uma forma de recuperar sua autoestima.

Historicamente, os brancos remetem às representações dominantes, enquanto os negros remetem às representações dominadas. Desse modo, buscamos indicar que há uma relação de dominância entre essas partes, houve um domínio histórico que perdura e tem resquícios até os dias atuais e que resultam nas práticas sociais. É muito relevante se estudar as representações e os imaginários dos negros na sociedade. Exatamente por isso nos interessamos por uma observação que coloque a relação dos negros com seu cabelo no centro da análise. O cabelo carregado de tantos significados é fundamental nesse processo tanto de negação quanto de aceitação. A negação de si mesmo é estabelecida porque há uma vergonha de ser o que se é. A aceitação de si mesmo é estabelecida porque há um orgulho de ser o que se é.

Desse modo, quando escolhemos falar sobre cabelo não se trata de uma mera superficialidade, mas sim de uma importante temática que representa uma dentre as múltiplas formas de expressão da corporeidade e da cultura, que nos remete a uma raiz ancestral, além de indicar a distorção ou ressignificação da autoimagem, a destruição ou manutenção de estereótipos, o reforço ou rompimento de hierarquias raciais. (OLIVEIRA, SANTOS & TEIXEIRA, 2016) Os cabelos, segundo o antropólogo Raul Lody (2004), têm "o poder de dizer sobre a pessoa: quem é, o que faz, qual o seu lugar no grupo, na comunidade e na sociedade."

> Desde o surgimento da civilização africana, o estilo do cabelo tem sido usado para indicar o estado civil, a origem geográfica, a idade, a religião, a identidade étnica, a riqueza e a posição social das pessoas. Em algumas culturas, o sobrenome de uma pessoa poderia ser descoberto simplesmente pelo exame do cabelo, uma vez que cada clã tinha o seu próprio e único estilo (GOMES, 2003, p.82)

Pesquisas e estudos sobre emoções que excluam as questões raciais deixam uma enorme lacuna e promovem saberes limitados e, em parte, equivocados. Se as emoções são socioculturais e vivemos em uma sociedade racista, logo nossas emoções são incrustradas em imaginários sociais racistas. Os sentimentos têm uma marca da cultura, do social, mas nem por

isso deixam de ser genuínos. Podemos afirmar que ao longo da história houve uma negação dos negros à sua própria imagem, uma profunda sensação de vergonha. Em resposta a essa vergonha há também a (re)afirmação da identidade negra principalmente no que tange à aceitação de sua autoimagem e a construção de um orgulho em ser negro. Construir uma identidade negra que seja afirmativa frente a uma sociedade que sempre preparou o negro para uma negação de si mesmo é uma tarefa muito árdua e demanda um processo emocional muito longo e dificultoso.

> Mas não se trata apenas de uma questão comercial, ou da falta de atribuição de créditos, mas o que ativistas negros no Brasil denunciam especialmente nesses casos de apropriação é o esvaziamento de sentido, a deturpação de símbolos de luta. Por isso, para muitos grupos que se utilizam desses elementos culturais inapropriadamente não só descaracterizam o simbolismo e a representatividade da cultura negra como "roubam" desses grupos a autenticidade das práticas e do envolvimento político atrelado a elas. (PINHEIRO, 2015, p. 4) E mais ofensivo ainda é utilizar-se desse símbolo para fins econômicos, como mercadoria ou valor de troca, dentro da lógica capitalista de inovação de produtos, surgimento de modas ou objetos de consumo que alimentam e empoderam o referido sistema. (PINHEIRO, 2015 apud CONCEIÇÃO LIMA, 2017, p.25)

ENTREVISTAS

Lucia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Lucia, quando eu falei que você tá adiantando as perguntas, olha só. [risadas] A próxima ia ser sobre que salão de beleza você costuma frequentar e se ele é especializado em cachos e crespos. Você acabou de falar. [risada]

Entrevistada: Ó…é sim. Eu procurei o salão, eu achei um salão chamado Curly, que quer dizer…

Entrevistadora: Cachos.

Entrevistada: Cacheado, né? Exatamente. Eu vou nesse. Aí depois ela fechou durante uma época e eu tive… aí eu achei, procurei… procurei um outro salão que tem uma pessoa especializada em cortar cabelo cacheado e crespo. [...] Ela, tipo assim, ela é maravilhosa, ela corta de um jeito que valoriza, ela me ajuda a cuidar, ela ensina e tudo. Mas eu curti esse espaço, assim, que eu tive assim, nesse outro salão, assim, que era uma coisa exclusiva [risada] de cabelo… sabe? E foi onde eu descobri mais também sobre a diversidade dos cabelos… é… cacheados/crespos, né? É… e também olhando os produtos, essa linha diva, né? Que também vai olhando, você vai descobrindo, você vai vendo: "Ah, é bem diferente". Então, assim, descobrindo essas linhas de produto também eu fui descobrindo, mas enfim. Sim, eu vou, eu faço questão, eu não vou mais em qualquer cabeleireiro, eu vou em alguém que é especializado em cabelo cacheado.

Ruth (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Você falou do salão de beleza que veio na tua memória, né? Isso foi engraçado. É…, mas você tem, assim, você acha que ao longo da vida você teve algum salão de beleza que você costumava frequentar? E se ele já era um salão especializado em cabelo cacheado e crespo, ou não?

Entrevistada: Sim, sim, sim. Era o Júpiter no Largo do Machado, depois passou a ser o do Meyer, e aí acho que a escova progressiva chegou na zona sul [...]. A escova progressiva chegou na zona sul, e é um shopping em Botafogo, Wanda K. É… é o nome da dona, e eu fazia com ela. Então…, mas assim, eu nunca fui fã de cabeleireiro, eu acho que é porque eu já sofri tanto. Eu não faço unha, eu que corto a minha unha, e [inaudível]. [risos] eu sou da linha de dança e sempre toquei muito nas pessoas pra consertar. Então, nunca fiz pé, nunca fiz pé na vida, quem faz sou eu… quem limpa as unhas, corta as unhas, dá uma lixadinha e só… mais nada. Então, eu nunca fui fã… eu nunca maquiei em cabeleireiro, depilação… mamãe é que fazia depilação com mel. Então eu depilava… eu achava que eu era cabeluda aqui, então eu depilava. [risos] hoje… hoje eu não faço nem nada, não tem bigode. [...] Hoje eu tenho um salão, que eu adoro, que é o Tiago… o Tiago, ele cuida do meu cabelo, ele corta o meu cabelo, ele entende de cabelo cacheado, cabelo crespo, cabelo encaracolado, seja o nome que for. Ele adora

cortar cabelo. Assim, e ele sabe, ele começa a cortar com ele seco porque ele viu um dia que um lado mais liso, um lado mais ondulado, crespo. E… ele é muito bacana, ele é um especialista, se chama Tiago… Tiago Parente.

Glória (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Ao longo da sua vida os salões que você frequentou ou que você frequenta são especializados em cabelos cacheados, cabelo com cacho? Ou você vai em qualquer salão? Salões abertos.

Entrevistada: Não… sim. Por exemplo, na [Europa] tem uma questão, que eles não entendem cabelo crespo, porque no Brasil você tem muito mais cabelos crespos, assim, de… né? De níveis variados, de tipos variados. Então, no Brasil eu acho muito mais fácil você ir pro salão, e as pessoas entendem mais o seu cabelo. Na [Europa] você tem o cabeleireiro de cabelo branco total ou [inaudível], e o meu tá meio que, tá um pouco mais no meio. E eu recentemente cortei o cabelo, e eu não sei se você já ouviu falar do Diva [inaudível]

Entrevistadora: Não…

Entrevistada: Eu não sei, eles fazem um corte pra cabelos cacheados e com mais volume. Então, a última vez que eu fui cortar cabelo eu fui num salão especializado em cabelos crespos. Foi bem bacana, e eu curti, e eu acho que foi, provavelmente, assim, uma das primeiras vezes que eu fui num salão especializado

Entrevistadora: Isso foi recentemente?

Entrevistada: Foi, foi a mais ou menos… sei lá, uns 6 meses. Porque eu tenho uma coisa assim, geralmente, eu deixo o cabelo crescer e não corto por meses, e aí eu encho o saco e corto ele bem curtinho assim, [risos] mais ou menos por aqui [altura do ombro]. Então, é… não, aí quando ele tá maior aí eu vou deixando ele crescer e não vou, eu vou no salão, raramente, pra cortar.

Lurdes (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Em algum momento você chegou a frequentar salão de beleza que fosse especializado em cabelo cacheado?

Entrevistada: Pois é… não. Tem uma amiga minha que tem cabelo enrolado e ela me falou, ela começou a trabalhar num lugar chamado Clube das Pretas, não sei se você conhece, que é no Humaitá. Ela me chamou várias vezes, porque é um grupo de pessoas que ela falou que lidam com cabelo, ajuda as pessoas a fazer a transição, não usa produtos químicos. Tanto que eu comecei, na verdade, agora que eu lembrei… Sim. Eu fui mais de uma vez no Beleza Natural quando ele tinha o salão. Eu uso os produtos do Beleza Natural pra cabelos enrolados, e fui nesse salão algumas vezes, que tinha no Leblon. Porque eu moro na [Zona Oeste do Rio de Janeiro], não tem aqui, né? Então eu ia até o Leblon. Mais de uma vez eu cortei o cabelo no Beleza Natural, foi quando eu comecei a voltar, e achei ótimo, de tá num lugar onde todo mundo tinha o cabelo enrolado. Até tinham pessoas que não tinham, que usavam o salão, de todo jeito, mas foi ótimo. Mas aí fechou esse salão, e aí eu fui tentando outras coisas. Mas só. Basicamente sou em quem corta, às vezes até peço pra outra pessoa cortar. Mas é depois eu mesmo vou ajeitando da forma que eu gosto e tal. Mas hoje em dia eu vou mais, só pra fazer uma tonalização mesmo.

Julia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: E você falou de salão de beleza que não gosta de frequentar, mas você já chegou a frequentar algum tipo de salão que fosse especializado em cabelo cacheado?

Entrevistada: Não, talvez eu tenha ido em um acho que tinha um entre Leblon e Ipanema, acho que se chamava Beleza Natural, acho que fui uma vez, mas assim eu compro shampoo né, tipo, creme sem enxágue, não tem como não usar, porque... minha filha ta passando aqui que meu apelido é [apelido] que “se sente” [risos], mas não é bem assim não [risos]

Conforme podemos ver, nos cinco depoimentos acima de mulheres brancas com mais de 50 anos elas falam sobre seus relacionamentos com os salões de beleza. O primeiro depoimento é o de Lucia que afirma fazer seu cabelo com uma profissional específica. Ela adjetiva a cabeleireira como maravilhosa, que também ensina bastante sobre a diversidade dos cabelos. Afirma também que atualmente sempre busca alguém especializado em cabelos crespos e cacheados. O segundo depoimento foi o de Ruth que disse ter frequentado um salão

de beleza chamado Jupiter, mas afirmou não ir muito ao cabeleireiro e demonstra a emoção de ter sofrido muito em experiências passadas com cabeleireiros. Atualmente tem um profissional que a acompanha, que cuida de seu cabelo, que entende de cabelos crespos e cacheados. Adjetiva o profissional como alguém muito bacana, um grande especialista. O terceiro depoimento é de Gloria, que vive na Inglaterra e afirmou que no Brasil é mais fácil ir ao salão de beleza. Diz que a última vez que foi cortar o cabelo foi em um salão de beleza especializado em cabelos crespos, afirma ter tido uma boa experiência, que foi bacana. O quarto depoimento é de Lurdes que diz não frequentar salão de beleza, mas lembra que já foi algumas vezes ao salão Beleza Natural e diz usar os produtos deste salão. Diz ter gostado muito, que se sentiu à vontade em estar num lugar onde todo mundo tinha cabelo cacheado. O quinto depoimento é o de Julia que chama atenção por também se recordar do salão Beleza Natural como único salão de beleza étnico que já frequentou.

Assim, alguns pontos se mostram interessantes como a busca por um salão ou profissional ser uma questão importante para as entrevistadas; além do fato de que buscam um profissional ou um salão especializado e que não necessariamente é um salão de beleza étnico; também ocorre que experiências passadas em alguns salões podem causar sofrimento. Algo que também deve ser levado em consideração é a proximidade e a facilidade de acesso aos salões de beleza, de modo que seja prática a ida com frequência. Nem todas se 'aventuram' em salões de beleza, parecem não ter confiança em entregar seu cabelo aos cuidados de um terceiro. São pessoas que desenvolvem uma relação pessoal de autocuidado com os próprios cabelos.

Eduarda (mulher branca menos de 40 anos)

Entrevistadora: Você costuma frequentar algum salão de beleza? Ou até quando você era mais nova, você tinha algum salão de beleza que você ia com maior frequência? E ele já era um salão especializado em cabelo crespo, cacheado? como é que foi tua experiência com o salão?

Entrevistada: Então, eu passei muito tempo tendo experiências terríveis com salão. Enquanto eu fazia escova progressiva… eu… é, que é meio que um [salão] de bairro, assim, pequeno, que tinha perto da minha casa. [...] É… então, eu ia nesse salão que era perto daqui de casa, que era o lugar que eu fazia escova progressiva. E não era um lugar especializado em cabelo cacheado de forma alguma, né? E aí depois que eu parei de fazer a escova progressiva eu comecei uma saga pra encontrar uma pessoa que soubesse cortar meu cabelo. Porque não sabiam, não sabiam cortar o cabelo. E eu já cheguei num nível assim, porque eu não sei em que momento as pessoas descobriram que cabelo cacheado deveria se cortar em camadas, em algum momento isso chegou. É… e aí eu chegava no salão e as pessoas pegavam meu cabelo e cortavam em camadas. Só que meu cabelo ele tem diferentes formas, então assim, o topo do meu cabelo é muito mais cacheado que a parte de baixo do meu cabelo. E aí quando eles faziam a camada, eu ficava parecendo, sabe aqueles vestidos babados assim? [...] [risos] ficava um horror, um horror. E aí uma vez eu fui num salão já com todas essas experiências e falei: "moço, olha só, você vai cortar aqui meu cabelo, mas deixa eu te explicar, não pode fazer camada, porque senão ele fica um negócio depois… liso embaixo". E aí ele começou a criticar a forma que eu cuidava do meu cabelo, ele falava que o meu cabelo era assim porque ele era ressecado. E eu falei: "não tem nada a ver com o cabelo ser ressecado, é o jeito que o cabelo é". Ele falou: "não, você tá deixando o seu cabelo ressecar, você lava o cabelo todo dia". Isso ficou muito na minha cabeça. "Você lava o cabelo todo dia?", aí eu falei: "lavo, meu cabelo é oleoso… eu tenho que lavar todo dia". Aí ele: "não… não, você tem que escolher: ou você tem o cabelo bonito, ou você tem o cabelo limpo". [risos] eu fiquei: "uai… como assim?". E aí o cara cortou meu cabelo, mais uma vez fez uma grande bosta

no meu cabelo, né? Aí eu saí de lá com o cabelo horroroso. Até um dia que eu achei um salão não especializado em cabelos cacheados, mas uma cabeleireira negra com o cabelo crespo cortou meu cabelo. Era um salão aqui na [Zona Norte do Rio de Janeiro], né? Era um salão grande até, um salão que não é no shopping mas é um salão bem grande que tem aqui. E ela cortou meu cabelo, foi a primeira vez na vida que eu saí de um salão satisfeita com meu cabelo. E aí eu fiquei anos com ela, anos, e anos, e anos, e anos porque ela foi a única pessoa até hoje. Sinceramente, ela é a única pessoa que consegue cortar meu cabelo e me deixar satisfeita. Ela não se intitula como uma pessoa especializada em cabelo cacheado, mas ela é uma pessoa de cabelo crespo e ela sabe cuidar do cabelo dela… o cabelo dela é lindo, maravilhoso, e ela sabe cuidar muito bem do cabelo dela. E ela corta o meu cabelo, assim, belamente, assim, já indiquei pra todas minhas amigas que tem o cabelo cacheado, todas foram, todas gostam, é… Só que enfim, eu tive uma questão que ela veio aqui em casa e… porque ela tem esse salão, né? E aí ela veio aqui em casa e cortou o cabelo da minha mãe, não deu muito certo. E aí começou essa onda de especialistas em cabelo cacheado, de salões especializados em cabelo cacheado. E aí eu cismei, falei: "pô, vou achar, vou procurar alguém, vou fazer essa tentativa, vou procurar alguém que seja especialista em cabelos cacheados, vou ver se é tão diferente assim, vou ver o que que acontece". E aí isso também é uma experiência, assim, antropológica que eu estou vivenciando nesse momento da minha vida. Primeiro, os preços são absurdos, eu não sei se é a região que eu moro… eu não sei, tá? Assim, os preços são absurdos. Essa cabeleireira que é a que corta o meu cabelo a muitos anos, o preço do salão também é muito caro, mas é um salão caro… ponto. É um salão caro, tudo é caro nesse salão, o corte dela é caro. Ela já veio aqui na minha casa cortar o cabelo, e aí é muito mais barato quando ela vem em casa cortar o cabelo. É o preço do salão, quando eu tô afim de cortar no salão eu tenho que pagar o preço do salão então. Mas essas meninas... eu só tenho visto mulheres, né? Essas especialistas são muito caras, salões, além de serem caros, é uma questão que eu tô pensando nisso nesse momento… é uma dificuldade pra você conseguir marcar… uma dificuldade, uma dificuldade. É… que eu acho bizarro, assim, não tenho nem outra palavra, porque a única que eu consigo marcar [...] e aí depois de algumas semanas eu consegui marcar com ela e eu fui no salão e ela me atendeu super mal, ela se atrasou quase uma hora, eu fiquei quase uma hora lá esperando ela e ela me atendeu muito mal. Ela foi finalizar meu cabelo com um produto que eu tenho em casa, que eu uso o produto. E aí, ela perguntou pra mim se eu conhecia, e aí eu falei: "conheço, eu uso esse creme só que ele é muito pesado pro meu cabelo, tem que usar muito pouquinho, porque senão meu cabelo fica muito melequento". Ela tacou ele inteiro no meu cabelo, meu cabelo ficou todo melequento e eu falei: "meu Deus, gente". [risos] Eu levei tanto tempo pra conseguir marcar com ela, quando eu consigo, eu ainda falei: "ó, conheço esse creme, ele é pouquinho no meu cabelo, senão pesa". Vai lá, tacou-lhe creme, meu cabelo ficou super pesado, ficou horrível, tive que chegar em casa algumas horas depois e lavar o cabelo imediatamente porque, né? Enfim. Mas o corte dela ficou ótimo, o corte dela ficou muito bom, gostei muito do corte, mas eu não gostei da experiência, né? [risos] eu agora tô até numa outra saga, porque essa blogueira, que tem o cabelo exatamente igual o meu, abriu um salão, perto ali do [shopping na Zona Norte do Rio de Janeiro], e eu tô louca pra ir pra ela cortar meu cabelo. Eu quero conhecer, meio tiete também assim, né? [risos] queria conhecer ela e eu queria que ela cortasse meu cabelo por que eu acho o cabelo dela maravilhoso, o cabelo dela é igual o meu. É… só que é uma dificuldade também, assim, pra marcar, você tem que […] E aí, pra você conseguir uma agenda em abril é impossível. E eu até entendo, né? Porque eu acho que deve ter demanda, provavelmente tem demanda. É… só que assim, preços muito altos… quem é essa demanda? Eu fico super me questionando assim. É, eu sou uma mulher de classe média, eu acho caríssimo. Eu acho caríssimo o corte de cabelo. Os tratamentos são assim: não tem tratamento por menos de 250 reais. Eu falo: "cara, o que? Como assim?". Além de ser caro, é difícil você conseguir marcar, os horários são difíceis de marcar, tem toda uma burocracia. Por exemplo, eu queria marcar o meu e da minha irmã pra gente cortar o cabelo juntas, aí você tem que pagar um sinal pra você conseguir agendar o seu horário. Gente, eu nunca vi isso, você pagar um sinal num salão, eu já tô desistindo. [...] eu tive um momento na adolescência [...] que eu tenho uma amiga que era dessa escola, né? Era da minha escola, que ela tem o cabelo crespo. E ela ia no Beleza Natural. E aí, uma vez ela falou: "Eduarda, vamos lá… [risos] vamos ver se dá um jeito no teu cabelo [...]". Aí a gente foi no Beleza Natural, minha mãe criticando muito, assim, não queria que eu fosse de jeito nenhum, porque "ai, esse salão de cabelo" a forma que fala assim também, né? “Esse *salão de cabelo duro*, é salão pra cabelo duro, não tem nada a ver ir”, e não sei o que. Eu falei: "ó… salão de cabelo cacheado, meu cabelo é cacheado… vou num salão de cabelo cacheado". E eu foi só que o que me ofereceram, assim, não era o que eu tava querendo, né? O que eles tinham era tipo um permanente, né? Que aí eu acho que no final das contas ia acabar deixando o meu cabelo mais cacheado do que ele é, era alguma coisa assim. E os tratamentos, não tinha nenhum tratamento que não mudasse a forma do cabelo. Tinha um sei lá, uma reconstrução, uma super hidratação, alguma coisa assim. E e aí eu falei: "ah, tá bom, vou continuar fazendo escova progressiva", é isso, né? E aí eu não fiz, mas essa minha amiga ela sempre cuidou do cabelo dela lá no Beleza Natural… e fui com ela, mas enfim. E, além disso, né? Eu era a única pessoa com cabelo cacheado do formato do meu cabelo dentro daquele salão. Pelos cabelos, as pessoas que

buscam, pelo que eu percebi, né? No momento ali. Até hoje, as pessoas que eu conheço que frequentam o Beleza Natural são pessoas de cabelo crespo-crespo, não são pessoas de cabelo cacheado. Tem essa coisa, né? 2a, 2b, 3 [inaudível]... essa coisa, né? Dessas curvaturas do cabelo. Até me olharam estranho quando eu conheci um pessoal… [risos] "pô, que que essa garota tá fazendo aqui?". Mas, é… enfim, aí foi isso. Aí, eu acho que eu já desisti de buscar um salão de cabelo natural e eu vou continuar com a minha cabeleireira mesmo, porque é zero burocracia, só é cara… [risos] [...] é… e eu engulo os preços, eu fico pensando muito nos preços, porque aí… por exemplo, as minhas alunas, elas não têm um dinheiro pra pagar quase duzentos reais num corte de cabelo, não existe isso. É muito caro, muito caro. Aí eu entro nessa questão de… tá, pra quem são esses tratamentos também de cabelos naturais, né? Pra quem? Pra um público muito selecionado. [...] a minha experiência com essa questão de salão especializado é meio essa, assim, acho muito difícil: além da burocracia, extremamente caro.

O depoimento acima é referente a uma mulher branca com menos de 40 anos. Trata-se de apenas um depoimento, porém muito extenso e com informações que julgo muito proveitosas. Eduarda afirma ter tido péssimas experiências com salão de beleza. Conta que um dia encontrou um salão de beleza não especializado em crespos e cacheados, mas que tinha uma cabeleireira negra com cabelo crespo e que essa profissional cortou seu cabelo. É muito interessante quando ela diz que foi a primeira vez que saiu satisfeita de um salão de beleza, diz ter ficado anos com essa profissional e que foi a única até hoje a ter acertado no tratamento de seu cabelo. Adjetiva o cabelo da profissional como lindo, maravilhoso e diz que sabe cuidar muito bem do cabelo dela. Posteriormente pontua ter percebido uma onda de especialistas em cabelos cacheados e de salões especializados. Mas que achou os preços absurdos e abusivos além de ser uma dificuldade conseguir marcar para ser atendida. Reafirmou que acha caríssimos os preços em salões de beleza especializados, um corte de cabelo não custar menos que R$250,00. Ainda nesse depoimento Eduarda conta sobre sua experiência com o salão Beleza Natural, diz que sua mãe era contra sua ida ao salão e dizia se tratar de “salão de cabelo duro”. Fala que foi ao salão, mas que não teve a experiência que estava esperando, diz que o que ofereceram não era o que estava querendo, percebeu que era a única pessoa cacheada no formato de seu cabelo dentro do salão. Percebeu que as pessoas que conhece que frequentam o Beleza Natural possuem o cabelo crespo. Afirma inclusive ter notado uns olhares de estranhamento. Fica se perguntando pra quem são esses tratamentos de cabelos naturais, se são para um público muito selecionado. Na passagem de Eduarda é interessante observar que o fato de ser uma mulher branca gera em sua família e conhecidos uma estranheza de vê-la frequentando o Beleza Natural. Há, portanto, uma racialização tanto do salão quanto da experiência.

Amanda (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Você tem algum salão de beleza que você costuma frequentar? Ele é étnico? Especializado em cachos e cabelo crespo? Ou você frequenta um salão que não é especializado?

Entrevistada: Então, eu não tenho um salão específico que eu frequento. Na verdade, eu tenho experimentado alguns nos últimos anos e todos com esse foco étnico, assim, todos. Sei lá, acho que de uns 3, 4 anos pra cá, eu já fui em vários salões e todos eu procuro que tenha algum tipo de atendimento especializado, que

assim, que fale de um corte, que tenha profissionais que cortem cabelo crespo. Eu tenho buscado muito esse tipo de salão.

Agatha (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Você tem algum salão de beleza que você costuma frequentar? Ele é um salão étnico especializado em cabelo cacheado, crespo? Ou ele é algum salão não especializado?

Entrevistada: Eu frequento o Beleza Natural. Mas eu vou poucas vezes, mas eu frequento ele e ele é só para cabelo cacheado. Né? Aí que eu vou, só tratam de cabelo crespo, cacheado. E eu nunca fui em outro salão. Nunca. Na verdade, eu acho que eu já tentei ir até em outro salão, mas eles não souberam cuidar do meu cabelo da forma que lá no Beleza Natural eles sabem cuidar. Entendeu?

Entrevistadora: Você tentou mudar de salão, mas não rolou?

Entrevistada: Foi até um que minha prima me levou. Falou: "Ah, vamos fazer uma hidratação". Mas não foi pro meu cabelo, né? Não deu certo. Lá eu… lá no Beleza eu fico mais à vontade porque eu sei que eles tratam bastante do meu cabelo. Né?

Bruna (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Você falou muito que você fez muita coisa no cabelo. Você fazia em casa por conta própria ou tinha algum salão de beleza que você costumava frequentar? Ou se você já foi em algum desses salões étnicos, que é pra cabelo crespo, cacheado?

Entrevistada: Ah, eu tenho uma história de salão pra cabelo étnico. [inaudível], né? O Beleza Natural, ele é muito [inaudível], mas aquela química ali não faz bem pro cabelo. A minha avó fazia lá, e eu olhava. Aí teve um dia, isso foi no salão de Ipanema, é… ela morava em [Zona Sul do Rio de Janeiro], uma favela aqui em [Zona Sul do Rio de Janeiro], não sei se você já ouviu falar [...] eu ficava o final de semana lá. Aí ela me levou, eu tinha 11 anos… fomos nesse salão. Aí chegamos lá, meu cabelo era, sempre foi muito cheio e ele tava com a [inaudível] nessa época. Aí ela falou assim: "aí, Bruna, tá vendo ali?". Tinha uma criança também da minha idade assim fazendo o cabelo. "Alí ó, tem uma criancinha fazendo o cabelo. Porque que você não aproveita que a vovó tá fazendo aqui, você vai lá e faz também". Eu: "é né? Legal, né? Vou sair bonita, com cabelo cacheado". Ela… "ah eu acho que eu vou…". Aí eu fiquei pensando: "me deixa pensar um pouquinho". Porque eu sempre fui assim meio indecisa: "ah deixa eu pensar 10 minutinhos". Nesses 10 minutos aconteceu o inesperado. Essa criancinha que tava lá no lavatório aplicando… que eles aplicam no lavatório mesmo. Não sei se você já foi no Beleza Natural. Menina… começou… o cabelo começou… da menina [inaudível], e a cabeleireira ficou então, assim. Aí do nada chegaram uma pá de pessoas: "lava, lava, lava, lava". O desespero. Aí minha vó ficou desesperada: "não, você não vai fazer mais nada não" [risadas] Aí a minha vó: "não, tira aqui" - falou pra cabeleireira dela. "Tira logo isso aqui, que eu vou sair. Não precisa nem ajeitar". Olha, eu fiquei… eu lembro disso até hoje, pra você ver, eu tinha 11 anos. Respondendo a outra pergunta, minha mãe é cabeleireira, então, ela que aplicava os produtos aqui. Então, só pra você… eu já apliquei, é, um alisamento já. É... mas agora é Maria Bonita, mas já na época já foi uma, alguma coisa "ZEN", eu já apliquei esse. Eu apliquei o da Lola. O da Lola foi assim, recentemente, né? A três anos atrás mais ou menos. É… eu já apliquei o da Alfaparf, eu já apliquei é… é… [inaudível] guanidina, né? Falei, guanidina não é um alisamento, mas a guanidina é um [inaudível]. Eu cheguei a aplicar três vezes tudo pra controlar o frizz. Então, assim, foram tantos. Então é isso, [...] eu não costumava ir no salão porque além de ser caro, minha mãe sabia fazer. Então… [risadas] eu fazia com ela, porque essas coisas de alisamento são caras… são bem caras. Vai passar [inaudível], que eles batizam também. Minha mãe falava isso pra mim, ela falou: "ó, eu não vou batizar o seu negócio, teu produto tá aqui…, mas se você for no salão eles vão batizar", e batizam mesmo. Batizar é colocar… eles compram formol… hoje em dia é proibido vender, mas a 8, 9 anos atrás era liberado. Compra um formolzinho e coloca. Coloca uma tampinha… não tem medida, né? A medida é o que eles acharem melhor. Coloca ali, mistura e passa no seu cabelo. Então, minha mãe que aplicava, sabe? [...] Mas eu não ia ao salão não, salão étnico eu só lembro de ter ido no Beleza Natural. [...]

Cintia (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Tem algum salão de beleza, assim, que você costuma frequentar? Ele é étnico? Personalizado em cabelo cacheado, crespo? Como é que é isso?

Entrevistada: Cara, eu faço no Beleza Natural já tem uns 20 anos pelo menos, [...] se não mais porque eu até a última vez que eu fui eu tava conversando com as meninas [inaudível]: "caraca, a gente tá muito velha aqui". Aí rolou aquela brincadeira, mas tem uns 20 anos pelo menos. Desde que eu vim morar… porque eu morava no [Centro do Rio de Janeiro], né? [...] Aí… 1995 eu vim pra [Zona Norte do Rio de Janeiro], aí como tem um Beleza Natural aqui na [Zona Norte do Rio de Janeiro] e minha avó levou a gente até lá, enfim… aí ficamos, né? E aqui

faz todo mundo, tá? Minha mãe fazia, minha irmã faz, a minha sobrinha agora faz também. Minha sobrinha faz muito menos, porque assim, o cabelo dela é mais fino. Então, assim, ela faz tipo como eu agora, de 6 em 6 meses, faz com bastante, com um espaço grande de tempo. A mais viciada é minha irmã; a minha mãe fazia, mas também não era tão… era mais tranquila com o cabelo a minha mãe também, mudava sempre, era bem estilosa… usava faixa, fazia trança. Mais viciada daqui é minha irmã mesmo.

Os quatro depoimentos acima são referentes a mulheres negras com menos de 45 anos. Amanda disse ter experimentado alguns salões étnicos nos últimos anos sempre prezando por profissionais que cortem cabelos crespos. Agatha disse ser frequentadora do salão Beleza Natural e que nunca foi assídua de outro salão, a única vez que foi não souberam cuidar da mesma forma que se sente cuidada no Beleza Natural. Bruna também disse que o salão de beleza étnico que frequentou foi o Beleza Natural, mas ao contrário de Agatha considera que a química usada não faz bem para o cabelo. Tendo uma mãe cabeleireira, Bruna afirma que era a própria mãe que aplicava os produtos em seu cabelo, não costumava ir à salões porque além de ser algo caro, sua mãe sabia fazer os procedimentos. Cintia, assim como Agatha e Bruna, diz se recordar do salão Beleza Natural quando questionada sobre salões de beleza étnicos especializados. Diz ser frequentadora há 20 anos do Beleza Natural, as mulheres de sua família são frequentadoras deste salão (sua mãe, sua irmã e até mesmo sua sobrinha).

Ao falar dos tratamentos no Beleza Natural, onde geralmente se faz a aplicação de um relaxamento capilar, ocorre que o cabelo se mantém cacheado, só que menos cheio, com um volume menor, mais ‘comportado’, mais ‘controlado’. Então, mesmo sendo um procedimento químico, seu efeito fica parecendo um cabelo ‘natural’, assim novamente surge a questão da ‘naturalidade’ do cabelo. (QUINTÃO, 2013)

Os depoimentos acima destacam a presença do salão Beleza Natural como algo frequente na vida das entrevistadas, veem inclusive como um evento familiar que passa através das gerações. Isso contrasta com o depoimento de Eduarda, em que se destaca por ser a única pessoa da família que frequentou este salão. Isso acende a questão de se há uma relação afetiva com o salão ou com as cabeleireiras. E quais são os receios em mudar de salão e ter uma experiência ruim, uma vez que falam do salão de beleza como falam de experiências, como algo que marca um momento da vida. A ida frequente a um mesmo salão de beleza representaria uma fidelidade, enquanto a mudança de salão seria quase uma traição.

Laura (mulher negra mais de 55 anos)

Entrevistadora: Você falou que você frequenta um salão, mas ele é um salão étnico, é só para cabelos cacheados e crespos ou você tá indo em um salão aberto?

Entrevistada: Não, na verdade não é um salão, é uma pessoa que é negra, né? [...] e aí, eu peço a ela que o que ela use... fique parecido ao do Beleza [salão Beleza Natural], que eu não sei se ela vai conseguir fazer igual, mas que ele fique enroladinho. Né? Eu até falo com ela assim: "eu quero que ele fique igual um poodle", [risos]

"é que ele fique todo enroladinho assim". [risos] então, ela é… ela tinha um salão e ela não tem mais, então ela agora tá trabalhando num determinado salão. Mas eu não me ligo ao salão, eu me ligo a ela. Assim como tinha o Brasil e ele cuidava do meu cabelo. [...], mas normalmente quem cuida do meu cabelo sou eu. Uma vez ou outra que eu vou lá e que… no dia que eu faço, que eu boto ele todo enroladinho, é que eu deixo ela fazer alguma coisa. Se não, quem cuida dele sou eu. [...] Então eu tô mais ligada a ela do que ao lugar que ela trabalha. É… e assim, era muito interessante quando eu ia no Beleza, né? É, porque lá no Beleza era bom que era todo mundo igual. Era isso no Beleza era uma coisa assim, que aí você vai, você entra, aí você escolhe o que que é, você vai pra uma sala que o cabelo é dividido… todo mundo tá ali porque tá dividindo o cabelo. [...] Aí você vai pra sala de espera, aí você fica todo mundo com o mesmo cabelo dividido. E aí, eu, pelo que eu vi, cada uma que pegava o meu cabelo… meu cabelo é muito fino. Eu sentia que ela não via como era o meu cabelo, então eu procurei ficar com uma só pra ela ver como era o meu cabelo e tratar do meu cabelo como ele deve ser tratado, *porque ele é especial.*[13] Ele é fino, e tem cabelos que são mais finos e que são mais grossos. E assim como eu trato o meu cabelo com carinho, eu queria que a pessoa que tivesse mexendo no meu cabelo, tratasse ele com carinho também. Então, foi-se examinado que no Beleza tinha, mas eles iam examinar se tinha alguma química ou não. Não era só isso que eu queria. Eu queria que a pessoa visse que tipo de cabelo era o meu também. E aí, depois que eu ficava, né? Eu fiquei com uma moça bastante tempo, e ela que falava assim: " seu cabelo é muito fino, então, eu não posso botar muita química, eu tenho que botar pouca porque o seu cabelo… ele pega fácil e pode cair". Então, eu sei que ele é assim. Então, era isso que eu queria, eu quero um tratamento no meu cabelo, não quero... não é pra alisar, é pra soltar mais ele porque eu também não queria que ele ficasse boi-lambeu, não quero ele lisão, eu quero ele enrolado. E aí, é… por isso que agora eu tô com essa, que essa agora já conhece meu cabelo, e eu sei que ele é fino [...]

O depoimento acima é referente a uma mulher negra com mais de 55 anos. Laura respondeu que atualmente não frequenta exatamente um salão, mas é acompanhada por uma mulher negra. Diz que não tem ligações com o salão, mas sim com a profissional. Laura pede que o tratamento fique parecido com o do salão Beleza Natural. Relembra os tempos em que frequentava este salão e diz que era bom. Conta que atualmente preferiu ficar com uma só profissional, para que seu cabelo seja tratado como deve ser tratado.

O olhar de Laura sobre o Beleza Natural corrobora com as pontuações indicadas por Gomes (2002) em que, para a autora, só o fato de reafirmar a existência de uma "beleza negra", de se especializar em cuidar do cabelo crespo e de atender uma clientela majoritariamente negra, já faz com que os salões étnicos tenham uma importante função política, sobretudo para o contexto das relações raciais. Mas é necessário um adendo sobre a dificuldade do trabalho desenvolvidas pelas profissionais desses espaços, com rotina desgastante, trabalha-se em pé a maior parte do tempo o que acarreta algumas doenças da profissão, além de afetar o emocional por ter que lidar diariamente com questões delicadas, como a autoestima das clientes. Gomes (2002) também frisa que não devemos cobrar desses estabelecimentos "uma eficácia política nos moldes tradicionais da militância", já que são estabelecimentos comerciais e não são propriamente entidades do movimento negro. Mas claro que ao se autodenominarem "étnicos" colocam-se na missão de promoverem uma imagem positiva do negro na sociedade, estando, portanto, no cerne da luta política e ideológica. (GOMES, 2002)

[13] A concepção de que o cabelo afro é um cabelo especial que requer cuidados igualmente especiais.

Sobre a ideia de recuperar a aparência ‘natural’ podemos resgatar os estudos de Lutz (1988) em que mulheres negras e indígenas são socialmente mais consideradas próximas da ideia de ‘natureza’ do que as mulheres brancas. É interessante como nas entrevistas tanto de mulheres brancas, quanto negra, jovens ou de mais idade, o salão Beleza Natural (atente-se ao ‘natural’) aparece em suas recordações, com críticas ou não, trata-se de um salão étnico muito marcante. Também chama a atenção os depoimentos das mulheres que encontraram um profissional ideal, que soube cuidar de seus cabelos (como a Eduarda e a Laura) e esse profissional era uma mulher negra, é interessante abrir essa frente de análise que pelos depoimentos nas entrevistas parecem indicar que essas profissionais são as mais gabaritadas para os cuidados de cabelos crespos e cacheados, sugerindo que a busca pelo profissional pode ser mais importante do que a busca pelo salão em si.

2.3. Transição Capilar

> “Essas coisas, nossa, eu me lembro de sempre ficar com o olho irritado, de chorar, de arder, de doer. Então, sempre no dia que tinha que fazer, era sempre um desgaste emocional pra mim”

No geral é possível que já tenhamos ouvido histórias de como mulheres com cabelos crespos e cacheados cuidam/cuidavam, de quais tratamentos fazem/faziam. Mais recentemente, um dos termos comumente usados é Transição Capilar. Notadamente nas mídias sociais passou-se a se falar bastante, no universo mais jovem, sobre cabelos crespos e cacheados. Há uma vasta discussão sobre como fazer, quais as formas mais seguras, sobre os possíveis erros, sobre o que pode prejudicar o processo, sobre produtos, sobre práticas, muitos exemplos tanto de sucessos quanto de fracassos na tentativa; mas também algo em comum nesse assunto: a coragem necessária de encarar o processo.

Em suma, a transição capilar seria qualquer passagem ou transformação no cabelo, mas ficou mais associada ao processo de passagem do *cabelo liso/alisado*[14] para o cabelo crespo/cacheado/natural. Seria a retirada aos poucos da química para permitir o desenvolvimento de um cabelo sem química. Muito realizado e propagado por influencers,

[14] É importante ter um outro olhar sobre o cabelo alisado. Para bell hooks (2005) o alisamento capilar realizado por mulheres negras americanas era considerado um ritual de intimidade, um ritual da cultura da mulher negra, em que se buscava ser mulher. “Para cada uma de nós, passar o pente quente é um ritual importante. Não é um símbolo de nosso anseio em tornar-nos brancas. Não existem brancos no nosso mundo íntimo. É um símbolo de nosso desejo de sermos mulheres”. (BELL HOOKS, 2005 apud CRUZ, Cintia, 2014, p. 15)

principalmente meninas negras, depois por meninos negros, a transição capilar passou a ter um recorte e uma associação direta racial, a ponto de falar em transição capilar significar falar em pessoas negras.

No geral, ser realizado por pessoas negras, impôs à transição capilar um quase obrigatório debate racial, o que abriu para uma noção de ato político. As narrativas sobre a transição capilar vêm acompanhadas de um fazer político, estamos falando de algo muito além e de importância simbólica, é falar mais do que cabelo, mais do que química capilar, mais do que corte capilar, mais do que transformação capilar. É falar sobre política, sobre luta, sobre resistência, sobre identidade. Tem um apelo emocional muito forte, muitas mulheres inclusive passam a se reconhecer como negras após a transição capilar.

> Já viu como, nesses programas de televisão que transformam a aparência da pessoa, as mulheres negras sempre têm o cabelo natural (crespo, enrolado, pixaim) na foto feia do "antes" e como, na foto bonita do "depois", alguém pegou um pedaço de metal quente e queimou o cabelo delas para ficar liso? [...] Quando você TEM cabelo natural de negro, as pessoas acham que você "fez" alguma coisa com ele. Na verdade, as pessoas com os afros e os dreads são as que não "fizeram" nada com o cabelo. (CHIMAMANDA ADICHIE, apud OLIVEIRA E MATTOS, 2019, p. 446)

Assim, para muitos negros a transição capilar, por exemplo, simboliza um ato político frente aos padrões estéticos e sociais, é a forma em que (re)afirmam e reconhecem sua identidade. Tal processo consiste em abandonar o uso de produtos químicos permitindo o crescimento do cabelo na sua estrutura original, muitas vezes inclui o Big Chop, que é quando a pessoa tem que cortar o cabelo bem curto retirando toda a parte que contém produto químico (LIMA, 2017). Nesse processo de reconhecimento, temos que a identidade aparece como um conceito vital para os grupos que a reivindicam, funcionando como um "nós" coletivo. (GOMES, 2012).

> Em 2017, o Google BrandLab de São Paulo, programa que tem como objetivo construir estratégias de divulgação e impacto de marcas no meio digital, revelou que pela primeira vez no Brasil as buscas no Google por cabelos cacheados haviam ultrapassado as buscas por cabelos lisos. Entre os dados expressivos, coletados entre os anos de 2012 e 2015, o relatório destacou um crescimento de 232% nas buscas por cabelos cacheados e de 309% no interesse por cabelos afro, além do fato de que as buscas por transição capilar haviam crescido 55% nos dois últimos anos. A pesquisa ainda revelou que o perfil protagonista dessa mudança estaria na geração de mulheres entre 18 e 24 anos. Divulgado na internet pela plataforma Think with Google, o documento intitulado "Dossiê BrandLab: a revolução dos cachos" explica que essa "tendência", antes considerada underground pelo mercado, seria hoje *mainstream* devido ao fortalecimento da "identidade negra e afrodescendente" no país (SILVA, 2019, p. 195)

Propor falar sobre transição capilar geralmente nos coloca diante da necessidade de discutir sobre processo de alisamento capilar. É interessante, mas muitas pessoas quando

contam sobre sua transição já iniciam falando sobre como era alisar seus cabelos. Então separei quatro pequenos depoimentos com semelhanças e diferenças para que possamos analisar.

O primeiro depoimento é de Amanda (mulher negra menos de 45 anos). É interessante observar as memórias que tem sobre seu processo de alisamento.

> Então, era uma vivência penosa, né? Dolorida, porque alisar o cabelo, pelo menos aquelas escovas, nem sei mais como chamam, acho que é escova, tipo uma escova permanente. Progressiva. [...] essas coisas, nossa, eu me lembro de sempre ficar com o olho irritado, de chorar, de arder, de doer. Então, sempre no dia que tinha que fazer, era sempre um desgaste emocional pra mim […] né? Eu sabia que eu ia ficar bem, porque eu gostava da minha aparência com ele alisado, mas o estar ali no salão, né? E também sempre tive uma coisa que não é natural, sabe? Eu sempre tive essa questão do tipo: que no salão, como é muito agressivo o cheiro você fica na porta, né? Só pra fora do salão pra fazer por conta da fumaça, por conta do cheiro, né? E aí eu sempre morria de vergonha de tá, sei lá, na calçada do salão fazendo aquilo porque eu ficava pensando: "nossa, as pessoas agora sabem que eu aliso o cabelo" Né? Como se aquilo não fosse natural, e era óbvio que não era, porque era óbvio que eu não tinha o cabelo liso, mas na minha cabeça eu ficava bem envergonhada com essa coisa da exposição na rua, né? E era muito dolorido e sofrido aquela… aqueles produtos fedorentos e… e ardidos.

Amanda narra sobre suas memórias de forma dolorosa (de maneira chorosa), os efeitos colaterais do alisamento como ardência, cheiro forte, dores e irritação nos olhos, experiências de dor. O resultado do cabelo alisado agradava, era o processo de alisamento que ela mesma chama de “agressivo” e a vergonha de ter que ficar exposta na porta do salão. É de fato comum depoimentos que associam o alisamento a dores no couro cabeludo, ardência, reação nos olhos. Mas é como se o resultado compensasse. Como se o cabelo liso fosse mais prático. Observar todos esses efeitos e ainda ter que pensar que são realizados com uma certa frequência nos coloca a pensar todo projeto criado para supervalorização do cabelo liso/alisado e a desvalorização do cabelo crespo/cacheado. Era “melhor” se submeter a tanta dor e sofrimento se expondo à química forte, do que se submeter a tanta dor e sofrimento se expondo ao julgamento social.

> O número de técnicas de alisamento e o vínculo deste procedimento com diversas problemáticas sociais reforça sua importância, dadas suas recorrência e atualidade. Ele reforça a negação de cabelos crespos dentro desta sociedade, que tem em sua origem o profundo histórico do racismo. (OLIVEIRA E MATTOS, 2019, p. 458)

O segundo depoimento escolhido foi o de Raquel que traz memórias interessantes para se colocar em contraponto às de Amanda. Devemos aqui frisar que Amanda trata-se de uma mulher negra de 33 anos, nascida em favela (atualmente não reside mais em favela) e Raquel uma mulher branca de 24 anos, residente em bairro nobre. Conforme disse anteriormente, transição capilar é diretamente associada a pessoas negras, por razões obvias, o que faz com que as inúmeras questões raciais nos levem diretamente a um debate necessariamente racializado. A questão aqui é o interesse em ampliar a discussão e perceber como as questões

acontecem para mulheres brancas também, afinal cabelos crespos e cacheados não são exclusividade de um determinado grupo de pessoas e tentar compreender como são essas questões para essas mulheres. Aqui traremos mulheres negras e mulheres brancas que de alguma forma passaram por transição capilar.

Ao ser perguntada sobre seu processo de alisamento de cabelo, Raquel respondeu:

> Então eu tinha 13 anos né, era muito nova, me achava o máximo ficar de cabelo liso, ficar parecendo a Barbie e tal, mas hoje em dia eu me vejo, não me vejo na real de cabelo liso assim é meio que se torna sua identidade obviamente, você deve saber disso muito melhor do que eu aliás [risos], mas é sei lá eu fazia também, minha mãe começou fazer. Acho que foi mais pela praticidade de ter cabelo liso, sei lá.

Enquanto Amanda focava suas memórias nos efeitos nocivos que o alisamento provocava em seu corpo, Raquel focava nos resultados do alisamento. Em algum momento ambas diziam se sentir com uma aparência melhor. Embora sejam ambos processos de alisamento, é possível que sejam processos distintos e, portanto, os efeitos colaterais sejam diferentes. Mas algumas coisas chamam a atenção. Amanda, mesmo passando pelo forte processo de alisamento, ainda sentia vergonha, dizia pensar que o cabelo não parecia natural, era como se todos pudessem perceber que era um cabelo alisado. Já Raquel descreve que era muito jovem e se sentia bem em ficar com o cabelo alisado, sentia o máximo, quando diz se sentir uma Barbie fica a impressão de que o cabelo alisado realmente lhe caia como uma boa reação. Isso nos faz pensar que ser uma mulher branca de cabelos loiros podem ter contribuído para identificação e compatibilidade com o cabelo alisado. Já Amanda, uma mulher negra, com cabelos crespos, pode ter um estranhamento, ainda que tenha se sentido bem com cabelo alisado, mas era como se fosse algo que não a pertencesse.

Tanto Amanda quanto Raquel trazem para a discussão a presença da família nas decisões pessoais. Nessa passagem de Amanda não aparece especificamente sobre sua família notadamente sua mãe, mas em outros momentos aparecem, inclusive na decisão sobre o alisamento. E em Raquel no finalzinho desse seu depoimento fala sobre sua mãe que também passou a fazer alisamento, muito inspirada pela praticidade. Trago essas noções porque nosso próximo depoimento tem um posicionamento diferenciado. Se no geral o posicionamento da família, sobretudo das mães, é em prol do alisamento, Agatha (mulher negra menos de 45 anos) traz um outro olhar:

Entrevistadora: Você falou que nunca teve cabelo alisado, né? Nunca teve uma vivência, então, com o alisamento?

Entrevistada: Não. Eu já tive vontade, por ver as pessoas com cabelo liso ao meu redor, amigas, e achar que aquilo era lindo, perfeita. Eu queria ter, mas minha mãe nunca deixou. [risadas] Entrevistadora: Foi uma influência da sua mãe, então, não ter o cabelo liso? Entrevistada: Minha mãe é, minha mãe nunca deixou. [risadas]

Agatha tem um pai é negro e sua mãe é branca, tem cabelo liso, comprido, sempre cuidou do cabelo da filha e nunca quis que ela alisasse o cabelo. Agatha não passou por processo de alisamento, mas faz relaxamento[15] e é cliente do Salão Beleza Natural. Usa o cabelo de forma cacheado. Quando fala sobre o cabelo liso das amigas e da vontade de ter igual, sobre a recusa e o impedimento da mãe, hoje ela fala em outros trechos da entrevista o quanto considera isso bom e como gosta de seu cabelo, hoje seu cabelo é sua marca registrada.

Se Agatha, uma jovem de 25 anos, teve uma educação de "preservação" (ainda que usando relaxamento), com o uso do cabelo com textura e formato cacheado, não se tratava de seu cabelo natural. Aparentemente durante a entrevista parecia que o uso do cabelo cacheado tratado quimicamente ainda fazia com que tivesse um 'ideal de beleza negra'. Quando falo sobre uma educação para 'preservar' e sobre uma educação que não seja voltada para o alisamento capilar. Cintia, aos 41 anos de idade, não teve essa mesma criação, não havia um debate sobre textura e formato dos cabelos, a menos que fosse pelo alisamento. Seu relato representa a história de muitas outras mulheres.

Cintia (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Eu não perguntei, mas você falou que você tinha cortado o cabelo curtinho, mas em algum momento, assim, do passado você já alisou o cabelo? Fez algum tratamento pra alisar?

Entrevistada: Sim. Sim. É. Quando eu era pequena alisava. Né? E acho que até uns 15 anos mais ou menos eu alisei com alisante ou henê branco. Eu nem sei se ainda tem, isso é denúncia de idade. [risos] Henê branco… eu acho que ninguém nem mais fala disso, mas tudo bem. E aí eu passava, né? O produto, depois ou escovava assim, no início bem quando eu era criança era pentezinho quente, né? [...] Depois escova, é enfim.

Entrevistadora: Aham. E a tua vivência com esse processo de alisamento, como é que tu lembra, assim, nessa época?

Entrevistada: Ah, era muito chato. [risos] Nossa, era muito chato, se eu soubesse quando criança que meu cabelo era bom como eu sei hoje, ó… eu mesmo teria penteado, eu mesmo teria cuidado. Mas é aquela coisa, né? É… enquanto não muda as cabeças das pessoas, enquanto não muda a maneira de pensar.

---

[15] Em uma busca rápida na internet achamos que o Relaxamento Capilar trata-se de "um tipo de técnica de alisamento para cabelos cacheados e crespos, muito indicado para mulheres que desejam diminuir o volume e dar um alisamento mais suave para os fios, tirar o peso e deixar os cachos mais abertos. A química é muito parecida com a do alisamento, o que diferencia as técnicas é a aplicação. O relaxamento de cabelo pode alisar todo o cabelo ou apenas melhorar a forma dos cachos." (Fonte: **Relaxamento capilar**: **conheça mais sobre a técnica.** Disponível em: https://www.embelleze.com/transformacao/relaxamento-de-cabelo#:~:text=Relaxamento%20capilar%3A%20conhe%C3%A7a%20mais%20sobre,deixar%20os%20cachos%20mais%20abertos.

Falar sobre henê é falar sobre uma geração inteira, das mais variadas idades. Os hábitos eram muito parecidos, quase sempre nos fins de semana, na cozinha, na boca do fogão, cozinhando o henê (na panelinha do henê, não podia ser outra se não manchava), depois esperava esfriar um pouco e passava no cabelo ainda morno, colocava uma sacola de compra na cabeça, deixava cumprir o tempo e ia tomar banho, se fosse henê preto parecia petróleo escorrendo pelo box do chuveiro. Depois secava (com toalha preta, para não manchar as outras), e vamos de volta à cozinha, seca o cabelo, passar óleo, colocar o pente quente e a chapinha no fogão. Repartia o cabelo e começava o trabalho de passar o ferro quente no cabelo. Couro cabeludo queimando, criança chorando, levando bronca, quanto mais chorava mais suava, mais o cabelo voltava a ficar crespo, mais tinha que passar o ferro quente. Passado o ferro quente em todo cabelo, colocava bob, abria a geladeira, pegava a manteiga bem gelada e coloca nas bolhas que tinham queimado a testa. Isso é sobre mim e é sobre tantas.

Até o momento falamos sobre algumas narrativas de processo de alisamento, ainda não entramos na temática da Transição Capilar propriamente dita. Portanto agora em diante teremos histórias contadas por mulheres negras, mulheres brancas, de idades diversas, contando sobre seus processos de transição capilar, se passaram ou não, se tinham conhecimento do que se tratava, qual a primeira vez que ouviram falar sobre esse termo.

De antemão é preciso compreender que o imaginário do negro tem fortes influências sociais, inclusive sobre si mesmos, de modo que em algum momento de suas vidas os negros buscam negar seus próprios corpos e suas próprias imagens, há uma ‘recusa de si’: “Nesse momento em que sucumbe a essas fortes imposições sociais, inicia-se o terrível processo de autorrejeição tendo o próprio corpo negro, como objeto persecutório - a vergonha - surge como o centro da questão”. (OLIVEIRA, 2008, p. 27). Quando falamos de processos em que negros negam sua própria imagem e de outros processos em que negros se orgulham de sua própria imagem ativamos imediatamente duas emoções: vergonha e orgulho. É muito interessante perceber esses processos e essas duas emoções que de tão latentes se materializam fisicamente nos corpos. Nesse sentido, buscamos aqui por um exemplo de corporificação e expressão dos sentimentos que melhor representasse e servisse de base para nossos argumentos: a relação dos negros com seus cabelos. Nos interessamos especificamente por um momento em que negação/vergonha e aceitação/orgulho são explícitos, escancarados e saltam aos olhos. Importante atentar para dois pontos nessa análise, o primeiro é o de que vergonha e orgulho são aqui compreendidos como emoções pendulares, portanto trabalhamos com a noção da vergonha

ao orgulho, é fundamental destacar o "ao" pois é o que determina o movimento transitório entre essas duas emoções. Não se trata então de desenvolver um sentimento de orgulho e deixar de se envergonhar, mas de perceber que mesmo pessoas que constroem um orgulho sobre algo pode voltar a se sentir envergonhadas dependendo da situação, do dia, do contexto. É assim que mesmo mulheres que sentiam vergonha de seus cabelos, conseguem aos poucos desenvolver o sentimento de orgulho e entram no que se chama de processo de "assumir os cabelos", mas que posteriormente podem voltar a se envergonhar e a desenvolver uma relação ruim com os cabelos (também veremos isso no capítulo onde discutiremos como o estado do cabelo afeta o humor das mulheres). O segundo ponto a ser destacado nessa análise é sobre a necessidade de se racializar o debate das emoções a ponto de se levantar questões sobre como ocorrem emoções para pessoas negras e pessoas brancas, assim discutir sobre como seriam esses processos de vergonha e orgulho para esses dois grupos de mulheres pesquisadas, haveria uma experiência de vergonha negra e uma vergonha branca, e como seria com o processo de orgulho.

Enfim, começamos nossa análise a partir da narrativa de Amanda (mulher negra, 33 anos) que, ao ser perguntada sobre transição capilar, Amanda respondeu:

> Entrevistada: Aham. É… eu… em relação a transição que você perguntou? Na verdade eu já fiz. Essa é a terceira vez inclusive, que eu tô fazendo. Porque a primeira foi na época da faculdade e também, só pra puxar um gancho, com certeza foi a faculdade pelo o pensamento crítico da faculdade, as discussões relacionadas a questão do racial que foi com certeza a minha maior influência. Assim, eu tenho muita clareza disso. E aí assim que eu entrei na faculdade, foi 2011, eu devo ter começado a transição por aí, em 2011… não, 2012… 2011, 2012, por aí. E a partir daí eu já passei três vezes pela transição.

Logo no início de sua resposta, ao falar se já passou pela transição capilar e se observa algum tipo de influência nesse processo Amanda prontamente faz questão de pontuar a importância do ambiente acadêmico, como a faculdade teve influência na sua relação com seu cabelo. O contato com as discussões raciais é apontado por ela como sua maior influência na forma como passou a cuidar de seu cabelo. Pensar na força tamanha de tal influência a levou a se submeter três vezes pela transição capilar. Amanda segue narrando suas experiências de transição capilar:

> A primeira vez eu tava bem com cabelo, sabe? Foi difícil o início, foi muito difícil, mas depois eu fiquei, eu fiquei bem, só que aí, eu tenho uma mania de querer sempre atualizar e me ver diferente. Aí eu inventei de cortar, só que aí foi o meu erro assim, porque ficou muito curto, e aí eu tive dificuldade de lidar com ele, e também eu acabei relaxando ele num salão que era de uma pessoa que eu sempre fiz o cabelo na época que eu alisava. Fui fazer um relaxamento, que foi a pior coisa que eu fiz, que eu me arrependi, porque alisou completamente o meu cabelo. Aí eu fui, falei: "Ah, não, beleza, eu vou voltar a transição". Aí voltei pra transição. Achei que ia ser mais fácil por conta dele estar relaxado e não alisado, que eu achei que ia mas foi também super duro, foi super difícil. E quando eu tava com o cabelo um pouco grande, e aí eu já tava desgastada emocionalmente por conta dele, porque

fere muito a minha autoestima, e aí eu falei: "é, não". Aí eu fui no Beleza Natural, que uma amiga minha fazia e aí ela falou: "ah não, vamos lá, que fica super natural, tira um pouco do volume", enfim, coisas que não me agradavam muito. E aí eu acabei indo e me arrependi mais uma vez, pela terceira vez, e agora, que é o momento em que eu me encontro, que eu estou na transição novamente. E… e foi isso.

Os muitos processos descritos por Amanda mostram como o cabelo foi submetido a tratamento distintos, é quase uma busca frenética por um cabelo perfeito, mas nada agrada de fato. Pelo contrário, traz frustação, quando diz que se sentir desgastada emocionalmente remete também a um desgaste físico, não apenas capilar, mas corporal. Como se sempre alguém tivesse a receita perfeita, a solução, mas ao se submeter ao tratamento as coisas piorarem. Outra coisa que chama a atenção é a diferenciação entre relaxamento e alisamento, aqui digo em primeira pessoa por experiência própria, já que no mundo dos tratamentos para cabelos afros durante muito tempo o relaxamento era quase uma salvação. Funcionava assim: “Não quer mais alisar? Quer se livrar do henê e da chapinha? Quer assumir seus cachos? Faça relaxamento no seu cabelo.”

Assim muito salões de beleza passaram a propagar essa ideia, como se o relaxamento não fosse química e mantivesse seu cabelo natural, como se fosse algo que apenas deixasse o seu cabelo mais soltinho. Muitos salões de beleza étnicos, onde o carro chefe era tratar e cuidar de cabelos afros, com profissionais negras altamente especializadas, esses salões se tornaram uma verdadeira sensação, estavam sempre lotados, com filas enormes nas portas, com caravanas vindo de outros estados, as vezes as senhas diárias acabavam. Um dos grandes nomes desses salões é o Beleza Natural (já citado aqui). De fato, muitas mulheres com cabelos crespos e cacheados (sobretudo mulheres negras) citam o Beleza Natural, ou já foram frequentadoras, ou sonhavam em frequentar, mas não tinham como pagar, ou simplesmente ouviam falar por outras pessoas da família, amigas, conhecidas. Mas uma coisa era fato, era praticamente impossível nunca ter escutado sobre o Beleza Natural (já falado no capítulo sobre salões de beleza).

Sobre a relação de mulheres brancas com cabelos cacheados e a transição capilar, aqui nessa pesquisa as entrevistadas com mais de 55 anos sequer sabiam exatamente do que se tratava a transição. Falavam mais da transição para cabelos grisalhos. As mulheres negras, mesmo as com mais de 55 anos, já estão mais familiarizadas com o tema, é como se boa parte do debate fosse mais direcionada a elas, embora mulheres brancas com cabelos crespos/cacheados também possam passar pela transição. Mas o que se destaca é se os significados são os mesmos para os grupos distintos, se a transição capilar para uma mulher negra ‘equivale’ a transição capilar para uma mulher branca com cabelos crespos/cacheados.

Alguns depoimentos de mulheres com mais de 55 anos falando sobre a transição para os cabelos grisalhos (deve-se ater que aqui neste capítulo tratamos da transição capilar de cabelos alisados para cabelos crespos/cacheados, o que popularmente se chama de “assumir os cabelos naturais”).

Lúcia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Você também tinha falado já sobre a transição. Você falou que agora assumiu seus cabelos grisalhos. Na sua faixa etária, quando eu entrevisto as mulheres na sua faixa etária eu já falo um pouco sobre isso, sobre dois tipos de transição capilar, né? Essa que as meninas mais jovens falam hoje que é do cabelo liso pro cacheado, mas eu também introduzo essa transição capilar das cores: do cabelo preto pro cabelo branco. Como é que você passou por essas transições?

Entrevistada: Ah, essa foi mega interessante, e mega recente e presente ainda pra mim, né? Porque eu já tava pensando nisso a muito tempo. [...] Eu tenho uma filha de 14 anos, de querer dar o exemplo pra ela que ela pode ser ela, que deve ser ela, né? E questionar muito, assim, os valores patriarcais, tento ensinar essas coisas, entendeu? Sabe? Então eu tento viver aquilo que eu penso, né? Mas eu tenho muito como você vê, eu tenho muito cabelo branco. Então chegou um ponto que eu tava pintando, tendo que pintar a cada quatro semanas já não era mais suficiente. Assim, eu ficava duas semanas me achando: "aí que lindo, meu cabelo tá perfeito, né? Adorei a cor". Depois de duas semanas aparecia uma faixa assim, né? É, aí foi, e aí eu ficava passando spray. "Olha que máximo, eu tenho spray". Até a hora que eu passo a mão no cabelo assim durante o dia e minha mão sai preta. Eu falei: "o que que isso?". Eu me senti patética. Sabe? Eu falei: "não quero isso pra mim". E eu ia no salão pra pintar caro pra caramba, por que não tenho saco de pintar em casa e quando você pinta tanto assim também não fica legal, porque cada vez que você passa tinta, vai ficando em cima da parte antiga. Então, tinha que ser profissional. […] Aí veio a pandemia eu não pude pintar e a minha raiz ficou enorme, aí isso também vendo na mídia social mulheres que eu conheço fazendo a transição, grupos de Facebook, né? Pra se apoiar pra fazer isso. Comecei a me interessar também. Eu via, assim, tipo, volta e meia eu via no trabalho. Tinha uma mulher no meu trabalho que tinha quarenta e poucos anos com um cabelo grisalho muito legal, todo modernão, e ela se deixou toda moderna. E eu falei: "como é que você faz, fica tão bonito e você tão moderna sabe? Não tá com cara de velha?". [risadas] ela assim: " não, mas não é o cabelo que faz você ficar com cara de velha” [...], mas, comecei conversando, a pandemia meio que apressou o meu processo. Eu falei: "agora vamos, agora vamos ver como é que fica" [risadas] […] Aí li muito, muito, muito. Comprei um livro sobre isso. […] tô nem aí, meu cabelo ficou assim: metade parecia um gambá e metade parecia um esquilo. […] Aí eu fui achando esses sites, e eu ficava olhando e aquilo me programava, assim, pra eu descobri a beleza grisalha. Eu mesma achava grisalho velho, a gente é programado, né? Quanto mais eu via imagens de mulheres 20, 30, 40, 50, 60, 70 lindas, em todas as fases, arrumadas, com o cabelo do jeito que tá ali: cuidado, grisalho, ou mesmo metade-metade, deixando crescer, me ajudou muito. Mas assim, constantemente tendo que justificar, né? para as pessoas. "Aí, você tá fazendo porquê?". Aí eu tenho que explicar toda a minha filosofia: "é, porque é, né? Ah, cansada de pintar, eu quero ser eu mesma, eu acho que tudo é uma coisa cultural e blábláblá”. É cansativo, né? Mas eu fui determinada, [...] e apoiando em comunidades virtuais, e lendo aquilo que eu me identificava, sabe? E isso foi frutificando a minha opinião sobre isso, e ficou muito claro pra mim que […] é simplesmente uma cor de cabelo. Não vai me fazer mais velha ou mais nova. É uma cor e a minha cor. Quando eu descobri a minha cor, eu achei muito maneiro, eu olhei no espelho. […] Já é uma outra descoberta, um processo muito parecido com o do crespo, sabe? Com o do cacheado. É, como hidratar, como cuidar, né? E eu fazia, usava os produtos. O cabelo ficou uma coisa, assim, numa cor linda. E eu olhava e eu me achei bonita no espelho, né? Assim, eu não falei: "ai, e agora eu vou ter que assumir essa coisa horrorosa". Assim, eu: "ai, tá lindo, adorei". E muito pouca vontade me deu, assim, uma vez ou outra, que eu falei: "ai, vou pintar de cabelo… vou pintar", "vou pintar porque eu quero ficar com cara de nova de novo". Mas isso foi uma voz muito fraca em mim. A voz "eu quero, tô adorando assim, quero ficar assim" é muito mais forte. Aí, o que que acontece? Eu tenho um grupo de primas da minha idade, assim, mais ou menos, um pouco mais, um pouco menos, assim, são umas oito. Uma delas começou a transição, mas meio que deu pra trás, ela tem menos que eu. […] ninguém mais tem coragem, sabe? Coragem é a palavra que usam, né? Assumiu é uma palavra que eu uso, assumiu… eu assumi. E a única pessoa na minha família que entrou na onda junto comigo foi minha mãe. A minha mãe que assumiu os cachos quando eu assumi os cachos [risadas] assumiu o grisalho e tá amando. Isso foi muito bacana fazer isso com ela. A minha filha de 14 anos me deu uma força. "Mãe, tá lindo… isso aí… isso, é você, seja você", e não sei o que. Tem outra prima, acho que os filhos dela são adolescentes também e falaram: "mãe, tá horroroso, muda". Né? Então eu tive muita sorte. As duas mulheres, a minha mãe e a minha filha, que são mais importantes na minha vida me deram muito amor e apoio. Meu marido me dá apoio. É, agora, a maioria das mulheres, inclusive as tias, as primas, de jeito nenhum. [risadas] elas não falam, assim, ninguém fala: "ah, você tá com o cabelo…", mas eu tenho certeza que acham. É, algumas falam: "ai que máximo". Eu encontrei com um outro dia e ela falou:

"aí, tá muito mais bonito em pessoa do que em foto". [risadas] obrigada. Mas aí parte é […] se fortalecer pra não dar bola porque não vai fazer diferença pra mim o que que elas tão achando ou não. Quer dizer, assim, eu não preciso mais de ouvir de todo mundo que tá lindo, entendeu? Eu não preciso eu me sinto. […] Aqui no [América do Norte], que é muito mais comum o cabelo grisalho. Quando chega na idade da minha mãe, por exemplo, todas as mulheres fazem cabelo natural, grisalho. No Brasil não. Minha avó pintou o cabelo até 100 anos de idade, tá? 100. No Brasil é muito mais careta com isso, muito mais. [...]Aí começa a ver pessoas como Glória Pires, por exemplo, linda de cabelo grisalho. Mas a gente precisa de muito mais, é assim que vai mudando […]

Entrevistadora: Que você ouviu falar sobre isso, essa tal transição capilar. Ou que você leu em algum lugar.

Entrevistada: Sobre transição?

Entrevistadora: Isso.

Entrevistada: Ah, olha, pouco tempo atrás. Vou dizer assim, é três anos atrás, só três, que eu comecei a ver especificamente sobre isso. Assim, olhar, é, em sites, uma amiga minha, especificamente sobre isso. Eu li: transição, falando sobre a transição, mulheres se apoiando durante a transição. Foi muito recente, tipo três anos atrás. Antes disso eu nunca tinha ouvido falar.

Ruth (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Eu tava falando da transição capilar. Você falou que há uns 5 anos você foi se livrando dessa parte alisada. Isso é, o nome que a gente dá é transição capilar. É, como você faz parte dessa… eu tenho dois grupos de entrevistadas: as mais jovens, e as acima dos 50. Nessa geração, quando foi a primeira vez que você ouviu falar sobre transição capilar?

Entrevistada: De… não, não. Aí eu entendi. É… eu acho que a minha geração, ela quis se livrar dos vícios, por exemplo, eu não como carne a 40 anos, mas é porque eu dançava, carne demora a digestão. Mas, ali que a minha geração é hippie, né? Queimávamos com fagulha, mas a gente vinha da natureza, né? Geração da droga pesada. Sabe? É tudo sem… sabe? E… e meus amigos são assim… todos foram. Então, eu acho que tem um pouco até mais do que 5 anos. Que era tentar levar uma vida mais saudável, não só em termos de alimentação, como em termos do que fazer, com você. Eu não conseguia me livrar da henna, eu uso henna pra tingir. Eu não quero, não me sinto bem de cabelo branco, eu não, não quero ainda, não quero. Apesar de que amigas e amigos até que pintavam o cabelo assumiram, eu não consigo, é uma química, que não é tão química, que eu sou dependente dela. E quem faz sou eu, sempre fui eu que pintei meu cabelo, ou com tonalizante, ou com henna. Tinta eu nunca usei na vida. Então, sempre fui eu, eu sou jeitosa pra isso. E, eu acho que foi uma coisa assim mesmo de: primeiro, dependência; segundo, eu sofria toda vez que eu fazia e minhas amigas também largando da escova progressiva. [...] eu diria que não é nem de 5 anos, talvez seja mais, sabia? Deve ter uns 8, sei lá. Porque eu tinha o cabelo na cintura, um pouquinho acima da cintura, e eu cortei tudo. Não passei máquina porque não tive coragem. E aí fui deixando crescer, cortava… quando foi uns dois anos, eu cortei tudo de novo. E agora, tô só aparando e tá crescendo natural mesmo, mas não vai passar disso.

Marta (mulher negra mais de 55 anos)

E depois ao longo disso, assim, de uns tempos mais pra cá, depois da amamentação perdi muito cabelo, aí o cabelo foi mudando, foi crescendo. E hoje eu tenho o cabelo que eu posso ter, porque ele mudou, perdeu muito volume, é um cabelo muito fino [...]. Eu uso ele tipo black, agora tá úmido, ele tá baixinho, né? mas aí vou mantendo ele black. E é a estética que eu uso, uma estética com a qual eu me identifico, onde a minha identidade fica fortalecida e preservada, né? Eu aceito ele. Assim, eu sinto saudade do cabelo que eu tinha, né? com mais volume, mais comprido [...]. Então, eu não pinto, tá timbrado agora, porque recentemente… quero mudar a cara, mas é tintura, ela vai sair, eu vou ficar um tempão sem usar qualquer coisa…até uma hora que eu possa resolver botar alguma outra tinta em algum momento, mas é o meu cabelo branco, né? embranquecido, né? Que agora ele é heterogeneamente grisalho. Ele não homogeneizou, ele ficou mais branco na frente do que atrás… enfim. Mas é o meu cabelo, é a minha identidade assumida e é uma forma de eu me reafirmar, né…como uma mulher de meia idade, né? E negra que se entende e que defende esse direito de ser… é… com a minha estética. Enfim, em linhas gerais seria isso.

Glória (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Não sei se você chegou a passar pela transição capilar, você falou que era mais o corte do cabelo ali na infância, na juventude, mas… você como uma mulher de 50 anos, qual foi a primeira vez que você ouviu falar de transição capilar? É… em que época da sua vida? E… que tipo de influência esse tipo de informação tem na sua relação com o seu cabelo?

Entrevistada: Como assim? é… transição capilar?

Entrevistadora: É… em algum momento você já ouviu falar sobre isso? Isso é uma coisa bem geracional, mas com 50 anos você não escutou muito falar sobre isso?

Entrevistada: Não…

Entrevistadora: Interessante. [risos]

Entrevistada: Não… ah…

Entrevistadora: Interessante. [risos]

Entrevistada: Eu acho que não, eu não sei não.

Entrevistadora: É… a transição capilar é o que as meninas hoje chamam essa passagem do cabelo alisado para o cabelo cacheado, crespo. Essa coisa de se assumir, elas dizem que existe essa coisa de transição. É… e é o assunto hoje que… as gerações mais jovens falam bastante disso. E aí, no geral as outras gerações ouviram menos sobre esse assunto. [risos]

Entrevistada: Não, eu ia falar… não, eu… eu entendo. Não, já… já ouvi falar, né? De… não, eu até já ouvi falar de transição de pessoas que alisaram o cabelo por muito tempo e agora tão voltando a ter os cachos, né? Eu tenho uma tia que fez isso, que alisou, começaram a voltar os cachos. Mas eu nunca passei por isso porque eu nunca quis…

Entrevistadora: Alisar.

Entrevistada: Alisar o cabelo. A não ser com 10 anos. Aí quando aquilo foi negado eu falei: "quer saber? Eu vou ter que lidar com meu cabelo e eu vou em frente e não quero alisar". A experiência que eu tive fazendo escova, porque eu nunca fiz alisamento permanente. Eu fiz escova, fiquei sei lá 3, 4 dias com o cabelo liso. Eu não curti, eu não gostei da minha cara com o cabelo liso. Então… [risos] então, eu sempre falei: "não é o cabelo que eu tenho, é o cabelo que eu nasci, e é o cabelo que eu tenho que assumir e quero assumir. Eu acho que assim, de certa forma eu tenho um certo orgulho com isso. Porque eu tenho algumas primas que tem cabelo crespo. Eu tenho uma que totalmente nega o cabelo crespo, que alisa desde sempre, alisa há quarenta anos o cabelo dela, que ela tem a trinta anos o cabelo dela. Na verdade, eu não acho bonito cabelo alisado. Eu acho que fica meio você consegue ver que o cabelo tá alisado. Geralmente eu acho que não me parece natural. Ele geralmente fica mais fino, fica com umas pontas, sei lá, não me atrai. Eu acho que tem alisamentos e alisamentos, mas de certa forma eu implico com cabelo alisado.

Entrevistadora: É… tem uma outra transição capilar que também se tá falando muito hoje, assim, as pessoas tão começando a falar. E aí eu faço esse tipo de pergunta pra essa faixa etária sua a partir dos 45 que é a transição capilar a partir das cores, né? Que é essa transição do cabelo preto pro cabelo branco. As mulheres que envelhecem.

Entrevistada: Sim… sim.

Entrevistadora: Começam a aparecer os cabelos brancos. Esse tipo de transição capilar, você passou? Você passa? E como que você lida [risos] com esses cabelos?

Entrevistada: Isso eu não lido… [risos] com isso eu não lido bem. É… não, não…com isso eu não lido bem. Eu tenho algumas primas e amigas que tão passando por essa transição de assumir o cabelo branco, mas eu não estou preparada ainda pra… [risos] pra assumir o meu cabelo branco, então eu pinto meu cabelo. É… às vezes, eu deixo um pouquinho grisalho, ele vai ficando… eu não tenho aquela obsessão de: "ah, apareceu um fio, eu tenho que pintar", não. Olha, eu posso deixar um pouquinho, mas eu não deixo ele ficar totalmente não, não tô afim de assumir isso ainda não. [risos] não… ainda.

Julia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Então você já falou que cortou o cabelo e ele ficou cacheado, é, mas você já ouviu falar sobre a transição capilar que é uma coisa que as meninas falam bastante hoje?

Entrevistada: Que é pra fazer do liso para o enrolado né?

Entrevistadora: Isso

Entrevistada: Eu tenho uma amiga é, eu não sei se posso falar, se pode citar nomes na pesquisa…

Entrevistadora: Pode falar...

Entrevistada: É... O nome dela é [nome ocultado e preservado], ela é uma pessoa muito querida ela trabalha no Médico Sem Fronteiras, ela numa época tinha o cabelo dela é bem crespo né, ela fez o alisamento e depois, isso que é transição né, de voltar para o cabelo cacheado né?

Entrevistadora: Isso, é é. E qual foi, o primeiro momento que você ouviu falar disso? Você tá com 50 anos, primeira vez que você ouviu falar disso foi com quantos anos, você lembra mais ou menos?

Entrevistada: Não me lembro... não me lembro [risos] mas sei lá, menos de 10 anos, não me lembro, mas assim eu fico muito feliz sabe das pessoas se libertarem e se você quer alisar alisa e se você não quer não quer, mas parece que tem eu acho que é a maneira que você lida com isso, se é uma imposição se é uma vontade sua, se é uma contaminação externa

Entrevistadora: Então, nessa sua faixa etária eu adiciono uma outra pergunta, que eu não adiciono na faixa etária da sua filha, que é essa outra transição capilar que a gente fala hoje, que é a de cores né, do cabelo preto para

o cabelo branco, é, como é que na sua idade você já experimentou isso, surgimento do cabelo branco e como é que foi?

Entrevistada: Eu não pinto o cabelo então eu acho mais uma vez que sou um pouco fora da curva, porque outro dia minha mãe falou "nossa, Julia, você está cheia de cabelo branco" [risos], caramba você está vendo algum cabelo branco aqui? [risos]

Entrevistadora: Nenhum [risos]

Entrevistada: Mas assim se você catar, mas assim eu fico pensando caso venha a surgir, mas sei lá, acho que eu ficaria bem ruiva, ah não sei, não sei se eu ia chegar e assumir grisalha, mas eu tenho essa sorte né, sei lá que é sorte, ou se é coisa de genética da minha mãe [risos] Eu não pinto o cabelo, mas eu vejo um monte de mulher que pinta o cabelo toda semana eu olho assim no salão e falo "meu Deus," aí tem aquela coisa, uma coisa horrível aquilo né, que passa aquele pincel, ai vai ficar com aquela coisa toda, toda...cheio de tinta, mas eu não posso falar né, porque depois de amanhã, possa ser eu que esteja talvez fazendo isso [risos]

Acima temos depoimentos de mulheres acima dos 50 anos, Marta é a única mulher negra e curiosamente é quem parece indicar uma aceitação maior ao processo de envelhecimento dos cabelos, as demais entrevistadas tiveram uma reação um tanto adversa. Sobre esse processo observado nos depoimentos acima parece haver no movimento específico das entrevistadas uma certa dificuldade no que seria "assumir" os cabelos brancos. As mesmas mulheres que falam com orgulho de seus cabelos crespos/cacheados ainda demonstram vergonha quando o assunto é deixar de pintar/tingir o cabelo. Parece que flagrar a idade ainda é um problema. Importante perceber que em outros momentos deste trabalho falávamos sobre memória, era um olhar sobre o passado (infância e adolescência), mas ao falar dos cabelos brancos estamos referenciando uma realidade ainda vivida, estamos falando do presente dessas mulheres. Para compreender um pouco sobre esse processo vale acompanhar o movimento de mulheres que fazem o caminho inverso e se encorajam para assumir seus cabelos brancos. No estudo de Miranda e Fialho (2017) os autores percebem que para muitas mulheres assumir os cabelos grisalhos é tanto uma forma de se verem livres quanto uma reivindicação de seus direitos sobre sua aparência física e sobre como lidam com o envelhecimento. (MIRANDA E FIALHO, 2017, p. 1)

Observam, os autores, que esse processo de envelhecimento com cabelos embranquecidos era quase uma exclusividade e direito masculino, às mulheres seguia e ainda segue sendo um tabu. Se para as mulheres o grisalho representa desleixo, descuido e denuncia o envelhecimento (algo inaceitável já que cabe a mulher manter-se jovem, trata-se da juventude e beleza como um dever feminino), para os homens o grisalho simboliza um charme, evoca maturidade, experiência e sabedoria (não ocorre essa 'obrigatoriedade' de cobrir ou disfarçar o cabelo, apenas o homem que quiser pintar que o faça). Mas é nesse movimento que se observa atualmente algumas mulheres caminhando ao contrário, em transgressão, e assumindo seus cabelos grisalhos, o que chama muito a atenção, inclusive mulheres muito famosas e midiáticas tanto brasileiras quanto internacionais. (MIRANDA E FIALHO, 2017, p. 1) Essa dinâmica parece indicar uma aceitação do envelhecimento, um questionamento aos padrões de beleza estipulados, o poder da mulher sobre seu próprio corpo, a inauguração de novas imagens sobre as mulheres maduras. A velhice da mulher está longe de ser considerada dentro dos padrões da beleza ou da atratividade sexual, portanto a velhice além de ser um direito negado e algo que deve ser ocultada. (MIRANDA E FIALHO, 2017, p. 4)

Quando se percebe mulheres mais velhas usando seus cabelos grisalhos, parece haver uma desvinculação da beleza associada apenas a jovialidade. As entrevistadas citadas nos depoimentos acima, embora ainda pintem o cabelo não excluem completamente a possibilidade de um dia usar o cabelo grisalhos, sobretudo Marta que indica um início neste processo. No geral, indicam que a função de manutenção do cabelo tingido é algo dispendioso e que deve ser realizada com frequência quinzenal. Um cuidado que pode ser realizado por elas próprias, mas que o resultado fica melhor quando feito por profissionais, podendo ser algo caro. Reconhecem que é trabalhoso, mas ainda assim não se veem preparadas para encarar o peso social que carrega um cabelo grisalho, embora já acompanhem os movimentos das mulheres que assumem.

Após essa breve introdução às mulheres grisalhas, podemos dar sequência à transição capilar (a passagem do cabelo alisado para o cabelo crespo/cacheado), retomando com Eduarda (mulher branca, 35 anos) que conta seu processo através da importância de suas alunas:

Eduarda (mulher branca menos de 40 anos)

Entrevistada: Você tava falando que o teu insight assim, do teu cabelo cacheado, seu com tuas alunas. Você acha, assim, que essa tua mudança de olhar, você considera que chegou a ser uma transição capilar? Como é que foi assim? Você acha que você já passou por transição?

Entrevistada: Então, é… eu acho que essa foi na verdade a minha transição capilar, porque quando eu parei de fazer a escova progressiva [16] o meu cabelo nunca ficou liso tipo aquela escova que deixa o cabelo retão assim, ele sempre foi um cabelo que ficava com aquelas ondas assim. E aí quando eu parei de fazer a escova progressiva, eu continuei fazendo escova, aquela do, né? só passa o secador. Então, eu não tive um momento de transição, não tive, porque eu fiquei nessa.

De todas as entrevistadas Eduarda foi a que mais falou, foi a entrevista mais longa. Mas sobre o tema da transição capilar, ela traz uma fala relativamente curta, mesmo assim muito importante. Ler sobre depoimentos de transição capilar vem acompanhados de um sentimento de vergonha camuflada. É interessante como de alguma forma as mulheres fazem mudanças, vão fazendo intervenções nos cabelos para que fiquem apresentáveis, para que as pessoas não percebam a transição. Isso que Eduarda diz, sobre ir fazendo escova com o secador, é algo comum que as mulheres fazem. A transição capilar deixa o cabelo com texturas diferentes, tem a raiz encaracolada e as pontas alisadas e é difícil para muitas mulheres. Então esse processo

[16] Em uma busca rápida na internet achamos que a escova progressiva é "um procedimento químico que alisa os cabelos gradativamente, diminuindo o volume, o frizz e as ondulações. Há pouco tempo atrás, a técnica incluía uma grande quantidade de formol na composição, porém, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) garantiu que o ingrediente apresentava riscos à saúde e determinou que apenas 0,2% deste elemento deveria ser usado nos procedimentos. Atualmente, as progressivas são praticamente sem formol na fórmula, devendo ser aplicada novamente a cada dois meses para continuar apresentando um resultado significativo. Geralmente, o procedimento leva queratina e cremes emolientes que ajudam na saúde, hidratação e restauração das mechas." (Fonte: Escova progressiva: Tudo que você precisa saber sobre esse método de alisamento. Disponível em: https://universo.salonline.com.br/escova-progressiva/)

de seguir alisando sem uso da química faz pensar que não há transição capilar (como aparece na fala de Eduarda). São muitos processos de transição capilar, algumas aderem ao Big Chop (que já falamos anteriormente) considerado mais radical e no universo da transição é para "as corajosas", tem as que vão cortando aos poucos, as que assumem as texturas diferentes dos cabelos, as que vão fazendo escova ou chapinha enquanto o cabelo cresce, e várias outras formas. O fato é que independente da forma o cabelo está passando por uma transição. Então se na fala anterior Eduarda não consegue perceber o seu já iniciado processo de transição capilar, na próxima fala sua percepção se inicia:

Eduarda (mulher branca menos de 40 anos)

E aí, quando ele tava assim, muito sem formato, porque eu também não tava conseguindo fazer a escova, de repente esse foi o meu início de transição, assim, eu acho que foi esse o momento que eu parei de fazer escova porque eu não tinha mais tempo, e ele ficou totalmente aleatório, assim, não era nada. E aí, quando essas meninas [suas alunas] começaram a conversar comigo, elas me ensinaram mesmo, assim, de como amassar cabelo, tipo: "professora, você faz assim ó… bota o cabelo pra cima, amassa, não sei o que". Eu percebo que ele vai mudando, ele passou por um momento de transição porque quando eu comecei a fazer essas coisas, ele não ficava tão cacheado como ele fica agora. Eu acredito que esse tenha sido o momento de transição assim, mas eu acho que pra mim, o ponto todo da transição foi começar a me ver com o cabelo cacheado. […] da minha experiência quando eu tinha o cabelo escovado, né?

[...] E essas minhas alunas, eu acho incrível assim, elas acordam, elas começaram a me contar a rotina, né? Elas *acordam 5 da manhã e lava cabelo, amassa, amassa, amassa cabelo, amassa, amassa, e elas fazem fita por fita do cabelo, pega um pedacinho, passa creme.* [17] E eu falo: "cara, como vocês conseguem?", assim, eu nunca ia ter essa paciência, nunca na minha vida eu ia ter essa paciência. E aí a gente entra nessa coisa também de que a gente sai dum lugar que a gente tem que ter o cabelo liso, e a gente entra num lugar que a gente tem que ter um cabelo cacheado. A gente ainda não chegou num lugar em que a gente pode ter um "cabelo nada", assim, um cabelo que deu pra ter naquele dia, [risos] o cabelo que você não precisou gastar horas pra cuidar, que é o seu cabelo. E você não se sentir mal porque o seu cabelo é daquele jeito sem você passar ou horas alisando, ou horas amassando o cabelo passando creme.

Na entrevista de Eduarda separei por partes e apenas coloquei assuntos que dialogavam entre si, portanto não são textos em sequências diretas, onde aparece "[...]" existe uma quebra tirada de um outro trecho da entrevista, mas que seria importante ser introduzida naquela parte. Dito isso, é realmente muito interessante a fala anterior, por muitas razões, mas a principal é perceber como as novas gerações têm influenciado e trazido um novo modo de nos relacionarmos com nossos cabelos. É tudo novo, práticas novas, produtos novos, mas como a própria Eduarda diz é como ficar prisioneiro de um novo padrão.

> No entanto, o texto de título "Meu cabelo é crespo. Como faço para ter cachos?", publicado no blog Cacheia, questiona a obsessão de mulheres que possuem o cabelo crespo em torná-los cacheados. Além disso,

[17] Nilma Lino Gomes (2003) expressa que há uma mudança nos dias atuais em relação à "representação construída sobre o negro e seu cabelo, às possibilidades econômicas e ao acesso aos espaços de beleza que cuidam do corpo do negro e do cabelo crespo. Essa mudança também possibilita ao negro apresentar-se esteticamente de uma maneira considerada mais "aceitável" socialmente, o que pode ter contribuído para a diminuição dos apelidos e tratamentos preconceituosos nos espaços públicos, entre eles, a escola. [...] Ou será que essa mudança implica alguma alteração na forma como o próprio negro contemporâneo lida com a diferença racial inscrita no seu corpo e no seu tipo de cabelo? Ou ainda: será que as manifestações de preconceito estão diminuindo dentro do atual espaço escolar?" (GOMES, 2003, p.175)

> também critica a insistência de produtos que estão apresentando fórmulas em suas embalagens para cachos definidos, "alinhados/comportados" e o fim do frizz. Esse posicionamento parece ser prejudicial para quem está passando pela transição capilar, uma vez que pode estimular mulheres a rejeitarem o cabelo crespo e a valorizarem outras texturas de cabelo. Apesar dessa realidade, o texto também diz que algumas marcas já perceberam a existência de diferentes texturas capilares, suas características e necessidades. Questionamos ainda essa postura do mercado de cosméticos ao apresentar ou vender "cachos perfeitos" como se pretendesse estipular um padrão de cabelos naturais que são belos e aceitáveis. Como vimos acima, há mulheres que não possuem cabelos cacheados e talvez não consigam obter os resultados prometidos pelas embalagens, o que inevitavelmente levará à frustração. (OLIVEIRA ALVES, 2017, p. 38)

De fato, ouvir esse relato de jovem acordando às 5h da manhã para iniciar um ritual de cuidado para ir com os "cabelos perfeitos" para a escola é algo que deveria nos fazer pensar mais sobre como ocorre a relação com os cabelos crespos e cacheados. E para me incluir mais na pesquisa eu levo de 1h a 1h30 quando quero o cabelo com "cachos perfeitos" e isso já é tão cansativo. São muitas técnicas, das mais tranquilas às mais exaustivas, essa técnica que Eduarda afirma que suas alunas fazem "fita por fita" (chamada de fitagem) é realmente bem cansativa. As campanhas de "cachos perfeitos", "cabelo anti-frizz", "cabelos soltinhos" e tantas outras parecem ter mediado e moldado a nossa relação com nossos crespos e cacheados. Muitos desses tratamentos vêm dos movimentos das mídias sociais e de um incentivo coletivo. A coragem, força de vontade, de se expor a passar por uma experiência em prol do que seria um bem maior que é a recuperação do seu eu.

Eduarda (mulher branca menos de 40 anos)

Em momentos que eu tô trabalhando muito, por exemplo agora que eu também tô trabalhando muito, eu não dou conta, vou fazer uma escova progressiva, que é uma escolha que eu tenho. A minha irmã é a grande pessoa que fala: "você não vai fazer isso, para, lava o cabelo, passa um creminho, vai ver que vai ficar melhor". Porque cansa, eu me sinto cansada às vezes assim, de ter que ficar lavando e tá amassando e não sei o que. [...] Porque tem dias que eu odeio meu cabelo e eu penso: "tudo que eu queria era fazer uma escova nesse cabelo, pra eu não ter que lidar com ele". E tem dias que eu acho lindo, que eu finalizo o cabelo e falo: "é… é isso, sou uma grande cacheada maravilhosa" e é isso, era pra eu ter descoberto isso antes, o que me faltou foi isso. Mas, eu tenho a minha irmã, né? Essa pessoa que eu chego e falo: "vou alisar o cabelo". Ela fala: "não vai". Ela me dá essa segurada. […] eu acho que a gente olhar também no espelho o cabelo não finalizado e achar ele feio, é também uma não aceitação daquele cabelo daquele jeito, é um processo que eu também acho super importante, a gente aceitar o cabelo do jeito que ele é e ponto, se ele tá cheio de creme, se ele não tá cheio de creme. […] eu acho que talvez eu esteja nesse momento de transição, assim, de aceitar meu cabelo como ele é, e não ele cacheado, todo finalizado, em que eu preciso de tempo, nem liso com a escova progressiva. Eu tô num momento que eu tô tentando aceitar ele do jeito que ele é verdadeiramente assim, sem nenhum tipo de interferência.

Assim como na fala de Agatha sobre a importância de sua mãe em não permitir o alisamento de seu cabelo, no depoimento de Eduarda a figura que aparece é a de sua irmã. Eduarda diz que sempre que cogita a possibilidade de alisar o cabelo a irmã surge e a aconselha, como se fosse só uma vontade passageira. Em depoimentos sobre cabelo é muito comum a

presença de membros da família (como já vimos nos capítulos anteriores), sobre ser influência para seus pares. Fala sobre a instabilidade sobre o cabelo, a relação com o espelho, as vezes se achando linda e outras se sentindo mal. Além de mais uma vez reforçar falas de aceitação, do que chama de uma aceitação verdadeira, sem a necessidade do cabelo alisado nem do cabelo todo trabalhado pra ficar cacheado. O alisamento é colocado nas falas como algo que esconde, forja sua identidade, como vender uma imagem falsa de si mesmo, um simulacro, representava dor. Para Bouzón (2004; 2008) são muitos os investimentos aplicados pelas mulheres para modificar a textura crespa dos cabelos, o alisamento pode ser tachado como dissimulação ou negação de sua origem étnica ou racial. A busca de uma aproximação com uma estética própria da raça branca pode ser vista como um afastamento da estética negra. Mas é importante reafirmar o que já falamos anteriormente, que para bell hooks o cabelo alisado também pode ser visto como um ritual de intimidade para as mulheres negras, é um fazer coletivo.

Bruna (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Você passou em algum momento que alisou bastante, em algum momento você passou pela transição capilar? Entrevistada: É, eu venho passando, né? Porque é aquela coisa, eu não aplico, que nem eu te falei, a 1 ano e 4 meses eu não passo nada. Tá? Nada, nem aqui que eu costumava passar só na frente, tá vendo? Isso aqui… [risadas] muito frisado. Eu passava só assim, né? Agora nem isso. Minha mãe: "faz filha, só um pouquinho". [risadas] Entrevistada: Eu não quero. Então, eu sinto que é uma transição capilar fiel, né? Que muita gente tá perguntando: "ai, tá bonito". É, realmente, esse é o meu cabelo. Esse é meu cabelo de pirralhinha, esse é meu cabelo sem química: elevado na frente, pra poder definir é muito óleo, é muito creme. E assim, então vem aquela coisa, venho passando e é difícil, às vezes é difícil você se olhar no espelho e ver aquele negócio que você costumava a controlar, ali. Mas fazer o que, você também tem é aquele negócio que eu falei, tem que se adequar. Você tem que mudar seu olhar. Tem que se aceitar, né? Tem que se enxergar. É a minha característica, eu não posso fugir disso. Eu posso fazer o que for, eu vou fazer métodos paliativos aqui, mas vai ter ali, então, você pode até fazer, isso não é o problema, mas acho que o que faltava pra mim era assim: isso vai tá sempre aqui […] então eu não posso fugir disso. Então, é essa mudança de olhar mesmo, de perspectiva, tem que trabalhar isso pra ver, pra ser aceitável de uma vez por todas com esse cabelo. [risadas]

A Bruna tem um depoimento parecido com o de Eduarda em relação à transição capilar. O que também aparece é a figura familiar, no caso de Bruna a mãe aparece, mas com a função de incentivar o processo de alisamento, não se trata de um alguém que impõem, mas que aconselha e aparentemente pede a filha que faça o alisamento ainda que em algumas partes dos cabelos. Bruna resiste aos aconselhamentos da mãe e segue suas próprias vontades de manter a transição capilar. É possível perceber o orgulho oculto (ou explícito/escancarado) na resistência de Bruna quando diz que se trata de uma transição capilar fiel e que "esse é o meu cabelo", isso é orgulho. Reconhecer a dificuldade do processo e assim como Eduarda falar em se aceitar. Bruna diz algo ainda mais forte: "eu não posso fugir disso", como uma mulher negra dizer: "isso vai tá sempre aqui" é de fato algo muito forte. Interessante como obviamente guardadas todas as proporções, uma mulher branca e uma negra com quase 10 anos de diferença de idade,

ambas falam de aceitação quando o assunto é “crespos e cacheados”. Evidentemente a conversa não é “apenas” sobre cabelo, mas ter a compreensão de que estamos em um assunto, em uma arena, que traz uma complexidade, com depoimentos, com narrativas, histórias, tão profundas ainda que sejam pessoas tão diversas.

Cintia (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Em algum momento da tua vida você passou pela transição capilar? Ou não? Assim, você foi do cabelo natural pro cabelo com relaxamento.

Entrevistada: Nunca passei pela transição não, Jéssica. Assim, o máximo que aconteceu foi cortar curtinho, mas não foi com a intenção de fazer a transição. É como eu te disse, meu tio fazendo henê no meu cabelo, cortou muito curtinho […] já tem muitos anos, mas ele cortou na orelha. Nossa, fiquei me sentindo muito mal, fiquei me sentindo feia, horrorosa. Hoje nem tanto, mas na época quando eu era mais jovem eu achava que a sensação era o cabelo grande. Então, eu fiquei me sentindo mal e aquilo, na verdade, acabou servindo como uma transição, né? Que aí, conforme eu ia cortando as pontas vinha cabelo novo, enfim.

Algo que é muito comum e creio que aconteceu com todas as entrevistadas em momentos diferentes é que conforme vão dando seus depoimentos às vezes se contradizem ou simplesmente mudam de ideia, se a pergunta for feita de modo confusa ou tiver termos desconhecidos para os entrevistados isso se torna mais comum ainda. Aqui nesse trecho da entrevista de Cintia logo ao ser perguntada sobre ter feito transição capilar respondeu prontamente que não. Conforme foi falando, resgatando na memória, aos poucos foi lembrando da vez que cortou o cabelo bem curto, automaticamente isso despertou sentimentos, emoções. É possível perceber que fazia tempo que não acessava esses sentimentos, dizendo inclusive que hoje não sente, mas que na época provocou muita dor. Após ser levada a uma outra época, a outras sensações, pensou melhor e cogitou a possibilidade de ter passado por uma transição capilar sim. Durante as entrevistas ao ter suas emoções tocadas isso afetava as respostas.

A próxima entrevistada trata-se de uma mulher negra de 66 anos, foi uma entrevistada muito entusiasmada, pensei em ir dividindo sua resposta para pode ir comentando aos poucos, mas a resposta foi praticamente em uma toada só. O que escrevemos anteriormente sobre o Instituto Beleza Natural será retomado aqui agora, a visão de Laura sobre a transição capilar está diretamente relacionada ao salão em questão:

Laura (mulher negra mais de 55 anos)

Entrevistadora: É, essa transição capilar, né? Que é mudar o cabelo, você já falou de várias vezes, você falou quando você raspava, quando você usava ele anelado, é enfim, você usou de várias formas… Black Power. Então, você foi passando por algumas transições, mas qual foi a primeira vez? Você tá com 64 anos, qual foi a primeira vez que você ouviu falar esse termo "transição capilar"? Em que época da sua vida foi? E se isso teve alguma influência sobre o modo como você lida com o seu cabelo. […]

Entrevistada: Foi no Beleza [salão Beleza Natural]. É que lá é que quando eu fui pra lá ver como é que tava o meu cabelo. É e aí depois ela conversa com a moça que vai passar o produto, o que eu senti é que, assim, é… tem um lugar pra mim sabe? É, aqui todo mundo é igual, eu não preciso explicar nada, né? O cuidado, aí eu ia, via os produtos que tinham. Eu perguntava assim: "o que que é melhor pra eu cuidar do meu cabelo?". Eu nunca deixei de dar atenção ao meu cabelo, assim, de com o que que eu posso lavar, como eu posso cuidar dele pra ele ter vida. Então, a primeira vez foi no Beleza, não sei quanto tempo tem isso, deve ter mais de 10 anos, não sei se

15 que e daí eu senti assim: "poxa, existe um espaço". E aí, lá tinha produtos para negros, era a primeira vez que eu ia em algum lugar, porque eu via falar que tinha nos Estados Unidos, só que os Estados Unidos tá lá e eu tô aqui no Brasil. Então, o Beleza foi a primeira vez que dizer assim: tem produtos para negro. E aí começou a ter, eu acho que foi nessa época, maquiagem para negro. E aí, porque a pele também não é a mesma coisa porque o excesso de melanina, né? Faz com que a pele tenha que ter mais cuidados. Então, isso fez com que eu me sentisse pertencente. Né? Tanto no cabelo como na maquiagem, como agora, né? Que tem cremes também, apesar de que eu já uso creme há muito tempo. Mas de que o negro é em maior número, mas ele é menos cuidado. Então, se as empresas descobrissem que há muito mais negro, que poderiam ganhar dinheiro muito mais com negro, que ainda vai chegar lá. Não sei se eu vou tá aqui ainda. [risada] mas eu senti assim eu tenho um lugar, que foi quando eu descobri o Beleza. [...] É muito bom você saber que você tá comprando um produto que que é do seu cabelo. Não é uma maquiagem, não é uma coisa que foi camuflado pra usar no seu cabelo. Não, foi feito para o seu cabelo. Então, é muito diferente você saber que você existe, que você tem uma identidade, que aí você pode fazer o uso do objeto pra você se sentir mais bela, se sentir mais mulher e jogar pra cá, ou jogar pra lá. Seja o jeito que eu quiser, mas é para o meu cabelo. E a maquiagem é para a minha cor de pele, que aí é diferente.

Laura tem uma visão tão positiva do Instituto Beleza Natural, é importante levar em considerações muitas coisas, como a idade da entrevistada, que provavelmente passou boa parte de sua vida sem espaços e produtos para a público negro, que o Beleza Natural de fato era uma novidade, muito frequentado por mulheres das mais variadas idades, a sensação de entrar em um espaço onde a maioria do público e dos funcionários eram negros. O que já disse anteriormente, muitas vezes o relaxamento (principal tratamento feito pelo Beleza Natural) ainda não era visto como química, o que levava a crer se tratar de algo "natural" como já indicava o próprio nome do salão. Mas ainda sem falar especificamente do Beleza Natural, me desperta tristeza e emoção ao mesmo tempo o depoimento de uma senhora com mais de 60 anos falando sobre o primeiro momento de sua vida em que teve contato com algo feito exclusivamente para pessoas negras: "tem um lugar pra mim sabe? É, aqui todo mundo é igual, eu não preciso explicar nada, né?" "poxa, existe um espaço". E essa é a questão, o espaço de acolhimento, dadas todas as críticas possíveis, saber que não há perfeição, mas em algum momento, para alguém, para a Laura, aquele ali foi um lugar de pertencimento e identidade.

A última entrevistada que selecionei sobre a temática da transição capilar foi a Marta. Marta também foi uma entrevistada muito entusiasmada e falou bastante sobre assuntos diversos. Mas em relação a transição capilar achei melhor dividir sua resposta em duas partes, uma em que ela fala sobre si e a segunda parte em que fala sobre sua relação com sua filha.

Marta (mulher negra mais de 55 anos)

Entrevistadora: E esses jargões que aparecem mais hoje em relação à cabelo, por exemplo, a transição capilar; você falou que teve o cabelo cortado pela sua mãe, depois você disse que mais lá, com 18/19 anos teve um outro processo. Você passou por algum processo de transição capilar desse que a gente discute hoje? E quando foi que você começou a ouvir falar sobre esse assunto?

Entrevistada: Agora. Entrevistadora: Você hoje com seus [risadas] 57 anos… [risadas] Porque é interessante isso? Né? É… a gente não tinha esses rótulos, né? esses rótulos, muitos rótulos surgem dos últimos, talvez, 20 anos. Né? Citando. E transição capilar é certamente muito recente, principalmente no Brasil. Né? Mas, eu fiz essa transição na medida [inaudível] Aliás, não foi transição, não passou pela minha cabeça que era transição, eu simplesmente falei assim: "Basta". A posição foi esse "basta". E eu fui deixando o cabelo voltar ao natural, né? A transição capilar ela sempre existiu pra aqueles que por alguma razão queriam mudar a sua forma de tratamento.

De permanente pra liso, de loiro pra preto, preto pra loiro, né? Ela sempre existiu. É que hoje a gente tá dando essa conotação muito mais no sentido do processo de empoderamento da mulher ou do homem negro. Né? Então assim, só que quando ela surge com esse rótulo, eu já era uma outra mulher, eu já usava o meu cabelo natural.

Toda a entrevista de Marta é carregada de muitas informações sobre assuntos diversos, além de falar de si, de sua família, fala das pessoas, das épocas, das décadas, dos lugares, do Brasil, da vida. E assim somos levados a uma viagem em cada resposta, o modo como responde não nos dá a possibilidade de não refletir. E tudo com bom humor e leveza, coisa rara mesmo. Ao ser perguntada sobre quando ouviu falar sobre transição capilar respondeu rindo "Agora", mas logo explica que antes não haviam esses rótulos, são recentes, mas que sempre existiram. Para ela, por exemplo, a transição capilar não teve essa nomenclatura, foi um "basta" e uma decisão pelo cabelo natural. E de forma bem interessante compreende que esses rótulos estão associados ao processo de empoderamento feminino e masculino negro.

Marta (mulher negra mais de 55 anos)

E foi interessante que quando a minha filha traz isso, os traumas que eu tive, eu não quis trazer pra ela. Então eu sempre cuidei do cabelo dela, né? E sempre disse pra ela, né: "o seu cabelo é lindo, você é linda". Eu eduquei a minha filha pra ela se saber linda, da maneira que ela era, e eu sempre disse: "você é negra, e orgulhe-se de ser negra". Né? Então, eu tinha toda uma preocupação, até porque a família do pai dela são negros que nunca se reconheceram como negros. Então, eu precisei proteger a minha filha. Eu criei personagens negras pra ela, que eram super legais, divertidas, amigas, simpáticas. Então, eu tentei trazer um universo pra ela, quando eu olhava à volta eu não tinha esse recurso. Eu busquei isso. Então, ela foi a menina bonita do laço de fita na escola, né? [...] Ela era aquela criança negra super querida, e que quando era um lugar muito legal, era um espaço realmente muito inclusivo [...] então eu tive todos esses cuidados com ela, e ela quis. Então, chegou o momento que ela quis alisar o cabelo. "Você não vai alisar o cabelo, antes dos 18 anos você não alisa esse cabelo". Né? "Eu posso deixar você fazer uma escova se você quiser". Aí ela… primeira vez que ela fez escova eu achei horrível [risadas] horrível, horrível. [risadas] Até outro dia eu peguei a foto e falei assim: "aí, coisa horrível, você tinha o cabelo lindo". [risadas] mas a madrinha, né… ajudou ela a fazer, porque ela queria, mas fez a escova. Né? Eu jamais permiti. Que eu falei assim: "quando você fizer 18 anos você decide". Aí quando ela fez 15 anos ela quis cortar o cabelo. Eu falei: "olha, quem vai decidir é você; eu não cortaria seu cabelo tão cedo, mas se você quer cortar é um direito seu, né… eu que não vou fazer essa violência com você". Então, o que aconteceu comigo, eu protegi. Então a [filha da entrevistada] não sabe o que que é transição. E apesar dela estar fazendo uma pesquisa sobre transição, é quando ela tá aprendendo o que é porque felizmente ela não passou por isso.

Deixei esse depoimento por último porque confesso que foi um dos que mais me emocionei. Por uma razão muito simples: o cuidado e o zelo de uma mãe com uma filha. Achei bonito. Não é sobre cuidar do cabelo da filha para que os outros achem bonito, não é sobre os outros, sobre a rua, é sobre a casa. É sobre cuidar pela própria filha. E sobre tantas outras coisas. Também não é sobre cabelo cacheado/crespo/natural ser melhor do que o liso, ou cabelo liso ser imposição e ser algo a ser evitável. Mas é sobre cuidar até que a própria pessoa tenha autonomia e possa escolher. É algo que provavelmente muitos não vão entender, mas se nesse exato momento alguma mulher que tenha passado a infância sem poder molhar o cabelo, tendo que fazer pente quente, chapinha, henê, ter o couro cabeludo sempre machucado, sei que você certamente entende porquê o zelo dessa mãe emociona. Nem diria "zelo", porque as nossas mães também eram zelosas, então não é sobre zelo, é sobre compreensão e entendimento.

Oliveira e Mattos (2019) tem uma observação interessante em que os cabelos das mulheres negras estão diretamente associados à sua identidade, que atravessam o próprio corpo e o olhar do outro para mesmas. Assim, a produção de suas "identidades, cor de pele, traços e cabelos" está presente na mediação com o outro. (p.447) As autoras percebem como a análise das narrativas de mulheres negras sobre seus cabelos e a forma como cuidam e falam dessas experiencias desses processos, como isso (trans)formaram suas identidades.

A próxima colocação realizada por Oliveira e Mattos (2019) farei questão de manter como citação direta:

> A prática de mulheres e meninas negras de alisar ou submeter os fios a procedimentos estéticos invasivos e, muitas vezes, danosos à saúde, de maneira a se adequarem (ainda que inconscientemente) ao padrão de beleza branco, produz experiências marcantes, muitas vezes violentas, que não são experienciadas por mulheres brancas. Para mulheres negras, alisamentos e tratamentos capilares que têm como referência ideais de beleza brancos operam, conscientemente ou não, afastamentos em relação aos seus antepassados negros/as. Os cabelos das mulheres negras na sociedade brasileira dizem respeito ao conflito social presente nas relações sociais. Ao ouvirem que seu cabelo é "ruim", as mulheres negras estão sendo também interpeladas em sua identidade. Por sua vez, a decisão por abandonar tratamentos capilares embranquecedores e assumir cuidados que incluem colorir, raspar, trançar e enfeitar os cabelos com adereços da cultura negra tem sido narrada por mulheres negras como processos acompanhados de experiências de autonomia e de ressignificação de suas identidades. (OLIVEIRA E MATTOS, 2019, p. 450)

Essas colocações comumente encontradas em pesquisas, artigos, livros de temática racial e também nas mídias sociais são justamente o que tornou para mim algo realmente muito difícil na pesquisa. Até que ponto seguir com a temática, sobretudo com a inclusão de mulheres brancas, tudo passa pela cabeça, desde a produção de um trabalho que poderia ser altamente julgado, invalidado. Sentir a necessidade de corroborar com os tantos outros trabalhos sobre essa mesma temática e perceber que uma pesquisa sobre um tema que poderia ser leve, sobre um assunto que me desperta interesse, falar sobre cabelos parecia no início uma pesquisa deliciosa de se fazer. Mas aos poucos as dificuldades e ter que tomar muitas decisões, fazer escolhas importantes, fizeram com que as coisas mudassem de figura e se tornassem mais pesadas. Então é importante dizer que não foi fácil fazer essa pesquisa, foi muito difícil, exige um extremo cuidado para que não se caia em algumas armadilhas aparentes, não podemos tratar a relação das mulheres negras e das mulheres brancas a partir de uma falsa simetria, como se elas passassem por questões minimamente parecidas. É necessário deixar bem evidente que são situação absolutamente distintas. Temos que tentar manter a análise a partir de corpos que são diferentes e que passam por vivências diferentes.

> Os cabelos de garotas e mulheres negras são associados a um imaginário social de marginalização. Quando a mulher negra precisa lidar com seu cabelo de modo a sentir-se incluída neste referencial, vê-se despendendo energia e recursos para se encaixar no padrão estético branco. Em contrapartida, no momento em que decide romper com este padrão, podemos dizer que se produzem novos sentidos para o verbo "lidar", mobilizando-a para se contrapor a esses ideais e sustentar uma posição estética e política na sociedade, em uma prática de autocuidado. Em ambas as situações, seja ao lidar com o cabelo para se adequar aos padrões, seja ao estabelecer uma nova lida para romper com estes padrões, estamos falando de um trabalho que é feito consigo mesma, na dimensão corporal. (OLIVEIRA E MATTOS, 2019, p. 456)

Aqui podemos recuperar o estudo de Oliveira (2008) que aponta que ao sucumbir às imposições sociais da branquitude ocorre um processo de autorrejeição do corpo negro. Devemos ter uma noção de que em todo momento precisamos racializar esse debate, independente dos corpos que estivermos falando, estamos falando sobre traços negróides ou sobre traços que são associados a pessoas negras. As narrativas das mulheres negras em nossa pesquisa passaram por momentos de dor, de sofrimento, de violência, de cuidado, de carinho, de amor, de humor. E as narrativas das mulheres brancas também, mas cada uma a sua forma. Em muitos momentos relendo os depoimentos havia bem mais uma questão geracional, em que as idades apontavam as divergências. É de fato uma surpresa perceber que mulheres brancas com cabelos bem crespos narravam passagens, contavam histórias, passavam por situações, ouviam coisas muito parecidas citadas pelas entrevistadas negras. De alguma forma é como se fossem "menos brancas", pretendo discutir isso no capítulo sobre as origens familiares.

2.4. Mídia

> "E aí eu acho que as redes sociais… é… Facebook e Instagram foram meus principais aliados nesse sentido, Youtube também; porque aí eu ficava assistindo vídeos, e com as blogueirinhas e tem a coisa do cronograma capilar."

Em estudo de 2019, Oliveira e Mattos afirmaram que "as narrativas em primeira pessoa feitas por mulheres negras nas redes sociais têm se configurado como uma importante prática de enunciação de si e de visibilização de processos subjetivos historicamente apagados e silenciados". A autoras afirmam que para mulheres negras, notadamente as mais jovens, os meios digitais funcionam para compartilhar experiêcias, trajetórias e maneiras cotidianas de beleza, ressignificando suas identidades. (Oliveira e Mattos, 2019, p. 451)

> Para além da negação dos cabelos, derivada de uma leitura social que associa cabelos crespos a uma imagem negativa, vale destacar a falta de representatividade de

> mulheres negras em diferentes contextos, nos quais as mulheres brancas de cabelos lisos frequentemente ocupam lugares positivos ou desejáveis. A mídia hegemônica é responsável por repercutir diariamente imagens de feminilidade que excluem mulheres negras. Juntos, racismo e sexismo se impõem diariamente à sociedade – e às mulheres negras – pelos meios de comunicação. A publicidade, os lugares de destaque na dramaturgia, os estereótipos de beleza reiterados cotidianamente sinalizam às mulheres negras que, para serem desejadas, aceitas e valorizadas, é preciso mudar (embranquecer) – especialmente os cabelos. Essas mensagens têm efeitos devastadores sobre a construção de uma individualidade e uma identidade positivas em meninas, garotas e mulheres negras (BELL HOOKS, 2005 apud OLIVEIRA E MATTOS, 2019, p. 458)

Citando outros estudos as autoras ainda afirmam que

> Se o processo de formação de identidades é oriundo de relações contextualizadas, localizadas, as narrativas midiáticas fazem parte desse processo, pautando modos de ser, viver e aparecer. Os movimentos de ressignificação das identidades, entretanto, também têm sido permeados por tais relações. Se a mídia hegemônica e branca tem compactuado e reproduzido sistematicamente o racismo estrutural, as redes sociais surgem como um importante dispositivo para o tensionamento dessas narrativas (MALTA & OLIVEIRA, 2016; MATOS, 2015; MATTOS & SILVA, 2014 apud OLIVEIRA E MATTOS, p. 458, 2019)

Também é interessante o estudo de Oliveira de Paula (2017) onde resgata a ideia de Berker (2005) de "domesticação da tecnologia" que corresponde "aos processos pelos quais as redes sociais como o Facebook fazem parte das experiências vividas pelas pessoas em suas casas, trabalho, estudos e família, compartilhando e tendo acesso à fotografias e relatos pessoais uns dos outros; esta possibilidade de conteúdo autogerado e interatividade é possível devido às construções dos sites na chamada WEB 2.0". Segundo o autor as mídias como a televisão transmitiam notícias e discursos que partiam de um enunciador específico, não deixavam de ser dialógica, pois se direcionavam para um telespectador ativo, porém, a WEB 2.0 permite, com suas estruturas de comunicação online, a troca e construções interativas (OLIVEIRA DE PAULA, 2017)

Ainda no estudo de Oliveira de Paula (2017) a autora afirma que realizou algumas coletas de postagens sobre cabelos crespos e cacheados em mídias sociais ao longo de 3 anos (entre 2013 e 2016). A autora observa a recorrência de alguns temas. São eles:

> - Declaração de Raça - quando a pessoa faz a associação direta dos seus cabelos naturais à sua negritude, seja com uma indicação de sempre ter sido, ou de ter "se tornado" negra a partir do corte e ainda em alguns casos, com a dúvida do seu pertencimento ou não à raça negra, geralmente quando há pouca pigmentação na pele apesar da crespura dos fios;
> - Liberdade - é importante ressaltar a característica comum ao uso da palavra "livre" nos enunciados das mulheres, pois em quase sua absoluta maioria de todo o material coletado, esta palavra é usada após o ápice da razão de ser do grupo, o grande corte, também conhecido com BC (big chop) e se refere ao corte que elimina de vez as partes com química dos cabelos. As mulheres usam a palavra "livre" para expressar algumas relações que se criam a partir do momento que se decide terminar a transição e se desfazer das pontas dos cabelos que ainda possuem os resquícios da química;
> - Relacionamentos - agrupando as postagens referentes à aceitação e não aceitação de seus parceiros à sua decisão de mudança tanto da textura, quanto ao comprimento dos

> cabelos, que é quase inevitável visto que não são muitas as mulheres que conseguem esperar o cabelo crescer tanto e o cortam ainda bem curto, as denúncias de machismo e a auto-afirmação das mulheres que preferem ser quem são a estar com alguém que não as aceita;
> - Trabalho - agrupando as postagens relacionadas a perder vagas em entrevistas de emprego, ou de assédio de superiores quanto às suas aparências não "padronizadas";
> - Denúncias de Racismo - aparecem em postagens dos temas mais diversos e geralmente vêm acompanhadas de prints de conversas pessoais ou de postagens de outros amigos e conhecidos nas suas timelines pessoais; e,
> - Motivações para entrar em Transição - onde as mulheres narram suas histórias, seus incentivos, encorajamentos, fotografias de "antes e depois" e afins. (OLIVEIRA DE PAULA, 2017, p. 25)

A autora se propõe a analisar o movimento de transição capilar (já tratada em capítulos anteriores) e afirma que este se organiza através de grupos no Facebook e em outras redes sociais, assim os membros também compartilham conhecimentos através do Youtube e ocupam as ruas em marchas e encontros que chamam a atenção das pessoas modificando os padrões de beleza, fortalecendo a luta contra a injúria racial e buscando a aceitação da beleza negra. (OLIVEIRA DE PAULA, 2017). A autora ainda reafirma que nos últimos anos houve um crescimento das redes sociais devido a ampliação do acesso e uso da internet o que aproxima pessoas de diferentes contextos compartilhando gostos e interesses. (OLIVEIRA DE PAULA, 2017)

Oliveira de Paula (2017) destaca que em sua pesquisa chegou até o canal da Youtuber e Influencer Rayza Nicácio que apresentava "produtos, técnicas de cuidados e penteados para o cabelo crespo e cacheado", valorizando o que era chamado de cabelo natural. Depois a autora passou a acompanhar outros canais do Youtube e diversos outros conteúdos em outras redes sociais. Por fim, a autora supracitada percebe que acompanhar os conteúdos de grupos no Facebook sobre Crespas e Cacheadas fez com que percebesse que não se trata apenas de técnicas e produtos capilares, mas há também questionamentos sobre aceitação e autoestima da mulher além de reflexões sobre a condição do negro na sociedade brasileira, feminismo, veganismo e outras questões. Trata-se de personalidades marcantes com cabelos crespos/cacheados, influências. Há uma questão geracional, que vai da TV às mídias sociais (Instagram, Youtube, Facebook). A relação das pessoas com as mídias vai mudando ao longo das décadas, varia a relação das pessoas de grupos etários distintos com as mídias. Um jovem tem um tipo de relação com a TV, alguém com mais de 50 anos tem outro tipo de relação com as mídias sociais. As mídias chegam até as pessoas, mas vale a questão de como ocorre a comunicação, como as pessoas recebem as informações e como isso afeta efetivamente suas vidas.

Há também, além desta questão geracional, uma questão racial, em como a TV e as mídias no geral transmitem informações sobretudo para o público negro, como ocorre a inserção dos negros nas mídias, o que representa efetivamente a 'entrada' e o aumento de figuras negras em espaços midiáticos. Fica a sensação de algo feito para cumprir tabela, colocar negros por uma obrigatoriedade, quase que o cumprimento de uma cota. Até que ponto essa inserção de fato representa algo, sobretudo para os mais jovens que crescem se vendo 'representados'. Esse é um debate mais complexo e observar através de um único prisma pode tornar a análise rasa. Para todos os casos, em se tratando da relação com os cabelos, vale frisar que ocorrem muitas mudanças ao longo das décadas, atualmente são muitos produtos direcionados aos cabelos crespos/cacheados, com um forte mercado e forte publicidade.

Gleicy Silva (2019) tem um olhar interessante sobre essa questão da representatividade, argumentando que os veículos estimulam sensibilidades e subjetividades promovendo a cultura do consumo. Fazendo uma análise sobre as novelas produzidas pela rede Globo, a autora percebe que se apropriam de bens culturais e simbólicos do imaginário e do cotidiano do público-alvo estimulando comportamentos de consumo. Por isso, é necessário observar como ocorre a dinâmica dos personagens negros representados nos espaços; e, atenta que há uma demanda por referências que despertem o imaginário das mulheres negras brasileiras buscando representações estéticas e trajetórias de histórias pessoais para que possam de identificar e se inspirar. (SILVA, 2019, p. 192)

Além disso, debruçando-se em alguns estudos, Silva (2019) se põe a pensar sobre a enunciação dos sujeitos subalternos, sobretudo as mulheres. Não apenas sobre a oportunidade de fala e de escuta, mas também na construção de espaços de enunciação (lugar de contestação das representações através de conflitos, de forma instável e arbitrária; pode até não ser emancipador, mas tem potencial de ruptura e enfrentamento). Assim, é na ampliação dos espaços de enunciação que novas dinâmicas de mobilidade social podem ser vivenciadas. A atenção às novas mídias é uma estratégia eficaz para ampliar os espaços de enunciação, também é potente na reformulação de novos discursos. (SILVA, 2019, p. 195)

> "Uma mulher observa imagens das modelos cujos corpos são diferentes do seu. Essas modelos usam roupas, jóias, sapatos, xampus, celulares e perfumes que ela gostaria de adquirir. A mulher registra não apenas os objetos do desejo em seu inconsciente, mas a imagem das modelos também. A imagem das modelos estimula a busca paranóica pelo padrão inatingível de beleza que expande a ansiedade, que por sua vez é projetada na necessidade de consumir o objeto. Esse processo gera consumismo. (CURY, 2005, p. 53)

hooks analisa a forma como a mídia reforça um padrão branco e sexista. Nos tipos de publicidade cotidianos, para a autora, as mulheres negras não são consideradas bonitas e atraentes se não passarem por uma mudança, sobretudo de seu próprio cabelo. É como se sabotassem a construção de uma individualidade e da identidade dessas mulheres. (BELL HOOKS, 2005) Dessa forma, mesmo em propagandas de produtos destinados especificamente às mulheres negras ainda temos algumas problematizações. Como por exemplo em shampoos e cremes para cabelos afro que são taxados de rebeldes e volumosos, não se valoriza a característica natural do cabelo, mas sim uma tentativa de transformá-lo em uma outra coisa, oferecendo a solução para reduzir seu volume e definir seus cachos. (MORAES E MOREIRA, 2015 apud MATOS, 2016)

ENTREVISTAS

Amanda (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Você falou da influência da universidade, mas de alguma forma você percebe a influência da mídia no modo como você cuida do seu cabelo? Pode ser qualquer mídia, pode ser…

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: revista, TV…

Entrevistada: Sim, com certeza.

Entrevistadora: Internet, Instagram, Youtube…

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: Enfim.

Entrevistada: Totalmente, porque quando eu comecei a transição, eu comecei a ver que eu precisava cuidar dele [do cabelo], né? Que não era, tipo, não é um cabelo que é prático, né? Que você acorda e tá pronto, pelo menos não que a sociedade aceite ele assim, mas, é…talvez sim… talvez seja, mas enfim. Eu acabei tendo que correr atrás de buscar informação pra poder cuidar dele, seja creme, seja produtos em geral, penteados também, que é uma coisa que eu gosto. E aí eu acho que as redes sociais… é… Facebook e Instagram foram meus principais aliados nesse sentido, Youtube também; porque aí eu ficava assistindo vídeos, e aí com as blogueirinhas e tem até… tem a coisa do cronograma capilar. Então, eu consegui fazer assim…direitinho, mas sempre assisti todos os vídeos. É… os cremes específicos, essa coisa do Low Poo[18]e No Poo[19], é… enfim, todos esses termos, classificação dos cabelos[20]. Tudo isso eu aprendi, me apropriei graças às redes sociais, né? Facebook, Instagram e Youtube principalmente.

[18] Low Poo – "Low Poo é o nome de uma técnica pra lavar os cabelos ou, melhor ainda, um estilo de lavagem que privilegia um cuidado mais natural e menos agressivo com os fios. Basicamente, a ideia aqui é amenizar o impacto nocivo que algumas substâncias tradicionalmente usadas nos shampoos têm sobre a estrutura capilar, especialmente sobre a oleosidade natural dos fios. Se liga nessa curiosidade: o próprio nome "Low Poo" é uma referência à palavra shampoo. O sentido é de um shampoo com menor concentração ou com ação mais leve e suave, já que low, em inglês, tem sentido de "pouco, menos"." Disponível em: https://www.usebob.com.br/blogs/news/o-que-e-low-poo-entenda-as-tecnicas-produtos-e-no-poo.

[19] No Poo – "Diferente do Low Poo, o No Poo - como o próprio nome diz - é um método que elimina totalmente o shampoo da rotina de cuidados com o cabelo: em seu lugar, entram os bálsamos limpantes, higienizadores capilares e outras misturas naturais e caseiras que garantem a limpeza e saúde capilar, mas não levam qualquer agente químico como silicones insolúveis e petrolatos em sua composição." Disponível em: https://www.usebob.com.br/blogs/news/o-que-e-low-poo-entenda-as-tecnicas-produtos-e-no-poo.

[20] Classificação dos cabelos – "Andre Walker: os fios capilares são divididos em quatro categorias numéricas (Tipo 1 = lisos, Tipo 2 = ondulados, Tipo 3 = cacheados e Tipo 4 = crespos), que se subdividem em três grupos (A, B e C). ("Tipos de cabelos: identifique o seu". Disponível em: http://www.soulnegra.com/tipos-de-cabelosidentifique-o-seu/)" (ALVES, 2017)

Agatha (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Como você percebe, assim, a influência da mídia? O que você vê em propaganda, pode ser revista, pode ser… é… em alguma coisa que você olha na rua, pode ser na TV, enfim. Mas como você percebe a influência da mídia no modo como você trata do seu cabelo, como você cuida do seu cabelo?

Entrevistada: É… assim, antes eu não via muito, agora eu acho que a gente tá falando bastante sobre o cabelo cacheado. As pessoas estão passando por transição [capilar] e isso tá passando bastante [na mídia]. Eu vejo isso, se eu entrar no Youtube e tiver uma coisa de cabelo cacheado, eles vão sempre falar sobre transição e tem muita gente passando por isso. E isso é uma coisa que é bom, né? As pessoas falarem sobre isso, porque a gente tem que se sentir à vontade com o que a gente é, né? [...] Hoje eu vejo também a gente sendo mais representada em até… cosméticos, é… na propaganda, e as pessoas morenas de cabelo cacheado, tudo.

Entrevistadora: É… as mídias sociais, assim, enfim, Facebook, Instagram, o próprio Youtube que você falou. Você acha que de alguma forma tem alguma influência? Assim, no modo como você cuida do cabelo, o que você vê, as meninas que aparecem…

Entrevistada: É… eu… meu Youtube eu sigo só as meninas que tem cabelo cacheado, crespo porque elas me ajudam muito a conhecer os cremes, né? As coisas que o nosso cabelo precisa. Então, me influenciou bastante foi o Youtube, até pelo creme que eu uso foi o Youtube que me influenciou, porque até então eu não sabia cuidar do meu cabelo de uma forma e aprendi no Youtube a tratar ele de uma outra forma, que pudesse melhorar o meu cabelo. E eu aprendi muito, eu acho que eu mudei totalmente o jeito de cuidar do meu cabelo vendo o Youtube, aprendendo com as influencers mesmo de lá.

Bruna (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: É… a influência da mídia no modo como você cuidou do seu cabelo. Você falou muito da faculdade, você falou das outras pessoas, dos espaços, dos seus pais; mas e a mídia, você acha que pra sua geração a mídia esteve presente?

Entrevistada: Esteve, eu acho que presente bastante. É… quando eu tinha, sei lá, 13 a 15 anos, aquela marca Seda, ela era muita famosa, e na época, era Seda Cocriações. Os melhores profissionais da beleza… [risadas] fizeram fórmulas pra vocês, especialmente para o seu cabelo. E eu lembro que eu teimava em usar Seda; aquele negócio é horrível, dá caspa, dá alergia. E eu usava, "não, vai ficar bonito, vai ficar bonito" [inaudível]. Eu usava, na época, eu lembro que meu cabelo não [inaudível] justamente porque eram muitos produtos com petrolatos, sulfato. Hoje em dia eu entendo isso. O cabelo afro, o cabelo mestiço, ele não se dá com isso. Não se dá. Eu canso de falar isso pras minhas amigas: "não use, que é perda de tempo". Porque ele vai ficar acumulado ali, aquele sulfato, aquele petrolato e depois vai feito um rebote. Então, tudo que eu insistia, eu gostava de usar, acho que era um Seda Brilho Gloss, eu acho que é uma coisa assim. Que deixava o meu cabelo… era cheio de purpurina aquilo… [risadas] cheio de pur-... [risada] deixava o meu cabelo brilhoso. Não entendia, agora eu entendo, né? Que eu não entendia, mas a mídia tem isso, né? É, assim, eu sempre… o pessoal sempre falou assim pra mim: "ah, você… porque que você não tenta ser modelo? Você é magra, alta". Aí eu é: "tá". Eu fiz uns [inaudível], eu passava sim de fase, só que eu sempre ouvia: é… "o que que você pensa em fazer no seu cabelo pra…?". É… como é que falavam? É… "pra ficar melhor, pra… pra realçar, pra realçar". Aí eu: "nada". [risadas] Eu falava assim, na maior ingenuidade: "nada". Aí eles: "ah, sabe né? A indústria, ela quer uma modelo de cabelo preparado". O cabelo preparado é o cabelo com escova ou o cabelo alisado, ou até um cabelo liso natural ou ondulado leve que não tenha qualquer problema. Isso pra eles é problema, né? O frizz[21], o volume é um problema. Agora eu sinto que tenha é… que isso esteja melhorando, né? Que eles querem modelos negras com cabelos black ou não… Eu acho que isso tá melhorando. Eu acho as blogueiras… as blogueiras negras, mestiças, elas ajudam muito nisso, né? Que elas vão: é… "olha, hoje gente, a gente vai aprender a fazer fitagem[22], vai aprender a fazer uma umectação[23]". Então,

---

[21] Frizz – "O frizz são aqueles fios que ficam arrepiados no topo da cabeça e desalinhados no comprimento, deixando os fios com aspecto desarrumado. É comum acontecer quando os fios não estão hidratados e nutridos o suficiente, deixando a cutícula capilar mais exposta, principalmente quando há umidade." Disponível em: https://www.loreal-paris.com.br/frizz#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20o%20frizz,exposta%2C%20principalmente%20quando%20h%C3%A1%20umidade.

[22] Fitagem – "A fitagem é uma técnica de finalização de cabelo que consiste em dividir o cabelo em mechas finas e aplicar creme de pentear ou gel para ajudar a definir os cachos mecha a mecha." Disponível em: https://www.boticario.com.br/dicas-de-beleza/fitagem-no-cabelo-o-que-eecomofazer/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20fitagem%20%3F&text=A%20fitagem%20%C3%A9%20uma%20t%C3%A9cnica,os%20cachos%20mecha%20a%20mecha.

[23] Umectação – "A umectação capilar tem como objetivo nutrir e fortalecer os fios através do uso de óleos vegetais. Com isso, a umectação melhora a saúde dos fios, deixando a fibra menos áspera e com mais saúde. Os nutrientes que são perdidos com a exposição à radiação solar, poluição ou processos químicos são repostos com esse

a mídia teve que é… converter esse olhar, né? Ela não pode mais só impor o que ela acha, ela tem que entender que esse mercado é muito grande… nosso mercado é muito grande. Pô! Não tem mais branca do que mulher preta no Brasil, então, eles têm que entender e tem que mudar. Então eu sinto que isso afetou também porque… até em comerciais, né? Quando eu era adolescente, assim… isso em 2000 e… vamos lá, 2008 até 2014, era sempre cabelo liso, escovado, ou com babyliss[24]. Então isso influi, porque você… eu sempre achava que o meu cabelo não estava arrumado. Então eu usava como [inaudível] usava ele preso, porque preso, né? Com penteado ele tá arrumado. Ninguém poderia… ninguém ia dizer: "ah, tá desarrumado". Não tá. Então foi isso, eu acho que a mídia prejudicou bastante, né? Porque ela fala: "ah, tem que ser assim… você tem que… tem que…". Não tem como fugir, sabe?

Cintia (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Como é que você vê, assim, a influência da mídia no jeito que você cuida do teu cabelo? [...]

Entrevistada: Não entendi. É… a mídia…

Entrevistadora: É… a influência da mídia no modo como você cuida do seu cabelo. Pode ser em tudo: na TV, na internet […]

Entrevistada: A influência da mídia. Cara, muito bom… eu acho que a mídia melhorou muito pra gente, assim, em relação à oferta de produtos, como cuidar, é… a questão da praticidade. A massagem por exemplo, hoje em dia: ah, estou sem tempo de fazer a massagem, tem uma massagem de três minutos. Entendeu? Tem muito mais produtos do que a gente tinha antigamente, e ficava mais difícil cuidar do cabelo, né? Melhorou bastante isso aí. Nota 10 pra… [risos] pra evolução dos produtos e da propaganda da mídia.

Os depoimentos acimas são de mulheres negras com menos de 40 anos. Amanda diz ter começado sua transição capilar acompanhada pelas mídias digitais. Afirma que o Facebook, Instagram e Youtube foram seus principais aliados. Acompanhava os vídeos das blogueiras, aprendeu sobre Cronograma capilar, descobriu coisas como Low Poo e No Poo e sobre a Classificação dos cabelos. Agatha que também fala sobre transição capilar e viu no Youtube muita gente passando por esse momento. Diz que vê mulheres negras cada vez mais sendo representadas em cosméticos, em propagandas. Das mídias digitais diz que é mais influenciada pelo Youtube. Por fim, diz que não sabia cuidar de seu cabelo, que aprendeu no Youtube, acompanhando as influencers. O terceiro depoimento é de Bruna que afirma ter tentado virar modelo, mas que a indústria, segundo suas próprias experiências, quer mulheres com cabelos alisados. Mas acredita que as coisas estão melhorando, que atualmente querem modelos negras, que as blogueiras negras ajudam muito nesse cenário. Diz que foi nas mídias sociais que aprendeu sobre Fitagem e Umectação, por exemplo. Por fim, Cintia afirma que a mídia mudou muito para mulheres negras em relação a oferta de produtos e a como cuidar dos cabelos. Observa que atualmente tem muito mais produtos do que antigamente.

A partir disso, seguimos com o questionamento para as mulheres brancas mais jovens.

---

tratamento." Disponível em: https://www.loreal-paris.com.br/o-que-e-umectacao-capilar?&&gclid=CjwKCAiA1MCrBhAoEiwAC2d64R28VQeckq1OPeSxa_mGx7CG9bJzGNg0qSgCEHsKSAt7wqqcckUlEBoCFQIQAvD_BwE&gclsrc=aw.ds

[24] Babyliss – Modelador de cachos.

Raquel (mulher branca menos de 40 anos)

Entrevistadora: Como você percebe a influência da mídia no modo como você cuida do seu cabelo?

Entrevistada: Eu sempre fui muito de ver, hoje em dia não, mas eu via muito Youtube e tal, e eu sempre gostei de fazer umas hidratações naturais, caseiras, de influência mais isso mesmo de ver tutorial no Youtube de hidratação com abacate, azeite, sei lá com as coisas mais naturais e fazer, mas não sou também de ficar cuidando regularmente, sabe.

Eduarda (mulher branca menos de 40 anos)

Entrevistadora: Como é que você enxerga, assim, a influência da mídia, a mídia como um todo, tá? Pode ser da internet, em qualquer mídia social, é… TV, revista… enfim. Ao longo da tua vida, você percebe que teve uma influência da mídia no modo como você foi cuidando do seu cabelo?

Entrevistada: Ah, muita. Eu acho muita sim, muita, muita, muita. É… [tosse] eu tenho críticas mil ao Instagram, mas eu não consigo negar a informação que traz, né? É… porque por exemplo, essa menina que… assim, foi essa primeira aluna que veio falar comigo do meu cabelo, ela é uma pessoa inserida no Instagram. É… e ela tem... eu acho que ela tem mais de 100 mil seguidores, assim, ela é uma pessoa que tem um perfil e ela não é uma influencer de cabelo cacheado, mas ela também fala de cabelo, né? [...] eu não me insiro nisso porque eu não sou uma pessoa de rede social. É… eu assisto, eu sou uma espectadora de rede social, né? Eu não sou uma pessoa que produz pra rede social. É… mas elas [suas alunas], é o mundo delas. Assim, essa coisa delas acordarem 5 da manhã eu descobri pelo Instagram, porque eu comecei a seguir e aí um belo dia eu fui olhar e a menina tinha postado um negócio 5 da manhã arrumando o cabelo, e fazendo… e aí eu cheguei, questionei, eu falei: "menina, como que você consegue acordar tão cedo pra cuidar do cabelo?". E ela todo dia tá com o cabelo impecável na escola, impecável o cabelo, maravilhoso. E ela falou: "professora, é assim que eu me sinto bem". E aí eu comecei a perceber como ela se colocava na internet, né? E são pessoas completamente diferentes na internet. As alunas, elas, assim, muitas vezes elas são tímidas na sala, na internet elas são deusas e elas se colocam como: "é isso gente, vamos usar nosso cabelo cacheado maravilhoso, ó… fiz essa maquiagem linda, façam também". É… elas se colocam, e pelo que eu fui percebendo várias outras, é um nicho assim, e todas elas se colocam muito empoderadas na rede social. É… e eu acredito que isso se dá também pelo influencer, que alguém chegou nessa rede social e se colocou como empoderada. Essa blogueira que eu sigo, ela é uma blogueira muito antiga na internet… muito, muito antiga. Ela na época eu acho que ela já tinha uma página no Facebook que era grande de cabelo, assim… de cabelo cacheado. E ela fez a página para dar uma motivação pra ela passar pela transição. Porque ela tava passando pela transição, e aí ela começou a postar no sentido de: "pô, vou botar aqui porque eu quero me sentir bem com o meu cabelo, eu não tô me sentindo bem com o meu cabelo, vou colocar aqui". Assim como, eu não sei se você pegou esse nicho também, no começo do Instagram tinha muita menina que fazia coisa no Instagram pra emagrecer, e foi construindo aquelas páginas pra se motivarem, aí as pessoas iam assistindo. E o cabelo essa blogueira foi a mesma coisa, ela fez pra se motivar a passar pela transição, e eu acho que tem total influência, total, total, total. É, hoje em dia eu não assisto mais TV, né? E também não conheço muita gente que assista TV, mas eu assisto muito jornal, Globo News, né? Notícias e tal. E hoje em dia a gente vê muito, muito mais… é… [tosse] jornalistas e apresentadoras que estão com seu cabelo natural, assim, cabelo crespo. E tem uma, até uma jornalista específica da Globo News que ela usa o cabelo dela eu não sei, eu acho que o cabelo dela é um cabelo muito, muito cacheado, mas ele não chega a ser um cabelo crespo, pelo que eu vejo ali no vídeo, né? Não sei, mas pelo que eu vejo não é um cabelo crespo, mas é um cabelo muito cacheado e ela usa o cabelo dela [...] que deixa o cabelo dela muito cheio. Assim, você vê o cabelo alto, assim, cheio. Só que ele não é crespo, e aí o meu namorado critica muito o cabelo dela… critica muito, acha que o cabelo dela é feio e não sei o que. Eu falo: "cara, não é... o cabelo dela não é feio, o cabelo dela é do jeito que… ela não faz uma escova no cabelo, o cabelo dela é um cabelo extremamente cacheado, a gente consegue ver pelo vídeo, e ela fez o corte dela e ela tá com o cabelo dela, acredito que ninguém ali esteja criticando o cabelo dela". Então isso com certeza é uma influência, porque você olha na TV uma pessoa que tá ali como cabelo dela… de boa, né? [risos] É… você fala: "pô, também posso tá com meu cabelo de boa". Assim como essas meninas fazem nas suas páginas, né? de rede social, de Instagram… TikTok eu não sei como é que funciona… porque eu… [risos] eu tô velha pra TikTok, eu não sei nem como é que rola ali. Mas, pelo Instagram eu vejo que elas, é um espaço delas se empoderarem muito. E tem todas as questões do ambiente escolar, assim, mas elas, por exemplo, tiveram essa liberdade de chegar e falar pra mim: "professora, porque você não faz isso no seu cabelo?". Entendeu? [...] Mas eu acho que empodera muito. Além da gente ver e se modelar, né? A gente tem modelos em que a gente consegue ver que tá tudo bem ser daquele jeito? Elas por si mesmas, assim, se empoderam muito na internet e se colocam. Pode ser toda aquela coisa de ser só internet, é só uma imagem, mas eu acho que aquilo influencia alguma coisa a forma que elas se veem também. Eu não consigo acreditar que é tudo uma imagem. Elas tão ali se colocando como deusas maravilhosas de cabelo cacheado e elas não se achem, minimamente, maravilhosas com cabelo cacheado. Eu acho que faz muita diferença, eu vejo muita diferença nessa população mais jovem assim, as adolescentes de 16, 17 anos, até porque eu acho que elas têm mais essa independência também de se colocar na internet, que crianças mais novas de repente não tem. Então é fundamental,

eu acho que a mídia faz um papel fundamental. Eu… na adolescência por exemplo, a Capricho, eu lia muito Capricho, né? Quando eu era adolescente. Não tinha um cabelo cacheado na Capricho, não tinha nada… não tinha nada. Além de todas as questões da Capricho, né? Que ela te ensinava a conquistar o menino mais bonito da escola… era esse tipo de coisa, né? É… mas não tinha nada. Tanto que eu fui buscar informação sobre cabelos jovens… eu sou adulta… é… através do Instagram, né? Que foi aonde eu recebi a maior parte das minhas informações sobre cabelo, eu pego no Instagram. Esses outros veículos de comunicação não sei como é que hoje em dia tá [...]. Eu acho que tá mais na internet, essa é a impressão. E aí a internet tem essa coisa de é um lugar que a gente assiste, mas é um lugar que a gente pode produzir também, né? A gente… é… pra além de se influenciar, mas podemos nos tornar influenciadores, né? E…essas meninas mais jovens, eu acho que elas dominam isso muito mais.

Os dois depoimentos acima são de mulheres brancas com menos de 40 anos. Raquel diz que assistia muito ao Youtube, via temas sobre hidratações naturais e caseiras. Também gostava muito de assistir a tutoriais. Eduarda afirma que as mídias são muito importantes na sua relação com seus cabelos, apesar das críticas que tem a fazer. Afirma que acompanha mais o Instagram e observa suas alunas. Fala que não conhece muita gente que assista TV, mas que mesmo a TV pode influenciar, que ver uma pessoa livre com seu cabelo na TV pode ser uma boa influência. Eduarda é a única entrevistada a falar no TikTok e diz se sentir velha para a proposta do aplicativo. A entrevistada volta a pontuar que muitas meninas se empoderam através da internet, que a internet é só uma imagem, mas que com certeza influencia na forma como meninas, sobretudo as mais jovens, se veem. A mídia, segundo Eduarda, faz um papel fundamental e se recorda de sua juventude acompanhando a revista Capricho e como afetava seu olhar sobre si. Por fim, termina refletindo que suas maiores informações sobre cabelo são advindas do Instagram e que as mídias atuais além de podermos nos influenciar também podemos ser influenciadores.

Atualmente, ocorre o que destaca Espinosa (2016), que o discurso do influenciador ganha propulsão entre os espectadores, suas ideias se espalham pelas redes sociais, no ambiente online e offline. Esses influenciadores se tornam ‘porta-vozes’ de determinados grupos sociais, como adolescentes e jovens adultos. (ESPINOSA, 2016, p. 38). Esse universo digital é dado pelo compartilhamento, pela “interação, laços sociais e um formato, localização ou “espaço” interacional comum”. (KOZINETS, 2014, p.16).

Assim, seguimos para questionamento direcionados a mulheres brancas com mais de 50 anos.

Lúcia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Como você percebe a influência da mídia no modo como você trata o seu cabelo?

Entrevistada: Enorme… enorme, não só no modo como eu trato como no meu relacionamento. Ah… é… o que você vê na mídia que define o padrão de beleza. O acesso a produtos específicos que demonstram a valorização do seu tipo de cabelo, ou de pele, ou de seja lá o que for. E o cabelo, ele é visto de uma forma… é… interessante porque o cabelo é uma coisa positiva, tipo assim, "ah, essa linha de cabelo… pro seu tipo de cabelo, vai ficar lindo, da [inaudível] pra cachos maravilhosos". Você vê muito hoje produto específico pra cachos. Pra

pele, mais ou menos, pra pele… aí já é outra… outro departamento, mas pra pele, assim… "ah, pra esconder sua ruga, pra tirar sua mancha, pra não sei o que…" [risadas] Mas no cabelo, essa coisa do produto é uma coisa feita de forma mais positiva… pra cuidar, pra realçar. Então, influencia bastante, tanto que eu procuro… tô sempre procurando produtos que são específicos pra mim, entendeu? E evidentemente também através de propaganda, através de influenciadores, né?

Lurdes (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Como você percebe a influência da mídia no modo como você trata o seu cabelo?

Entrevistada: Ah, eu acho assim… que a mídia influencia a moda muito, né? Então, assim… eu acho que se a gente pensa ao longo da vida, quantas vezes que a gente… né? O padrão é ditado, né? O padrão de cabelo liso, o padrão de cabelo loiro, longo… então, quantas vezes a gente fica se espelhando e querendo ter? Eu acho que hoje em dia… é… pelo fato da mídia tá… é… eu acho que tá valorizando, né? Finalmente a gente é personagens em novelas, em comerciais, negros com cabelos grandes, assim… eu acho muito bacana, eu acho que isso só faz incentivar e mostrar uma outra forma, mostrar que é bonito o cabelo enrolado, é… crespo. Eu acho que a mídia influencia muito. Eu acho. Eu cheguei à conclusão de que tanto pra o bem quanto pra o mal, tanto pra você assumir quanto pra você também às vezes ficar… é… infeliz, como eu acho que foi durante a minha infância, né? Que a gente não via, era todo mundo de cabelo liso. Então, eu acho que nesse sentido era muito ruim pra quem não tinha esse padrão de beleza.

Os relatos acima são de mulheres brancas com mais de 50 anos. O primeiro depoimento é de Lúcia que afirma que as mídias tem uma importância enorme na forma como trata seu cabelo. Diz que faz uso de produtos específicos para cachos, que observa de forma positiva esses produtos que são específicos para ela, também fala das propagandas e dos influenciadores de forma positiva.

Lurdes que afirma que a mídia influencia muito a moda, os padrões mudam, diz que percebe que os personagens em novelas, em comerciais influenciam as pessoas.

Além desses dois depoimentos relatados acima, também há o depoimento de Ruth que afirma ter sido influenciada pela mídia através das atrizes (em sua juventude), que alongavam o cabelo e faziam escova progressiva.

Agora podemos dar sequência para os depoimentos de mulheres negras com mais de 50 anos.

Laura (mulher negra mais de 55 anos)

Entrevistadora: Como é que você percebe a influência da mídia no modo como você trata o seu cabelo?

[...]

Entrevistada: A mídia com o meu cabelo? Não… eu não ligo… eu ligo muito mais pra minha cabeleireira quando ela vai e fala assim: "olha, é melhor você fazer isso assim assado", do que eu tenho visto e… e hoje eu vi uma coisa que me chocou muito… é… que foi o rapaz que morreu por ser negro. É… eu fiquei muito chocada… é… de você atirar primeiro e perguntar depois… é… mas isso sempre aconteceu e agora só tá vindo à tona. Não é uma coisa que é nova, é… porque a história que contaram dos navios negreiros foi… não foi o real. E depois, assinar a Lei Áurea não quer dizer nada porque você bota o escravo… deixa de ser escravo, mas não dá emprego, não dá dinheiro, você continua sendo escravo, só que com uma carta na mão dizendo que você não é. É… você vê, continua tendo elevador de serviço e elevador social, continua tendo quarto de empregada, parte social e parte de serviço, então, acho que a dinâmica continua. Enquanto tiver divisão, continua tudo isso. Então, assim, é... a mídia… é… eu quando eu vou pentear o cabelo é muito mais do jeito que eu acho que deve ser, de como eu me sinto melhor: se joga pra cá, se puxa aqui, ou se faz um rabo de cavalo… eu não gosto muito. Ah, isso. Meu Deus, minha mãe prendia meu cabelo pra fazer rabo de cavalo que até hoje eu não posso prender o cabelo. Porque eu acho que ela queria que a testa encontrasse com o meio do cabelo. Minha Nossa Senhora, ela puxava tanto… tanto,

que eu até hoje eu não posso prender muito. Quando prende me dá uma dor de cabeça. Então, assim, eu gosto que o meu cabelo… de colocar mais livre: ou eu posso jogar pra cá, ou boto um arco... Então, é… eu não sei se é muito o que tá usando, é o que eu acho que fica bem pra mim. [...]

Marta (mulher negra mais de 55 anos)

Entrevistadora: Você fala dessa nova geração que você tem contato. Como que foi, assim, ao longo da sua vida ver a mídia, por exemplo. Você acha que, é… o seu autocuidado, o modo que você lida com seu cabelo teve alguma influência midiática? Você enxerga isso mais no seu pessoal? Ou não? Assim…

Entrevistada: Eu tenho influência da minha ancestralidade, da minha mãe, das minhas tias, da minha avó preta, entendeu? Essa foi a minha influência felizmente, né? Porque a mídia, ela me levaria pra outro caminho, ela tentou me levar pra outro caminho, né? E aí que é difícil a coisa, né? Porque, eu digo assim, a mídia me deu um rótulo de ser exótica, né? Então vem aquele papo assim "Ah, você é bonita, mas a sua beleza é exótica". E eu disse assim: "Ah, e que tal eu ir pra jaula agora?". Né? Porquê… o que que é exótico pra você, né? Desculpa, eu tô no sudeste brasileiro, né? Na capital do sudeste brasileiro, segunda maior capital, segunda maior região metropolitana brasileira. Né? Onde a maior parte dos negros chegaram. Você achar que a minha forma é exótica tem alguma coisa errada aqui. Né? Porque eu me acho super comum, super igual. E o meu pai, minha mãe dizia assim: "todos os pretos se parecem". Eu falei assim: "então, é exatamente esse o meu sentimento", "bota a cara na rua, eu acho que todo mundo é igual". Aí é exceção deles, os exóticos pra mim é um outro referencial, entendeu? Então, a mídia nos coloca numa posição que não satisfaz, que é uma posição dolorosa e muito do que eu hoje faço na minha militância passa pela mídia, de desconstruir os estereótipos que ela criou pra nós, né? E hoje assim, o trabalho que isso dá, de uma juventude que ainda não foi racialmente alfabetizada, né? De uma juventude só não, de uma boa parte da população, de você ter que fazer esse movimento contracultural, né? De dizer o seguinte: "não é por aí, não é desse jeito", né? E não se satisfazer com qualquer coisa que se apresenta, né? Como por exemplo, você hoje começa a ver nos anúncios, né? A gente fala: "é a cota". Né? Tem um negro no meio de… assim, porquê? Porque é toda uma pressão dos bons movimentos negros em torno disso. Aí eles vão e botam lá, mas qual é o papel do negro… na mídia? É um papel sempre subalternizado, inferiorizado. Então, ainda há muito que lutar em relação às representações… é… que são trazidas e popularizadas em escala até global sobre o que que é esse… esse outro. Né? Porque nós somos colocados no lugar do outro, né? E a gente é outro porquê? Porque a referência são eles. Então não, isso eu vou negar sempre, isso eu não vou aceitar.

Os dois depoimentos acima são referentes a mulheres negras com mais de 55 anos. O primeiro depoimento é de Laura que afirma não ligar para as mídias, isso é muito interessante pois destoa dos demais depoimentos que dão tanto peso e importância para as mídias. Laura divaga e pensa em muitas outras situações que julga mais importantes, como por exemplo homens que morrem pelo simples fato de serem negros.

O segundo depoimento é o de Marta, que também traz um olhar muito interessante. Marta afirma que sua influência vem de sua ancestralidade, de sua mãe, suas tias, sua avó. Enxerga que as mídias levam para um outro caminho, a mídia coloca numa posição que não satisfaz, uma posição dolorosa. Percebe que as mídias deram para ela um rótulo de exótica e reflete que se acha uma mulher comum. Diz que sua militância passa pela mídia, desconstruindo estereótipos para uma juventude que ainda não foi racialmente alfabetizada. Observa que os anúncios parecem ter um espaço de cotas, onde precisa ter um negro no meio, mas se questiona sobre qual o papel do negro na mídia. Por fim, conclui que é necessário ter cuidado com as

representações, pois os negros são subalternizados e inferiorizados em espaços midiáticos[25] e que isso não pode ser aceito.

Alves (2017) destaca que em 1995 somente 7% dos anúncios veiculados tinham a presença de modelos e atores negros, esse número subiu para 10% no ano 2000 e para 13% em 2005. São dados que aparentemente são animadores, já que demonstram um aumento na presença de negros na publicidade. Mas que na verdade esse crescimento ainda é considerado tímido e pouco expressivo frente a todo empenho governamentais, das universidades e do movimento negro na luta antirracista. (MARTINS, 2015, p.45 apud ALVES, 2017) Ilana Strozenberg (2005) revela que muitas vezes as empresas colocam negros nas propagandas com o intuito de serem bem-vistas por brancos e não por pessoas negras. Trata-se do desejo em parecer uma 'empresa que tem consciência social' e é politicamente correta. (FRANCKLIN, 2017, p.47).

Aqui podemos trazer de volta o estudo de Oliveira e Mattos (2019) que aponta que as narrativas das mulheres negras nas redes sociais têm gerado visibilização à processos que foram silenciados, os meios digitais inclusive ressignificam suas identidades. Por fim, é importante destacar que aparentemente a diferença etária pesa muito na relação com as mídias sociais. As entrevistadas mais jovens mencionam muito as mídias sociais como exemplos e formas de cuidados. Para as jovens negras, as mídias se tornam também espaços de identificação, de uma forma que Eduarda não menciona. Para as entrevistadas mais velhas, as referências são mais políticas e críticas, como é o caso das mulheres negras.

[25] Frantz Fanon, 2008. p. 59. "O sorriso do negro, chamado de *grin*, parece ter interessado muitos escritores. Eis aqui o que diz Bernard Wolfe: "Nós gostamos de representar o negro sorridente, com todos os dentes à mostra. E este sorriso, tal como o vemos — tal como o criamos — significa sempre um dom". Dons sem fim nos cartazes, nas telas do cinema, nas etiquetas dos produtos alimentícios... O negro oferece a madame os novos "tons crioulo-escuro" para seus puros nylons, graças à Casa Vigny, seus frascos "grotescos", "retorcidos" de água de Colônia de Golliwogg e de diversos perfumes. Engraxamento de sapatos, roupa de cama branca como a neve, *couchettes* baixas, confortáveis, transporte rápido de bagagens: *jazz jitterbug*, *jive*, comédias, e os contos maravilhosos de *Brer Rabbit* (Irmão Coelho) para a alegria das criancinhas. Serviço sempre acompanhado de um sorriso... "Os negros — escreve um antropólogo (a) — são mantidos na sua atitude obsequiosa pela sanção extrema do medo e da força, e isto é bem conhecido, tanto pelos brancos quanto pelos negros. No entanto, os brancos exigem que os negros se mostrem sorridentes, atenciosos, amistosos em suas relações com eles." Wolfe, "L' oncle Rémus et son lapin", *Les temps modernes*, nº 43, p. 888. Geoffrey Gorer, *The American Sprit: A Study in National Character"*

3 CONTEXTOS DE INTERAÇÃO E CABELOS

Faz-se interessante observar como essas mulheres entrevistadas se sentem ao fazer o uso de seu cabelo, como apresentam seu cabelo em diversas ocasiões. Por isso faremos três frentes de análise: Ambientes frequentados, Se o estado de seu cabelo te afeta e Relacionamentos amorosos. Destarte é importante um certo embasamento teórico para posteriormente entrar de fato nas entrevistas e aqui faremos uso do estudo de Alves (2017).

Alves (2017) levanta algumas observações pertinentes quando reitera que muitas mulheres negras não são selecionadas para algum trabalho ou não assumem cargos de comando por causa da *aparência de seu cabelo*[26]. Muitas dessas mulheres inclusive por vezes abandonam sua transição capilar ou se submetem a tratamentos capilares para se enquadrarem aos padrões exigidos pelas empresas. (JÉSSICA CAROLINE, 2015 apud ALVES, 2017) Assim a partir do estudo de Jéssica Caroline (2015), Alves (2017) cita alguns exemplos de pressões que mulheres negras sofrem notadamente no mercado de trabalho para que adequem seus cabelos aos padrões exigidos. Ao que seguem alguns exemplos:

> Em uma entrevista individual, *me perguntaram se eu poderia alisar o cabelo e pintá-lo. Eu disse que não e eles me dispensaram. Em uma loja de sapatos, já ouvi que não fazia o perfil da empresa -- o lugar não tinha vendedores negros*. Em um shopping, deixei o meu currículo e não deixaram eu fazer entrevista, porque eles tinham um limite de pessoas por dia. Eu tinha sido a primeira a chegar (Jessica Caroline, 2015 apud Alves, 2017)
>
> A administradora Kelly Cristina conta que em uma entrevista de emprego um avaliador aparentou interesse por seu currículo, no entanto, assim que seu nome foi chamado, ele a dispensou, ignorando-a por causa de seu cabelo e provavelmente também por ser negra: Já ouvi diversas vezes que meu cabelo não condiz com a minha formação. *As pessoas não esperam que uma mulher negra seja formada em administração e muito menos que ela use black. Já aconteceu em um processo seletivo o entrevistador com o meu currículo na mão chamar o meu nome e, ao me ver levantando, dizer: 'Não chamei você. Chamei a Kelly'* (KELLY CRISTINA, 2015 apud ALVES, 2017)

Outros exemplos como esses poderão ser observados nas falas de nossas entrevistadas mais adiante. Alves (2017) segue afirmando que por muito tempo negros eram considerados não-consumidores pelo mercado por serem muito associados à pobreza. Complementando nosso capítulo que fala sobre as Mídias é importante aqui reafirmar que na publicidade em geral os negros ocupavam figuras subalternas. Todavia, segundo Alves (2017) o número de

[26] Sobre a aparência do cabelo exigida pelo mercado de trabalho, Sueli Carneiro (2011) afirma que "quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos [mulheres negras] parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: "Exige-se boa aparência"."

empreendedores negros cresceu e chama esse grupo de Afroempreendedores, frisando que o racismo estrutural acaba impedindo a expansão de seus negócios. A autora segue afirmando que tanto a mídia quanto o mercado foram coniventes em relação aos estereótipos e imaginários referentes às pessoas negras. Também atenta ao fato de que vemos com maior recorrência rostos negros na publicidade, mas que ainda assim o mercado enfrenta dificuldades para atender as demandas desse grupo. Essas demandas têm aumentado e exigido mais atenção do mercado. Alves (2017) cita alguns dados importantes que carecem de citação direta:

> De acordo com os dados do estudo "Vozes da Classe Média", a nova classe média representa quase 80% da população afro-brasileira. Nessa perspectiva, a pesquisa "Afroconsumo – Pesquisa sobre o comportamento e os hábitos de consumo dos afrodescendentes de São Paulo", realizada entre 2015 e 2016, pela consultoria Etnus, revelou que as 53,6% pessoas autodeclaradas pretas ou pardas no último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), movimentam e consomem aproximadamente 800 bilhões de reais ao ano. Isso se dá pela emergência de um novo segmento de mercado denominado Afroconsumo, isto é, [...] um movimento de contracultura, que considera a influência direta ou indireta das características étnico-raciais nas experiências do consumo, consciente ou inconscientemente, protagonizando a estética e as características raciais e culturais intrínsecas aos afrodescendentes. (AFROCONSUMO, 2016 apud ALVES, 2017)

Alves (2017) ainda pontua que a pesquisa sobre o Afroconsumo mostra que além das marcas não atenderem as demandas também há a ausência de pessoas negras nas agências de publicidade e comunicação e em departamentos de marketing e comunicação das empresas; no interior desses espaços não há representatividade e isso pode ter consequências diretas para o próprio consumo desse grupo.

> Em estudo de 2015 sobre a presença dos negros nas cinquenta maiores agências de publicidade do país, realizado pelo analista de monitoramento e métricas, André Brazoli, a consultora de comunicação digital do Ministério da Justiça, Danila Dourado, e a gerente de projetos de mídias sociais, Teresa Rocha, fica evidente a não participação de pessoas negras nas tomadas de decisão. Segundo o levantamento, a cada mil funcionários desses locais, apenas trinta e cinco são negros. A pesquisa também aponta que os afrodescendentes ocupam apenas 0,74% dos cargos de alta direção (AFROCONSUMO, 2016, apud ALVES, 2017)

Como forma de mostrar que ainda hoje permanece a ideia de que negros não são bons consumidores por serem mais pobres, Alves (2017) traz uma passagem onde numa edição do São Paulo Fashion Week o agente Bruno Soares supostamente teria dito ao jornal Daily Mail que negros não consomem moda por serem mais pobres. "O que eu disse é que, do ponto de vista mercadológico, acredito que nós, negros, devemos vender menos. Só isso explica o número reduzido de modelos negros nas campanhas e nas passarelas." (BRUNO SOARES, 2011 apud ALVES, 2017)

Esse estudo de Alves (2017) também traz alguns dados interessantes quando cita uma matéria publicada pela Carta Capital onde o Instituto Data Popular realizou um relatório em

2013 que indicava que grande parte dos consumidores negros da classe C movimentaram aproximadamente R$713 bilhões ao ano, o que também apontava para uma demanda crescente e baixa suficiência de produtos e serviços para supri-la.

Alves (2017) pontua que o estudo sobre Afroconsumo aponta dois grandes motivos para a falta de representatividade dos negros enquanto possuidor de bens aquisitivos: 1 – mito de que negros não possuem potencial para consumo ou que não consomem 2 – não-negros são responsáveis pelas comunicações e ainda vivem presos a um imaginário irreal alimentando-se de estereótipos ultrapassados sobre os negros. Para a autora, são esses os principais fatores que influenciam negativamente o papel do negro na sociedade de consumo. (AFROCONSUMO, 2016, apud ALVES, 2017)

É interessante ter as concepções de Afroconsumo e de como os imaginários sociais sobre os negros são impostos socialmente para compreender os modos que apresentam seus cabelos. Nesse capítulo, assim como nessa pesquisa, ampliamos o debate para pessoas com cabelos crespos e cacheados e incluímos também mulheres brancas. Mas se torna imperativo neste momento (e em todos os outros) focar nossa atenção para a situação específica das mulheres negras. A posição de subalternidade faz com que ocupam piores espaços de trabalho ou nem tenham condições de uma concorrência justa. Ter de se arrumar para se preparar para o mercado exige pensar em tudo que as torne apresentáveis, inclusive qual seria o cabelo ideal, que não chame muita atenção, que pareça comportado, controlado, bem cuidado, que não pareça uma afronta, que siga e obedeça aos padrões da empresa.

Isso faz recordar as colocações de Alves (2017) que aponta que muitas mulheres negras não são escolhidas para algum trabalho devido aos seus cabelos, muitas delas inclusive se submetem a tratamentos capilares para se ajustarem aos padrões exigidos. Esse modo de pensar e se preparar para o mundo de forma que pareça amigável e não hostil, que desassocia seu eu do medo que sua imagem passa para as pessoas, tudo isso faz com que as mulheres negras tenham todo um preparo de seus cabelos de acordo com os ambientes que frequentam. O modo como mulheres negras cuidam de seus cabelos crespos e cacheados de alguma forma influencia (e também sofre influências, trata-se de uma troca complexa) o modo como mulheres brancas cuidam e preparam seus cabelos crespos e cacheados. Além disso também é importante perceber como a relação da mulher com seu cabelo passa por todo um debate das emoções, de como se sentem ao tratar do cabelo, de se há uma relação direta em como se encontra o estado do cabelo e o humor dessa mulher. Isso também está vinculado aos modos como as mulheres apresentam seus cabelos. Outro aspecto muito ligado à como as mulheres apresentam seus

cabelos diz respeito aos seus relacionamentos amorosos, se houve ou não algum tipo de pressão para que mudassem seus cabelos, sobretudo quando nos referimos a mulheres com cabelos crespos e cacheados. Assim, tanto nos ambientes frequentados quanto nas relações amorosas pode haver algum tipo de pressão para se apresentar de uma certa maneira, o que seria uma aparência esperada. Por isso esse capítulo se divide em três momentos das entrevistas: Ambientes Frequentados; Se o estado de seu cabelo te afeta e Relacionamentos Amorosos.

3.1 Ambientes Frequentados

> "Mas assim, cabelo solto por exemplo, meu cabelo é muito cheio, então, eu não me sinto confortável com ele pra ir trabalhar, por exemplo."

ENTREVISTAS

Eduarda (mulher branca menos de 40 anos)

Entrevistadora: Você já sofreu algum tipo de, assim, de sanção assim, ou de pedido, alguma menção ao seu cabelo, alguma coisa que interferisse no modo como você deveria tratar o seu cabelo, pra se apresentar, pra alguma coisa assim?

Entrevistada: Olha, não. Diretamente a mim não. Mas essa empresa que eu trabalhei… quando… [tosse] assim que eu entrei, eu entrei com um grupo de estagiários, teve uma reunião de Dress Code e elas falavam que o cabelo liso era a melhor maneira de você falar com a cliente. "Quando vocês estiverem em reunião com cliente, meninas: uma maquiagenzinha, cabelo liso; e meninos: cabelo arrumado", enfim, não importa como fosse o cabelo: cabelo cortado. É… tinha uma… sei lá, um padrão… desculpa, padrão estético… é… pra relacionamento com cliente, tinha isso. É, mas nunca foi direcionado pra mim, nunca ninguém chegou a mim particularmente e falou: "ó, cê tem que fazer isso, isso e aquilo com o seu cabelo". Isso nunca aconteceu.

Eduarda (mulher branca menos de 40 anos)

Entrevistadora: Você acha que você usa seu cabelo de formas diferentes de acordo com os ambientes que você frequenta? E como é que costuma ser esse penteado?

Entrevistada: É… na escola [onde leciona] eu me sinto muito mais confortável de usar o cabelo de qualquer maneira. Eu vou com ele muito mais confortável mesmo com todas as minhas críticas ao meu cabelo assim, mas eu vou do jeito que eu não vou perder meu tempo, se eu acordei, o cabelo não tá muito bom… eu vou. E aí eu não me sinto… eu me sinto mal pela questão de eu não gostar daquele cabelo do jeito que ele está, mas não me sinto mal de uma pressão daquele ambiente em que eu deveria estar com o cabelo de outro jeito. Mas eu também trabalho em instituições particulares, né? Eu dou aula de inglês em cursos de inglês grandes, caros, que dá aula pra empresários… esse tipo de coisa, né? E existe uma pressão. É, eu nunca, se eu acordasse com o cabelo, sei lá, mais frisado, né? Porque essa questão do cabelo ruim é a questão do cabelo frisado, o cabelo não tá bom quando ele tá frisado, né? É isso. Se eu acordo com meu cabelo frisado e eu tenho que ir presencialmente trabalhar, pra dar aula em alguma turma dessa empresa, eu tenho que arrumar o cabelo. Aí vai depender muito da minha paciência no dia: ou eu vou fazer uma escova só pra poder prender ele e ficar bonitinho e com o cabelo preso; ou eu vou molhar e finalizar de novo pra ficar com o cabelo alinhado, né? Aquele cabelo cacheado alinhado, assim. Então depende muito do ambiente. Depende muito do… pra sair por exemplo, se eu vou num lugar à noite, se eu vou numa festa, eu tenho que tá com meu cabelo arrumado, eu não saio se eu tiver com meu cabelo… Já aconteceu de eu me atrasar porque eu tinha que lavar o meu cabelo pra poder sair com meu cabelo cacheado bonito, porque ele não estava bonito o suficiente para eu sair. É… a escola é um lugar que eu me sinto mais confortável em relação a cabelo, assim, é o lugar que eu vou como eu estiver sem me estressar muito. Mas essa empresa, que é uma empresa privada e que dá aula pra pessoas de terno e gravata, [risos] é… eu vou com o cabelo arrumado, eu tenho que arrumar o cabelo. E também pra sair, né? Eventos sociais, assim, eu mesmo me pressiono a não… de que eu tenho que tá com o cabelo arrumado naquele ambiente e eu arrumo também.

Nessa parte da pesquisa segui perguntando sobre espaço de trabalho e ambientes frequentados, só que agora especificamente para mulheres brancas, começando pelas mais jovens. Eduarda (que tem menos de 40 anos) respondeu que nunca sofreu diretamente pressão no ambiente de trabalho para mudar seu cabelo, mas que quando participou de um grupo de estagiários houve uma reunião de Dress Code onde disseram que o cabelo liso era o mais indicado para se apresentar aos clientes, assim como Bruna também fala de um padrão estético. Eduarda segue falando sobre os ambientes que frequenta e diz que na escola em que trabalha como professora se sente muito confortável para usar seu cabelo como quiser, não se sente pressionada de nenhuma forma. Diz que também dá aulas de inglês em instituições particulares, com mensalidades caras, destinadas a grupos de empresários; nesse espaço sente que existe uma pressão, sente que precisa fazer escova ou "finalizar" melhor o cabelo para ficar mais alinhado.

Ruth (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: No seu ambiente de trabalho já teve algum tipo de menção, algum tipo de pedido que interferisse no seu modo de cuidar do seu cabelo?

Entrevistada: Não, pelo seguinte, porque na dança clássica… [...] eu meço um metro e setenta e três, meu pé é 36, então eu abandonei a dança clássica com 18 anos, porque meu pé é muito pequeno pra usar sapatilha de ponta. E até então, a dança exigia coque, não podia ter um fio fora do lugar. Então, é coque, gel que na época era… chamava Gumex, que a gente usava dos homens, aquela pasta. E… cansei de fazer coque no meu cabelo com ele encharcado pra poder ter o jeito, pra poder esticar com pente fino [...] porque eu fui pra dança moderna, e a dança moderna eu podia dançar de cabelo solto, era descalça… e na minha companhia também. Algumas danças na minha companhia eu botava todo mundo de rabo de cavalo, mas cada um no seu cabelo [...] eu diria depois que eu fui pra dança moderna com 18, 20 anos… me liberou… eu… porque… eu… não tinha me liberado. [risos] eu ainda continuei, mas dançava de cabelo solto… mas com química. [risos]

Ruth (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: [risos] assim, ao longo da sua vida, pode ser hoje também… os ambientes que você frequenta você acha que você usa o seu cabelo de um jeito diferente pra cada ambiente que você vai?

Entrevistada: Não… não… não, real. O que pode acontecer é, se eu sair de noite, eu lavo o cabelo todo dia. Hoje então, eu entro no chuveiro, tem que molhar a cabeça e… talvez… é… lavar o cabelo mais assim, na hora do almoço, no início da tarde, se eu tenho um jantar, algum evento de noite… pra eu não ir com ele molhado. Mas aí eu… de repente tomo outra chuveirada, aí o cabelo vai tá seco…não vai tá assim tão molhadinho como ele tá agora, mas… não, não mudo não. Posso… sei lá, botar uma piranha no cabelo, botar um lencinho… aí é a criatividade, mas não pra esticar… assumindo meus cachinhos, meus arrepiadinhos. [risos]

Lurdes (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: É, na hora que você se arruma, você acha que você usa o seu cabelo de uma forma diferente de acordo com o ambiente que você frequenta?

Entrevistada: [...] Olha, é… não, acho que não. Acho que não. Porque o que acontece é que, por exemplo, o meu marido, ele… que eu conheci como artista plástico, ele era… foi artista plástico durante muito tempo, só que depois de uma certa fase na vida dele, ele teve que voltar a advogar, porque… é… foi onde ele se formou… como… em Direito. E aí, né? Na hora que as coisas começaram a andar, a ficar difíceis pra dois artistas criarem dois filhos, ele voltou a advogar. E é um meio muito diferente. Aí, eu posso dizer que eu acho que eu tenho uma preocupação em tá com o cabelo… não vou falar… é… assim, pelo menos, sabe. É… acho que… bem tratado [inaudível]. [risadas]. Pelo menos quando eu vou pra uma festa que tem muitos advogados, assim. Então, assim, não que eu prenda ou que nada não, mas eu acho que a preocupação do cabelo tá mais em… com creme, mais enrolado, assim. Né? Mas assim, é que eu acho que [...] eu não tenho essa sensação assim, de preconceito. Eu não sei se também porque eu sou artista, então, eu já me visto diferente de todo mundo do meio de Direito. Eu não vou ser nunca uma… né? Uma pessoa como uma patricinha, uma coisa assim. Eu… eu… as minhas roupas são diferentes, eu tento sempre ter o brinco grande, então, assim, eu tenho sim uma preocupação de tá, de tá bem, de tá bonita, de tá arrumada e com o cabelo legal assim. Mas não de esconder ou de disfarçar o cabelo, não. Às vezes

só que ele esteja, claro, né? Com creme, legal… ou seja, nunca tá desarrumado. Teve uma vez que uma pessoa… mais de uma pessoa já me falou assim: "ah, você cuida super bem do meu cabelo, eu vejo que seu cabelo tá sempre com um brilho legal". Então, assim, eu acho que eu ajeitei com esses produtos do Beleza Natural. Né? Shampoo, creme rinse e o leave-in. E aí eu acho que eu cuido bem dele. [...] Ele era muito arrepiado, ele era quebrado assim, porque eu acho que eu não conhecia, não tinha ainda esses leave-in como tem hoje em dia. Não tinha esses produtos pra cabelo enrolado. Outro dia eu entrei numa farmácia comum e fiquei impressionada, tem uma seção enorme, uma Venâncio dessas da vida, tem uma seção enorme. Eu fiquei encantada, assim, com a quantidade de produtos que tem, né? Quando eu comecei a cuidar, era o Beleza Natural, tanto que eu fiquei órfã quando fechou esse salão. E durante a pandemia eu fui descobrir que eu conseguia comprar online. E aí, um dia desses, depois de passar um ano quase sem sair de casa, e a farmácia que eu fui mesmo, a farmácia… na Venâncio, eu fiquei chocada com a quantidade de produtos que apareceram nos últimos dois anos, assim, de marcas que eu não conheço, porque tinha sim alguns produtos estrangeiros, que eram caros pra chuchu. Eu já usei cremes… é… pra ajudar a cachear o cabelo, mas depois que eu fui vendo esses do Beleza Natural eu fui me adequando a eles. E eu acho que hoje em dia, assim, eu tenho o cabelo enrolado, mas é um cabelo que as pessoas olham e falam assim: "ah". Entendeu? "Ah, bem cuidado, tá com creme, ele não tá… é… desleixado e… é isso.

Julia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Já teve algum tipo de pressão no ambiente de trabalho pra como usar o cabelo?

Entrevistada: Não, porque eu nunca trabalhei numa empresa assim né, dessa coisa, empresa grande né, eu sou autônoma então eu me visto como eu quiser. Lógico né que tem um mínimo de bom senso né, mas nessa mesma clínica onde eu aplico exame psicológico uma época eu tava assim, até uma amiga falou "pô, Julia!", porque sei lá às vezes eu ia de biquíni por baixo eu era muito mais nova né, eu trabalho lá há 20 anos, agora no esquema de trabalho de atendimento ainda mais presencial, eu trabalho [...] de salto alto não importa que a pessoa está vendo ou não, mas eu gosto porque eu sei lá, eu fico mais, eu me sinto, eu durante esses quase 2 anos de pandemia [...] já tô trabalhando presencial, a gente já tá saindo mais, mas eu fiquei 90 dias sem botar o pé na rua no ano passado, mas ai eu fazia questão assim, porque a impressão que dá que essa coisa de você ficar em casa é um passo pra você se descuidar de vez né, eu tenho um pouco de atenção a isso, eu não gosto de usar roupa remendada, não gosto, é um básico assim, mas está sempre combinando.

Julia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Você usa seu cabelo de formas diferentes então de acordo com os ambientes que você frequenta?

Entrevistada: Fora essa questão do calor, de achar um pouco mais organizado, não. Mas assim por exemplo, minha filha mais velha foi num casamento agora e ela toda ligada nessas coisas de escova, já fiz muito. Mas agora que ela parou de platinar o cabelo, o cabelo dela era bem amarelo e está muito mais bonito, ai ela fez uma escova, meio babyliss, não sei o quê, que ficou lindo, ficou linda, aí eu falei "caramba eu nunca fiz isso pra ir ao casamento", eu tô 50 anos né, não me lembro, me lembro acho que no dia do aniversário da minha irmã de 15 anos, eu acho que fiz uma escova [risos] há quase 40 anos, minha irmã tá com 50 e poucos. Mas assim não é uma referência pra mim, não é uma coisa, mas eu vi eu falei "caramba, acho que quando eu for num casamento eu vou fazer um negócio no cabelo" [risos], mas não é meu estilo não.

Glória (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistada: [...] A questão assim: ah, o cabelo crespo é um cabelo bagunçado, é um cabelo que tá desarrumado. É, eu tive uma reunião de Zoom com algumas pessoas do meu trabalho e aí minha chefe tava falando: "ai, eu entrei em reunião de manhã cedo, tinha acabado de lavar o cabelo", "ah, o meu cabelo estava uma bagunça, estava crespo". Né? E eu fiquei com vontade… falando assim: "ah, então isso sou eu todo dia" [risos] né? O meu cabelo… então, eu acho que eu tenho essa percepção de que o cabelo… é… crespo é desleixado, né? Que a pessoa não cuida do cabelo [...] eu acho que assim, em geral, assim, o mundo corporativo tem essa questão de: "não, você vai pra uma reunião, cê vai… você quer uma promoção, cê tem que tá com o cabelo…". Até… até essa minha prima que é obcecada com cabelo liso, ela tem um cargo muito alto numa empresa corporativa. E ela chegou a comentar comigo, né? "Não, na minha profissão eu tenho que alisar o meu cabelo pra estar apresentável". Entendeu? E… e isso eu acho muito errado, assim, muito equivocado, né? Ainda a gente tá muito atrasado em relação a isso.

Lucia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistada: Ah, sim. Teve por exemplo, tiveram ambientes… assim, o [América do Norte] me marcou muito no sentido positivo porque... e eu tive a sorte de tá lá num momento cultural em que tava todo mundo querendo ter cabelo longo e eu… é… pela primeira vez na vida. Me mudou muito. É… depois disso, na minha juventude quando eu tinha uns 20 eu fui trabalhar numa… tipo num… comissária de bordo numa companhia

japonesa, e o padrão lá era… [inaudível], né? E eles tinham… isso foi a muito tempo atrás, anos 90, por aí. E eles eram super rígidos, são ainda, né? E o padrão deles pras comissárias novas, eram todas assim, [inaudível]... a maioria era japonesa, né? Então, assim, elas tinham que cortar o cabelo Chanel quando entravam na companhia, e ficavam com aquela coisa, né? Perfeitinha, bonequinha, de cabelo Chanel preto, não fica um fio fora do lugar. Elas tinham aquele cabelo daquele jeito. Só que quando elas começaram… eles começaram a contratar brasileira, foi bem no início quando eu entrei, eu tava numa turma de 10 brasileiras, cada uma dum tipo: cabelo crespo, uma ruiva, uma loira, uma de cabelo crespo, uma de cabelo cacheado, uma de cabelo loiro, de cabelo não sei o que. Nós 10 éramos todas diferentes, mas todas tivemos que… fomos obrigadas pra… "vamos começar a cortar o cabelo Chanel, todo mundo". Aí, tinha eu com o cabelo cacheado e a [outra colega de trabalho] com o cabelo mais crespo. Nós duas falamos: "vem cá, [risadas] isso não vai funcionar pra gente não", [risadas] "esse corte Chanel não funciona pra gente", "cês não tão entendendo". Não, a regra é essa. Foi lá eu e a [outra colega de trabalho], cortamos o cabelo assim. Obviamente, ficamos dois abajures, né? Porque ficou um triângulo, né? Aí, o que que aconteceu? Isso era uma regra que eles tinham no início, depois você pode deixar o cabelo crescer. Aí, eu sempre tinha que trabalhar com o cabelo preso. Eu prendia, no começo eu prendia em cima assim, porque tava tão curto que eu não conseguia prender tudo, então eu prendia só metade, sabe? E embaixo ficava cacheadinho. E depois, quando ele cresceu eu comecei a fazer coque. Mas isso foi um momento também super interessante, porque é uma cultura onde não existe cabelo cacheado. Não só não existe, ninguém dá valor… assim, eles também não tem ninguém lá… a beleza deles é o cabelo liso mesmo.

Segui com as mesmas perguntas agora dirigidas às mulheres brancas com mais de 50 anos. Ruth disse que nunca passou por nenhum tipo de pressão no ambiente de trabalho, que apenas quando trabalhou com dança clássica havia uma exigência de usar coque, mas que depois com a dança moderna se sentiu livre para usar o cabelo de acordo com sua vontade. Também disse que não necessariamente muda o cabelo de acordo com os ambientes que frequenta, que as vezes quando sai à noite tenta não ir com o cabelo molhado, mas que sempre "assume" seus cachinhos, seus "arrepiadinhos".

Lurdes disse que em seu ambiente de trabalho nunca sofreu nenhum tipo de pressão para mudar o cabelo, que seu marido é advogado e quando tem que ir a alguma festa com muitos advogados fica preocupada com seu cabelo, não chega a prender, mas usa mais creme para o cabelo ficar mais enrolado. Diz que é artista então se veste de forma diferente de todo mundo, que naturalmente suas roupas são diferentes, tenta ficar bonita e bem arrumada, não tenta esconder ou disfarçar o cabelo, mas não deixar desarrumado.

Julia também disse que nunca passou por pressão para mudar o cabelo no ambiente de trabalho, que sempre foi autônoma, que se veste como quer tendo o mínimo de bom senso. Além disso, disse que não costuma usar o cabelo de formas diferentes nos ambientes que frequenta, que a última vez que se lembra de ter arrumado o cabelo para um lugar foi há quase 40 anos no casamento de sua irmã.

Glória diz que acha que o cabelo crespo remete a algo bagunçado, desarrumado, desleixo, falta de cuidado, que no mundo corporativo ou em reuniões de trabalho com o chefe ou quando quer alguma promoção é importante se ajeitar um pouco mais. De uma forma mais complexa é possível perceber que a chefe foi quem falou para que arrumasse o cabelo pra reunião (como se ela própria não fizesse isso), também conta de uma amiga do mundo

corporativo que alisa o cabelo, algo que Glória considera errado. Ambientes mais sérios, chiques, 'bem frequentados', de trabalho, exigem uma apresentação específica, um "cabelo arrumado". O cabelo está associado a importância do lugar. Lucia, por fim, conta sobre uma interessante história de choque cultural que em sua juventude trabalhou em uma companhia aérea japonesa e percebeu que seu cabelo teria que se enquadrar aos padrões da empresa.

Podemos seguir com as mulheres negras mais jovens:

Amanda (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: No seu ambiente de trabalho já houve alguma menção ou pedido pra que você interferisse no modo como você trata o seu cabelo?

Entrevistada: Não, no meu trabalho não. Eu acho que pelo fato de ser um lugar, né? Dentro do serviço público [...] que é um lugar super progressista. Eu acho que é mais tranquilo. É… não é uma empresa privada, né? Que talvez tivesse essa coisa, mas nunca senti isso não. Sempre trabalhei, fiz estágio, sempre em instituição pública, então eu nunca senti isso não.

Amanda (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Você usa o seu cabelo de formas diferentes de acordo com os ambientes que você frequenta? Assim, que tipo de penteado você usa para tal ambiente?

Entrevistada: Sim… quer dizer… eu acho que… não sei se tem a ver com o ambiente, mas talvez com o meu estado de espírito assim, com o meu humor. Mas assim, é… cabelo solto por exemplo, meu cabelo é muito cheio, então, eu não me sinto confortável com ele pra ir trabalhar, por exemplo. Não que as pessoas já tenham falado alguma coisa, mas é uma coisa minha, assim, eu acho que tá tão dentro de mim que ele não tá legal, que ele tá feio e aí eu não vou trabalhar com ele assim como eu tô agora [cabelo solto], por exemplo. Porque eu acho que ele tá feio. E… talvez também num encontro, sei lá, num date, também assim, porque eu acho que tá feio, mas não necessariamente por conta do ambiente, mas mais pelo meu estado de espírito.

Agatha (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: E em ambiente de trabalho, já houve alguma menção ou pedido pra que você mudasse o o cabelo?

Entrevistada: Não. Só que… eu via muita gente no insta-… no último stories que eu fiz um dia, muita gente de cabelo solto e eu era a única que tinha meu cabelo amarrado, né? E no estágio que eu trabalhei eu era a única menina negra. Tinha… na clínica trabalhando, ou seja, eu via todo mundo de cabelo solto e eu sempre de cabelo preso porque era norma, mas se fosse uma norma todo mundo teria que trabalhar de cabelo preso, né? Também, junto comigo.

Agatha (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Você usa o seu cabelo de formas diferentes de acordo com os ambientes que você frequenta? Assim, você faz um penteado diferente pra cada ambiente? Por exemplo, você vai pra tal lugar, você usa seu cabelo de tal jeito; se você for pra outro lugar, você usa de outro jeito, ou não?

Entrevistada: Sim. Às vezes que eu acho que eu sei que eu vou ficar mexendo muito no cabelo em tal local que eu sei que eu não vou me sentir à vontade, eu prefiro deixar ele amarrado do que deixar ele, assim, solto. Aí eu amarro ele, só a parte de cima pra me sentir mais à vontade, mas eu mudo sempre e aonde eu vou eu mudo o estilo de cabelo, o jeito que eu quero usar ele.

Bruna (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Nesses ambientes você sentiu algum tipo de pressão também pra mudar seu cabelo? No trabalho, já atuando.

Entrevistada: Eu senti quando eu fiz estágio num banco de investimento. [...] eu vinha da [nome de onde trabalhava] que era um órgão público e que lá, por incrível que pareça, era muito diversificado, tinha uma diversidade étnica muito grande. Eu me amarrava naquilo, então, assim, o meu chefe, o meu supervisor na [nome de onde trabalhava], ele era negro como eu, né? Tinha um tom de pele muito parecido com o meu, nariz largo e tal, então, eu adorava aquilo. Quando eu cheguei no banco, estávamos numa diversidade, só que tinha uma pressão que as pessoas viviam falando: "Ah, porque que você não se arruma mais?". Eu ia da forma que tinha que ir, blusa social, roupa social, sapato fechado ou sapato de salto, e bolsa, essas coisas, né? Botava uma maquiagem muito

simples e ia. Só que, assim, nessa época também eu não tava fazendo muita escova, nada disso, já deixando meu cabelo bem natural. E eu ouvia: "Ah, porque que você não…" -quando eu ia de escova - "porque você não faz mais escova?" Aí eu falava: "é… vou ver, tô sem tempo, tem a faculdade". Aí você… nunca… porque no trabalho é diferente da faculdade, né? Você pode ter um inimigo, um arqui-inimigo, mas no trabalho é um pouco complicado, porque você fica como a piada. E nesses tipos de locais: bancos, empresas, escritórios, essas coisas; você se depara com isso, com o padrão, tem um padrão. Você vê que assim, o que eu percebi que as roupas, o figurino era quase sempre o mesmo. Da advogada, a analista, a diretora, [inaudível], é super parecido, ou a saia lápis com uma blusa, o cabelo liso [...] então, tem essa pressão, você percebe, mas eu não ligava tanto. [risadas] eu poderia ter ligado mais, mas eu não ligava tanto. O pessoal falava e eu falava: "tô sem tempo". Quando eu saí desse estágio eu soube, né? Que falavam que eu não me arrumava muito, que eu ia com o cabelo não muito arrumado, que meu cabelo não estava adequado para… como é que eles falavam? [...] Aí o meu amigo me contou isso, eu falei: "Ah, tá bom". Já tinha saído. Mas existe, essa pressão existe, eu acho que nessa profissão que eu escolhi, existe muito mais. Eu canso de falar pras minhas amigas, eu não posso, mesmo meu cabelo tando bonito agora e tal, sabe? Bem mais tratado do que antes, eu não posso chegar com ele assim, sabe? Não dá. Nos estágios públicos isso é mais tranquilo. Porque eu não sei se é porque como pagam pouco, eles não vão exigir tanto. Não sei porque se aceitam mesmo, né? Que é um pessoal… porque normalmente quem faz concurso público é um pessoal mais tranquilo, não sei. Ou não, né? Tem as exceções. Mas assim, eu senti mais pressão nesse lugar. Que também, eu acho que não posso dizer que era só preconceito deles, pode ser também uma pressão por aparência, porque esses [inaudível], eles exigem aparência.

Bruna (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Você acha, assim, que você quando tem que ir pra algum lugar, pode ser qual for, não necessariamente trabalho, nada disso. Mas o ambiente que você vai, o ambiente que você tá se dirigindo, você prepara seu cabelo de uma forma diferente? Você acha?

Entrevistada: Acho. [inaudível] tocar num assunto que é muito verdade. É, realmente… é, pensando aqui, é verdade o que você fala… o que você tá falando. Não tinha parado pra pensar, mas você ajeita o cabelo diferente. Nunca… por exemplo, agora por conta da COVID, eu uso ele mais preso, porque eu não quero que suje… [risadas] é uma coisa de maluco. Mas digamos assim, pra uma entrevista de emprego, eu faço uma coisa diferente. Eu pego essa parte aqui [apontando para o cabelo] e escovo pra não ficar frisado, entendeu? Eu não posso ir. Pra ir pra reunião das amigas… sei lá, eu nem tô saindo, mas realmente, eu posso ir com ele assim ou posso fazer esse negócio que eu te falei, né? Mas isso é verdade, a gente… pra, sei lá, fazer… pra malhar é preso com uma trança.

Bruna (mulher negra menos de 45 anos)

Eu ainda [inaudível], eu tenho vontade de fazer trança. Só que o que que acontece [...] então por conta dessa *situação de pertencimento, eu ainda não fiz as tranças.* E ainda tem um outro fator, a minha carreira, ela é muito seletiva, né? Então, assim, não aceitam qualquer coisa. Eu acho trança lindo como eu te disse, eu usava trança no ensino médio. Eu fazia minhas tranças, né? Mas, no Direito não é assim. No Direito é padrão, então, é… você vê que eu tenho muita preocupação com isso aqui, com o frisado no meu cabelo, porque isso é reparado… tudo isso é reparado. O pessoal fala: "ah, não repara". Repara, repara tudo, repara a sua pele, repara a espessura dos seus lábios, repara o tamanho do seu nariz…Entendeu? Repara é… "o que que você faz no cabelo? Ah, só alisa? Faz luzes?". Então, repara tudo, né? Repara tudo. Então, por conta disso também eu ainda não fiz, mas eu… eu vou aparecer. Eu quero muito fazer, é… eu gosto muito, eu sempre vejo, como eu sei fazer aquela boxeadora[27],

[27] Trança boxeadora – "A trança boxeadora tradicional, nada mais é, do que a trança embutida feita dos dois lados da cabeça. Ela pode ser feita por diversos tipos de cabelo, seja cacheado, ondulado, crespo ou liso, mesmo os cabelos curtos podem aderir às tranças, pois elas são embutidas." Disponível em: https://hidratei.com.br/blogs/cabelos/tranca-oxeadora#:~:text=A%20tran%C3%A7a%20boxeadora%20tradicional%2C%20nada,tran%C3%A7as%2C%20pois%20elas%20s%C3%A3o%20embutidas.

mas o que eu quero mesmo é a Box Braid[28]… eu nem sei [inaudível]... ou o Tererê[29]. O Tererê eu acho lindo, sempre achei. Mas assim, eu não fiz por conta dessas duas coisas que eu já falei.

Por ordem, primeiro vieram os depoimentos de mulheres negras com menos de 40 anos. Amanda respondeu que nunca sofreu nenhum tipo de pressão no ambiente de trabalho, disse ter trabalhado boa parte do tempo em serviço público, um lugar mais progressista. Já ao ser perguntada se muda de cabelo conforme os ambientes, Amanda respondeu que sim, que seu estado de espírito e humor mudam. Ao contrário do que tinha dito anteriormente afirma que não se sente confortável em ir trabalhar com o cabelo solto, assim como ir a encontros amorosos, sempre acha que o cabelo está feio.

Agatha também disse que nunca sofreu pressão no ambiente de trabalho para mudar o cabelo, mas observa que outras mulheres iam de cabelo solto para o estágio e ela era a única a ir de cabelo preso e se questiona se era pelo fato de ser a única menina negra. Disse que em relação aos ambientes que frequenta costuma mudar o estilo de cabelo, que onde não se sente à vontade prefere amarrar o cabelo.

Bruna afirmou que se sentiu um pouco pressionada a mudar de cabelo quando estagiou em um banco de investimento, pediam que ela se arrumasse mais, insinuavam que fizesse escova no cabelo, seu cabelo não estava adequado, sentia como se estivesse fora do padrão estabelecido, onde as roupas, os figurinos eram quase sempre os mesmos (cabelo liso e maquiagem sóbria). Sobre os ambientes frequentados Bruna afirmou que ajeita seu cabelo de forma diferente, que após a COVID passou a usar o cabelo mais preso por questões higiênicas, também disse que em entrevistas de emprego faz um penteado mais diferenciado, que escova as partes frisadas do cabelo, que em momentos de reuniões com as amigas vai com o cabelo mais descontraído, à vontade, e disse que para fazer atividade física usa o cabelo preso com uma trança. Bruna segue dizendo que sente muita vontade de fazer tranças no cabelo, mas que sua carreira no Direito não a permite pois deve seguir um padrão, que reparam em tudo, até mesmo na espessura dos lábios, no tamanho do nariz. Quando Bruna fala sobre não fazer trança por uma questão de pertencimento, ocorre pelo medo de ser considerada e pelo medo de não ser lida como mulher negra. A possibilidade de ser uma mulher não-negra poderia tirar o

[28] Trança Box Braid – "As tranças box braids são tranças que misturam fios sintéticos com o cabelo natural para proporcionar o visual trançado para mulheres e homens. As tranças box braids podem ser curtas ou longas, além de estarem disponíveis em diversas cores." Disponível em: https://www.loreal-paris.com.br/tranca-box-braids#:~:text=As%20tran%C3%A7as%20box%20braids%20s%C3%A3o,combina%20com%20o%20seu%20visual.

[29] Trança Tererê – "O tererê é uma trança em uma ou mais mechas do cabelo com linhas coloridas e enfeites aplicados, como penas e miçangas." Disponível em: https://www.meninashoes.com.br/blog/o-terere-no-cabelo-esta-voltando/

“direito” de usar tranças que pertenceriam a identidade negra (ainda que Bruna se considere uma mulher negra). É, de fato, uma questão complexa, Nilma Lino Gomes (2003) fala brevemente dessa questão:

> “As mulheres negras continuam enfrentando um verdadeiro “patrulhamento ideológico” em relação à sua estética. Alguns as desejam com o cabelo “crespo natural”, considerado por um grupo como autêntica expressão da negritude; outros querem-nas de tranças, por julgarem que esse penteado aproxima a mulher (e o homem negro) de suas raízes africanas; outros, com o cabelo alisado, por considerarem que tal penteado aproxima as mulheres negras do padrão estético branco, visto socialmente como o mais belo. Enfim, esse tipo de cerceamento da liberdade da expressão estética e corporal do negro, sobretudo da mulher negra, demonstra que continuamos mergulhados nas malhas do racismo e do preconceito racial. Na realidade, o que pode parecer uma simples opinião ou um mero julgamento estético, revela a existência de uma tensão racial, fruto do racismo ambíguo e do ideal do branqueamento desenvolvidos no Brasil.” (GOMES, 2003, s/p.)

Nesses três relatos (de Amanda, Agatha e Bruna) o da última é o único que fala na existência de uma pressão por um visual específico, em que os cachos não seriam adequados. As outras duas não falam sobre sentir uma pressão, mas também evidenciam em algum momento que não se sentem bem com o cabelo solto. Assim, é importante perceber os usos do cabelo de formas diferentes de acordo com os ambientes que frequentam, onde cabelos lisos e cacheados/crespos remetem a ambientes distintos.

Abdias do Nascimento (1978) destacava que até 1950 a discriminação em empregos aparecia nos anúncios procurando empregados, mas com a explícita advertência: “não se aceitam pessoas de cor." Depois da lei Afonso Arinos (em 1951), houve a proibição da discriminação racial, mas as coisas permaneceram as mesmas, a lei sempre foi descumprida, tinha apenas um valor simbólico. Assim, os anúncios passaram a exigir trabalhadores com “boa aparência", o autor frisa que basta substituir esse termo por “branco”. Isso alude à Gonzalez (1984) que aponta que não importa o quão educadas ou bem vestidas, o termo “boa aparência” usado nos anúncios de emprego é uma categoria unicamente atribuída a mulheres brancas ou claras. Ainda sobre os empregos Hirata (2014) destaca que em relação à questão salarial os homens brancos têm os salários mais altos, depois os homens negros e mulheres brancas, por fim, vem as mulheres negras com salários menores. (HIRATA, 2014)

Assim, damos sequência às mulheres negras com mais de 55 anos:

Marta (mulher negra mais de 55 anos)

Entrevistadora: No *ambiente de trabalho*, em algum momento já teve alguma menção ou algum pedido que interferisse no modo como você trata o seu cabelo?

Entrevistada: Tá brincando… tá brincando. A vida toda. [risadas] A [universidade particular] era uma... né? Ficar o tempo todo dizendo que o seu cabelo é molinho, [risada] é uma prática racista. Né? Por mais que eu pudesse gostar da pessoa, [inaudível] prática era racista. Né? Se você quisesse trazer só o cabelo já resumiria aí, mas claro que não, toda a corporeidade que produz um estranhamento e tiveram reações. Inclusive, não sei se você

sabe, mas, é… durante um tempo foi questionado se eu poderia ocupar o cargo de professora efetiva da [universidade particular] por conta da minha corporeidade. [...] É… era a única professora preta que tinha ali, né? É pesado. É… sim. Todas nós conhecemos, né? A gente sabe o que que é o… o racismo, né? Era… tô falando da [universidade particular], mas eu poderia falar de qualquer outra de uma maneira um pouco diferente, mas… Era uma universidade… ela é uma universidade filantrópica e tudo, mas é uma universidade extremamente racista… elitista. Né? O tratamento que era dado aos nossos… alunos negros, a nós professores negros, né? É super conhecido.

Marta (mulher negra mais de 55 anos)

Entrevistadora: Ao longo da vida, lembra de ter usado seu cabelo de formas diferentes pensando no espaço que você iria?

Entrevistada: Usar meu cabelo como informação, como militância política. Isso eu faço direto até os dias de hoje. Faço questão, né? É… se no passado a gente fazia pra ser aceito e ter… né? Ter maior sociabilidade, hoje eu faço afrontosamente também, né? Pra… em alguns momentos afrontosamente, em outros momentos eu [inaudível], pra dizer pros meus iguais que eles podem. Então, eu uso muito a minha corporeidade para afirmação. Né? Então, vários exemplos, vários exemplos. Né? É… na [universidade particular] mesmo eu fazia isso direto. Quanto mais molinho era o meu cabelo, mais eu fazia questão de usar, porque eu dizia assim: "eu sou negra". Né? E… eu gosto de dizer que eu sou negra, eu me sinto bem sendo negra. Né? E hoje, eu como professora, como formadora de opinião, eu tenho esse papel. Então principalmente, né? É… hoje eu prendo menos porque ele tá curto, mas… enfim, às vezes você quer mudar o cabelo e tal, né? Prende o cabelo e… Início de aula, início de aula é cabelo solto. Início de aula é assim, eu tenho alguns comportamentos que é justamente pra marcar essa posição. Início de aula, eu vou como mulher negra de cabelo solto, me assumindo como negra. Falo isso, né? Em reunião, falo isso em qualquer lugar porque é pra marcar posição. Você me entende? E pros meus irmãos e irmãs olharem pra mim e dizer: "sim, é possível". Né? Então, eu tenho uma militância muito grande dentro da universidade, eu luto por ações afirmativas. Né? E tenho todo um processo coletivo e etc. Então, em momentos de festividades, determinadas reuniões. Né? É a mulher negra que entra. Né? E enfim, com tudo, então, uso o corpo uso muito. Às vezes nem… tipo assim, tem hora que você nem tá aí, nem percebe. De repente, quando pinta o lance assim. Eu falo: "Ah, pera aí", sabe? Aquela coisa de soltar o cabelo, de dar um jeito… pra poder marcar. Então, assim, minha resposta para você é sim, por essa razão. Ou numa ação combativa, ou numa situação por empatia, de dizer pro outro que nós somos iguais.

Segui com as perguntas da sessão dirigidas agora às mulheres negras (mais 55 anos) e a entrevista de Marta merece um destaque. Disse Marta que durante toda sua vida sofreu pressão por causa do cabelo em ambientes de trabalho, contou que quando trabalhou em uma universidade particular e falavam muito que seu cabelo era molinho e ela enxergava nisso uma prática racista, via como uma corporeidade que produzia um estranhamento. Chegaram ao ponto, inclusive, de questionarem se ela poderia ocupar o *cargo de professora por causa de sua corporeidade*[30], e que ser a única professora negra foi algo pesado, sobretudo em uma universidade extremamente racista, elitista.

Quando questionada sobre usar seu cabelo de formas diferentes de acordo com os ambientes frequentados, Marta afirma que usa seu cabelo como informação, como militância política, que no passado fazia para ser aceita e ter sociabilidade, mas que hoje faz de forma

[30] Sobre a corporeidade de Marta e como era vista como professora. Nilma Lino Gomes (2003) destaca: "como os educadores negros e brancos pensam o próprio corpo? Como pensam e veem o corpo negro? Durante os processos de formação docente, os educadores têm contato com reflexões que discutem as representações construídas em nossa sociedade sobre o negro, sua estética, sua ascendência africana e as formas como estas se misturam com situações de racismo, discriminação e preconceito racial? Como os professores lidam com as diferenças étnico-raciais inscritas no seu próprio corpo e no corpo de suas alunas e de seus alunos?" (GOMES, 2003, p.172)

afrontosa. Trata-se de uma corporeidade para afirmação, para seus iguais saberem que também podem. Diz que é negra e se sente bem sendo negra. Por ser professora se reconhece como uma *formadora de opinião*[31], então prende pouco o cabelo, tenta adotar alguns comportamentos se assumindo como negra e marcando posição.

Nesses depoimentos é possível notar duas questões importantes: a primeira é como o espaço de trabalho importa para o cabelo, mas tem variação entre eles. Ser professora, em escola ou universidade, põe a mulher em papel de destaque – formadora de opinião – então assumir os cachos pode ser uma posição política, como é o caso de Marta. Já no caso de empresas privadas e a esfera do Direito parecem ser vistas como mais conservadoras – exigindo um padrão de aparência mais uniforme – do que uma instituição pública de pesquisa ou o mundo das artes e dança. A segunda questão importante é que muitas das entrevistadas identificam uma expectativa de adequação a um certo tipo de aparência, diferente do que aparentemente desejariam fazer. Tanto mulheres negras quanto as brancas falam sobre ter cuidados e preocupações com a aparência.

3.2 Se o estado de seu cabelo te afeta

> "Só de imaginar que ele acordou mais bonito assim, a auto estima fica bem melhor ne, mas todo dia acordo com ele todo em pé, então [risos]"

ENTREVISTAS

Eduarda (mulher branca menos de 40 anos)

Entrevistadora: Você acha, assim, que o estado do seu cabelo afeta como você se sente? Pode ser até no dia, assim, como você se sente como mulher. Seu cabelo acordou de tal jeito, isso afeta como você se sente?

Entrevistada: Muito… muito, muito, muito, muito, muito. Quando eu acordo com o cabelo bonito, eu me sinto bem, assim, de cara. Eu acordo, eu olho no espelho e falo: "pronto, esse vai ser o dia do bom cabelo". É… inclusive isso é até uma coisa que tem entre eu e a minha irmã assim, porque a gente tem aqui, a parte da frente do cabelo, um cabelo misterioso assim, que hoje em dia estão chamando de "*scab hair*[32]", não sei se você já ouviu

[31] Sobre Marta usar seu corpo para ser uma formadora de opinião. Nilma Lino Gomes (2003) observa que: "Os professores trabalham cotidianamente com o seu próprio corpo. O ato de educar envolve uma exposição física e mental diária. Porém, ao mesmo tempo em que se expõem, os educadores também lidam com o corpo de seus alunos e de seus colegas. Esses corpos são tocados, sentidos. A relação pedagógica não se desenvolve só por meio da lógica da razão científica, mas, também, pelo toque, pela visão, pelos odores, pelos sabores, pela escuta. Estar dentro de uma sala de aula significa colocar a postos, na interação com o outro, todos os nossos sentidos. [...] O corpo é uma linguagem e a cultura escolheu algumas de suas partes como principais veículos de comunicação. O cabelo é uma delas. O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário." (GOMES, 2003, p.173)

[32] Scab Hair – "O "Scab hair" é a parte do cabelo que nasce após um longo período sem o uso de produtos químicos. Ele é considerado a parte danificada do cabelo que precisa de cuidados especiais e parte do processo mais delicado para mulheres." (DA SILVA, 2017, p. 43)

falar disso, que é um cabelo que tem uma textura diferente do resto do cabelo, ele… o fio é diferente, e ele é bem aqui [apontando para o cabelo] …eu e a minha irmã. E se a gente prende o cabelo, ele grita e berra [risos]. E a gente inclusive já tentou buscar as origens desse cabelo, da onde vem esse maldito desse cabelo… e aí a gente descobriu que a minha mãe tem esse cabelo também… [risos] é… que é o cabelinho aqui na frente. E a gente acabou descobrindo que as nossas primas por parte de pai também têm o cabelinho… e elas tem o cabelo lisíssimo. A mãe delas é de origem indígena, elas têm o cabelo bem liso, bem liso… mas elas tem aqui a frente do cabelo igualzinha à nossa, assim, idêntica, é um negócio da família do meu pai ou minha mãe, veio dos dois. [risos] E aí esse cabelo, às vezes ele acorda muito enfurecido. E aí, quando ele acorda enfurecido, eu me sinto péssima… péssima. Inclusive, a minha irmã, ela mudou de país e o nosso grande diálogo, assim, se você for ver o nosso histórico do Whatsapp é a gente acordando, tirando foto do cabelo e mandando uma pra outra assim. [risos] "Ó, hoje acordou bem", "hoje não acordou bem", "hoje tá assim". É… e a gente já buscou N maneiras de controlar esse cabelo: a gente já passou vinagre no cabelo, já passou… tinha um… um negócio de óleos, assim, você tinha que passar uns óleos e esfregava no couro cabeludo. E… só que a gente tem o couro cabeludo super oleoso, aí o negócio não deu certo. É…, mas com certeza, isso é uma coisa que eu tenho… [inaudível] é… certeza absoluta, o meu cabelo influencia totalmente no meu humor do resto do dia, e quando ele acorda bonito e eu sei que eu não vou precisar ficar controlando ele durante o dia inteiro, eu me sinto super bem, e vou trabalhar feliz da vida. E nos dias que eu acordo com ele péssimo eu já penso: "meu Deus, eu vou ter que me olhar no espelho umas trezentas vezes pra poder ajeitar o cabelo". [tosse] [risos] então com certeza influencia, com certeza.

Lúcia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: O estado do seu cabelo afeta como você se sente como pessoa, como mulher?

Entrevistada: Hum. Sim, o estado do meu cabelo afeta. Assim [...] se eu tô me sentindo bonita ou não. Mas… eu também, cada vez mais, me sinto bem feliz sendo eu, entendeu? Então, é uma coisa que tá mudando. Não é só: tô bonita, não tô bonita, tô me sentindo bem. Eu… agora então que eu tive… que eu fico em casa o dia inteiro. [risada] faz quase… quase dois anos, né? É… eu tenho momentos, assim, que eu acho o maior barato, assim, de me olhar no espelho… eu tenho maquiagem, não passo maquiagem pra ficar em casa, né? Sem maquiagem, de rabo de cavalo. Eu vou ao banheiro durante o dia, olho no espelho, e falo… como é… com tudo, com a minha pele [inaudível], com meu cabelo grisalho, com meus crespinhos aqui, tudo. Eu falo: eu sou bonita. [risadas] então, assim, tá mudando isso, é uma coisa que vem com a maturidade, entendeu? Eu me sinto bonita, eu tenho… tô numa fase muito boa, tô me sentindo bonita do jeito que eu sou. [...] Eu… ah, que saco envelhecer. Mas, de um modo geral, eu tô num momento feliz e pra mim a aceitação… a aceitação e… não só aceitar, mas amar a mim mesma do jeito que eu sou, e não querer me mudar, tanto do meu cabelo crespo quanto grisalho, me permite ser assim, entendeu? Me sentir, assim, feliz. E eu não vejo… não precisa de mudar isso pra… eu gostaria de poder, assim, ter sentido essa autoconfiança quando era mais jovem. É uma pena que a gente precisa de viver tantos anos pra se sentir assim. Mas é muito bom. Eu queria passar isso pra minha filha também, porque eu sentia muita insegurança na adolescência. Aí, tem a história da… também de corpo, né? De… dieta, tudo aquilo que é outra história completamente diferente… também que causa muito sofrimento. E como eu sei hoje em dia que isso tudo é… nada disso faz você feliz, entendeu? Mais magra, mais gorda, mais liso, mais crespo, mais grisalho, mais ruivo, mais loira, menos loira. Então… tem a ver sim, mas hoje em dia, numa coisa mais positiva.

Glória (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Como é que você entende o estado do seu cabelo? Como é que ele afeta o modo como você se sente como pessoa, como mulher.

Entrevistada: Afeta. Eu… eu amo meu cabelo, mas às vezes eu odeio meu cabelo. [risos] [...] às vezes eu viro pro meu marido e falo: "ah, que que cê acha? Como é que tá?". Ele… pra ele tá: "não, tá ótimo, tá ótimo". [risos] eu acho que… sabe? [...] eu acho que é questão assim, da imprevisibilidade com o cabelo crespo. É… às vezes eu uso um produto que fica ótimo, aí usa um mês, aí um mês depois já não funciona mais, aí já tem que procurar uma outra coisa pra mudar. É um certo desafio, assim, geralmente, mas quando me enche o saco eu prendo, né? E deixo preso, aí deixo preso um pouco, aí depois eu começo a soltar. Tem isso também: como meu cabelo quando ele tá comprido, quando chega num ponto que eu acho que eu tô prendendo ele com muita frequência, meio que é a hora de cortar. Aí eu corto ele bem curto e pronto, aí eu deixo solto. Aí fica mais fácil de lidar, eu acho mais fácil de lidar com cabelo curto.

Estes primeiros depoimentos acima são de mulheres brancas das mais variadas faixas etárias. Eduarda (que tem menos de 40 anos) afirmou que o estado de seu cabelo afeta muito no seu dia, que quando sente que seu cabelo está bonito logo se sente bem também, chama de dia do cabelo bom, é o dia que o cabelo acorda bonito e ela sabe que não vai precisar ficar

“controlando” ele o dia todo; diz que vai trabalhar feliz da vida. Completa dizendo que quando o cabelo acorda “enfurecido” ela se sente péssima, que passa o dia tendo que se olhar no espelho muitas vezes para ajeitar o cabelo. Afirma que acabou desenvolvendo N maneiras de controlar seu cabelo e reafirma que seu cabelo influencia totalmente seu humor durante o dia.

Lúcia (que tem mais de 50 anos), assim como Eduarda, também afirma que o estado de seu cabelo afeta seu dia, afeta se está ou não se sentindo bonita. A entrevistada afirma que as coisas estão mudando e que está cada vez mais se sentindo feliz sendo ela mesma, vivendo um momento feliz de aceitação com mais autoconfiança do que era jovem.

Glória (que tem mais de 50 anos), assim como as duas primeiras entrevistadas, também disse que o estado de seu cabelo afeta o modo como se sente.

Assim, pode-se perceber que há uma relação dos diversos usos do cabelo com as emoções. Tem toda uma dinâmica de manuseamento do cabelo natural, mulheres passam por um ritual diário de arrumação do cabelo e dividem-se entre dias de “cabelo ruim” e dias de “cabelo bom”.

Amanda (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Você acha que o estado do seu cabelo afeta como você se sente como mulher?

Entrevistada: Sim. [risadas] Ai, meu cabelo. Cara, o meu cabelo [risada] é muito difícil assim a minha relação com meu cabelo, porque se eu acho que ele não tá legal assim, eu me acho a pessoa mais feia do mundo. Inclusive é como eu estou me sentindo agora nesse exato momento, porque ele tá curto e eu tô na transição mais uma vez, e eu tirei as tranças, que foi um momento também muito bom assim, porque eu adorei estar de trança. E dessa última vez agora eu falei: "não, não vou pôr trança"; e eu tô na mesma fase de cinco anos atrás assim [...] dez anos atrás, né? Que já… de 2011, 2012, que é tipo, bancar o meu cabelo do jeito que ele é. Então, assim, eu tô me achando horrorosa [...], mas é… a coisa do meu cabelo, completamente afeta minha autoestima, afeta como eu me relaciono com as pessoas afetivamente. Então… ontem mesmo eu tinha baixado Tinder, eu tô com umas fotos antigas e eu acho que... eu acabei… desinstalei de novo porque eu falei: "não, mas aquelas fotos não sou eu". E eu tô assim agora, que é feia, então eu vou… não tem como eu me relacionar com as pessoas. E aí, por conta disso eu desinstalei o aplicativo por que o meu cabelo ele é o… eu acho que é o principal fator pra eu me achar bonita ou feia. Eu acho, entendeu? Eu acho que eu posso tá de outras formas... sei lá, tô com a cara cheia de espinha, tô me achando feia, mas se eu tivesse de trança eu acho que eu ia tá me sentindo melhor. Mas porque eu tô com esse cabelo assim eu tô me achando a pessoa mais feia de todo o universo.

Agatha (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Você acha que o estado do seu cabelo afeta o jeito como você se sente como pessoa? Então assim, se o seu cabelo tá de um jeito, você sente que o seu emocional tá de um jeito, se o seu cabelo tá de outro, seu emocional tá de outro.

Entrevistada: É. Eu tenho uma… eu tenho uma coisa de… se meu cabelo… ah, hoje eu não tô bem com meu cabelo, eu tô achando ele estranho; eu fico mal sim. Fico, pra baixo. Fico: “Ai meu Deus, minha autoestima hoje tá baixa”. [risadas] é o meu cabelo. [risadas] Quando meu cabelo não tá do jeito que eu quero, aí eu fico pra baixo. Mas quando ele tá muito bonito, eu fico… fico feliz, eu fico feliz, que eu fico: “gente, eu não tô acreditando”. Tipo… [risada] é muito assim, né? [risadas]

Marta (mulher negra mais de 55 anos)

Entrevistadora: Você acha, assim, que o estado do seu cabelo afeta de alguma forma como você se sente? Como pessoa ou como mulher? Assim…

Entrevistadora: Afeta de duas formas…

Entrevistadora: … pode ser até o modo como você acorda, acordou… seu cabelo. E aí… isso de alguma forma te afeta?

Entrevistadora: Então, assim… hoje como ele está é muito mais prático nesse sentido. Né? Porque se eu faço assim… tá ótimo. Né? Ele tá… não muda muito [risada]. Mas por outro lado, como eu falei pra você, eu sinto muita falta do volume do cabelo que eu tinha. Aquele volume me [inaudível] falta. E aí, tem uma relação com o processo de envelhecimento. Né? Até porque eu tive um problema de alopécia em que eu achei que eu ficaria careca. Né? E… eu cheguei a procurar essa minha cabeleireira de olhar pra ela e dizer assim: "[nome da cebeleireira], raspa". E… só não raspou porque ela não deixou. Ela me segurou e falou assim: "não, a gente vai tentar… a gente vai fazer um corte". Isso foi em 2018, foram vários problemas emocionais, várias situações, e… e eu… isso mexeu muito comigo. Né? Porque aí, eu recuperei o cabelo, mas não como antes. E aí eu tenho esse sentimento de que assim, poxa… cadê aquilo tudo? Sabe? Eu queria aquilo, eu queria o cabelão, né? Então, há esse lado… há um sentimento triste em relação a isso. Mas por outro lado, é um sentimento prático, no sentido de que quando eu acordo eu assusto muito menos do que eu assustava antes [risadas]. Antes eu acordava assim, antes, né? Tipo assim, eu preciso tá apresentável [risadas]. Hoje em dia já menos, até porque como eu me relaciono com homens negros com quem a gente debate muito isso. Aí há um certo conforto. Isso é uma coisa legal da relação entre negros, né [...]. Isso… isso me traz felicidade. [...] O homem negro tem outras questões, mas em rela-... [inaudível], [...] estamos entre iguais, sabe? Então, tem um compartilhamento de dor e de amores de coisas que a gente divide, embora tenham questões específicas do que é essa relação, que nem sempre ela é 100% positiva. E aí a gente acaba tendo um passivo aí que não… nem sempre é legal.

As entrevistadas acima são mulheres negras das mais variadas faixas etárias. Amanda (que tem menos de 45 anos) deu o primeiro depoimento e ao ser perguntada se o estado de seu cabelo afetava o modo como se sentia, respondeu que sim. Disse que sua relação com seu cabelo é muito difícil, que se o cabelo não está lhe agradando se sente a pessoa mais feia do mundo. Foi uma parte delicada da pesquisa, pois a entrevistada disse não estar se sentindo bem no dia pelo fato de seu cabelo estar muito curto, afirma estar passando pela transição capilar, está tentando usar seu cabelo do jeito que ele é e por isso está se sentindo horrorosa. A entrevistada disse algo interessante quando afirmou que seu cabelo afeta muito sua autoestima e que também afeta a forma como se relaciona com as pessoas afetivamente. Disse que em aplicativos para relacionamento se sente desconfortável de colocar suas fotos atuais por se sentir feia devido ao cabelo e como não sabe se relacionar com as pessoas optou por desinstalar o aplicativo. Conclui afirmando que seu cabelo é o principal fator para se sentir bonita ou feia.

Agatha (que tem menos de 45 anos), assim como Amanda, afirmou que o estado de seu cabelo afeta em como se sente. Disse que no dia da entrevista, por exemplo, não estava bem com seu cabelo e estava o achando estranho e por isso estava se sentindo mal, com a autoestima baixa. Assim, quando seu cabelo não está do jeito que quer diz que fica "pra baixo" e quando está bonito fica feliz.

Marta (que tem mais de 55 anos) foi a última entrevistada e disse sentir falta do volume que se cabelo tinha, que o processo de envelhecimento e de alopecia quase a deixou careca. Diz que passou por muitos problemas emocionais, que depois de um tempo conseguiu recuperar o cabelo, mas que não voltou a ser como antes, ela gostaria de ter todo o cabelo de antes, então tem um sentimento triste. Mas diz que hoje se assusta menos com o cabelo quando acorda e isso a faz entrar o assunto de relacionamentos amorosos afirmando que tem se relacionado com

homens negros e que tem sentido um conforto nessas relações de compartilhamento de dor e amores.

Por fim, vale destacar que tanto Amanda quanto Marta articulam como se sentem com o cabelo e sua atratividade como mulher em relacionamentos amorosos. Assim, sua percepção de si passa pelo olhar do outro masculino, algo que apareceu nas entrevistas das mulheres negras, mas que não foi percebido nas entrevistas com mulheres brancas. Bouzón (2004) afirma que "os cabelos também refletem valores, significados e comportamentos reveladores de importantes dimensões da vida social." A autora também discute que são muitos os significados relacionados aos cabelos, "como o cabelo arrumado que garante segurança emocional ao proteger a pessoa de um julgamento ou de uma exclusão social motivada pela aparência." Os cabelos compõem uma "fachada pessoal e podem até mesmo servir para afastar um indivíduo do convívio social com outros grupos." (BOUZÓN, 2004)

3.3 Relacionamentos amorosos

> "Ele nunca me pressionou, mas por exemplo, a gente já entrou na discussão de "porquê que você não me elogia quando meu cabelo tá cacheado?""

ENTREVISTAS

Eduarda (mulher branca menos de 40 anos)

Entrevistadora: Você falou do seu relacionamento, falou do seu namorado, mas assim, nas suas relações afetivas ao longo da vida nos seus relacionamentos amorosos. Como é que foi assim? Teve algum tipo de pressão? Como é que foi?

Entrevistada: É… então, eu… esse meu namorado que eu tenho agora ele é o primeiro namorado que eu tenho e com que eu não uso cabelo liso, porque todos os outros eu ou fazia escova progressiva ou eu alisava com secador, né? De alguma maneira. É… ele nunca me pressionou, mas por exemplo, a gente já entrou na discussão de porquê que você não me elogia quando meu cabelo tá cacheado. A gente já entrou nessa discussão algumas vezes, porque… ele realmente não elogia quando meu cabelo tá cacheado. Ele… se eu faço uma escova por qualquer motivo, sei lá… ele acha o meu cabelo lindo. Ele fala: "nossa, tá linda". E é o cabelo que tá liso. [risos] [...] quando eu conheci ele, eu tinha o cabelo liso… é porque eu tenho… meu cabelo mudou muito, assim, eu tinha o cabelo.. alisava o cabelo e eu ainda fazia mechas no meu cabelo. Então eu tinha o cabelo… e era mecha clara, assim, ficava com cabelo loiro. E quando eu comecei a cuidar do cabelo, eu percebi o quanto a descoloração estragava o cabelo, não deixava ele cachear também, né? Que a parte do cabelo descolorido não cacheava, não adiantava o que fizesse, ele não cacheava. E aí eu… parei de fazer as mechas e comecei a usar o cabelo cacheado, assim, foram duas mudanças. E ele já falou que gostava do meu cabelo claro, já falou isso. É… e aí, mas todas as vezes que eu trago essa questão do cabelo… de você não elogia o meu cabelo cacheado, ele fala: "ah, não, você é bonita de qualquer forma". Eu falo: "tá bom, posso até ser bonita de qualquer forma, mas você não elogia quando ele tá cacheado", não elogia, então isso é um ponto. Eu fui largando de mão, né? Assim, não me importo agora se ele elogia o cabelo cacheado ou não elogia o meu cabelo cacheado porque isso não vai mudar… é… se eu vou usar o meu cabelo cacheado ou não. Eu não vou alisar o cabelo só…[risos] é… é isso. Não… ele realmente elogia cabelo liso, mas ele não elogia o cabelo cacheado. É… mas, eu também não vou ficar… já falei o que eu tinha que falar sobre isso, [risos] assim, não vou continuar batendo na tecla não.

Em outro momento Eduarda diz:

Entrevistada: É… inclusive tem até uma questão que eu tenho um namorado que esse namorado meu, ele pegou esse momento, eu já namorava com ele quando eu entrei na escola. E aí quando a gente começou a namorar eu usava o cabelo liso, e aí quando eu comecei a cuidar do cabelo, ele não elogiava meu cabelo quando ele tava cacheado. Isso foi uma grande questão também dentro do relacionamento, que eu ficava: "pô, quando eu tô com o cabelo liso cê fala que meu cabelo tá bonito, aí quando eu chego aqui com cabelo cacheado, que eu fiquei lá maior tempão amassando o cabelo passando creme, cê não fala que meu cabelo tá bonito". Isso foi uma grande questão durante um tempo assim. Que eu ficava buscando aquela… é… uma necessidade mesmo de aprovação de que aquilo que eu tava fazendo tava dando certo, que tava sendo agradável pras pessoas assim, é uma questão trabalhada em terapia a muitos anos. É pesado, e é pesado pra mim até hoje essa aprovação do outro em relação a cabelo, em relação a estética mesmo.

Nessa parte da entrevista perguntei se as mulheres já tinham passado por algum tipo de pressão em relacionamentos amorosos para que mudassem seus cabelos. Começamos os relatos com as mulheres brancas. Eduarda (que tem menos de 40 anos) foi a primeira entrevistada que sempre usou cabelo alisado nos relacionamentos anteriores, que seu atual namorado é o primeiro em que usa o cabelo cacheado, diz que ele nunca a pressionou a fazer nada no cabelo. Diz que passou por mudanças, que quando o namorado a conheceu seu cabelo era liso e loiro e agora está morena e com cabelos cacheados e que isso pode ter gerado algum estranhamento, embora ele diga que a acha bonita de qualquer forma. Mas diz que não voltará a alisar o cabelo.

Lúcia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Então você nunca passou por nenhum tipo de pressão dessas, assim, pra mudar o seu cabelo, feito por algum relacionamento?

Entrevistada: Nunca… nunca, nunca. E porque nas datas que eu conheci os meus namorados e maridos, eu usava o cabelo… meu cabelo era… [inaudível] fazer ele crescer, e bastante cacheado do jeito natural. Era assim: lavou, deixou ele secar natural. Era aquilo era eu fazendo parte de quem eu era e… parte do que eles se interessaram. Eu não… assim, eu não fazia escova pra sair… e conhecer [...]. E… e nesse caso, assim, eu não… não tinha esse: "ah, o cara me conheceu de cabelo liso, aí quando eu lavei: ih, tem o cabelo crespo", nunca aconteceu, porque eu sempre me apresentei… é… na minha vida adulta, como uma mulher de cabelo cacheado. É… não. Nunca teve. E… nem de como eu me vestir, nem nada disso, também não faz parte do tipo de homem que eu me interesso, por quem eu me interessava, assim, entendeu? Era… é… homem machista assim. [...] É assim, a gente tem mais autoconfiança, mas eu espero que quando eu tinha 20 anos se alguém falasse: "não bota essa roupa, pô, não bota esse cabelo" que eu teria mandado ele se… catar coquinho, mas não é tão fácil assim… não é tão fácil assim. [risadas]

Ruth (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Nas suas relações afetivas, assim, relacionamentos amorosos como é que era? Houve… já teve algum tipo de pressão pra mudar de cabelo? Pra assumir?

Entrevistada: Já, já. Namorado e… sim, sim. Ele era engraçado… meu primeiro namorado era um cara muito rico, então ele tinha uma lancha. Eu nunca mergulhava no mar… com vergonha, mesmo meu cabelo alisado. Com vergonha que ele pode ficar todo… [risos] enroladinho. E… e ele não gostava. E eu aprendi a fazer escova em casa, eu tipo comprei um secador profissional, eu fazia touca e ia pra debaixo do secador. Sim. O primeiro marido… o segundo não, o segundo era mais livre… o primeiro, um dia ele falou comigo: "assume o teu cabelo", mas ele elogiava muito quando eu chegava do cabeleireiro, que eu tivesse ido alisar alguma coisa. E eu morria de vergonha de ficar de touca, que por uma época eu continuei… touca, bob, embaixo do secador quando ele estava em casa. E eu já tava na dança nessa época, então eu chegava em casa com o cabelo suada, queria tomar banho e lavar a cabeça, eu morria de vergonha, sabe? De eu ir de cabelo molhado… é… sujo… pra eu lavar no dia seguinte quando ele não tivesse em casa, antes de algum ensaio ou antes de alguma coisa. Isso na época em que eu dançava. É… depois não, depois eu tive o meu próprio estúdio, eu fazia os meus horários, eu sabia quando que eu podia lavar a cabeça. E eu sempre lavei cabeça… meu hábito era diário, principalmente por causa da dança. Mas cortei isso um bom período da minha vida, passei a lavar a cada dois, três dias, quando desse. E depois, já no segundo marido, aí eu já tinha trinta e poucos anos, ele era… ele é músico e mais livre, e… aí ele não se importava nem

um pouco. E aí começou a escova progressiva. Eu não precisava usar mais o secador, nem fazer touca, nem nada disso. [...] Eu diria que foi a pior fase da minha vida, a adolescência, primeiro namorado, minha mãe… porque depois eu dizia pra minha mãe: "para!". Sabe? Mas continuei até recentemente. Eu não amava o meu cabelo… muito incrível isso, né? Eu não amava não, nem um pouco. Hoje eu adoro, pena que caiu muito. Perdi muito cabelo, tinha a cabeça bem cheia. Perdi muito com essas químicas todas que eu já usei.

Glória (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Mas e em relacionamentos afetivos e relacionamentos amorosos que você teve ao longo da vida, já houve algum tipo de pressão pra que você mudasse de cabelo?

Entrevistada: Pra eu sair… é… não, não. Não teve. É… eu… os meus relacionamentos mais sérios foram aqui na [Europa], e na [Europa] tem essa visão assim, essa apreciação que tem menos no Brasil. No Brasil eu tive relacionamentos mais curtos, mas… é… não, mas nunca teve nenhuma pressão de alisar o cabelo, nada disso. Não… não…

Lurdes (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: É, se você… e já teve algum tipo… nas relações amorosas já houve algum tipo de pressão pra que você mudasse o cabelo?

Entrevistada: Sim, o primeiro namorado que eu tive assim de muito tempo, de dois anos, e eu tinha esse cabelo enroladinho e curto quando eu conheci eu tinha acabado de entrar na universidade, e eu tinha o cabelo bem curtinho assim. E ele foi um dos que ficou insistindo pra eu deixar o meu cabelo crescer, na verdade, ele insistia muito pra deixar o cabelo crescer. É… e eu acho que… que foi isso, né? Eu acho que eu comecei a deixar o cabelo crescer mais pra… quando a gente jantava ou perto de terminar assim, aí eu fui deixando crescer, mas eu lembro assim, não de alisar o cabelo não, mas mais pra deixar crescer porque eu acho que era pra ser uma coisa mais feminina, porque cabelo curto é bacana, mas tem sempre aquela cara que o pessoal chamava de Joãozinho, cabelo Joãozinho, não sei da onde… [risadas] se ainda se usa esse termo, né? Mas eu usava o cabelo Joãozinho e ele insistia e aí foi depois que eu terminei com ele que eu fui deixando o cabelo crescer mesmo, né? Mas depois disso não, acho que não… nunca teve, as pessoas sempre curtiram.

Julia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Nas suas relações afetivas e relacionamento amorosos que você viveu ao longo da vida você já sofreu algum tipo de pressão pra mudar o seu cabelo?

Entrevistada: Não, mas uma vez eu cortei meu cabelo e... meu cabelo sempre foi assim, depois da minha infância aí uma vez na época e eu só fui pensar nisso sei lá quase 40 anos depois, o menino que eu namorava falou assim “nossa seu cabelo está igual daquelas empregadinhas”. Só que na época eu não tinha a cabeça que eu tenho hoje né, senão eu ia mandar ele né [indicando com a mão sinal de palavrão] [risos] Mas aquilo ai depois de 30 anos eu falei caramba como é que o garoto falou um negócio daquele, e eu estava toda feliz de ter cortado o meu cabelo [pausa]

Lúcia (que tem mais de 50 anos) afirma que nunca passou por tal situação. Diz que sempre se apresentou como uma mulher de cabelo cacheado, então nunca passou pela situação de estar com cabelo alisado, lavar e o cabelo ficar cacheado, então os homens já a conheciam com o cabelo cacheado. Diz que se um homem a fizesse algum tipo de pressão não seria seu “tipo de homem” e ela não teria interesse por ele.

Ruth (que tem mais de 50 anos) afirmou que já passou por pressão para mudar seu cabelo, disse que seu primeiro namorado era muito rico, que não gostava quando seu cabelo fica enrolado então ela evitava de mergulhar no mar com vergonha do cabelo ficar crespo. Diz que teve casamentos com um homem mais rígido e um mais livre, que o mais livre a incentivava a “assumir” seu cabelo, mas que elogiava muito quando ela alisava o cabelo. Afirma que tinha vergonha de cuidar do cabelo quando o marido estava em casa, como usar touca, bob, usar o

secador e até mesmo de tomar banho e lavar a cabeça. Só lavava a cabeça quando o marido não estava em casa.

Glória e Lurdes (ambas com mais de 50 anos) também foram entrevistadas e a primeira disse nunca ter passado por pressão para mudar o cabelo, falou que na [Europa], onde vive, há uma apreciação por cabelos cacheados diferentemente do Brasil. Já Lurdes disse que passou por pressão principalmente vinda do primeiro namorado que insistia para que ela deixasse o cabelo crescer para que ficasse mais feminina, não gostava do cabelo Joãozinho, mas contou que nunca foi pressionada a alisar o cabelo. A última entrevistada foi Julia (que também tem mais de 50 anos) e disse que nunca passou por nenhuma pressão para mudar o cabelo em relacionamentos, mas contou de uma passagem que merece menção que foi quando felizmente cortou seu cabelo e seu namorado comentou que ela havia ficado igual a uma "*empregadinha.*"

Nos depoimentos acima é possível perceber que, com exceção de Ruth (que falou sentir vergonha do cabelo crespo com o primeiro marido), as demais entrevistadas falam sobre tipos diferentes de homens e que, caso pressionassem para mudar o cabelo, elas não gostariam deles. Além disso, também se pode observar que certos tipos de cabelo/cortes sugerem algo problemático (como Lurdes e o cabelo curto "masculino", Julia e o cabelo de "empregadinha").

Amanda (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Nas suas relações afetivas… é… eu digo em relacionamentos amorosos… Já houve alguma pressão pra que você mudasse seu cabelo?

Entrevistada: Hum… Não que eu… não que eu me lembre, assim, eu acho que não. Quando… a única… a única pressão que… não foi pressão, mas eu tive muito apoio do meu ex-namorado que era preto também, na época da faculdade pra bancar essa coisa da transição assim, pra fazer. Então foi mais no sentido de apoio. Mas… pra alisar ou pra… eu nunca tive essa experiência não.

Agatha (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Nas suas relações afetivas, é… relacionamentos amorosos, já houve alguma pressão para que você mudasse o seu cabelo?

Entrevistada: Pra que eu alisasse?

Entrevistadora: Pra que você mudasse seu cabelo, ou seja, você já esteve em algum relacionamento afetivo, amoroso, que a pessoa que você estava se relacionando é… falasse algo…

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: …sobre o seu cabelo.

Entrevistada: Não. Isso nunca aconteceu, mas eu já escutei da mãe da pessoa que eu me relacionei falar sobre isso. De achar que, é… foi uma das coisas que eu mudei, eu acho que exatamente por causa disso; que eu usava sempre o cabelo muito amarrado, então pra ela era muito mais bonito do que eu usar ele solto, cheio, ela não gostava e eu via… ela falava mesmo pra mim. E… não da parte da pessoa que eu tinha uma relação, mas eu escutava isso. De alguma forma, né… a gente pega essa crítica.

Bruna (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Nas suas relações afetivas, pode ser até mesmo em relacionamentos amorosos, já teve algum tipo de pressão pra que você mudasse seu cabelo?

[...] Entrevistada: Olha, já, mas eu acho que foi de alguns ficantes, não… e assim, coisas assim, é rápida, né? Como Os hawaianos falavam: um lance, um lance. [risadas] Não foi uma coisa é… falava assim: "ah, você fica mais bonita de escova" Ih… pronto. [risadas] falou isso já não vai me ver outra vez, porque… eu… que nem eu tô te falando, eu sou muito doidinha, então assim, falava isso eu falava: "ah, que bom, valeu". Eu não… eu não… não ficava sofrendo por nada, sabe? Ah, não… não gostou… Eu sempre fui assim, a Tati Quebra Barraco,

sabe? [risadas] Tem que gostar de mim inteira. É sério, você… se não você fica… daqui a pouco você tá fazendo uma rinoplastia, daqui a pouco você tá fazendo uma lipo, daqui a pouco… entendeu? Daqui a pouco cê tá fazendo tudo. [...] eu lembro de assim… de alguns ficantes, assim, namorados… eu tive pouquíssimos. [risada] Não… não… se falasse "não, tá bonito" e ai de falar que tá feio. [risadas] tomava logo um tapão. [risadas] Brincadeira. [risadas]

Segui perguntando a outras mulheres se haviam passado por pressão para mudar seus cabelos em relacionamentos amorosos. Das mulheres negras com menos de 40 anos perguntei a Amanda, Agatha e Bruna. Amanda disse nunca ter passado por esse tipo de situação falou inclusive que recebeu muito apoio de seu ex-namorado, que era negro, e a ajudou e apoiou no processo de transição capilar. Agatha também disse nunca ter passado por pressão para mudar seu cabelo vindo da parte dos homens que se relacionou, mas se recordou de um momento em que sofreu pressão por parte de sua sogra que achava mais bonito quando ela usava o cabelo preso por não gostar do cabelo solto e cheio. Bruna, ao contrário das entrevistadas anteriores, disse já ter passado por algum tipo de pressão para mudar o cabelo vindo principalmente de 'ficantes' que diziam que ela era mais bonita com o cabelo escovado. Mas frisou que o simples fato de falarem isso já fazia com que perdesse o interesse e não quisesse ver o rapaz novamente, que eles tinham que gostar dela por inteira. Essa reação que aparece em algumas entrevistas, onde as mulheres dizem que, caso os homens falassem mal de seus cabelos faria com que perdessem o interesse neles, é algo que deve ser questionado frente à entrevista. Até que ponto as entrevistadas dizem isso com a intenção de se afirmar para a entrevistadora.

Marta (mulher negra mais de 55 anos)

Entrevistadora: Assim, você lembra nas suas relações afetivas, até mesmo relacionamentos amorosos se houve algum tipo de pressão? Assim, você sentiu isso. Principalmente em relação ao seu cabelo, enfim.

Entrevistadora: Então, eu namorei mais homens negros do que homens brancos; namorei de tudo, mas eu namorei muito mais negros do que brancos. Né? [...] Não, eu não tenho… teve [inaudível], teve um namorado que me incomodou muito. Ele era branco-branco, argentino, né… mas vivia no Brasil; os pais dele não podiam sonhar que eu existia na vida dele e ao mesmo tempo que eu o atraia, eu sentia que ele se incomodava um pouco, né? Com o fato de eu ser negra. Mas aí já foi na época da universidade e aí eu já, né… me colocava ao ponto de chegar... e assim, na verdade, eu me sentia mal com ele, né? Porque quando eu tava na praia e eu olhava aquele homem branco daquele jeito do lado da areia branca, eu sentia vergonha… dele, né? Eu me incomodava com isso. [...] sabe aquela coisa que… havia um conflito, mas ele nunca diretamente falou do meu cabelo ou da minha cor, né? E… isso não rolou. É… fora isso, pior que não, pior que não, é… em relação a isso mesmo os homens negros com os quais eu me relacionei, é… não foi dessa forma. O que tinha de incômodo que é uma outra faceta da relação negra é a questão da *hiperssexualização*, isso sim. Né? Essa coisa de achar que a mulher negra, ela precisa ser performática, ela precisa corresponder a um padrão, isso sim, isso… em vários. Né? Mas tipo, em relação ao cabelo, em relação aos meus traços ou em relação a minha cor, menos. Né? Isso… [inaudível]

A última entrevistada dessa sessão é Marta (mais de 55 anos) que já inicia o debate racializando a discussão observando que se relacionou mais com homens negros do que brancos, conta inclusive de um relacionamento com homem branco que sentia que havia algo nela (sua cor) que o incomodava e se sentia mal com ele, sentia vergonha, embora ele nunca tenha dito nada diretamente. Disse ter se sentido *hipersexualizada*, com uma quase obrigação

de ser performática nas relações. Mas não fala exatamente sobre ter sofrido pressão para mudar seu cabelo durante os relacionamentos. Sobre a hiperssexualização sofrida por Marta cabem as colocações levantadas por Salister Gomes (2010):

> "A mulher funde-se com a natureza, compondo a paisagem brasileira vendida como paraíso. Nesse paraíso Brasil, a mulata começa a se destacar como atrativo para diferenciar o paraíso Brasil de outros destinos construídos como paradisíacos. O imaginário de brasilidade deve ser reforçado para que o Brasil se torne destino turístico, assim a fusão entre mulher e natureza na comercialização do paraíso, deve ser reforçada com a fusão de mulher e cultura, com a comercialização da mulata. Assim, o Brasil se torna um paraíso de mulatas, onde natureza exuberante, mulheres sensuais e mestiçagem, fundem-se na figura da mulata" (SALISTER GOMES, 2010, p. 54).

Por fim, é possível notar que algumas entrevistadas dizem que nunca sofreram pressão para mudar o cabelo, já outras destacam ter passado por situações de se verem pressionadas a fazer mudanças. Tem mulheres que em algum momento sofreram um tipo de julgamento de seus parceiros pelo cabelo e tem mulheres que relatam momentos onde foram muito incentivadas por seus pares. Não há exatamente um recorte especificamente geracional dado os depoimentos das entrevistadas, mas há um notável recorte racial principalmente na fala de Marta.

4 SOBRE ORIGENS E OLHARES

4.1. De quem você puxou esse cabelo

> "A minha mãe, uma mulher extremamente crítica, [risos] tudo que ela não gostava em mim ela falava que era do meu pai. [risos] E o cabelo também"

Para embasamento teórico da discussão que pretendemos esmiuçar neste capítulo usaremos o estudo de Lídia de Oliveira Matos (2017). A autora já inicia o debate compreendendo que as discussões sobre etnicidade estiveram permeadas por concepções biológicas a fim de separar indivíduos de acordo com seus caracteres fenotípicos e também em sua potência intelectual. É interessante resgatar uma noção básica levantada pela autora onde as diferenciações entre as "raças" foram determinantes para as colonizações à medida em que as nações europeias se julgavam superiores social e politicamente, compreendendo em seu conteúdo biológico uma das razões para seu desenvolvimento.

Oliveira Matos (2017) cita Steve Fenton (2005) que descreve o percurso histórico do termo raça (Oxford Reference Dictionary), considerado inicialmente como "criação", como uma ancestralidade comum, uma família original. Fazendo uma breve análise através dos séculos o autor pontua que no século XVI considerava-se da mesma raça pessoas advindas de uma mesma localidade, já no final do século XIX e início do século XX raça representava uma hierarquização da humanidade. A partir de 1950 o termo entra em declínio e seu uso vai sendo abandonado notadamente devido a seu caráter discriminatório. Assim, segue o autor, a noção de raça no sentido biológico com a finalidade de pressupor uma heterogeneidade não se sustenta às variadas etnias uma vez que se tratam de diferenças fenotípicas e não necessariamente sobre um conteúdo biológico exclusivo. Dessa forma, a ideia de raça foi aos poucos sendo "substituída" pela de cultura, a partir de uma concepção social e da diversidade de cada lugar.

A partir disto, Oliveira Matos (2017) se propõe a refletir sobre o ponto de vista das especificidades brasileiras e percebe que no Brasil as primeiras teorias sobre nação entendiam que a miscigenação seria um fator a dificultar o desenvolvimento nacional. No século XIX havia uma busca pela pureza racial e uma forte ideia de que a mistura de indivíduos com padrões genéticos diversos poderia causar a degenerações das gerações futuras. As constantes estratégias para a formação de uma suposta raça pura brasileira fracassaram diante do próprio caminhar da sociedade, isso fez com que teóricos repensassem todo esse debate, inclusive nos

anos 30, Gilberto Freyre ressaltava a Democracia Racial brasileira com altivez. (SHWARCZ, 1999 apud OLIVEIRA MATOS, 2017)

Neste capítulo estamos tratando especificamente da realidade de mulheres brancas e sua relação com seus cabelos crespos/cacheados. A indagação sobre suas origens perpassa por ideias de pertencimento, de laços biológicos e heranças genéticas, daí a necessidade de uma breve discussão sobre raça e etnicidade. Mas para compreender a percepção das mulheres brancas é preciso uma mínima noção sobre as percepções e complexidades das mulheres negras. Assim, Oliveira Matos (2017) introduz em sua análise que a mulher negra quando "se aceita" se afirma "cultural, moral, física e psiquicamente".

> Ela se reivindica com a convicção que outrora a fazia admirar e assimilar o branco. Ela assumirá a cor e a textura capilar negadas e verá nela traços de beleza e de feiura como qualquer ser humano. A Negritude é fruto também de um desejo urgente de contestar a marginalidade e descobrir uma identidade, daí a volta enfática às "origens". A luta não significa necessariamente um retorno às tradições, mas a construção de uma solidariedade que negue a supremacia colonizadora em relação ao povo dominado, e a necessidade de identificação tem por finalidade a resolução deste conflito. A luta por esta identificação deve ultrapassar o indivíduo e se engajar no movimento das massas, de forma que se questione a própria estrutura de dominação em sua globalidade. (OLIVEIRA MATOS, 2017)

Esse olhar sobre a mulher negra é interessante para possibilitar um olhar sobre a mulher branca, especificamente aquelas que acreditam ter herdados traços de uma genética negra, como veremos nos depoimentos a seguir. Essa procura para saber de quem se herdou determinados traços vem quase sempre acompanhado de muitos julgamentos sobretudo dos próprios parentes.

Em relação à questão de graus de parentesco, Claudia Barcellos Rezende (2016) em sua análise sobre as gestantes argumenta que o parentesco pode a ser visto como um conjunto de símbolos de conexão, constituído de forma dinâmica, processual e intersubjetiva. Dessa forma, o convívio cotidiano, o apoio, a troca afetiva acabam se tornando tão importantes para constituir o laço de parentesco quanto compartilhar substâncias biológicas. (REZENDE, 2016, p. 232)

Rezende (2016) destaca que quando as grávidas descreviam os traços que imaginavam para seus filhos, remetiam às identidades continuadas e também a um posicionamento social almejado (classe social, raça, etnicidade), além disso há um ideal de beleza; tudo isso era mobilizado junto com o parentesco para construir vínculos com o bebê. Sempre se imagina a continuidade com as gerações anteriores, mas havendo diversas acentuações. (REZENDE, 2016, p. 234)

Rezende (2016) aponta em seu estudo que as noções de semelhança física se tornam mais complexas em redes com parentes com traços físicos diversificados. A autora afirma que

o amplo espectro de fenótipos na sociedade brasileira remete a seu histórico de miscigenação (colonizadores portugueses, escravos africanos e a população indígena nativa). Isto, além de um fato histórico, também é ideológico e recebeu muitos significados ao longo da história do país contextualizando valores distintos à variação fenotípica. (REZENDE, 2016, p. 236)

Os significados dados à raça no Brasil é uma das razões pelas quais o racismo no Brasil se dá de forma abafada, até recentemente, afirma a autora, a raça era basicamente associada ao fenótipo e não à origem (como é o caso dos Estados Unidos). Vale ater que o fenótipo não se tratava apenas da cor da pele, era também a forma do nariz, da boca, o cabelo. Assim, a classificação racial era mais fluida e contextual. Com o aumento do ativismo negro com máximas afirmativas de identidade negra e de uma classe média negra, a categoria raça passa por novos sentidos. A ancestralidade ganha força e importância nessa discussão e o fenótipo se mantém uma arena fundamental de símbolos e significados para o debate racial na sociedade brasileira. (REZENDE, 2016, p. 236).

Munanga (2004) reflete sobre como é difícil definir quem é negro no Brasil. E em uma entrevista diz:

> Parece simples definir quem é negro no Brasil. Mas, num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico. Politicamente, os que atuam nos movimentos negros organizados qualificam como negra qualquer pessoa que tenha essa aparência. É uma qualificação política que se aproxima da definição norte-americana. Nos EUA não existe pardo, mulato ou mestiço e qualquer descendente de negro pode simplesmente se apresentar como negro. Portanto, por mais que tenha uma aparência de branco, a pessoa pode se declarar como negro. No contexto atual, no Brasil a questão é problemática, porque, quando se colocam em foco políticas de ações afirmativas – cotas, por exemplo –, o conceito de negro torna-se complexo. Entra em jogo também o conceito de afro-descendente, forjado pelos próprios negros na busca da unidade com os mestiços. Com os estudos da genética, por meio da biologia molecular, mostrando que muitos brasileiros aparentemente brancos trazem marcadores genéticos africanos, cada um pode se dizer um afro-descendente. Trata-se de uma decisão política. Se um garoto, aparentemente branco, declara-se como negro e reivindicar seus direitos, num caso relacionado com as cotas, não há como contestar. O único jeito é submeter essa pessoa a um teste de DNA. Porém, isso não é aconselhável, porque, seguindo por tal caminho, todos os brasileiros deverão fazer testes. E o mesmo sucederia com afro-descendentes que têm marcadores genéticos europeus, porque muitos de nossos mestiços são euro-descendentes. (MUNANGA, 2004, p.52)

Nas entrevistas realizadas, aqueles que seriam traços associados a pessoas negras quando aparecem em corpos brancos parecem infligir à pessoa um subvalor, como se “valesse” menos, como se fosse menos branco. O cabelo crespo/ cacheado em mulheres brancas surge como um sinal, uma espécie de alerta de “impureza genética”, é o “pé na cozinha”, o “pé na senzala”, uma busca por defeitos, por erros. A procura pela “gota de sangue negro” que suja,

que mancha. Mas, por outro lado, há também a tentativa de saber de onde veio determinado traço como forma de se orgulhar de sua origem, de seus antepassados, um laço com os que já morreram. Não necessariamente há nas falas das entrevistadas um sentimento de vergonha por possuir um determinado traço fenotípico. Mas parece haver um sentimento de que obrigatoriamente os cabelos de pessoas brancas devessem ser naturalmente liso, "cabelo bom", fácil de cuidar. É tendo essa concepção que devemos seguir com a leitura dos depoimentos a seguir (dirigidos especificamente às mulheres brancas das mais variadas idades):

ENTREVISTAS

Eduarda (mulher branca menos de 40 anos)

Entrevistadora: Você lembra no teu núcleo familiar, em algum momento você ouviu "de onde veio esse cabelo"? Você falou que puxou mais a família do teu pai, né? Uma coisa, assim, do cabelo ser mais crespo, mas tinha essa coisa assim "de quem você puxou"? "Isso não é da gente". Existiu isso em algum momento?

Entrevistada: Ah, muito… muito, muito, muito. Mais uma vez, né? A minha mãe, uma mulher extremamente crítica, [risos] e aí, tudo que ela não gostava em mim ela falava que era do meu pai. [risos] é… e o cabelo… também. [risos] Ah, o meu cabelo quando eu era criança e era um cabelo liso, ele também não era parecido com o de ninguém de casa, porque minha mãe tem o cabelo mais claro e o meu cabelo era muito preto. E o meu pai, ele tem cabelo branco desde sempre… desde sempre o cabelo dele é branco. E aí, era uma coisa assim: ah, o cabelo deve ficar mais claro, né? Deve crescer e ficar mais claro. É… ele…meu pai, quando era jovem, ele usava um Blackzinho… digo assim, ele usava o cabelo cheio, né? [...] Isso, quando ele era mais jovem. Mas Black… [risos] é Black não era… não é Black, né? [...] E tinha: "o cabelo do teu pai… é o cabelo do teu pai, é o cabelo do teu pai", e foi assim que eu descobri que meu cabelo era do meu pai também, né? Porque aí, depois, um dia a gente foi comparar e aí, realmente, ele é… porque o cabelo da minha mãe é bem grosso, tem o fio bem grosso. Meu cabelo é bem fininho igual o do meu pai, meu pai tem o cabelo bem fininho. [...] minha irmã tem o cabelo mais parecido com o cabelo da minha mãe. E não só cabelo, né? Eu sou mais parecida fisicamente com o meu pai, e a minha irmã é mais parecida fisicamente com a minha mãe. E aí a gente… eu uso óculos, meu pai usa óculos, aí tinha toda uma… [risos] tudo do teu pai, é tudo do teu pai inclusive o cabelo. [risos]

O depoimento acima é de uma mulher branca com menos de 40 anos. Quando questionada sobre sua relação familiar especificamente quanto aos seus traços físicos, respondeu que a família sempre falava muito de seus traços, principalmente sua mãe. Descreve sua mãe como uma mulher muito crítica, que tudo que não gosta em Eduarda atribui a genética paterna, inclusive seu cabelo cacheado.

Ruth (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: A gente tava falando da família, mas em relação às suas origens familiares, em algum momento teve aquela coisa do "de onde veio esse cabelo"? Quem que essa menina puxou?

Entrevistada: [fala simultânea] Sim, de negro. De negro. A gente sabia quem que na minha família a gente tem descendente de índio e de negro. E… não, eu sabia que era de negro. Minha mãe tinha o cabelo muito enroladinho, muito crespo, mas ela usava bob e alisou uma época, mas era… assim, a gente sabe que tinha descendente. Então, eu tenho várias pessoas na minha família que tem cabelo crespo, ou enroladinho, ou ondulado. Por que é diferente, né? Meu cabelo… agora que eu tô mais velha eu acho que ele tá na fase do enroladinho, mas ele era 100% crespo… crespo mesmo, assim. Muito parecido com o seu… muito.

Glória (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Em relação ao teu cabelo, como é que existia, assim, na tua família isso de falar das origens familiares. Tô perguntando isso em relação a essa coisa do "de onde vem esse cabelo?" Como é que funcionava isso pra você?

Entrevistada: Não, eu acho que provavelmente eu… é… eu não sei exatamente, mas, provavelmente, eu acho que tem uma origem na África em algum lugar, mas que uma classe média Rio de Janeiro carioca, que ninguém menciona. Eu acho que a questão do racismo brasileiro… eu tenho algumas tias com cabelo crespo. Tem, assim, uma mistura de cabelos lisos e crespos na minha família. Mas eu acho que de algum momento deve ter tido, né? A gente até tem umas árvores genealógicas na família, minhas avós eram muito tradicionais, e que seguem mais uma linhagem, assim, portuguesa ou até uma indígena… sei lá, 500 anos atrás. Chega… chega a 500 anos, assim, essas árvores genealógicas, que é super interessante, mas obviamente é uma parte da família, né? Cê vai… cê vai dividindo isso, cê não vê todos os lados. Não sei, assim, tanto do lado da minha mãe quanto o lado do meu pai tem cabelo crespo, né? E meu… eles têm cabelos ondulados e o meu saiu mais crespo. É, mas eu acho que tem uma origem provavelmente africana que não se fala, né? Eu não fiz o meu teste de DNA ainda, mas… [risos] mas tenho até vontade de fazer, mas são aquelas coisas que eu acho que é natural, somos todos de origens parecidas, né?

Lurdes (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Suas origens familiares, se isso surgia em algum momento em debates na sua família.

Entrevistada: Tá. A gente tem uma coisa engraçada, assim… eu não sei te falar além da minha mãe, por exemplo, antes da minha mãe… da onde veio esse cabelo tão enrolado, porque a minha avó e o meu avô não tinham o cabelo enrolados. É… aí a minha mãe tem o cabelo muito crespo, eu tenho esse cabelo, a minha irmã tem, meu filho tem, o filho da [...] tem, o filho da minha irmã de cabelo liso… um deles também tem o cabelo muito enrolado e ruivo. Então, assim, foi um traço que foi sendo marcante, então a gente já tirou hoje em dia foto da nossa família, a gente só juntou os cacheados, [risada] tem foto que a gente juntou com todos e são muitos… são… sei lá, uns… umas seis pessoas da família hoje em dia, mas todos depois da mamãe. Antes dela, a gente não sabe quem que tinha esse cabelo. É… porque também eu acho que as mulheres faziam penteados, então você… assim, porque, né? não é um cabelo crespo-crespo-crespo, é um cabelo bem cacheado, mas se você pega a escova e penteia, ele vai tá disfarçado… num coque. Eu não sei de quem que veio esse cabelo tão enrolado assim. Da minha mãe em diante, a gente hoje em dia assume isso, tanto que a gente tirou foto dos cacheados todos e vai ficar passando, provavelmente. [risos]

Julia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Ao longo da sua vida assim, tinha no teu núcleo familiar essa coisa de discutir essa origem desse seu cabelo, essa coisa de ‘de onde veio, de quem ela puxou esse cabelo’, como é que foi isso?

Entrevistada: Ah, eu acho que foi da família do meu pai, porque o cabelo da minha mãe era muito liso e na época da minha mãe não tinha essas coisas de escova, ela fazia aquela touca sabe, colocava os grampos, ela passava até com ferro, minha mãe fazia, passava com ferro o cabelo, era moda na época né, mas eu acho que tinha sim essa coisa de ser da ascendência da família do meu pai.

Os depoimentos acima são de mulheres brancas com mais de 50 anos. Ruth disse que tem alguma herança de negros e de índios. Conta que sua mãe tinha o cabelo muito crespo e que tem muitos descendentes em sua família com cabelo crespo. Glória, assim como Ruth, acredita que a origem de sua família vem de algum país africano. Reflete que sempre pertenceu a uma classe média carioca que não menciona sobre as suas origens. Diz que observando sua árvore genealógica percebe uma linhagem que também é portuguesa e indígena. Lurdes disse que, além de sua mãe, não sabe de onde veio o cabelo cacheado, que seus avós tinham cabelo liso. Diz que o filho também tem cabelos cacheados e que o traço se tornou marcante em sua família. Se indaga se as mulheres antigamente faziam penteados para esconder seus cabelos cacheados. Destaca que atualmente sua família assume os cabelos cacheados. Julia, a última

entrevistada, é bem pontual em dizer que seus traços físicos vêm de sua parte paterna, frisa que o cabelo de sua mãe era muito liso.

Por fim, temos que essa questão da origem do cabelo foi uma pergunta do questionário da pesquisa, não é possível saber se essa discussão aconteceria espontaneamente. O ponto interessante é que as respostas falam do pai ou da mãe que puxaram e de suas respectivas origens étnicas, ou seja, o cabelo crespo/cacheado já é um traço de certo pertencimento étnico. Mas é importante destacar que nessas falas, com exceção de Eduarda, não parece haver uma avaliação negativa ou problemática dessa herança, pelo menos não é algo que aparece diretamente em suas respostas. Ao contrário, nos interditos parece haver até um bom sentimento de ter algo diferente, de ter um traço diferencial e de poder passar isso adiante. Nesse sentido das heranças, vale voltar para o estudo de Rezende (2016) em que o convívio e as trocas afetivas são tão importantes quanto fatores biológicos na construção de graus de parentesco. Além disso, também destaca que as semelhanças físicas são mais complexas em parentes com traços físicos diversificados e como no Brasil são muitas misturas há um amplo espectro fenotípico.

4.2. Imaginários sobre a outra

> "Mas no Brasil, a mulher negra era muito invisível no meu mundo que eu cresci, sabe? É, as mulheres negras da minha vida eram as pessoas que trabalhavam lá na casa da minha mãe, na casa da minha avó, que usavam lenço na cabeça."

Nas últimas décadas tem ocorrido um aumento considerável de pesquisas acerca de como o negro é representado no imaginário social[33]. São estudos tanto sobre imagens produzidas no passado colonial quanto estudos mais recentes, buscando de um modo geral compreender como se deu a construção desse imaginário desenvolvido nas sociedades européias e norte-americana com seus ideários e discursos que eram cravados de estereótipos de cunhos racistas e que remetiam a exotismos, segundo Teles dos Santos (1999). Devemos compreender que os grandes tráficos negreiros entre os séculos VIII e XVIII e a hegemonia ocidental foram alicerçados em arquétipos racistas e classistas.

A história do negro brasileiro está diretamente vinculada ao passado escravocrata, que tem efeitos até os dias atuais; embora aqui devo frisar que não compactuo com a história dos

[33] Baczko (1985, p.403): "A imaginação social, além de fator regulador e estabilizador, também é a faculdade que permite que os modos de sociabilidade existentes não sejam considerados definitivos e como os únicos possíveis, e que possam ser concebidos outros modelos e outras fórmulas"

negros descritos unicamente como descendentes de escravos, uma vez que isso perdura com a visão e com o estigma da servidão e inferioridade negra, o modo como a história da escravidão é contada precisa sempre de uma crítica maior. Contudo, ao longo da história ao negro foi relegado o imaginário de subalternação e humilhação. É fundamental compreender esses imaginários para antes de tudo perceber como os negros formaram e formam a imagem que têm de si mesmos. Para tal, temos que

> a partir do momento que um grupo ou a sociedade de um modo geral imprimem uma imagem limitada e depreciativa de uma pessoa, essa pessoa poderá ter também uma imagem deformada de si, o que inclui questões relacionadas à inteligência, beleza, envolvendo diretamente a autoestima. Esse pode ser considerado o modo mais eficaz de opressão, já que os próprios sujeitos internalizam e passam a se autodepreciar. (CARNEIRO E FERREIRA, 2014, p.1432)

Assim, ocorre tanto a formação do imaginário de fora para dentro (outros para os negros), quanto de dentro para dentro (negros para negros), tudo intermediado pelas tais representações.

É necessário ter essas noções básicas, pois fazem parte deste fio-condutor analítico. Importante destacar que quando me refiro a imaginários sociais estou me referindo a pensamentos e a emoções. Portanto, quando trago à tona os imaginários sociais associados aos negros é fundamental que considere o fator emocional que produz e é produzido por esses imaginários. Ou seja, deve-se ter a noção de que os imaginários estão diretamente associados às emoções – que são pensamentos incorporados–, ambos (imaginários e emoções) são forjados culturalmente e historicamente, não são universais e dependerão dos discursos e dos contextos em que estiverem inseridos. (ROSALDO, 1984). Adiante tratarei mais especificamente dos imaginários sociais associados aos negros e é necessário, portanto, constantemente se pôr a pensar nos múltiplos discursos emotivos que são ativados a partir desses imaginários, tanto para negros quanto para não-negros.

Sobre essa questão Grada Kilomba (2010) fala de como o sujeito branco se divide entre o "eu" e o "Outro", em que a parte "boa", acolhedora, benevolente é vista como o 'self', o "eu"; e, a parte "má", rejeitada e malévola é projetada no "Outro." Esse "Outro" torna-se a parte que o sujeito branco teme reconhecer em si mesmo. O negro é identificado como o *objeto ruim,* visto como uma ameaça e perigo. Kilomba (2010) diz que o negro se torna aquilo que o sujeito branco não quer se parecer. Assim, ao falarmos dos tais Imaginários Sociais não é com o sujeito que estamos lidando, mas com as fantasias brancas do que a negritude deveria ser. (KILOMBA, 2010)

Conforme já destaquei, Neuza Santos, na obra "Tornar-se Negro" (1983), faz uma análise interessante onde o negro aparece no imaginário como "o irracional, o feio, o ruim, o

sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico (...)". Já o branco aparece como "aristocrata, elitista, letrado, bem-sucedido, rico, inteligente, poderoso". (SANTOS, 1983, p. 27 e 34). Também faz parte do imaginário do 'ser negro' a ideia de que

> somos projetados como menos inteligentes do que somos, menos trabalhadores do que somos, menos patriotas do que somos, menos universais do que somos, menos dignos do que somos e mais violentos do que somos (Fala do ativista Jesse Jackson no Senado Federal, em 1996. RAFAEL, 2004 *apud* SANTOS MATOS, 2015, p.25).

Assim, tem-se que ainda nos dias atuais o negro permanece sendo representado de modo semelhante à época colonial. É visto como

> o escravo fiel, o bestial (violento, bruto, malandro), caricatural (com a alusão à estética, macaco, tição), a mulher lasciva, sexualizada ou ainda a características positivas como talento para música e futebol, astúcia e ingenuidade (BROOKSHAW, 1983, *apud* SANTOS MATOS, 2015, p.34)

É fundamental perceber de modo mais específico quais são essas representações, esses estereótipos que parecem apontar os tipos de negros presentes na sociedade. São noções tão enraizadas no imaginário social que são amplamente naturalizadas e pouco questionadas. De um modo geral, muitos autores descrevem essas representações e discorrem acerca de suas consequências sociais. Abdias do Nascimento (1978), citando Bastide, expõe alguns estereótipos associados aos negros conforme podemos observar:

> Bastide examinou a obra dos seguintes autores: Bernardo Guimarães, Gregório de Matos, Mello Morais Filho, Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar, Machado de Assis, Júlio Ribeiro, Aluízio de Azevedo, Adolfo Ferreira Caminha, etc. Alguns dos estereótipos registrados foram estes:
>
> *o negro bom* - estereótipo da submissão
>
> *o negro ruim* - estereótipo da crueldade inata, sexualidade desenfreada, imundície, preguiça e imoralidade
>
> *o africano*- estereótipo da feiura física, brutalidade crua, feitiçaria e superstição
>
> *o crioulo* - dissimulação, malícia, esperteza, selvageria
>
> *o mulato livre* - vaidade pretenciosa e ridícula
>
> *a mulara e a crioula* – voluptuosidade
>
> (ABDIAS DO NASCIMENTO, 1978, p.127)

Assim, constitui-se uma diferenciação entre brancos e negros, onde o branco remete ao que é bom, alvo, puro, seguro, confiável; enquanto o negro remete ao contrário, ao que é mau, à escuridão, à impureza, à insegurança, ao desconfiável. (SANTOS, 1983) De modo a aprofundar essa investigação aponto para a necessidade de análises que primem pela interseccionalidade promovendo visões mais complexas dos fenômenos. Para tal:

> A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e

> políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p.177)

> A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (BILGE, 2009 *apud* HIRATA, 2014, p. 63)

Helena Hirata (2014) destaca que com a categoria interseccionalidade, Crenshaw (1994) buscava focalizar sobretudo em intersecções de raça e gênero, estruturando experiências de mulheres de cor. Kerner (2012) se põe a pensar sobre o quer dizer o termo "intersecção" e, a partir do posicionamento de McWhorter, observa que intersecções são relações de "estruturas sociais, significados históricos, relações de poder e identidade." Trata-se de um símbolo para todas as "formas possíveis de combinações e de entrelaçamentos de diversas formas de poder."

A despeito das análises onde a intersecção de raça e gênero apontaria para a presença das mulheres negras. Lugones (2014) afirma contrariamente que, na verdade, *mulher* e *negro* são categorias homogêneas e atomizadas então sua intersecção indicariam a ausência das mulheres negras e não a sua presença.

Importante frisar que compreendo as críticas sobre os estudos interseccionais. De fato, considero que muitas vezes são análises de causa-e-efeito que não primam pelas relações dos fenômenos e fazem avaliações praticamente geométricas privilegiando algumas categorias (notadamente gênero e raça) em detrimentos de outras. Nesse caso, concordo com as colocações de Danièle Kergoat sobre a necessidade de análise que preze pela consubstancialidade. Tive acesso à essas colocações através do trabalho de Hirata (2014):

> A meu ver, o ponto essencial da crítica de Kergoat ao conceito de interseccionalidade é que tal categoria não parte das relações sociais fundamentais (sexo, classe, raça) em toda sua complexidade e dinâmica. Entretanto, há outra crítica que nem sempre fica explícita: a de que a análise interseccional coloca em jogo, em geral, mais o par gênero-raça, deixando a *dimensão classe social em um plano menos visível* [34]. De uma maneira mais global, creio que a controvérsia central quanto às categorias de interseccionalidade e consubstancialidade se refere ao que chamo "interseccionalidade de geometria variável". Assim, se para Danièle Kergoat existem três relações sociais fundamentais que se imbricam, e são transversais, o gênero, a classe e a raça, para outros a intersecção é de geometria variável, podendo incluir, além das relações sociais de gênero, de classe e de raça, outras relações sociais, como a de sexualidade, de idade, de religião etc. (HIRATA, 2014, p. 65)

[34] Helena Hirata (2014): "Embora ambas partam da intersecção, ou da consubstancialidade, a mais visada por Crenshaw no ponto de partida da sua conceitualização é a intersecção entre sexo e raça, enquanto a de Kergoat é aquela entre sexo e classe, o que fatalmente terá implicações teóricas e políticas com diferenças bastante significativas. Um ponto maior de convergência entre ambas é a proposta de não hierarquização das formas de opressão."

Mas o fato é que os estudos devem ampliar suas categorias de análise percebendo as relações dos múltiplos fatores dos fenômenos. Dessa forma, os estudos devem perceber a complexidade dos discursos seja a partir da interseccionalidade e/ou da consubstancialidade; e assim, reafirmar a importância de racializar os debates.

> Dessa forma, faz-se necessário enfrentar o debate, entendendo a raça como uma ficção materializada nos corpos e processos de subjetivação que são singulares, pigmentocráticos, interseccionalizados com territórios, origem, idade, escolaridade, entre outros. Por outro lado, reforço o quanto é necessário tomarmos o marcador raça como a espinha dorsal pela qual as práticas discursivas racistas perpassam esses corpos-subjetividades, evidenciando o gendramento e sexualização da raça, bem como a racialização das performatividades de gênero e sexualidades. (LIMA, 2018, p.78)

Helena Hirata (2014) aponta que ao articular sexo e raça as pesquisas não se voltam apenas para homens e mulheres, mas para homens brancos e negros e mulheres brancas e negras. Há um interesse jurídico e político em articular sexo e raça. Assim, corrobora Patricia Hill Collins (2014) que a interseccionalidade é uma arma política.

Abaixo seguiremos para as perguntas destinadas especificamente às mulheres brancas das mais variadas idades:

ENTREVISTAS

Lucia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Ao longo da sua vida, como uma mulher branca com o cabelo cacheado, como que você olhava pras mulheres negras que tinham um cabelo parecido com o seu? Cabelo crespo e cacheado, como é que foi essa sua vivência?

Entrevistada: Ah, isso é uma coisa que é mais presente na minha vida recentemente, porque? Eu tenho uma irmã adotiva, meu pai casou novamente… depois da minha mãe, casou novamente com uma mulher mais nova. E a minha irmã tem a idade da minha filha. Ah, ela tem cabelo… ela é… ela é negra, é… mulata, e tem o cabelo com cachinho pequenininho. Não sei como é que… assim, cachinho. Assim, não sei como é, sabe um cachinho pequenininho? [risadas] lindo… lindo, lindo. E eu acho lindo cabelo dela, uma fofura, lindo, muito lindo. E agora… fofura não, ela era uma fofura quando era pequena, agora ela tá com 15 anos. Ela é linda. E eu tento, eu converso com ela, eu tento incentivá-la, elogiar ela muito: "seu cabelo é lindo". É lindo, lindo, lindo. E ela: "ah, eu não acho, eu quero alisar minha mãe não deixa". "Não, não alisa… [risadas] teu cabelo, você é linda". E ela sente isso ainda hoje, nessa época. Mas também tem isso, a mãe dela sempre alisou o cabelo e tem o cabelo igual o dela, então, a mãe dela só recentemente parou de alisar, então eu acho que talvez mande uma mensagem diferente pra ela, porque essas coisas… é muito assim, não só o que você diz, mas o que você faz com si mesmo. Mas eu só comecei a abrir os meus os meus olhos também pra beleza do cabelo da mulher negra, mais quando eu comecei a descobrir e entender o meu próprio. Quando eu comecei a descobrir: "ah, tem tipos diferentes". Isso quando foi na época que eu te falei, tipos de salão, e aí que eu fui aprendendo, e que os tipos de cachos diferentes. Eu olhava muito também [...] foi uma descoberta, porque na minha infância no Brasil, crescendo no Brasil, não tinha, não se valorizava, era uma coisa muito assim, a mulher negra era obje-... era, assim, a beleza negra era celebrada durante o carnaval, né? Fora isso, era meio que inimiga na sociedade, né? [...] eu estudei no Brasil a vida inteira e eu tive um colega negro de escola, tá? Escola particular. Um. Não tinha… não tinha, assim. E aqui [América do Norte] é totalmente diferente. A minha filha tá na escola, tem gente de todas as cores, todos os cabelos, loiros, ruivos, castanhos, negro, branco, asiático, com véu, sem véu, e…sabe? Tão lindo, tão maravilhoso, queria eu ter tido uma oportunidade dessa. Mas no Brasil, a mulher negra era muito invisível no meu mundo que eu cresci, sabe? É… as mulheres negras da minha vida eram as pessoas que trabalhavam lá na casa da minha mãe, na casa da minha avó, que usavam lenço na cabeça, né? Escondiam o cabelo. Tinham assim o uniforme incluía o lencinho na cabeça.

Então, eu fui descobrir a beleza da mulher negra mais quando eu fui pro Estados Unidos, né? Que você via várias pessoas, eu fui cercada de pessoas diversas, com belezas diversas, com orgulho de suas belezas, mas… e também quando fui pra lá… futuramente depois… fora do Brasil, por que no Brasil. Aí eu volto com olhos diferentes, entendeu? Aí eu olho muito, por exemplo, quando eu quero ideias de cabelo… assim, pra cabelo pra arrumar. [...] como a mulher negra arruma o cabelo, como faz pra ter ideias de como eu posso fazer no meu também, apesar de ser uma textura diferente, né? Acho bonito essa adesão, mas… ah, é tudo tão… é uma teia de questões, né? E… eu acho muito triste olhando pra trás assim, e lembrando[...] É tanto que eu moro no [América do Norte] já a quase metade da minha vida, assim, eu moro no [América do Norte] a 23 anos e eu não me sinto mais em casa no Brasil assim. Eu… assim, não é mais a sociedade em que eu cresci, mas ainda é muito, muito, muito cruel eu acho com… eu vejo muito mais, né? O machismo, o racismo, o… é… "anti-gay", "anti-tudo", entendeu? Assim, a repressão que me faz… isso tudo tem que… engraçado que essa coisa… a relação do cabelo com isso é uma coisa, assim, muito recente que eu comecei a pensar quando eu comecei a pensar mais no meu cabelo. [risadas]. Mas é totalmente segregado, é incrível. Eu não… é… assim, como eu posso ter crescido no Rio de Janeiro e na minha sociedade, no meu mundo, as pessoas negras eram invisíveis praticamente, sabe? É desvalorizada. Só no carnaval. Puta que pariu isso, né? Assim, o brasileiro [inaudível]... o brasileiro branco tem um monte de [inaudível]: "ah, a mulher brasileira é a mulher mais bonita do mundo". Aí, né? Carnaval, não sei o que, mas só no carnaval que tinha isso, né?

Glória (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: O que que você pensava, o que que você pensa, o que você ouvia falarem dessas pessoas negras com esse cabelo, que de alguma forma poderia se assimilar ao teu?

Entrevistada: Ó… uma coisa que eu senti porque eu saí do Brasil com 20 anos, né? 30 anos atrás vim pra [Europa], fiquei 15 anos aqui, e voltei em 2007. Fiquei 10 anos no Brasil e voltei pra cá. Quando eu cheguei em 2007 eu senti uma diferença muito grande, porque eu saí no começo dos anos 90 e foi muito bacana, assim, gratificante de voltar e ver as mulheres negras assumindo os cabelos negros. Né? Menos alisamento e mais afros, e mais cabelos soltos, eu acho que teve uma diferença muito forte, eu acho que teve uma transição grande naqueles 15 anos que eu fiquei fora. É, eu achei bacana assumir. Né? Porque eu acho que talvez aqui na [Europa] as pessoas assumam mais, né? Apesar de ser um país que talvez tenha menos negros. [...] Né? Inclusive na cidade que eu moro, que assim, é uma cidade mais de cabeça mais aberta, mais liberal, mais…, mas ainda é muito branca, né? Eles se acham mais diversos, mas eu fui numa festa uma vez, com mulheres da minha idade, eram dez mulheres… é… brancas, inglesas, todas de cabelinho loiro, de olho azul. E eu cheguei com uma amiga minha, que ela é negra e ela tem cabelo, na verdade, ela é negra e tem o cabelo mais encacheado. E… a gente chegou na festa e a primeira coisa que uma das mulheres falou, virou pra gente e falou: "ah, vocês são gêmeas?". E a gente não se parece nem um pouco. E eu fiquei assim… [risos] a gente ficou calada. Deu vontade de falar tipo… era pra falar assim: "e vocês dez [risos] são gêmeas? Porque vocês dez tem o cabelo liso e olho azul?". É uma coisa muito, tipo, eu tava me deparando com essas coisas [inaudível]. Mas assim, em geral, assim, em relação… eu acho que a mulher… as mulheres negras de cabelos crespos… eu acho muito bacana a questão de assumir. Né? Assumir de formas diferentes e penteados diferentes todas as opções que você tem né?

Lurdes (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Quando você olhava para pessoas que tinham o cabelo como o seu, o que que você costumava pensar sobre pessoas negras que é… que tenham cabelo crespo, cacheado? Como que isso foi ao longo da sua vida? Assim, na infância, como você observava essas pessoas? Na adolescência. Você pode falar também de um grau de proximidades que você teve ou não com pessoas negras que tinham o cabelo assim, enfim.

Entrevistada: Aham. Olha, eu vou te falar assim, que *na minha escola eu não lembro de terem pessoas negras.*[35] Pra você ver, né? Eu estudava em escola religiosa… sei lá, coisa de frei-... lá em [Nordeste do Brasil], por exemplo, uma escola de freira, e eu não lembro de ter uma outra criança negra na minha escola. Entendeu? Então, assim, eu acho que no fundo eu tinha um pouco de medo de ser… eu achava que as pessoas olhavam pra mim e achavam que eu deveria ser um menino. Era um dos *meus medos*… e a outra é que eu achava que *poderiam achar que eu era filha de empregada*[36]… também, era outra coisa. Porque a minha empregada a [nome da

[35] Nilma Lino Gomes (2003): "É importante lembrar que a identidade construída pelo negro se dá não só por oposição ao branco mas, também, pela negociação, pelo conflito e pelo diálogo com este. As diferenças implicam processos de aproximação e distanciamento. Nesse jogo complexo, vamos aprendendo, aos poucos, que as diferenças são imprescindíveis na construção da nossa identidade." Se na escola de Lurdes não havia pessoas negras, como há esse processo de aproximação e de distanciamento?

[36] Para compreender o medo de Lurdes de ser confundida com a filha da empregada é preciso saber que é uma lógica transcende a questão racial. O estudo de Bruschini (2007) ajuda a entender. A autora diz que: "O trabalho

empregada], que foi que teve com a gente a vida toda, ela era preta porque ela tem [inaudível] enroladinho, e ela, assim, *é xodó*. Mas eu lembro disso ser uma questão quando eu era pequena, porque eu achava que isso poderia ser. E realmente a gente indo lá em [Nordeste do Brasil], depois a gente foi morar nos [América do Norte], e também não tinha outra pessoa. Ali era então… era mais estranho pra todo mundo, mas a gente era latina, era brasileira, era outra coisa. Agora, eu acho que isso foi muito pouco, assim… não foi uma coisa que me marcou como sendo… entendeu? É… por questão muito de eu acho que foi durante uma idade pequena minha, assim, que eu achava que era isso, que eu era insegura e ficava com medo de ser relacionada a uma coisa que eu não, achava que eu não era. Então...eu não sei se eu respondi direito assim… [risos] a pergunta. [risadas] se tem mais [...]

Entrevistadora: Não, é uma pergunta aberta. É mais isso… é… é… entender o olhar de uma mulher branca com o cabelo cacheado direcionado a outras mulheres…

Entrevistada: Uhum.

Entrevistadora: …só que às mulheres negras com cabelo cacheado.

Entrevistada: Ah, e é… pois é, e eu acho talvez isso tenha sido numa primeira infância, depois isso não passou a ser um… depois não passou a ser uma questão, eu nunca me senti… e na verdade eu sempre achei muito bonito, eu sempre achei… depois, mais velha, eu achava lindas as mulheres negras. Então, assim, era uma coisa assim, que eu até hoje em dia eu penso assim: "poxa, eu queria que ele fosse [inaudível], com mais volume, maior". Eu queria que meu cabelo fosse crespo mesmo, então, eu acho que eu passei hoje, né? A sumir esses fantasmas que eu acho que quando eu era pequena eu poderia me associar, eu poderia me trazer insegurança.

Julia (mulher branca mais de 50 anos)

Entrevistadora: Ao longo da vida assim você como uma mulher branca, com o cabelo bem cacheado é... o que que você pensava, o que você se lembra de pensar ou que você lembra em relação a mulheres negras com o cabelo parecido com o teu, com cabelo crespo, com cabelo cacheado?

Entrevistada: Ah, eu às vezes eu falo "meu Deus, eu queria que meu cabelo fosse mais volumoso ainda", aí às vezes eu boto, eu já usei muito lenço, muito pano, hoje em dia eu uso menos né, mas não quero deixar de usar, porque fica parecendo que depois de uma determinada idade você não pode ter cabelo cumprido, você não pode, eu adoro assim as meninas do baile charme que usa assim aqueles lenços na cabeça, acho aquilo lindo, e eu falo assim, no outro dia foi até numa exposição a menina estava na porta com aquele cabelo assim, eu acho muito lindo aquilo sabe. Mas nem sempre fica bem, nem sempre a pessoa gosta e é diferente e eu acho que a gente está num momento de afirmação disso, de afirmação dessas diferenças, de Black Power pô, eu acho um barato aquilo, acho que dá uma presença né. Ai, mas às vezes, por exemplo, no outro dia eu participei de uma entrevista, falei "gente meu cabelo tá horrível", porque hoje ele tá até mais ou menos, aí eu falei "gente eu não fiz nada no meu cabelo", ai vi assim a imagem ai fiz assim meu Deus do céu [risos], mas eu acho lindo o cabelo, o cabelo volumoso, eu acho muito bonito e eu acho uma liberdade para essas pessoas que não se deixam capturar né por esse determinado tipo de padrão.

Os depoimentos acima referem-se a mulheres brancas com mais de 50 anos. Lucia, ao ser perguntada sobre o que costumava pensar sobre mulheres negras, respondeu que isso é algo mais recorrente nos dias atuais devido a chegada de uma irmã adotiva que é negra. Diz que só lançou seu olhar sobre a beleza do cabelo da mulher negra quando observou seu próprio cabelo e começou a entender os diferentes tipos de cachos. Frisa que em sua infância no Brasil não se valorizava as mulheres negras, que eram tratadas como objetos; uma beleza que só era exaltada no carnaval. Ressalta que *mulheres negras eram invisíveis no mundo em que cresceu* e que as

doméstico, ou seja, o emprego doméstico remunerado, é o nicho ocupacional feminino por excelência, no qual mais de 90% dos trabalhadores são mulheres. Ele se manteve como importante fonte de ocupação, praticamente estável até 2005, absorvendo 17% da força de trabalho. Esse percentual tem diminuído no tempo, uma vez que em 1970, absorvia mais de 1/4 da mão-de-obra feminina (Bruschini, Lombardi, 2001). A ocupação de trabalhadora doméstica ainda representa nos dias de hoje oportunidade de colocação para mais de 6 milhões de mulheres no mercado de trabalho brasileiro e é considerada precária em razão das longas jornadas de trabalho desenvolvidas pela maioria das trabalhadoras, pelo baixo índice de posse de carteira de trabalho (apenas 25% delas) e pelos baixos rendimentos auferidos (96% ganham até dois salários mínimos)."

únicas mulheres negras em sua vida foram as que trabalharam na casa sua mãe e de sua avó. Diz que na verdade seu olhar sobre a beleza das mulheres negras só ocorreu quando foi para os Estados Unidos, onde viu pessoas em sua diversidade se orgulhando de suas belezas.

Glória diz que saiu do Brasil com 20 anos de idade e foi para [Europa], percebe ter sentido uma diferença muito grande notadamente no início dos anos 90. Chamava atenção ver mulheres negras assumindo seus cabelos, fazendo menos alisamento e usando mais seus cabelos afros. Diz que nos 15 anos em que ficou fora o Brasil mudou muito e que achou bacana, opina que na [Europa] os negros se assumem mais, mas pontua que talvez haja menos negros lá do que no Brasil. Frisa que acha muito interessante esse processo de mulheres negras que assumem seus cabelos crespos.

Lurdes se recorda de sua época escolar onde não havia pessoas negras em sua escola. Confessa que na infância tinha *dois grandes medos*: de que achassem que ela era um menino devido ao seu cabelo crespo e curto; e, o medo de que achassem que ela era filha da empregada por terem cabelos parecidos. Por fim, diz que esses fantasmas sumiram e que mais velha passou a achar lindas as mulheres negras e que queria que seu cabelo fosse ainda mais crespo.

Sobre esse medo de Lurdes em ser confundida com a filha da empregada, Melo, Considera & Sabbato (2007) pontuam no Brasil as relações são agravadas pelas enormes desigualdades sociais e que "as empregadas domésticas são um exército de mulheres pobres, com baixa qualificação, custos baixíssimos e representam o maior contingente de trabalhadoras do país. A existência dessas trabalhadoras possibilita que a prestação, pelas mulheres, dos serviços domésticos não seja interrompida e continue sobre os ombros femininos" (MELO, CONSIDERA & SABBATO, 2007, p.437)

Bruschini & Lombardi (2001) dizem que:

> Se na distribuição dos rendimentos dos trabalhadores e das trabalhadoras brasileiras considerarmos também a influência da raça/cor, poderá se perceber, em primeiro lugar a situação desfavorável dos trabalhadores da raça negra no mercado de trabalho e, em segundo, a posição duplamente desfavorável das mulheres negras. Num contínuo decrescente de rendimentos, os homens brancos vêm em primeiro lugar, seguidos das mulheres brancas, dos homens negros e, finalmente, das mulheres negras. Dados de 1999 revelaram que na região metropolitana de Salvador – onde 81% da população economicamente ativa é negra – ganham mais de cinco salários mínimos, 45% dos brancos, 32% das brancas, 19% dos negros e 9% das negras. Na região metropolitana de São Paulo, 51% dos homens brancos ganhavam mais de 5 salários mínimos, 34% das mulheres brancas e apenas 28% dos homens negros e 10% das mulheres negras. (BRUSCHINI & LOMBARDI, 2001, p.182)

Aqui deve-se apontar para a *função do cuidar* recaindo sobre as mulheres. Bento (2002) afirma que é importante destacar outro elemento que está na gênese das questões raciais no

Brasil: o medo. Diz a autora que a "forma de construção do Outro a partir de si mesmo, é uma forma de paranoia que traz em sua gênese o medo. O medo do diferente e, em alguma medida, o medo do semelhante a si próprio nas profundezas do inconsciente." (BENTO, 2002, p.7). A autora faz referência à obra "Onda negra, medo branco" (1987) de Célia Marinho de Azevedo em que o ideal do branqueamento nasce do medo, onde busca-se resolver o problema de um "país ameaçador, majoritariamente não-branco." É possível perceber na fala de Lurdes um certo reconhecimento do que poderia ser um pensamento ou atitude racista, mas há também uma negação. O que remete às questões de Gomes (2005) ao observar os dados da campanha "onde você guarda o seu racismo?", nesta campanha "as pesquisas de opinião pública revelam que 87% da população reconhecem que há racismo no Brasil. Mas 96% dizem que não são racistas. Assim, chegamos a um dos pontos-chave da nossa campanha: existe racismo sem racista?" (GOMES, 2005)

Sobre esse reconhecimento de atitudes racistas, Grada Kilomba (2010) retoma as colocações de Paul Gilroy onde o branco se torna consciente de sua própria branquitude e do seu próprio racismo. Há um processo de: recusa/ culpa/ vergonha/ reconhecimento/ reparação. Então Kilomba (2010) reescreve as colocações de Gilroy, a se saber de cada momento deste processo:

> *Recusa*: através da recusa em admitir os aspectos mais desagradáveis da realidade externa, bem como sentimentos e pensamentos internos. Esta é a recusa em reconhecer a verdade.
> *Culpa*: a emoção que segue a infração de uma injunção moral. Este é um estado efetivo no qual o indivíduo vivencia o conflito de ter feito algo que acredita que não deveria ser feito, ou ao contrário, de não ter feito algo que acredita que deveria ter sido feito.
> *Vergonha*, por outro lado, é o medo do ridículo, a resposta ao fracasso de viver de acordo com o ideal de seu próprio ego [...] a vergonha ocorre quando o indivíduo falha em atingir um ideal de comportamento estabelecido por si mesmo(a).
> *Reconhecimento* segue a vergonha; no momento em que o sujeito *branco* reconhece sua própria branquitude e/ou racismo.
> *Reparação* então significa a negociação do reconhecimento. O indivíduo negocia a realidade.
> (KILOMBA, Grada, 2010, p.178)

Por fim, Kilomba (2010) afirma que é importante que ao invés de fazer a pergunta moral "Eu sou racista?" e esperar uma resposta conveniente, o sujeito *branco* deveria se perguntar "Como eu posso desmantelar meu próprio racismo?" e esta pergunta por si só já inicia o processo descrito acima. (KILOMBA, 2010)

Julia diz que queria seu cabelo ainda mais volumoso, que sempre usou lenço e pano. Diz observar e adorar as meninas que dançam em bailes charme, adjetiva dizendo que acha lindo. Diz que estamos no momento do Black Power e que é uma coisa linda o cabelo volumoso representando a liberdade. Esse olhar de Julia parece o que Lélia Gonzalez (1984) fala sobre a

força simbólica, e que em alguns momentos a mulher negra se transforma em uma rainha, como o que ocorre durante o carnaval, nos desfiles das escolas de samba. Há uma exaltação, a mulher perde seu anonimato, se torna desejada, há um endeusamento.

Vale destacar alguns pontos, como o fato de algumas entrevistadas mudarem sua forma de ver o cabelo (e sua associação racial) quando passaram a morar ou no período em que moraram fora do Brasil tendo que lidar com outras formas de pensar e de vê-las. Para boa parte delas, as mulheres negras estão associadas aos serviços domésticos, com exceção de Eduarda que tem mulheres negras como alunas. Também é possível notar uma ligeira preocupação em dar o que seria a "resposta certa", ou nas entrelinhas evidenciar que nunca teve pensamentos ou atitudes que soassem racistas, assim acabam por desenvolver narrativas de exaltação aos negros.

Eduarda (mulher branca menos de 40 anos)

Entrevistadora: [...] é… que que você pensava, assim, ou o que que você pensa em relação as mulheres negras ou pessoas negras que tem o cabelo cacheado, crespo? Como é que foi o teu olhar em relação a essas pessoas assim? E o que que você lembra de ouvirem falar sobre essas outras pessoas?

Entrevistada: É… essa pergunta que você fez foi até uma coisa que veio na minha cabeça agora. É… essas meninas [suas alunas] que me ajudaram com o meu cabelo são meninas negras. Foram elas que me ensinaram [...] Meninas negras que chegaram pra mim e falaram sobre o cabelo. Mas assim, o que eu ouvia falar, né? Hoje em dia, não sei. Eu hoje em dia eu não ouço ninguém muito falando do cabelo da outra pessoa, na verdade assim. Eu não sei se é porque as pessoas não reparam mais ou se porque não se fala mais por acreditar que é politicamente correto não falar sobre, mas as pessoas continuam com as críticas na cabeça delas sobre o cabelo. Tirando os meus pais que são pessoas, né? Mais velhas, eles continuam fazendo comentários pro cabelo. [...] Mas, na escola tinha aquela questão das meninas negras nem estarem naquela história do ranking. É… enfim, das meninas, né? Sei lá, namoráveis ou bonitas da escola, qualquer coisa assim. Tem também a questão de que na escola as meninas negras eram meninas que simplesmente prendiam o cabelo duma maneira, assim, muito puxada pra trás, a gente não tinha noção dos cabelos, assim… eu não sabia qual era o tamanho do cabelo delas. Essa minha amiga que tem o cabelo crespo, e que eu fui com ela no Beleza Natural, ela não usava o cabelo dela. Hoje em dia ela usa o cabelo dela natural. Mas na época ela não usava o cabelo natural, ela fazia acho que um permanente pra deixar aquele cachinho, né? Bem formadinho assim no cabelo. [...] Das minhas alunas na escola o que eu percebo muito é que as meninas que tem o cabelo muito crespo, elas continuam usando o cabelo muito preso, muito controlado, elas não deixam o cabelo no formato natural do cabelo. As meninas que se sentem mais confortáveis pra fazer isso são as meninas que tem aquele cabelinho mais cacheado, que tem realmente o cachinho no cabelo, são essas meninas. [...] Eu não sei de nenhuma menina que tem o cabelo cacheado lá na escola que alise o cabelo. Eu converso muito com elas sobre isso, né? Eu vejo meninas de cabelo crespo que ainda alisam, é… ou alisam ou então deixam o cabelo muito, muito apertadinho, assim, muito controlado. [...] O que eu já soube é de professor[37] que chegou pra aluna e falou que com aquele cabelo ela não ia conseguir um emprego. Isso eu ouvi uma aluna… é… uma aluna negra… [inaudível]... só que… [...] então, essa menina é uma menina negra que tem o cabelo crespo, eu tenho quase certeza, se eu não tiver enganada, mas na época que o professor criticou, ela usava trança. Ela fez uma trança, e aí no dia que o professor chegou pra ela e falou… é um professor extremamente preconceituoso, extremamente preconceituoso. E falou pra ela na aula que ela precisava mudar o cabelo porque senão ela não ia conseguir

[37] Nilma Lino Gomes (2003): "[...] e existem diferentes e diversas formas e modelos de educação, e que a escola não é o lugar privilegiado onde ela acontece e nem o professor é o único responsável pela sua prática. Essa reflexão é importante para se pensar os processos educativos, quer sejam escolares ou não-escolares. [...] Elas também precisam ser estudadas nos processos de formação de professores. [...] Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável quando discutimos, nos processos de formação de professores, sobre a importância da diversidade cultural? [...] Essa demanda já foi transformada em lei, a Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que altera a Lei 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Essa nova lei inclui no currículo oficial dos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e particulares, a obrigatoriedade do ensino da "história e cultura afro-brasileira"

emprego. Mas essa menina, ela é zero influenciada… zero, zero. Quando ela tirou a trança ela raspou a cabeça, [risos] e também foi criticada porque raspou a cabeça. E aí ela foi criticada porque raspou a cabeça, ela pintou o cabelo de loiro, e depois pintou o cabelo de vermelho. Ela não… zero, ela faz a… zero, assim, a menina incrível. E hoje em dia ela faz faculdade na [Universidade Estadual], ela faz um curso lá na [Universidade Estadual]. Mas eu acho que… eu tenho a impressão de que as redes são muito importantes em relação ao cabelo. O pessoal da minha idade…que é o pessoal de trinta e poucos anos, né? A gente não teve essa rede na escola, e eu também não acho que a gente teve essa rede na faculdade. A gente de repente vai ter essa rede quando a gente sai, e dependendo do ambiente que a gente se insere. Eu, por exemplo, fui entrar numa rede de cabelo cacheado quando eu comecei a dar aula numa escola pública. É… e eu não sei como as outras meninas, essa minha amiga, foi um pouco depois que ela se estabeleceu, inclusive ela é militar, ela fez o concurso militar, mas ali naquele ambiente ela conseguiu ser empoderada do cabelo dela, mesmo estando dentro de um ambiente militar [...] hoje em dia eu vejo a escola como um ambiente de rede de cabelo… Também assim… essa escola que eu trabalho é uma escola que tem isso, mas… provavelmente é porque é uma escola que tem muitas meninas negras… muitas, muitas mesmo. É… de repente numa escola de maioria branca… de repente não vai ter esse espaço, mas eu acho que a gente é o ambiente assim, que pode ser escola, por exemplo, essa escola que eu trabalho; pode ser a faculdade dependendo do curso que você faça [...], mas eu acho que tem a questão da gente ir ampliando a nossa rede. Quanto mais a nossa rede amplia e quanto mais a gente conhece pessoas diferentes [...] onde a gente menos espera, assim, eu nunca ia esperar que eu fosse tomar conta do meu cabelo sendo uma professora, entrando numa escola assim, e dando aula pra meninas negras. Nunca pensei que isso fosse acontecer comigo. E foram elas as pessoas, eu diria que foram elas as protagonistas desse momento, assim, que elas me deram apoio, eu chegava na escola: "professora, tá muito legal o cabelo hoje". [...] eu acredito que essa coisa da internet mudou muito o que é a escola hoje em dia, assim, a escola virou outra coisa, outra coisa em vários âmbitos assim. E na minha época de escola não tinha essas questões, não eram trazidas essas questões pra escola. Muito também porque a minha escola é uma escola pública de elite, eu não tinha professoras negras, eu quase não tinha professora mulher. A maioria dos meus professores eram homens brancos e eu tinha poucas professoras mulheres, e quando eram mulheres eram brancas. Apesar de hoje em dia ser muito assim ainda, né? Na escola que eu trabalho apesar de ser uma escola pública… é… do estado, que é uma rede muito maior, e que em teoria abraça muito mais professores, muito mais profissionais… a minha escola tem acho que três professoras negras. E um professor negro, um homem negro como professor. E de mulher, tem muito pouca mulher também dando aula nessa escola. São pouquíssimas. E aí, eu acho que vai muito… disso, assim, de quem é nossa rede. Na minha escola tem uma coisa também, eu falo muito, tá? [risos] Na minha escola tem uma questão das merendeiras, as merendeiras são todas negras e elas cuidam muito das meninas da escola, o pessoal da cozinha. Eu não sei se falam sobre cabelo, mas essas mulheres quando eu vejo elas trabalhando elas estão todas com a touquinha, né? Porque elas trabalham dentro da cozinha. Mas eu já vi elas chegando na escola com o cabelo lindo e maravilhoso, cacheado, crespo. Eu acredito que elas podem também ter algum tipo de conversa com essas meninas, porque elas ajudam muito as meninas em vários sentidos, elas conversam muito com as meninas da escola e de repente tem alguma coisa em relação ao cabelo. As mães dessas meninas são… eu já vi reunião de pais, né? São mulheres com o cabelo cacheado... as mães. É… óbvio que tem… eu acho que tem mais mães de cabelo liso alisado do que as alunas, né? Já vi aluna que tem o cabelo cacheadão e a mãe com o cabelo liso, já vi isso. Mas, as mães são mães de cabelo cacheado… e crespo, não só cacheado, também com o cabelo crespo.

O depoimento acima é referente a uma mulher branca com menos de 40 anos. De início Eduarda já pontua que quem ajudou no reconhecimento e tratamento de seu cabelo foram meninas negras, suas alunas na escola em que trabalha. Diz que hoje não vê muitas pessoas falando do cabelo umas das outras, muito devido ao “politicamente correto”. Nota que entre suas alunas negras as meninas com os cabelos mais crespos costumam fazer penteados com cabelos presos, controlados; as meninas negras que usam seus cabelos de forma mais “livre”, “confortável” são as que tem os cabelos mais cacheados, observa Eduarda. Eduarda opina e destaca que as redes são muito importantes para que a pessoa possa ter uma boa relação com seu cabelo, diz que a geração que hoje está chegando aos 30 anos não teve essa rede nem na escola nem na faculdade. Pontua que a escola é um espaço onde se estabelecem essas redes de

apoio e que uma escola com muitas meninas negras fortalece esses laços, diz que atualmente com a força da internet tudo mudou e muitos assuntos passaram a fazer parte da rotina escolar. Reflete que não teve professoras negras e ainda destaca o papel das merendeiras no cuidado principalmente das alunas negras.

Aqui é importante resgatar o estudo de Santos (1983) em que o negro aparece no imaginário como o feio, o sujo, o exótico enquanto o branco aparece como o aristocrata, o elitista, o poderoso. Nos depoimentos acima é possível perceber uma diferenciação no olhar das mulheres mais velhas e da mulher mais jovem. Algumas mulheres mais velhas relatam que suas memórias sobre as mulheres negras eram basicamente daquelas que trabalharam em suas casas. Uma das entrevistadas inclusive diz que um de seus grandes medos era ser confundida com a filha da empregada (devido à semelhança dos cabelos). Observam que não havia negros em sua escola na infância e que só foram se atentar para a beleza das mulheres negras quando passaram a morar fora do Brasil, passando a valorizar traços da identidade negra (inclusive fazem questão de enfatizar essa valorização). Já na fala da mulher branca mais jovem há a percepção da força do "politicamente correto", de modo que não vê mais tanto comentários negativos sobre os cabelos. Por ser uma mulher com mais de 30 anos parece viver no limbo das gerações mais velhas e mais jovens, recebendo influências desses dois grupos.

5- SOBRE OS PROCESSOS IDENTITÁRIOS

5.1. Relatos de dor

> "Eu era tipo a minoria, né? Na sala assim e eu via que, às vezes, algumas pessoas não se aproximavam e eu via que, que era aquilo sabe? Já escutei coisas de sentar na frente ali da sala de aula e meu cabelo tá tampando a visão do quadro e também já senti que as pessoas não se aproximavam de mim, tipo, por isso."

Logo de início é necessário se destacar que nos processos identitários, a cor da pele compõe imaginários que levam a sociedade a ter algumas constatações, como aspectos morais, intelectuais, realidade social. Devemos aqui adentrar no conceito de 'identidade' para melhor compreendê-lo.

Stuart Hall (2005) afirma que na contemporaneidade a identidade está em constante movimento (sempre sendo formada) e sua formação atravessa relações de gênero, classe, etnia, faixa etária, dentre outros. Hall (2005) diz que o sujeito assume identidades diferentes em distintos momentos e tais identidades não são unificadas em um 'eu' coerente. Para Woodward (2000) as diversas identidades que assumimos passam por conflitos e tensões entre si. Sodré (1999) corrobora que a identidade de um indivíduo é estabelecida a partir do reconhecimento de um "outro", ou seja, a partir de uma representação. Dessa forma, reafirma Woodward (2000), a identidade é relacional e também "é um processo sempre negociado renegociado, de acordo com os critérios ideológicos-políticos e as relações do poder" (MUNANGA, 2004, p. 118).

Gomes (2012) compreende que a identidade é um conceito vital para os grupos que a reivindicam, funcionando como um "nós" coletivo. É um instrumento de visibilidade para grupos que foram marginalizados e submetidos a um apagamento histórico. Assim, "a identidade não é inata, é uma forma de ser no mundo e nas relações, partindo de uma construção sócio-histórica, e não de uma essência. A ênfase na identidade resultaria da ênfase na diferença." (DE PAULA, 2017, p. 2) Identidade também é interação, nenhuma identidade é construída no isolamento, faz-se necessário o reconhecimento do outro (o conceito de identidade será trabalhado melhor no próximo capítulo).

Quando começa a se dar a valorização dos traços negróides, temos que em relação aos cabelos, a aceitação de suas formas naturais ocorre pela chamada transição capilar. Para muitos negros e negras a transição capilar simboliza um ato político frente aos padrões estéticos e sociais, é a forma em que (re)afirmam e reconhecem sua identidade. É um instrumento de visibilidade para grupos que foram marginalizados e submetidos a um apagamento histórico.

Segundo Gomes (2003), é no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais, na medida em que vivenciam diferentes instituições ou agrupamentos sociais. Assim, reconhecer-se em uma identidade pressupõe o pertencimento a um grupo social de referência. As identidades estão sempre em processo, sempre sendo formadas, sempre em andamento.

> Não é um tópico simples a questão de como uma mulher negra deveria ou não usar seus cabelos. A questão principal da reflexão não é afirmar como se faz para ser mais ou menos negra, mas sim, refletir sobre as imposições raciais e de gênero feitas, seja afetivamente, institucionalmente, simbolicamente ou socio-economicamente aos corpos e cabelos crespos ou cacheados de mulheres negras, sem que possam ter escolha, seja ela simbólica ou não, como acontece nas constantes recusas de ofertas de emprego às mulheres sob justificativa de não terem a aparência capilar adequada. No Brasil, o embranquecimento da população foi institucionalizado, nos séculos XIX e XX, por legislações e políticas públicas, no sentido de trazer imigrantes europeus para embranquecer a população para que os traços negroides fossem eliminados ao longo dos anos pela miscigenação, tornando-a assim, progressivamente com o clareamento da pele, "mais civilizada". Nesse contexto, a identidade negra assume caráter não apenas subjetivo e simbólico, mas político, por compreender uma tomada de consciência da exclusão de um grupo racial da participação na sociedade que ajudou a construir através do trabalho escravo, além de toda a contribuição cultural, política, econômica e social dada pela população negra (GOMES, 2012 apud DE PAULA, 2017, p. 4).

> Segundo Munanga (1994), é difícil conciliar a projeção ideológica do país por estar presa nas malhas do mito da democracia racial. Ao falarmos sobre a questão racial no Brasil, em específico, tocamos em um campo mais amplo. Falamos sobre a construção social, histórica, política e cultural das diferenças. É o que chamamos de diversidade cultural. A diversidade cultural está presente em todas as sociedades e a questão racial brasileira localiza-se dentro do amplo e complexo campo da diversidade cultural. Por isso, refletir sobre a questão racial brasileira não é algo particular que deve interessar somente às pessoas que pertencem ao grupo étnico/racial negro. Ela é uma questão social, política e cultural de todos(as) os(as) brasileiros(as) (GOMES, 2012 apud DE PAULA, 2017, p. 5)

Por isso, é muito relevante se estudar as representações e os imaginários dos negros na sociedade. Exatamente por isso nos interessamos por uma observação que coloque a relação dos negros com seu cabelo no centro da análise. O cabelo carregado de tantos significados é fundamental nesse processo tanto de negação quanto de aceitação. A negação de si mesmo é estabelecida porque há uma vergonha de ser o que se é. A aceitação de si mesmo é estabelecida porque há um orgulho de ser o que se é. Na vida das pessoas negras os sentimentos de vergonha e orgulho muitas vezes giram em torno de sua identidade racial. São inúmeros momentos da vida dos negros em que esses processos podem ser percebidos, como por exemplo: ser o primeiro membro da família a entrar para a universidade e se ver perdido entre dois mundos; ter alguma ascensão social (o filho de empregada que passa a ter empregada); a escolha entre

seus amores, com quem convivem e se deitam (suas amizades e parceiros sexuais); a constante sensação de não pertencer a determinados espaços; dentre infinitos outros momentos.

É importante destacar que quando se refere aos cabelos, na relação de dominância entre brancos e negros, o cabelo dos brancos sempre foi associado a representações e imagens de beleza padrão, ideal, era o cabelo 'bom', o cabelo liso geralmente foi tido como o 'cabelo correto', o que todos deveriam ter, para serem considerados belos, limpos, organizados, aptos a um bom emprego, era o cabelo apresentável. Enquanto que o cabelo crespo ou cacheado dos negros era associado a representações e imagens que remetiam ao sujo, ao desorganizado, ao bagunçado, que deveria sempre estar preso ou trançado.

> [...]os cabelos rebeldes, soltos e descuidados podem expressar independência ou mesmo relutância às normas sociais, como é o caso de líderes religiosos, profetas, rastafaris. É muito comum encontrarmos entre os/as docentes a presença de relatos que associam os cabelos rastafaris e a estética dos integrantes do movimento hip-hop à sujeira e à marginalidade (NARÔ, 2013 apud SANTOS MATOS, 2015, p.22)

Assim, sempre houve um imaginário social voltado para a questão do cabelo e de como este se apresenta, muitos negros ao longo da história 'negaram' seu cabelo no intuito de buscar algo que se encaixasse ao padrão exigido, o que torna essa discussão tão central em nosso estudo. Ou seja, muitos negros (notadamente mulheres negras) ao longo da história buscaram alisar seus cabelos como forma de se inserir na sociedade, buscavam uma forma de inclusão social. Estamos falando do sentimento de vergonha. 'Se é feio ser do jeito que sou então devo me envergonhar. Devo mudar. Devo me parecer com o que é bonito.' É um sentimento de vergonha tão recorrente e revisitado que evocava a preocupação de que pudesse ocorrer algum evento que fizesse o cabelo voltar a sua textura original: era o medo de molhar, de chover, de ventar muito ('choveu, cabelo encolheu'). Junto da vergonha sentida havia o medo de ser objeto de gozação, de piada, de escárnio dos outros ao redor, o cabelo voltar a ficar crespo era um grande motivo de piada.

O projeto colonial de embranquecimento da população brasileira, onde o racismo estrutural incide sobre a estética negra, resulta na "ideologia do alisamento compulsório" (alisamento dos cabelos crespos), um instrumento de dominação e de propagação do racismo estrutural. (CHAVEIRO E MINELLA, 2017). Devo dizer isso aqui com toda cautela, uma vez que esse tema é absolutamente complexo, é evidente e também importante frisar que cada um faz com seu cabelo aquilo que deseja fazer, não me refiro exatamente àqueles que alisam seus cabelos por um apreço pessoal. Refiro-me àqueles que alisavam ou alisam o cabelo para se adequarem a um determinado padrão imposto socialmente, associado diretamente aos imaginários e às representações criadas pelos espaços dominantes, refiro-me aos negros para

quem ter cabelos alisados não eram uma opção e sim uma quase obrigação para que pudessem se enquadrar no padrão de normalidade e aceitação.

Importante destacar que nem sempre as imposições sociais foram aceitas passivamente pelos negros. Segundo Gomes (2003), muitos negros buscaram uma reinterpretação de suas práticas políticas e um novo sentido de suas práticas culturais. Isso significa que, para a autora, a intenção dos negros em mudarem o cabelo é a de deixar a posição de subalternidade e inferioridade, além é claro de uma busca por autonomia, em ser donos de seus próprios cabelos, suas próprias imagens e suas próprias representações, usando seus cabelos crespos, cacheados, naturais, encontrando uma nova forma de identidade. É evidente, porém, que o fato de haver quem resista aos padrões impostos não significa que a injúria racial e a discriminação estejam menores.

Há um movimento estético-político com a finalidade de subverter a subalternidade e marginalidade negra. Temos, portanto, a estética como ferramenta de negação ao racismo e ao padrão de beleza eurocêntrico. Tudo isso nos faz retomar os movimentos Black Power e Black Is Beautiful nas décadas de 1960 e 1970, que também tiveram impacto no Brasil e foram fundamentais para a (re)afirmação da identidade negra e dos traços negróides. Aqui, ao contrário da vergonha e da negação, coloca-se o sentimento de orgulho como forma de reverter o imaginário do "negro feio", assim grita-se: "negro é lindo".

Segundo Gomes (2003), é no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais, na medida em que vivenciam diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Assim, reconhecer-se em uma identidade pressupõe o pertencimento a um grupo social de referência. O fato é que, segundo a autora, somos sujeitos de múltiplas identidades que ora são atraentes ora são descartáveis; são, portanto, transitórias, de caráter instável, histórico e plural. As identidades estão sempre em processo, sempre sendo formadas, sempre em andamento. Quanto a identidade negra particularmente, a autora afirma que

> Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente tal processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. (GOMES, 2003, p.171)

O cabelo acaba fazendo parte desse processo, sendo um fundamental símbolo identitário, uma vez que todas as culturas tratam e manipulam seus cabelos com simbologias

que diferem umas das outras. Vale ressaltar que há uma vasta história em torno da manipulação do cabelo negro, uma história ancestral e uma memória. Ao estudar e nos aprofundar nessa história podemos inclusive resgatar muitas semelhanças entre as técnicas de manipulação do cabelo realizadas atualmente pelos negros e as técnicas que eram usadas por seus ancestrais africanos, mesmo tendo mudanças tecnológicas ao longo do tempo, muitas práticas que não se perderam com a diáspora.

> Negritude é: identidade, fidelidade, solidariedade. Dizer-se negro é esvaziar uma palavra de seus aprisionamentos pejorativos e ressignificá-la como fonte de orgulho. A importância das declarações de raça negra a partir dos cabelos naturais nos grupos estudados se dá porque asssumir a negritude é assumir também o desprezo, neutralizar as agressões e desenvenenar a cultura para transformá-la em fonte de orgulho ao recarregá-la com um novo sentido. Negritude como operação de "desintoxicação semântica" e de "constituição de um novo lugar de inteligibilidade da relação consigo, com os outros e com o mundo." (CÉSAIRE, 2010 apud DE PAULA, 2017, p. 6)

Temos que o processo de (re)afirmação da identidade negra é absolutamente complexo e passa pela aceitação dos atributos físicos da negritude antes mesmo dos atributos culturais, psicológicos, morais, uma vez que o corpo é a sede material dos aspectos da identidade. (MUNANGA, 2012) Não se trata, porém, de se afirmar como mais ou como menos negro, mas sim de se livrar das exigências e imperativos raciais impostos socialmente sobre os corpos negros.

Quando se fala sobre cabelo e identidade um termo que comumente aparece associado é o de empoderamento. Nas mídias, propagandas, comerciais, movimentos sociais é cada vez mais comum vermos o uso do termo empoderamento, por isso tenho interesse aqui por introduzir uma pequena discussão acerca deste conceito. Para tal, devemos de antemão atentar para o fato de que a temática do "empowerment" passou a ganhar destaque e maior utilização na segunda metade do século XX, acompanhando os movimentos emancipatórios e de lutas pelos direitos civis nos Estados Unidos. E é nesse contexto que a busca pelo empoderamento dos negros, notadamente através da estética, entra em questão. (GODOGREDO DE OLIVEIRA, SANTOS E TEIXEIRA, 2016)

> De acordo com Carvalho (2004, apud OLIVEIRA, 2008, p. 104), o conceito [de empoderamento] passou por diversas mudanças de interpretação. Nas décadas de 70 e 80, por exemplo, através da psicologia comunitária, se ligava às questões de autoajuda. Já na década de 1990, volta-se às questões relacionadas ao direito à cidadania na esfera social. O autor também destaca que a inexistência do termo nos dicionários e a dificuldade do uso da categoria no país, por não existir uma expressão que traduza exatamente o significado de empowerment, leva algumas pessoas a utilizar o termo em inglês ou, ainda, a adotar o uso do apoderamento ou emancipação. No entanto, o significado desses conceitos é distinto, apoderar quer dizer "apossar-se" "assenhorar-se", diferente de emancipação, que significa "tornar livre". Outra definição apresentada por Kiusam Regina de Oliveira (2008) é apontada pela

> Organização Internacional do Trabalho (OIT), segundo a qual o empoderamento se manifesta através do aumento do poder e da liberdade dos sujeitos excluídos ou subordinados. (GODOFREDO DE OLIVEIRA, SANTOS E TEIXEIRA, 2016, p. 318)

O empoderamento está diretamente ligado a autoaceitação, no caso da identidade negra, está ligado à aceitação da corporeidade negra e dos traços negróides, além da valorização da história e da luta dos negros.

Sardenberg (2006) aponta para algumas questões levantadas por Mosedale (2005) em que: - para se "empoderar" antes é necessário ser "desempoderado"; - ninguém "empodera" o outro, trata-se de algo autorreflexivo, é um "empoderar-se", a si próprio; - o empoderamento está associado a construção de autonomia, de tomar decisões, de assumir o controle; - o empoderamento é um processo e não um produto, não há um empoderamento absoluto, os indivíduos são empoderados em relação a outros, ou então, em relação a si próprias anteriormente. (SARDENBERG, 2006)

Segundo Baquero (2012) o empoderamento está ainda associado a elementos democráticos, participativos e de direitos humanos, mas vai além deles. Relaciona-se a ações de cunho reflexivo com consciência crítica em níveis políticos, econômicos, culturais, interferindo na vida e no cotidiano. Assim, o empoderamento atua nas esferas individuais e coletivas.

> Assim, podemos compreender o empoderamento como um processo de tomada de consciência crítica por parte dos sujeitos, de cunho social e político. Por meio de ações individuais e coletivas, através das quais há um reconhecimento do poder das pessoas, essas últimas passam a lutar para modificar as relações desiguais, discriminatórias e excludentes em sua sociedade. Portanto, acreditamos que o empoderamento está presente na luta dos negros pela igualdade de direitos e oportunidades, na busca pelo reconhecimento da diversidade do corpo negro, por si mesmos e pelos outros. À luz dos nossos interesses, empoderar é ressignificar as relações desiguais e conflituosas de poder, através de uma visão crítica e de ações, para reconhecer, valorizar e auto afirmar a beleza e a estética negra, em suas diversas formas, e no caso específico deste artigo o cabelo negro. (GODOFREDO DE OLIVEIRA, SANTOS E TEIXEIRA, 2016)

Quando nos referimos anteriormente aos movimentos de luta civis do século XX estávamos falando principalmente do movimento Black Power que surgiu na década de 1960 como um movimento político identitário marcado pelo slogan Black is beautiful. Nesse momento o ideário de resistência aos padrões dominantes se fez muito presente e o empoderamento dos negros deixou suas marcas. O Brasil, no entanto, nos anos 60 vivia a ditadura militar marcada por sua censura e sua repressão, então o que chegou ao país como influência dos movimentos nos Estados Unidos foi a estética Black Power, notadamente na música e na moda.

Assim, ocorre que muitas vezes há um esvaziamento dessas lutas e de suas respectivas reivindicações. Ocorre, portanto, uma profunda alienação e reificação, onde os movimentos e suas problematizações são coisificados, aqui remeto aos estudos desenvolvidos por Lukács (1978) acerca das análises marxistas e do fetichismo pela mercadoria, onde tudo é transformado em coisa passível de ser comercializado. Isso faz com que retornemos a nossa temática de estudo que é a estética negra. Assim temos, por exemplo, que

> Num processo de reificação, observa-se que dentro deste nicho específico, o do cabelo crespo, as empresas têm elaborado várias campanhas que abarquem e atinjam estas mulheres, já que os produtos que existiam no mercado eram voltados para tratamentos químicos de alisamento e havia o predomínio desses produtos pós-química e redutores de volume. Conectadas às redes sociais, as empresas perceberam que deveriam produzir para esta nova demanda de mulheres que querem deixar seus cabelos naturais. (BRAGA DOS SANTOS, 2015, p.22)

Quando me refiro às condições de mercado, temos que este é afetado diretamente por sua concorrência, pelas tecnologias, pelo consumo e pela distribuição de produtos. Assim, faz parte dos interesses de mercado a criação de clientes frequentes, ou seja, a fidelização dos clientes. Segundo Cobra (1992 apud WEINSTEIN, 1995, p. 253) o maior desafio da segmentação de mercado é identificar os consumidores homogêneos, que tenham perfis de compra parecidos. Desse modo, uma empresa se esforça para garantir seu produto diversificado, único e que atenda a um determinado nicho e público-alvo, tudo isso fazendo parte de seu plano de marketing.

Agora veremos alguns relatos de dor das entrevistadas:

ENTREVISTAS

Amanda (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Em relação à sua emoção, como você reagiu e o que você sentiu quando você passou por alguma situação de preconceito? Em relação ao seu cabelo especificamente.

Entrevistada: Então, na primeira transição, né? Que foi esse primeiro corte, foi o mais dolorido, assim, pra mim, porque eu tava conhecendo meu cabelo e eu tava ali ainda naquele processo de… me esforçando pra gostar do meu cabelo. Né? Que também não é uma coisa que é automática, né? É um processo. E… eu me lembro que várias vezes eu tava com o cabelo solto assim como eu tô agora inclusive, e aí eu sempre achei feio. E pra mim ir na rua, tipo, era… era o fim. E eu me esforçava muito, eu falava: " não, foda-se". Desculpa. [risadas] não, não é… eu vou na rua assim mesmo e eu não quero nem saber e… claro que as pessoas não tavam nem aí pra mim, mas na minha cabeça tinha um… né? As pessoas olhavam, estranhavam que meu cabelo era de um jeito antes e agora tava diferente. E pra mim isso era muito tipo… era muito forte pra mim, era muito potente ir na rua com meu cabelo assim porque eu, na minha cabeça, eu achava que eu tava bancando ali que eu queria o meu cabelo daquele jeito mesmo eu achando feio, mesmo eu não… não estando feliz, mesmo com a autoestima lá embaixo, mesmo mal assim, me achando a pessoa mais horrorosa do mundo, mas eu pensava assim, tipo: " não, a sociedade injetou que isso tá feio, e aí eu não quero nem saber, mesmo sendo… eu for… em alguma hora eu vou deixar de achar feio". Porque, né? Porque foram, sei lá, 26 anos todo mundo dizendo que é feio, não vai ser agora com 2, 3 que eu vou achar do nada que é bonito. Então, eu me entendi muito nesse processo de forçar as vezes a barra, de me forçar também a… mesmo não achando que tava tão bonito, mas eu pensava: "não, tá bonito sim". E eu acho que isso foi bom. E no início foi mais doído por isso, porque tinham esses comentários mais da minha família, eu acho que o que mais me doía é da minha família, assim, eu não me lembro de pessoas de fora falar que tava feio, assim, não me lembro. Porque também não marcou, mas a minha família eu me lembro de tudo, assim, da minha

mãe, da minha tia falando, né? Aquela fala dela: "nossa, a Amanda agora cismou que é negra". Enfim, esses comentários eram muito doídos pra mim.

Segue Amanda afirmando:

Entrevistada: É... várias vezes, mas eu acho que maioria deles eu não me dei conta na hora e… eu me dei conta depois, assim, quando para pra pensar e… várias vezes assim, de comentários, né? Esses comentários do: "você nem é tão preta assim", "seu cabelo nem é tão ruim assim", é… "ah não, você é parda queimada[38]", né? "você não é…", "você não é preta". Todos eles pra desmerecer um pouco a minha negritude, sabe? Porque ser negro é ruim, então os comentários eram sempre assim, ainda mais quando a gente tem qualquer tipo de traço que não seja considerado um traço "da negritude", né? Que… que… né? Por conta da mistura e tudo mais, eu acho que isso é muito mais forte, essa tentativa de retirar a nossa negritude, porque eu me lembro de vários comentários, assim, eu acho que… deixa eu pensar em alguma coisa. Eu acho que coisas que eu me lembre, assim, que eu pare pra pensar é sempre coisas relacionadas às pessoas próximas falando, assim. Mas clássicos também eu já vivi, do tipo sentir que tem alguém te olhando na loja. Né? Numa loja específica, mesmo você aparen-... você achando que tá com uma aparência OK, né? Que você não tá lá esculhambada nem nada, mas ainda assim, você sente que tem um olhar diferente pra você. No restaurante também [inaudível] vezes mais. É… no meu trabalho eu acho que como eu trabalho num hospital, né? Tem muita… tem muita, né? Pensando assim, sei lá, numa reunião que tem médico, né? E aí a gente sabe que essa categoria profissional, ela tem um recorte de classe muito grande, né? Por conta do próprio processo, né? educacional, enfim. E aí eu sinto que várias vezes nesses espaços eu sou a única mulher negra, né? Numa reunião que tem médico, tem fisioterapeuta, que tem outras categorias e eu me vejo muito nessa coisa de não me… de tá sozinha assim, eu acho que em restaurante também. Em lugares que eu frequento, em geral, eu acho que quando você tem o mínimo de ascensão social ou você começa a frequentar certos lugares, você só vê as pessoas pretas trabalhando, né? Então eu acho que é um sentimento muito estranho. Esse sentimento de de você não se ver, né? Representada ali, né? Com outras pessoas sentadas no restaurante ou se só vê essas pessoas enquanto trabalhadoras. É… eu acho que é isso. Assim, tem umas coisas também que eu acho muito… parece que tão… é… "enraizadas" na gente, do tipo… [inaudível] Uma vez eu tava com um colega e a gente comprou alguma coisa na farmácia e automaticamente a pessoa [o colega] botou na mochila assim, dentro da farmácia, depois de ter pago, ele tava com a nota, enfim. Né? Aquilo me deu uma coisa "não, não faz isso", [risadas] tipo… porque já no automático… [som de pancada gestual] que a gente tá assaltando assim. Mas acho que pra pessoa branca isso nem passa na cabeça dela e é tão… tipo, paguei, foda-se, é meu e eu vou botar aqui na bolsa, mas pra gente pra mim, né? Enquanto uma pessoa preta, tipo, na mesma hora já acha que a pessoa vai desconfiar e que não é uma atitude segura de se fazer, porque as pessoas vão achar que a gente tá roubando.

Agatha (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Já sofreu algum tipo de preconceito em relação ao seu cabelo? E como que você reagiu? E o que você sentiu?

Entrevistada: Ah, eu tive várias situações. Eu não tive uma reação de… na hora, né? É uma coisa que pega em mim quando eu chego em casa, quando eu deito, ou tipo, paro pra pensar que aquilo foi uma coisa ruim relacionada a meu cabelo, né? As pessoas podem falar, às vezes elas acham que nem tão falando por mal, mas tá falan-... De alguma forma afeta. Né? [...] Hoje eu não escuto tanta crítica e eu também não dou ouvidos, mas eu vejo que às vezes eu sou sei lá, essas coisas que aconteceram quando eu era mais nova, foi quando eu era mais nova, eu tive muito mais, eu escutei muito mais crítica. Hoje em dia eu não escuto tanto, mas era uma coisa que me… que pega ainda. Tipo, às vezes eu paro pra pensar assim… algumas coisas, nas situações, do que as pessoas já falaram pra mim foi ruim. Entrevistadora: Uhum. É…você… se entende como uma mulher negra, e além de um preconceito que você diz que já sofreu com o cabelo, você já passou por alguma situação de racismo, é… que seja além do seu cabelo, assim?

Entrevistada: Sim, sobre a minha cor, sobre eu ser preta e acharem que, né? Muita coisa. Meu cabelo, e sobre a minha pele, né? Já sofri [inaudível]. Eu sofri isso na escola pra caramba, por às vezes ser uma das únicas pessoas… tipo, [inaudível] era a única menina negra da sala. Eu era tipo a minoria, né? Na sala assim e eu via que, às vezes, algumas pessoas não se aproximavam e eu via que era aquilo sabe? Já escutei coisas de sentar na frente

[38] Martinez-Alier (1973) escreve sobre os livros de registros em Cuba (no sec. XIX), mas a realidade que observa pode ser cotejada a condição brasileira contemporânea. No sec. XIX em Cuba pessoas mestiças buscavam de todas as formas forjar os livros de registro de batismo para registrar seus filhos mestiços, pardos, como sendo brancos.) Assim, se nos livros de registro de batismo em Cuba, no sec XIX, havia uma tentativa de deixar de ser pardo para tentar se encaixar como branco. Amanda parece fazer o caminho inverso e na condição de “pele mais clara”, mestiça, parda, buscar ser lida como negra.

ali de uma sala de aula e meu cabelo tá tampando a visão do quadro e também já teve… já senti que as pessoas não se aproximavam de mim, tipo, por isso. Se fechavam por isso. É muito ruim, né?

Cintia (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Você falou da infância e dos comentários, do bullying. Mas assim, já nessa fase adulta, assim, tu lembra de alguma passagem de preconceito que você recebeu? Algum comentário em relação ao seu cabelo? Mas assim, eu queria saber bem mais… algo bem mais pessoal, assim, como é que você reagiu e como você se sentiu? Caso isso tenha acontecido.

Entrevistada: Deixa eu vasculhar aqui. [risos] [...] Entrevistada: Cara, eu… é porque isso acontece tantas vezes que meio que se deu um destaque… eu acho que a zueira do colégio, né? De falarem que o meu cabelo parecia um capacete, porque eu usava ele curtinho, alisava, aí passava aquele modelador, aí ele ficava meio assim: cacheado, ondulado, não sei como é que diz, né? Mas aí usava aquele corte asa-delta e ficava a voltinha aqui… Aí sacaneavam, falavam que era cabeça de capacete, mas eu olho assim as fotos: "cara, até que era bonitinha". Mas, o povo não perdoa, né?

Os depoimentos acima foram feitos por mulheres negras com menos de 45 anos. Amanda fala de situações de preconceito que sofreu sobre seu cabelo disse que em sua primeira transição capilar a experiência foi mais dolorosa, que sentia como se tivesse se esforçando para gostar do próprio cabelo. Afirma que a parte mais doída do processo foram os comentários de sua família, principalmente de sua mãe e de sua tia falando (conforme também vimos em capítulos anteriores). Aqui se percebe como o processo de autoidentidade passa pelo julgamento alheio e como isso afeta as pessoas, como nesse caso se perceber mulher negra passou pelo crivo dos familiares.

Quando Amanda fala sobre ser “parda queimada” nos transporta aos estudos de Gomes (2003) em que a autora não se coloca na situação de reduzir o complexo sistema de classificação racial brasileiro às impressões e opiniões sobre cabelo e cor da pele. Mas destaca que antropólogos e sociólogos percebem que no Brasil a forma pela qual pessoas classificam a si mesmas e às outras, numa perspectiva étnico/racial, não é baseada apenas pela aparência física. (GOMES, 2003) Em outro momento, Gomes (2005) avalia que os dados do IBGE e do IPEA parecem indicar que há uma justificativa para agregar pretos e pardos formando tecnicamente o grupo racial negro, visto que a situação desses dois grupos é por um lado bem semelhante e por outro bem diferente quando comparada ao grupo racial branco. Dessa forma, a semelhança estatística entre pretos e pardos frente a obtenção de direitos legais e legítimos torna plausível agregar esses dois grupos em uma mesma categoria, a dos negros. A diferença entre pretos e pardos em relação às vantagens sociais, bens e benefícios é tão insignificante estatisticamente que de fato tornaria possível agrega-los nessa mesma categoria (negros). (SANTOS, 2002, apud GOMES, 2005)

Ao longo de nosso estudo diversas vezes passeamos por termos como raça e etnia havendo indicações de definições, mas sem trabalhar dentro de uma conceituação propriamente

dita. Por isso é necessário nesse momento tecer algumas pontuações acerca dos termos raça e etnia, para tal faremos uso dos estudos de Kabengele Munanga. Sobre o termo raça, o autor afirma que o modo como o empregamos hoje não está associada a algo biológico (como outrora na história em séculos passados), trata-se de um conceito muito carregado de ideologia, de relação de poder e de dominação. Diz o autor que raça é uma categoria etnosemântica, político-ideológica. Ainda que raça não exista para um geneticista ou biólogo, no imaginário e nas representações das sociedades contemporâneas existem raças fictícias e construídas a partir de diferenças fenotípicas como cor da pele, formato do nariz, da boca, textura dos cabelos; é a partir disso que se reproduzem racismos populares. O autor segue afirmando que se o conceito de raça teve uma construção histórica morfo-biológica o conceito de etnia é sócio-cultural, histórico e psicológico. Para Munanga (2003) uma etnia é "um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território."

Dito isso, temos que em outro momento da entrevista, sobre experiências com episódios de preconceito racial, Amanda disse ter sofrido várias vezes, mas que não deu conta na hora, que só percebeu depois que parou pra pensar. Conta que se sente desconfortável em lojas e restaurantes, mesmo estando com uma "boa aparência", diz que sente um olhar diferente. Também diz sofrer em seu ambiente de trabalho (hospital), a relação com médicos passa por um recorte de classe. Diz que em determinados espaços percebe que é a única mulher negra, que ter tido o mínimo de ascensão social a permitiu frequentar certos lugares e que percebe que as pessoas negras estão trabalhando, ocupando espaços de serventia, tudo isso lhe causa estranhamento. Não se vê de fato representada nesses espaços.

No depoimento de Agatha, sobre experiências de preconceito com seu cabelo, diz ter tido várias experiências, mas que não teve reação na hora, que só percebeu quando chegou em casa, deitou e parou pra pensar. Afirma ter escutado coisas ruins sobre seu cabelo e que a pessoa nem deve ter tido a intenção de falar por mal, mas que de alguma forma a afetou. Sobre uma situação de injúria racial, Agatha fala sobre a sua cor, sua pele, sobre se ver como mulher preta, diz que sofreu muito na escola, que era a única menina negra da sala.

O outro depoimento foi de Cintia, que disse ter passado por situações de preconceito muitas vezes, notadamente no colégio. Falavam e sacaneavam seu cabelo, que na época os comentários eram pesados.

Depois dos depoimentos de mulheres negras mais jovem vem agora o depoimento de uma mulher negra com mais de 55 anos.

Laura (mulher negra mais de 55 anos)

Entrevistadora: Você falou de vários momentos e de umas passagens de preconceito e tal. Mas tem alguma passagem, assim, que se você buscar na memória agora te marcou tanto a ponto de você lembrar? Como foi sua reação? E como você se sentiu?

Entrevistada: De preconceito? Tinha. Eu era isso…eu era criança… brincando, eu era apaixonada por um garoto, claro que tinha que ser branco de olhos verdes. E ele estudava no mesmo colégio que eu, só que só depois que eu fiquei sabendo que ele era de uma turma especial. Sabe? Antigamente, turma especial não era especial porque ele sabia muito, era o contrário, era especial porque ele não sabia, mas eu só fui saber depois. E aí, eu depois descobri, porque eu tava apaixonada, que o pai dele era porteiro. E aí ele foi trabalhar numa farmácia. E eu ia nessa farmácia… é… e eu fui humilhada por esse menino que era a paixão da minha vida. Ele me chamava de macaco, me chamava de todos os xingamentos que ele pôde… é… eu criança, eu não… é… eu gostava dele e eu ia lá… nem sei o que que eu ia fazer na farmácia, não sei se eu ia comprar mesmo ou ia lá pra vê-lo. É… marcou muito, eu voltava pra casa chorando, não conseguia dizer nada pra ele. E aí, depois que eu fiquei sabendo que ele tava na turma especial é porque ele tinha dificuldade pra aprender e eu só tirava dez. Aí, aquilo... mas ele falava… e aí eu descobri que ele era filho de porteiro, a mãe dele era manicure. Então, ele não tinha motivo nenhum pra me tratar assim. Só porque ele era branco e tinha os olhos claros. E aí foi uma fase da minha vida que eu sofri muito, ainda mais que eu era apaixonada por ele. Mas como nessa vida, Deus existe, anos depois… anos… anos… passaram-se muitos anos. A minha amiga começa a namorar um cara… e aí eu tô na casa da minha amiga: "ah, vem aqui, um fulano que vai trazer… vem a amiga do meu namorado, que vai trazer o marido". "Como é que é o nome do marido?". "Ah, é um nome… Carlos". Quem era o marido da moça? O fulano. Quando eu vi que era o fulano, e eu já tava formada na faculdade e fulano não era ninguém. Aí, que felicidade que eu tive. [risos] eu fui, conversei, eu sabia, eu achei que ele não lembrava de mim… eu não sei. Mas eu conheci, fui conversar com a mulher dele, fui conversar, me apresentaram, aí: "ah, sim…". E aí eu fiquei feliz da vida [risos] que ele não era nada, sei lá o que que ele fazia, onde ele trabalhava. Depois ainda que eu soube que ela deu um ponta-pé na bunda dele, terminou com ele. E aí que eu fiquei mais feliz ainda. Não… eu não fiz nada, eu não… até porque que que adiantava depois desses anos todos, é óbvio que ele ia dizer que não fez nada, que não era… mas aí… é… eu vi quem eu era e o que eu consegui, e ele, né? Que com toda a branquitude dele, e os olhos claros, quem era ele, ninguém. [risos]

O depoimento acima é de uma mulher negra com mais de 55 anos. Laura diz que passou por muitas situações de preconceito. Recorda de um momento em sua vida em que se sentiu muito humilhada por um menino que era apaixonada. Diz que o menino proferia muitos xingamentos, que a chamava de macaco. Isso a marcou muito, sempre voltava pra casa chorando, diz que foi uma fase muito sofrida de sua vida. Anos depois diz ter reencontrado com o menino, ela já havia feito faculdade e diz que o menino não era "ninguém", ficou feliz por ver quem tinha se tornado e o que havia conquistado.

A partir de todos os comentários acima, podemos recuperar aqui o estudo de Chaveiro e Minella (2017) em que o embranquecimento da população brasileira enquanto projeto colonial resultou no alisamento compulsório dos cabelos crespos/cacheados. Aqui neste capítulo foi possível perceber como as entrevistadas (especificamente mulheres negras de várias idades) vivenciaram situações de preconceito com o cabelo e com o ser negro de forma mais geral. Há semelhanças e divergências nos depoimentos de mulheres de gerações diferentes. A escola aparece para ambas como um espaço de preconceito e a juventude como um momento bem

sensível a essas experiências. Chama a atenção como as pessoas reagem ao serem vítimas de situações de preconceito, como no geral as entrevistadas só percebiam depois de um tempo. A princípio não fazem nada, ficam em choque, sem reação, inertes, incrédulas sobre o que está acontecendo. Aparentemente, mesmo quando há um orgulho de ser o que é, aparece um sentimento momentâneo de vergonha. Quando ocorre o processo de esclarecimento do ocorrido surge um interdito nas falas das mulheres, carregado de indignação, injustiça, revolta e também a percepção de ser alvo de um crime.

5.2. Identidade como mulher negra

> "Acho que esse cabelo é a minha identidade, e se eu não tivesse esse cabelo, eu teria algum cabelo que se identifique com a nossa raça."

Para compreender a relação das mulheres negras com seus cabelos é importante além de uma reflexão acerca da questão racial uma análise de gênero, para posteriormente avaliar e investigar como ambas categorias (raça e gênero) atravessam as experiências das mulheres negras.

Assim, aqui nos referimos ao que Santos e Oliveira (2010) afirmavam, em que embora trate-se de uma análise de gênero[39], não é necessariamente entre homens e mulheres, e sim, mulheres e mulheres. Que embora façam parte de uma mesma classificação (gênero), embora todas sejam mulheres, a forma como experienciam e vivenciam se dá de modo distinto, sobretudo que entre mulheres negras e mulheres brancas. Sendo assim, cabe nesse momento fazer uma breve discussão a respeito da categoria gênero a partir de pontuações acerca do movimento feminista.

Segundo Barbiere (1993) os movimentos feministas que ressurgiram nos anos 60 foram obrigados a compreender e explicar a condição de subordinação das mulheres. A autora afirma que as primeiras militantes perceberam que nas ciências sociais e humanas não havia informação suficiente sobre esta subordinação das mulheres, perceberam que os corpos teóricos não tratavam sobre a desigualdade entre homens e mulheres, também notaram que não havia

[39] "Na sua utilização recente mais simples, "gênero" é sinônimo de "mulheres". [...] O termo "gênero", além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. (SCOTT, 1990, p. 75)

uma história que mostrasse o desenvolvimento da dominação e do predomínio de homens sobre mulheres.

> O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade e feminilidade verdadeiras ou permanentes também são construídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade (BUTLER, 2003, p.201).

Assim, afirma a autora que as feministas lançaram uma primeira hipótese: a subordinação que afeta a todas ou quase todas as mulheres é uma questão de poder. Mas isso não se aplica exclusivamente ao Estado e seus aparatos burocráticos. Tratava-se de um poder múltiplo, em diferentes espaços sociais. (BARBIERE, 1993, p. 146)

Afirma Barbiere (1993) que os sistemas de sexo/gênero são o objeto de estudo mais amplo para compreender e explicar o par de subordinação feminina-dominação masculina. Assim gênero se trata de uma categoria mais neutra do que patriarcado, como assinala Rubin (apud Barbiere, 1993, p. 150): "un concepto de mayor generalidad y comprensión- puesto que deja abierta la posibilidad de existencia de distintas formas de relación entre mujeres y varones, entre lo femenino y lo masculino: dominación masculina (pamarcal, pero otras posibles no necesariamente patriarcales), dominación femenina o relaciones igualitarias."

> A introdução da categoria gênero permite a incorporação das dimensões culturais às dimensões psico-biológicas das diferenças entre sexo masculino e feminino. (MORAES, 2013, p.99)

De acordo com Moraes (2013) ao longo dos anos 90 em consequência do feminismo e de novas análises, tornou-se mais frequente o uso da categoria gênero, principalmente nas instituições acadêmicas pelo mundo ocidental, incluindo o Brasil.

> A expressão relações de gênero, tal como vem sido utilizada no campo das ciências sociais, designa, primordialmente, a perspectiva culturalista em que as categorias diferenciais de sexo não implicam no reconhecimento de uma essência masculina ou feminina, de caráter abstrato e universal, mas, diferentemente, apontam para a ordem cultural como modeladora de mulheres e homens. Em outras palavras, o que chamamos de homem e mulher não é o produto da sexualidade biológica, mas sim de relações sociais baseadas em distintas estruturas de poder. (MORAES, 2013, p.100)

Diz Barbiere (1993) que a visão totalizadora do patriarcado se incorporou ao discurso político e ao fazer acadêmico. Porém não havia informação, nem reflexão, nem elementos do sistema como: núcleo do conflito, componentes, dinâmica, desenvolvimento histórico etc.

Assim, portanto, a categoria patriarcado resultou em um conceito vazio, tanto que se tornou sinônimo de dominação masculina, mas sem valor explicativo. A autora segue afirmando que mulheres acadêmicas de diversos países se puseram a pensar sobre as condições de vida das mulheres, de modo a resgatar, do passado e do presente, aportes da sociedade e da cultura. A princípio partia de reconhecer as carências de informação e reflexão existentes. Assim nascem no cenário acadêmico e em organizações não governamentais os projetos, institutos e centros de estudos sobre a mulher. (BARBIERE, 1993, p. 147)

Para a autora (MORAES, 2013) o feminismo contemporâneo impulsionou uma análise, notadamente na vertente marxista, que ajudou a entender as complexas dimensões em que a distribuição do poder segue hierarquias sexuais e de classe social. Contudo, para a autora (op.cit), o uso da categoria gênero é problemático uma vez que não tem teoria feminista de mesmo alcance que o marxismo. Assim, "o gênero é uma categoria analítica cuja sustentação teórica excede os limites do feminismo." (MORAES, 2013, p.100)

> Enquanto que, em inglês, gender é um substantivo que designa exatamente a condição física e/ou social do masculino e do feminino, a palavra gênero, em português, é um substantivo masculino que designa uma classe que se divide em outras, que são chamadas espécies. Existe, portanto, uma dificuldade semântica que confunde o leitor médio e que obriga, na verdade, a uma constante necessidade em definir o que seja gênero, sempre que utilizamos tal categoria em português. Aliás, a mesma dificuldade ocorre com a língua francesa, daí a utilização da expressão rapports sociaux de sexe ao invés de gendre. (MORAES, 2013, p.101)

Moraes (2013) afirma que a categoria gênero se for epistemologicamente neutra evidencia que a sociedade atua sobre o biológico. A autora compreende que não escapamos de nosso destino biológico, mas enfatiza a "coerção" do social e a plasticidade do biológico. Todavia, reconhecer a plasticidade do biológico não significa negá-lo, maximizando o poder do cultural e do simbólico. Além disso, a autora frisa que a categoria gênero se refere a homens e mulheres e não apenas a mulheres como comumente encontramos em trabalhos acadêmicos. É nesse sentido que é importante frisar que embora esteja realizando uma análise acerca da categoria gênero, reconheço e atento para o fato de que estamos pesquisando sobre mulheres, ou seja, não se trata de uma questão de gênero e sim de uma questão para as mulheres. Sendo ainda mais complexo, porque embora tenha entrevistado apenas mulheres, elas se relacionam com homens, então se trata de um olhar sobre as relações de gênero do ponto de vista das mulheres.

> Sob o substantivo gênero se agrupam todos os aspectos psicológicos, sociais e culturais da feminilidade/ masculinidade, reservando-se sexo para os componentes biológicos, anatômicos e para designar o intercâmbio sexual propriamente. A clivagem efetuada na profundeza dos conceitos reduz o papel do instintivo, do

> herdado, em favor do caráter significante que as marcas da anatomia sexual adquirem para o homem através das crenças de nossa cultura. (BLEICHMAR, Emilce, 1988, p.33. apud MORAES, 2013, p. 102)

Gostaria de introduzir aqui algumas contribuições de bell hooks, mas antes de continuar é fundamental atentar para o fato de que a autora escreve sobre suas considerações acerca da realidade norte-americana. Reconheço e compreendo o fosso que separa as realidades brasileira e norte-americana, são condições históricas, sociais, econômicas, culturais bem distintas. Contudo, as pontuações realizadas por hooks são de muita valia para compreender como o movimento das mulheres ocorre em escala global e como isso de uma forma ou de outra também está relacionada e nos ajuda a compreender a dinâmica dos movimentos sociais brasileiros (notadamente o movimento feminista e o movimento negro). Sendo assim, sigo com as colaborações teóricas da autora supracitada.

Segundo hooks (2004), nos Estados Unidos o feminismo não surgiu com as mulheres mais oprimidas pelo machismo. As que de fato são mais oprimidas formam uma maioria silenciosa e "aceitam" sua sina. A autora cita o livro The feminine mystique, de Betty Friedan, de 1963, como um dos que abriu caminho para o movimento feminista contemporâneo. Mas alerta que o livro é passível de diversas críticas (principalmente o fato de não se direcionar as mulheres que mais são oprimidas) e que muitas de suas premissas tendenciosas sobre as mulheres continuam a moldar e direcionar o movimento feminista.

> A famosa frase de Friedan, "o problema que não tem nome", muitas vezes citada para descrever a condição das mulheres nesta sociedade, na verdade se refere à situação de um seleto grupo de mulheres brancas casadas, com formação universitária, de classe média e alta – donas de casa entediadas com o lazer, a casa, os filhos, as compras, que queriam mais da vida. Friedan conclui seu primeiro capítulo afirmando: "Não podemos continuar a ignorar essa voz íntima da mulher, que diz: Quero algo mais que meu marido, meus filhos e minha casa". A autora definiu esse "mais" como profissões, sem discutir quem seria chamado para cuidar dos filhos e manter a casa se mais mulheres como ela própria fossem libertadas do trabalho doméstico e tivessem o mesmo acesso a profissões que têm os homens brancos. Ela não falou das necessidades das mulheres sem homem, sem filhos, sem lar, ignorou a existência de todas as mulheres não brancas e das brancas pobres, e não disse aos leitores se era mais gratificante ser empregada, babá, operária, secretária ou uma prostituta do que ser dona de casa da classe abastada. (HOOKS, 2004, p.193)

hooks (2004) aponta que Friedan transformava suas dificuldades e de mulheres brancas como ela em uma condição de todas as mulheres norte-americanas. Assim desviou a atenção de seu classismo, racismo e de suas atitudes sexistas em relação às mulheres norte-americanas como um todo. A autora afirma que Friedan em seu livro só considerou vítimas de sexismo as mulheres brancas com formação universitária que foram obrigadas a permanecer em casa.

hooks (2004) não nega que os problemas específicos das donas de casa brancas

privilegiadas fossem preocupações reais e merecedoras de atenção, mas acredita que não eram preocupações políticas urgentes da maioria das mulheres. Alega ainda que quando Friedan escreveu 'A mística feminina' mais de um terço das mulheres já estavam trabalhando; e ainda que muitas desejassem ser donas de casa apenas algumas privilegiadas podiam seguir esse modelo da mística feminina.

Temos que, para hooks (2004), as mulheres brancas que dominam o discurso feminista e que acabam formulando a teoria feminista não compreendem a supremacia branca como estratégia e nem sua condição política em um Estado racista, sexista e capitalista. Para a autora, o fato de as mulheres brancas sofrerem com a tirania sexista não faz com que isso forje um vínculo entre todas as mulheres. Frisa ainda que existem muitas evidências de que a identidade de raça e classe gera diferenças no status social e estilo de vida, que diferenciam as experiências vividas pelas mulheres e que raramente são transcendidas. Por isso, segundo a autora, é preciso sempre questionar o discurso de que sofrimento não pode ser medido, algo comumente defendido por feministas brancas. O mesmo ocorre para o preceito de que todas as mulheres são oprimidas. Isso sugere que as mulheres partilham dos mesmos tormentos, é como se fatores como classe, raça, religião, sexualidade, não criassem uma diversidade de experiências e não determinassem a opressão sofrida por cada mulher. Para hooks (2004), o sexismo como dominação é institucionalizado, mas não determina absolutamente o destino das mulheres. De acordo com a autora, ser oprimida significa ausência de opções. Por isso que muitas mulheres não se sentem oprimidas, pois podem até saber que são discriminadas por serem mulheres, mas não compreendem isso como opressão.

Assim, hooks (2004) segue afirmando que esse discurso feminista de "opressão comum" nos Estados Unidos foi mais uma apropriação do que uma politização por parte de mulheres brancas conservadoras e liberais, de forma que o movimento apenas abordasse seus interesses de classe. Para a autora esse fato é tão importante que se as mulheres negras de classe média tivessem iniciado um movimento considerando a si próprias como oprimidas, ninguém teria dado ouvidos; se abrissem fóruns públicos e falado sobre opressão seriam atacadas por todos. E isso não foi o que aconteceu com as feministas brancas burguesas, porque podiam apelar para mulheres com os mesmos interesses delas.

hooks (2004) aponta que conforme as feministas brancas iam ganhando prestígio, fama, dinheiro com os textos publicados, o oportunismo individual acabou prejudicando a luta coletiva. Dessa forma, mulheres que não se opunham ao patriarcado, ao capitalismo, ao classismo, ao racismo passaram a se rotularem de feministas. Assim, muitas preocupações

legítimas foram sendo cooptadas pelo patriarcado capitalista dominante, então, para a autora, o feminismo tem sido até agora uma ideologia burguesa. Além disso, considera também que mulheres não brancas que se afirmam no feminismo acreditam que seu movimento é de um único discurso legítimo. São mulheres que também não incentivam uma diversidade de vozes, nem um diálogo crítico e polêmico, assim acabam sufocando a dissidência. Agem como se pudessem julgar se outras vozes devem ser ouvidas.

> Frequentemente, as feministas brancas agem como se as mulheres negras não soubessem que a opressão machista existia até elas expressarem a visão feminista. Elas acreditam estar proporcionando às mulheres negras "a" análise e "o" programa de libertação. Não entendem, não conseguem sequer imaginar, que as negras, assim como outros grupos de mulheres que vivem diariamente em situações de opressão, muitas vezes adquirem uma consciência sobre a política patriarcal a partir de sua experiência de vida, da mesma forma com que desenvolvem estratégias de resistência (mesmo que não consigam resistir de forma sustentada e organizada). (HOOKS, 2004, p.203)

hooks (2004) acredita que muitas mulheres negras não reconheciam o impacto que o discurso feminista tinha em suas vidas. Pelo contrário, o fato de mulheres brancas de classe média/alta precisarem de uma teoria para avisá-las que eram oprimidas era um sinal de seus privilégios. Isso se deve ao fato de que pessoas realmente oprimidas sabem que são, ainda que não estejam organizadas em um movimento. Dessa forma, as mulheres negras não viam nada de libertador nos discursos do movimento.

> O fato de que nós, mulheres negras, não nos organizamos coletivamente, em grande número, em torno das questões do "feminismo" (muitas de nós nem conhecem ou usam o termo), ou de que não tivemos acesso aos mecanismos de poder que nos permitiriam compartilhar nossas análises ou teorias sobre gênero com o público norte-americano, não negam sua presença na nossa vida e nem nos colocam em uma posição de dependência em relação às feministas brancas e não brancas que falam a um público maior. (HOOKS, 2004, p.203)

Além disso é importante frisar, segundo hooks (2004), o quanto as feministas brancas silenciam as mulheres negras, isso acontece muitas vezes em salas de conferência, salas de aula, salas de estar, onde negras solitárias enfrentam a hostilidade racista de um grupo de mulheres brancas. hooks (2004) inclusive escreve sobre as diversas vezes onde foi hostilizada por mulheres brancas que ainda agiam como se fossem as verdadeiras vítimas da situação sem reconhecer sua condição de superioridade.

> Anita Cornwell (1978) está correta em "Three for the price of one: notes from a gay black feminist", onde diz que "infelizmente, o medo de se deparar com o racismo parece ser uma das principais razões pelas quais muitas mulheres negras se recusam a participar do movimento de mulheres". O foco recente na questão do racismo gerou discurso, mas teve pouco impacto sobre o comportamento das feministas brancas perante as mulheres negras. Muitas vezes, as mulheres brancas que estão ocupadas publicando artigos e livros sobre "desaprender o racismo" continuam paternalistas e condescendentes quando se relacionam com negras.

(HOOKS, 2004, p.205)

Os estereótipos racistas de uma supermulher negra e forte, de acordo com hooks (2004), são mitos que ficam na mente das mulheres brancas e que as fazem ignorar o fato de as negras serem vitimadas pela sociedade, também ignoram que as brancas podem manter e perpetuar essa vitimização. Ao projetarem essa imagem sobre as mulheres negras, as brancas veem a si mesmas como vítimas e não reconhecem sua agressividade, seu poder e domínio. Essas condições impedem as mulheres brancas de transcender seu racismo e faz com que não compreendam a condição social geral das mulheres norte-americanas.

> As análises feministas sobre a sina da mulher tendem a se concentrar exclusivamente no gênero e não proporcionam uma base sólida sobre a qual construir a teoria feminista. Elas refletem a tendência, predominante nas mentes patriarcais ocidentais, a mistificar a realidade da mulher, insistindo em que o gênero é o único determinante do destino da mulher. Certamente, tem sido mais fácil para as mulheres que não vivenciam opressão de raça ou classe se concentrar exclusivamente no gênero. Embora se concentrem em classe e gênero, as feministas socialistas tendem a negar a raça ou fazem questão de reconhecer que a raça é importante e, em seguida, continuam apresentando uma análise em que a raça não é considerada. (HOOKS, 2004, p.207)

hooks (2004) destaca que as mulheres negras estão em uma condição social geral inferior à de qualquer outro grupo, não há outro grupo que possa ser explorado ou oprimido pelas mulheres negras. Atenta para o fato de que os homens negros são vítimas de racismo, mas podem ser opressores das mulheres. As mulheres brancas são vítimas do machismo, mas podem ser opressoras de pessoas negras. Assim o sexismo masculino negro atrapalha a luta antirracista; como o racismo feminino branco atrapalha a luta feminista.

> É essencial para a continuação da luta feminista que as mulheres negras reconheçam o ponto de vista especial que a nossa marginalidade nos dá e façam uso dessa perspectiva para criticar a hegemonia racista, classista e sexista dominante e vislumbrar e criar uma contra-hegemonia. Estou sugerindo que temos um papel central a desempenhar na construção da teoria feminista e uma contribuição a oferecer que é única e valiosa. A formação de uma teoria e uma práxis feministas libertadoras é de responsabilidade coletiva, uma responsabilidade que deve ser compartilhada. Apesar de criticar aspectos do movimento feminista como o conhecemos até agora – crítica que às vezes é dura e implacável – eu o faço não em uma tentativa de diminuir a luta feminista, mas de enriquecer, de compartilhar o trabalho de construção de uma ideologia libertadora e de um movimento libertador. (HOOKS, 2004, p.208)

Agora devemos olhar para a nossa realidade nacional e perceber o quanto se avizinha desses apontamentos levantados por hooks sendo talvez ainda mais aprofundados. É importante de início a contribuição de Carneiro (2011) ao afirmar que no Brasil e na América Latina a origem da identidade nacional está na violência praticada pelos senhores brancos contra as mulheres negras e a miscigenação resultante disso, fundamentando o tal mito da democracia racial latino-americana.

A autora (op. cit.) aponta que o imaginário social do período colonial ainda tem

resquícios nos dias atuais inclusive nas relações de gênero e raça. Sendo assim, a opressão das mulheres negras tem particularidades em relação a das mulheres no geral dada a sua experiência histórica.

> Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação. (CARNEIRO, 2011, p.1)

> Portanto, para nós se impõe uma perspectiva feminista na qual o gênero seja uma variável teórica, mas como afirmam Linda Alcoff e Elizabeth Potter, que não "pode ser separada de outros eixos de opressão" e que não "é possível em uma única análise. Se o feminismo deve liberar as mulheres, deve enfrentar virtualmente todas as formas de opressão". A partir desse ponto de vista, é possível afirmar que um feminismo negro, construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas – como são as sociedades latino-americanas – tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades. (CARNEIRO, 2011, p.2)

Carneiro (2011) compreende que o novo olhar feminista antirracista ao compactuar elementos da luta do movimento negro com os da luta do movimento das mulheres cria uma nova identidade política específica do ser mulher negra. Desse modo, para a autora, o atual movimento das mulheres negras combina variáveis de raça, classe e gênero; enegrecendo as reinvindicações das mulheres por um lado e por outro lado feminizando as reinvindicações do movimento negro. A autora (op.cit.) alerta ainda que a origem branca e ocidental do feminismo estabeleceu sua hegemonia nas diferenças de gênero e acabou determinando que mulheres não brancas e pobres tivessem que lutar para constituir suas condições raciais, étnicas, culturais, religiosas e de classe.

> Acredito que nessa década, as mulheres negras brasileiras encontraram seu caminho de autodeterminação política, soltaram as suas vozes, brigaram por espaço e representação e se fizeram presentes em todos os espaços de importância para o avanço da questão da mulher brasileira hoje. Foi sua temática a que mais cresceu politicamente no movimento de mulheres do Brasil, integrando, espera-se que definitivamente, a questão racial no movimento de mulheres. O que impulsiona essa luta é a crença "na possibilidade de construção de um modelo civilizatório humano, fraterno e solidário, tendo como base os valores expressos pela luta antirracista, feminista e ecológica, assumidos pelas mulheres negras de todos os continentes, pertencentes que somos à mesma comunidade de destinos". Pela construção de uma sociedade multirracial e pluricultural, onde a diferença seja vivida como equivalência e não mais como inferioridade. (CARNEIRO, 2011, p.5)

Nesse momento voltamos nossas perguntas especificamente para as mulheres negras de várias idades. A seguir:

Amanda (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Voltando pra questão do cabelo, pra sua relação com seu cabelo, você acha que existe uma relação entre o seu cabelo e a sua identidade?

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: Você se enxerga como uma mulher negra… é… muito por causa do seu cabelo ou não? Existe uma relação entre o seu cabelo e sua identidade?

Entrevistada: Inclusive… sim, com certeza. Inclusive foi ele que me alertou em relação a minha negritude eu diria, [risada] porque antes, quando eu mudava o cabelo eu não me considerava uma mulher negra, sabe? E é até estranho porque falar isso hoje é muito… eu falo com muita tranquilidade, com muita segurança, firmeza, enfim, sem o menor desconforto. E antes eu me sentia um pouco desconfortável de me dizer enquanto mulher negra e eu acho que depois que eu fiz a transição aí sim é que eu bati o martelo, e aí eu me reconheci e falei: "eita, sou preta mesmo e tá tudo bem com isso", "eu tô bem com isso". E é com certeza é… foi a partir do meu cabelo porque antes, quando eu tinha o meu cabelo alisado, não só pra mim, mas pras outras pessoas também eu acho. É… eu acho não, tenho certeza, porque depois da coisa do cabelo que eu acho que as pessoas começaram a me ver como uma mulher negra e não como… mais como uma mulher… talvez parda, né? Que eu acho que era como… assim, que eles me achavam.

Agatha (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Existe uma relação do seu cabelo com a sua identidade? Com o fato de você se ver como uma mulher negra?

Entrevistada: Aham. Eu acho que meu cabelo, ele é a minha identidade. Assim, eu nem saberia se eu... nem, nem sei porque ainda… às vezes eu paro pra pensar, eu fico me perguntando porque que eu já pensei em alisar o meu cabelo. Se pra minha…ah, ele é a coisa muito… ele pra mim agora é uma das coisas mais importantes assim, né? É… então, ele me representa muito, no total.

Bruna (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: A gente tá falando de identidade, qual é a relação que você acha que existe entre o seu cabelo e a sua identidade?

Entrevistada: Ah, agora eu vejo que muita coisa, né? Assim, agora eu enxergo ele como moldura, assim, pro rosto, eu acho que ajuda porque meu rosto é fino e o cabelo… já me falaram isso uma vez, e agora eu tô revisitando essa fala. E é verdade, meu cabelo, ele realmente, ele fica moldado no rosto e fica bonito. Se… agora eu tô enxergando isso. Eu sinto que ele completa como o pessoal fala: “ah, mas cabelo… cabelo cresce”. Não, ele conta a minha identidade e até certo ponto a minha beleza, eu não tô dizendo que assim: “só sou bonita com cabelo”. Não, não é isso, mas eu acho que ele complementa, entendeu? Hoje em dia eu enxergo isso. Mas no passado eu não enxergava.

Cintia (mulher negra menos de 45 anos)

Entrevistadora: Como que isso acontece pra você, assim, do seu cabelo, né? Como você usa, como você trata, como você cuida, e como isso faz você se sentir uma mulher negra? É… né? Assim, qual a relação do seu cabelo com a sua identidade?

Entrevistada: Cara, eu acho que a relação do meu cabelo com a minha identidade é total, assim, eu não consigo me ver com, não sei se… se é isso, eu não consigo me ver com outro cabelo, com outro… enfim… sei lá, o cabelo liso, por exemplo, enfim. Não, não consigo me ver. Acho que esse cabelo é a minha identidade, e se eu não tivesse esse cabelo, eu teria algum cabelo que se identifique com a nossa raça. Como eu te falei do… lembrei: do jumbo[40], do nagô[41], enfim. É… eu acho… eu consigo pensar em cabelo quando está associado a minha raça,eu

[40] Trança Jumbo – “Jumbo nada mais é que o nome do material sintético utilizado para trançar e formar o penteado popularmente conhecido como trança box braids. Esse material é feito especificamente para esse tipo de penteado, por isso não danifica os fios.” Disponível em: https://www.loreal-paris.com.br/trancas-jumbo-tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-estilo-antes-de-apostar-no-visual.

[41] Trança Nagô – “As tranças nagô são aquelas feitas desde a raiz, bem presinhas no couro cabeludo. Elas podem ser feitas com o seu próprio cabelo - se eles estiver bem longo - ou usando cabelo sintético. Além disso, você pode escolher fazer as suas tranças em diferentes formatos, que podem formar desenhos na sua cabeça.” Disponível em:

não consigo pensar tipo: "ah, eu vou usar um cabelo liso esco-...". Não. [inaudível] A não ser que eu fosse aquelas negras americanas lindíssimas que usam vários cabelos e fica super legal, mas… [risos]

Os depoimentos acima são de mulheres negras com menos de 40 anos. Amanda respondeu que foi o cabelo que a alertou sobre sua negritude, que antes de mudar o cabelo não se considerava uma mulher negra. Percebe que hoje fala com tranquilidade que é uma mulher negra, não sente nenhum desconforto, antes se sentia desconfortável. Foi quando fez a transição capilar que percebeu de vez que era uma mulher preta e se sentiu bem com isso. Foi tudo a partir do seu cabelo, que antes quando era alisado não se enxergava e não a enxergavam como mulher negra, mas depois de passar por todo processo de mudança capilar que começaram a tratá-la como mulher negra.

Nesse sentido, Oracy Nogueira (2006) destacava a diferença do preconceito de marca (em relação aos traços físicos, a fisionomia, os gestos) e de quando é de origem (quando o indivíduo descende de um determinado grupo étnico). Abdias do Nascimento (1978) pontua que no Brasil a marca é determinada pelo fator étnico ou racial. “Um brasileiro é designado *preto, negro. moreno, mulato, crioulo, pardo. mestiço, cabra* ou qualquer outro eufemismo; e o que todo o mundo compreende imediatamente, sem possibilidade de dúvidas, é que se trata de um *homem-de-cor* [...]. Trata-se, portanto, de um *negro,* não importa a gradação da cor da sua pele. Não vamos perder tempo com distinções supérfluas.” (NASCIMENTO, 1978) No Brasil o preconceito é de marca. Então, sobre Amanda, cabe o questionamento se é lida como mulher negra ou parda, se era lida como mulher branca. Ou como pessoa não-branca. Ainda que não a enxergassem como negra poderia ser vítima de preconceitos de marca. Como a transição capilar afere uma condição maior de exposição aos preconceitos de marca.

O segundo depoimento é de Agatha que afirma que seu cabelo é sua identidade, frisa que seu cabelo é uma das coisas mais importantes e é o que a representa. No depoimento de Bruna, terceiro depoimento, a entrevistada diz que enxerga o cabelo como uma moldura para seu rosto. Diz que seu cabelo conta sua identidade e configura sua beleza.

Por fim, Cintia, percebe que a relação de seu cabelo com sua identidade é total, que não consegue se ver com outro cabelo, que se tivesse que passar por alguma mudança seria pra um outro cabelo que também representasse sua negritude, como por exemplo o uso de tranças jumbo ou nagô. É interessante essa fala de Cintia, pois nos remete ao estudo de Nilma Lino Gomes (2003) onde o uso de tranças pelos negros carrega toda uma simbologia africana que foi

---

https://www.loreal-paris.com.br/tranca-nago-o-que-e-como-cuidar-e-como-e-feita-a-manutencao#:~:text=As%20tran%C3%A7as%20nag%C3%B4%20s%C3%A3o%20aquelas,formar%20desenhos%20na%20sua%20cabe%C3%A7a.

ressignificada no Brasil além de ser um dos primeiros penteados por crianças negras. Na infância, fazer tranças constitui um ritual, elaborar tranças de desenhos variados é tarefa desenvolvida principalmente pelas mães negras. Assim, para a autora, existem códigos inscritos na forma de manipular o cabelo. Em outro momento, a autora ainda destaca que depois de adultas muitas mulheres negras se reconciliam com as tranças, de forma estilizadas com desenhos engenhosos. (GOMES, 2003) É quando Lody (2004) destaca que há uma variedade e complexidade nos penteados dos negros brasileiros, são muitos adornos, com contas, conchinhas, fios, tecidos. (LIMA, 2017)

Essas formas de cabelos também se realçam uma vez que o cabelo recebe um destaque maior que alguns outros traços na construção de uma identidade negra, daí a importância dos crespos/cacheados. O cabelo tem importância central no modo como se veem e como são vistas.

Agora esse mesmo questionamento é levado a uma mulher negra com mais de 55 anos.

Laura (mulher negra mais de 55 anos)

Entrevistadora: A gente pode dizer que hoje você se vê como uma mulher negra e como que é? Assim, como que é isso? Como que é se ver nessa identidade? Hoje, assim, com seus 64 anos.

Entrevistada: Olha, eu vejo que muita coisa foi conquistar, pouco perto do que parecia, né? É... eu acho… ou melhor… na verdade, eu acho que mudou muito pouca coisa, porque eu entro num lugar, eu sou uma pessoa que jamais vou roubar nada de ninguém, mas eu sei que o segurança, que é negro, fica correndo atrás de mim pra ver se eu vou levar, porque eu tô com sacola. É… eu tô andando na rua, se eu tô caminhando mais rápido que uma pessoa branca na minha frente, ela começa… ou ela troca de calçada ou ela segura mais a bolsa, porque o fato de eu estar com pressa é que eu tô querendo roubar alguma coisa dela, e não porque eu tenho a minha vida e tenho que… então, eu acho que… assim, o que que acontece, o negro, ele continuou no mesmo lugar, ele continua na senzala, mas é uma senzala histórica, é… não é nem histórica, é uma senzala invisível. É isso que eu quero dizer. É… ele não tem oportunidades e quando eu vejo assim, e eu digo que eu encontro com qualquer pessoa mais humilde negra, se eu falo que eu sou uma psicóloga, elas não acreditam ou então, às vezes… muitas vezes já me perguntaram se eu tava vindo… é… se eu podia… é… indicar, se eu sabia de alguma faxina aonde se… é… aonde eu moro ou… é… que eu vejo que assim, tanto o negro não reconhece o negro, como o branco não reconhece o negro também. Então eu acho que… é… vários acontecimentos já tiveram de eu estar indo pro meu consultório e acharem que eu era secretária da Laura. E aí, tem horas que eu sacaneio, eu digo: "pode deixar que eu vou falar com a doutora Laura". Ou outras vezes eu falo assim: "eu não sou secretária, o consultório é meu". Não sei se a pessoa tá acreditando ou não. Né? Porque é difícil. Mas também não me interessa se ela tá… se ela acreditou ou não porque interessa a mim o que eu faço. É… já vi que em algumas sociedades que eu fui entrar, que tinham pessoas que eu sabia que eram preconceituosas. Já no consultório, eu tenho pacientes que eu sei que são racistas, mas o problema… ela tá… a pessoa tá livre, pode né não mais voltar. Não fui eu que pedi pra ela ficar, ela tá lá porque ela quer. Trato-a como se eu não soubesse que ela é, até porque a questão não é essa e vejo assim, algumas coisas melhoraram, como produto, como lei, mas se você tem lei é porque tem preconceito. Mas, é… enquanto não tiver escola, não tiver saúde, a situação vai continuar a mesma. Porque não tem jeito, é só você se informando e você sabendo que acontece é que você começa a entender as diferenças. E tudo que o governo faz é que não haja escola pra não entender as diferenças. É… eu quando dei aula, eu levava muito questionamento para os meus alunos. É… e inclusive o fato de eu tá ali dando aula, eu podia mostrar pra outros que eles também podiam [...] É… mas eu acho que a mudança ainda é pouca. Já tem mudança, é melhor do que antes que não tinha. Mas, enquanto não tiver escola decente, é pouca.

Ao ser perguntada sobre sua identidade enquanto mulher negra Laura (que tem mais de 55 anos de idade) disse ter percebido poucas mudanças ao longo de sua vida. Disse que quando entra em alguns lugares nota que o segurança a acompanha, também falou de situações em que

caminha pela rua e percebe a desconfiança das pessoas a sua volta. A entrevistada sente que tanto negros quanto brancos não dão aos negros seu devido reconhecimento. Termina de uma forma um pouco mais esperançosa dizendo que a mudança é pouca, mas que já é melhor do que antes. Por fim, vale o destaque de que na visão dela o cabelo não tem o mesmo peso que nas entrevistadas mais jovens. Assim, ela relata as situações de preconceito que já viveu/ vivencia e como lidou com a ignorância e falta de conhecimento.

É nesse sentido que cabe a colocação de Crenshaw (2004) em que é preciso reconhecer que as mulheres negras especificamente não podem ser enquadradas apenas na discriminação racial ou na discriminação de gênero, essas categorias precisam ser ampliadas e interseccionalizadas. Assim, podemos recuperar o estudo de Carneiro (2011) que aponta que as relações de gênero e raça ainda tem resquícios do passado colonial. Sendo que a opressão das mulheres negras tem particularidades em relação a das mulheres no geral dada a sua experiência histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho pudemos observar diversas passagens de entrevistas com mulheres negras e brancas e suas relações com seus cabelos crespos/cacheados. Os trechos das entrevistas e as análises comparativas não se fecham entre si, extrapolam as frentes de compreensões da pesquisa aqui desenvolvida, e nossa intenção é despertar novos debates. A partir disso temos que, de início, em sua maioria as memórias dos cabelos na infância são complicadas, principalmente devido ao tipo de cuidado recebido e pela dificuldade de lidar com os cabelos. A fala das mulheres negras mais velhas é carregada de muito sofrimento; tanto elas quanto as mais jovens tiveram falas associando o cabelo a recordações ruins no geral. As mulheres brancas (das mais variadas idades) aparentemente associam o cabelo a uma "descoberta". Mas de fato há relatos que remetem a agressividade, sofrimento, mas também afeto e cuidado nas falas de todas as entrevistadas. Há, especificamente, nas falas das mulheres negras entrevistadas um forte caráter identitário; mesmo as falas das mulheres brancas com cabelos crespos parecem indicar que em que relação aos cabelos voltam-se para o identitário negro, veem seus cabelos como uma herança identitária negra, e não como uma herança identitária branca.

Já a adolescência foi um período de mudanças cruciais na relação dessas mulheres com o cabelo, algumas falam de "liberdade", de como passaram a se sentir livres nesse momento, por terem uma relação direta e poderem cuidar elas próprias de seus cabelos. Essa maior autonomia em relação ao cabelo faz aflorar ainda mais processos identitários dessas mulheres. Pelas entrevistas fica evidente que esses processos são afetados pelos espaços frequentados, principalmente escolas e universidades. Os depoimentos em relação a adolescência são mais emotivos, sobretudo os das mulheres negras com mais de 55 anos que são mais carregados de sofrimento ao recordar dessa fase da vida, embora as vezes tragam memórias positivas associadas. Em relação a questão geracional tem-se que tanto as mais jovens quanto as mais velhas falam de espaços importantes e citam muito seu período na universidade, que no geral é ligado a um processo de pertencimento ou não-pertencimento a um mundo novo.

Em alguns depoimentos as entrevistadas afirmam não serem muito afetadas pelas opiniões das outras pessoas, dizem não se importarem com opinião alheia, o que pode ser compreendido como uma forma de afirmar sua autonomia pessoal, ainda que em outras passagens mostrem como a opinião dos outros as afetaram de forma significativa. Deslandes (1994) afirma que muitos casos de violência contra crianças ocorrem no próprio núcleo familiar, indicando que essa "violência" pode ser vivida das mais variadas formas possíveis. Percebemos

que as entrevistadas de diferentes raças e gerações são muito afetadas pelas opiniões geradas por sua própria unidade familiar, onde o peso da opinião parece maior e a intimidade permite que algumas falas violentas apareçam como forma de carinho ou de brincadeiras.

Já sobre os salões de beleza étnicos, Gomes (2002) destaca que só o fato de reafirmar a existência de uma "beleza negra" e de serem especializados em cuidar do cabelo crespo, já faz com que esses salões tenham uma importante função política, sobretudo para o contexto das relações raciais. Gomes (2002) também afirma que não podemos exigir que esses estabelecimentos tenham "uma eficácia política nos moldes tradicionais da militância", já que são espaços comerciais e não são propriamente entidades do movimento negro. Mas claro que ao se autodenominarem "étnicos" colocam-se em uma espécie de missão proporcionando uma imagem positiva do negro, estando, portanto, no cerne da luta política. (GOMES, 2002)

Nesse trabalho buscamos a todo momento racializar o debate, independente dos corpos que estávamos falando, ao falar de cabelos crespos e cacheados estamos de alguma forma nos referindo a traços que são associados a pessoas negras. Nas narrativas das mulheres negras entrevistadas aparecem momentos de dor, de sofrimentos, de violência, de cuidado, de carinho, de amor, de humor. Nas narrativas das mulheres brancas também, mas cada uma a sua forma. Em muitos momentos relendo as entrevistas havia bem mais uma questão geracional, em que as idades apontavam as divergências. Foi uma surpresa perceber que mulheres brancas com cabelos bem crespos narravam passagens e contavam histórias muito parecidas com as citadas pelas entrevistadas negras. Ouvir seus relatos era como se de alguma forma fossem "menos brancas" ou "brancas de menor valor", embora seus privilégios ainda estivessem resguardados. Ou seja, embora essas mulheres brancas passem por diversas questões relacionadas a seus cabelos crespos, não passam por outras questões vivenciadas exclusivamente por mulheres negras.

A diferença etária pesa muito na relação com as mídias sociais. As entrevistadas mais jovens mencionam muito as mídias sociais como sendo algo fundamental para desenvolverem suas formas de cuidados. Para as jovens negras especificamente, as mídias se tornam também espaços de identificação e fortalecimento identitário, de uma forma que as jovens brancas não mencionam. Para as entrevistadas mais velhas, as referências são mais políticas e críticas e no geral não citaram as mídias sociais atuais, como é o caso das mulheres negras.

Em relação ao mercado de trabalho, Alves (2017) aponta que muitas mulheres negras não são escolhidas para algum trabalho devido aos seus cabelos, em alguns momentos até precisam se submeterem a tratamentos capilares para se ajustarem aos padrões exigidos. As

mulheres negras acabam tendo que desenvolver todo um preparo de seus cabelos conforme os ambientes que frequentam, tudo isso para se preparar para o mundo de forma a se desassociar do medo que sua imagem passa para as pessoas, é necessário parecer amigável. Mulheres negras e mulheres brancas se influenciam mutuamente nos cuidados com os cabelos crespos e cacheados, é uma troca complexa. Toda essa complexidade passa pelo debate das emoções, de como as mulheres se sentem ao cuidar de seus cabelos, se há uma relação entre o estado do cabelo e o humor dessas mulheres (que também está associado à como as mulheres apresentam seus cabelos). Outro aspecto muito ligado à como as mulheres apresentam seus cabelos diz respeito aos seus relacionamentos amorosos, é importante observar se passaram por algum tipo de pressão para que mudassem seus cabelos, como pedidos para que alisassem ou que não cortassem. Assim, há uma aparência esperada e desejada tanto nos ambientes frequentados quanto nas relações amorosas podendo haver algum tipo de pressão.

Outra questão discutida foi a origem do cabelo, uma pergunta que fazia parte do roteiro das entrevistas destinada exclusivamente às mulheres brancas para entender a quê ou a quem elas atribuíam seus cabelos, e que não se pode saber se espontaneamente faria parte da narrativa dessas mulheres. O ponto interessante é que as respostas falam das heranças sanguíneas paternas e maternas e de suas respectivas origens étnicas, ou seja, o cabelo crespo e cacheado já é considerado um traço de pertencimento étnico. Mas é importante destacar que geralmente nas falas das mulheres entrevistadas não pareceu haver uma avaliação negativa ou problemática dessa herança. Pelo contrário, nos interditos parece haver até um bom sentimento de ter o que seria um traço diferencial e de isso ser um destaque e ponto de unidade familiar.

Santos (1983) afirma que o negro aparece no imaginário como o feio, o sujo, o exótico enquanto o branco aparece como o aristocrata, o elitista, o poderoso. Nas entrevistas, ainda dirigidas exclusivamente às mulheres brancas, é possível perceber uma diferenciação no olhar das mulheres mais velhas e da mais jovem. Importante destacar que algumas mulheres mais velhas relataram que suas memórias sobre as mulheres negras eram basicamente daquelas que trabalharam em suas casas e nas casas de suas mães e avós. Uma das entrevistadas inclusive afirma que um de seus grandes medos era ser confundida com a filha da empregada (devido à semelhança dos cabelos). As entrevistadas brancas mais velhas também observam que não havia negros em sua escola na infância e que só foram se atentar para a beleza das mulheres negras quando passaram a morar fora do Brasil, passando a valorizar traços da identidade negra (inclusive fazem questão de enfatizar essa valorização). Já na fala da mulher branca mais jovem há surge uma percepção da força do "politicamente correto", e ela destaca que não vê mais

tantos comentários negativos sobre os cabelos. Por ser uma mulher com pouco mais de 30 anos parece viver no limbo entre as gerações mais velhas e mais jovens, recebendo influências desses dois grupos.

Chaveiro e Minella (2017) afirmavam que o embranquecimento da população brasileira enquanto projeto colonial resultou no alisamento compulsório dos cabelos crespos e cacheados. Nesse momento da pesquisa pode-se perceber como as entrevistadas (especificamente mulheres negras de várias idades) vivenciaram situações de discriminação com o cabelo e com o ser negro. Há semelhanças e divergências nos depoimentos de mulheres de gerações diferentes. A escola aparece para ambas as gerações como um espaço de difícil convivência e a juventude como um momento bem sensível e de experiências dificultosas. Chama a atenção como as mulheres reagem ao serem vítimas de situações de preconceito, como no geral as entrevistadas só percebiam depois de um tempo (no momento em que acontece não conseguem reagir, ficam em choque, incrédulas). Quando ocorre o processo de esclarecimento do ocorrido surge um interdito nas falas das mulheres, carregado de indignação e revolta. É nesse sentido que cabe a colocação de Crenshaw (2004) em que é preciso reconhecer que as mulheres negras especificamente não podem ser enquadradas apenas na discriminação racial ou na discriminação de gênero, essas categorias precisam ser ampliadas e interseccionalizadas. Sendo que a opressão das mulheres negras tem particularidades em relação a das mulheres no geral dada a sua experiência histórica (e sua relação com o cabelo é uma dessas particularidades).

A partir de todo esse panorama que podemos, por fim, compreender a complexidade do tema levantado nesse estudo, onde o cabelo surge como elemento central muito carregado de múltiplos significados e importâncias. Não buscamos de maneira alguma abraçar um referencial generalizador que fale sobre mulheres negras ou mulheres brancas no geral, mas sim focar especificamente em nossas entrevistadas e em suas narrativas. Aqui, procuramos a partir das falas dessas mulheres tecer alguns comentários e abrir algumas observações. A questão racial de fato impera nessa discussão e é o fio-condutor de toda a análise proposta, mas em alguns momentos a questão geracional ganhou destaque (como na influência da mídia, por exemplo). Pudemos observar muitas semelhanças e muitas divergências, algumas sutis outras mais escancaradas. No geral, podemos dizer que são mulheres, indivíduos, com suas particularidades, cada uma com sua bagagem histórica e narrativas próprias, lidando com significados socialmente construídos e marcadores sociais da diferença.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila e LUTZ, Catherine. (1990). *Introduction***.** In: LUTZ, Catherine e ABU-LUGHOD, Lila (orgs.) Language and the Politics of Emotion. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-23.

ALVES, Erica de Oliveira. *O cabelo crespo e a valorização da mulher negra brasileira.* Rio de Janeiro, 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: Enciclopédia Einaldi, s. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985.

BAIRROS, Luíza. *Novos Feminismos Revisitados*. Revista de Estudos Feministas, (UFSC. Impresso), Florianópolis, 1995, vol. 3, nº2, p.458-463.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. *Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual.* REVISTA DEBATES, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012. Disponível em: http://www.seer.ufrgs.br/debates/article/ viewFile/26722/17099/. Acesso em: 16 de jul de 2018.

BARBIERE, Teresita de. *Sobre a categoria gênero: uma introdução teórico-metodológica.* Recife: S.O.S. Corpo, 1993.

BENTO, Maria Aparecida. *Branqueamento e branquitude no Brasil.* In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida (orgs.). Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 25-58.

BOURDIEU, Pierre. *Gostos de Classe e Estilo de Vida.* Em ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu*. Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 39. São Paulo: Ática, 1982, p. 84

BOUZÓN, Patrícia Gino. *Cabelos e construção de identidades: incursão antropológica em um salão de beleza carioca.* In: CASOTTI, Letícia (Org.); SUAREZ, Maribel (Org.); CAMPOS, Roberta Dias (Org.). O tempo da Beleza: consumo e comportamento feminino, novos olhares. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2008.

_____. *Construindo identidades: um estudo etnográfico sobre manipulação da aparência em salões de beleza na cidade do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: UFRJ/ Museu Nacional/ PPGAS, 2010.

_____. *O teu cabelo não nega? Um estudo de práticas e representações sobre cabelos.* Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2004.

BRAGA DOS SANTOS, Nádia Regina. *Do black power ao cabelo crespo a construção da identidade negra através do cabelo.* 2015. Trabalho de conclusão de curso. Universidade de São Paulo. Disponivel em: http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/artigo_nadia.pdf. Acesso em: 15 de mai de 2020.

BRUSCHINI, Cristina & LOMBARDI, Maria Rosa. *A Bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo.* Cadernos de Pesquisa, n.110, p.67-104, jul. 2000.

_____. *Instruídas e trabalhadeiras Trabalho feminino no final do século XX.* Cadernos Pagu, 2001.

BUTLER, Judith. 2003. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.* Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. *Actos perfomativos e constituição de género. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista.* In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). Gênero, cultura visual e perfomance. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.* Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.

CARNEIRO, Anni de Novais e FERREIRA Silvia Lúcia. *Padrões de beleza, raça e classe: representações e elementos identitários de mulheres negras da periferia de Salvador – BA.* 18º REDOR. Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014. Disponivel em: http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper /viewFile/2136/718 Acesso em: 30 de jul de 2019.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na américa latina a partir de uma perspectiva de gênero.* (2011) Disponivel em: https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/. Acesso em: 05 de jan de 2021

CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa & MINELLA, Luzinete Simões. *Receita "eu tô na rua é pra lutar, pelo direito do cabelo encrespar": marchas do orgulho/empoderamento crespo no brasil como movimentos estético-políticos de resistência negra.* Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500660818_ARQUIVO_Eutonaruaepralutar.pdf Acesso em: 30 de jul 2019.

Como fazer cronograma capilar. 2023. Disponível em: https://www.belezanaweb.com.br/loucas-por-beleza/como-fazer-cronograma-capilar/ Acesso em: 05 de nov. de 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. 2002. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.* Revista Estudos Feministas, 10 (1), p. 171-188.

_____. 2004. *A intersecionalidade na discriminação de raça e gênero.* In Vários autores. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, p. 7-16.

CRUZ, Cintia Tâmara Pinto da**.** *Etnografando a experiência do Instituto Beleza Natural: relatos de uma etnografia não autorizada.* Núcleo de estudos interdisciplinares sobre mulheres, gêneros e feminismos. Universidade Federal da Bahia (NEIM/UFBA), 2014, Natal/RN.

CURY, Augusto. *A ditadura da beleza e a revolução das mulheres*. São Paulo: Arqueiro, 2005.

DA SILVA, Kelly Cristina. *Os letramentos de empoderamento feminino negro: a educação de jovens e adultos e os processos de aprendizados na rede social facebook***.** 2017.

DALTRO, Luana Mendes e STRELOW, Aline do Amaral Garcia**.** *Yes, We Can: A transição capilar da mulher negra na mídia tradicional e nas redes sociais.* Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 15 a 17 de junho de 2017. Disponivel em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/163685/001024673.pdf?sequence=1 Acesso em: 30 de jul de 2019.

DE PAULA, Bianca Assis Oliveira. *Diálogos entre raça, gênero e linguagem: a declaração da negritude de mulheres em grupos online brasileiros sobre transição capilar.* Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499270115_ARQUIVO_TrabalhoCompleto-FazendoGenero2017. pdf Acesso em: 30 de jul de 2019.

DESLANDES, Suely F. *Atenção a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência Doméstica: Análise de um Serviço.* Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 10 (supl. 1): 177-187, 1994.

Escova progressiva: Tudo que você precisa saber sobre esse método de alisamento. Disponível em: https://universo.salonline.com.br/escova-progressiva/). Acesso em: 02 de jun de 2023.

ESPINOSA, Juliana Ribeiro. Um rosto, uma câmera e um pouco de edição: os vlogs e as webcelebridades, *In*: _____. *Youtubers teen: a influência dos vlogs às novas gerações.* Rio de Janeiro, 2016. 75 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Publicidade e Propaganda), Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. p. 30-41.

Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. *Minha Beleza é Minha: A influência exercida pelas mídias sobre a imagem feminina***.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIII Prêmio Expocom 2016

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas.* Salvador, BA: EDUFBA. 2008.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo.* São Paulo: Studio Nobel, 1995, p. 67

Fitagem no cabelo: o que é e como fazer? Disponível em: https://www.boticario.com.br/dicas-de-beleza/fitagem-no-cabelo-o-que-e-e-como-fazer/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20fitagem%20%3F&text=A%20fitagem%20%C3%A9%20uma%20t%C3%A9cnica,os%20cachos%20mecha%20a%20mecha. Acesso em: 15 de out de 2023.

FLORES, Vanda de Souza. *Traumas da infância e suas consequências nas várias etapas de existência.* Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Transpessoal, Grupo Omega e INCISA . 2008

GARBIN, Cléa Adas Saliba, GUIMARÃES, Glória Paula Dossi de, e Queiroz Tânia Adas SALIBA. *A violência familiar sofrida na infância: uma investigação com adolescentes.* Psicologia em revista, Belo Horizonte, v.18,n 1, p;107-118. (2012)

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade.* Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

GODOFREDO DE OLIVEIRA, Natalia; SANTOS, Maria; TEIXEIRA, Vanessa. (2016). *Mulher negra, cabelo e empoderamento: uma análise do seriado sexo e as negas.* Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_01/022.pdf. Acesso em: 30 de jul de 2019.

GOMES, Nilma Lino. *Cultura negra e educação.* Rev. Bras. Educ. no.23. Rio de Janeiro. Mai/Ago, 2003.

_____. *Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça.* In Revista Educação e Sociedade, v. 33. Nº 120, jul-set, 2012.

_____. *Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?.* Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.21, p.40-51.

_____. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão.* In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade: Brasília, 2005.

_____. *Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.* Disponivel em: http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_textos_sociologia/Negra.pdf. [2002?] Acesso em: 10 mar de 2021.

_____. *Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.* Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003

_____. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.* Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Romeu. *Resenha: Antropologia do corpo e modernidade*. Le Breton D. Petrópolis: Ed. Vozes; 2011.407p. Card. De Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.11, n.27, 2011, p.2277-2279.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira***.** Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984.

GUIMARÃES, Antonio Sergio A. *Raça, cor, cor da pele e etnia.* Cadernos de campo, São Paulo, n. 20, p. 1-360, 2011

HALL, Stuart. 2003. *As culturas nacionais como comunidades imaginadas***.** in Hall, S., A identidade cultural na pós-modernidade. São Paulo: DP&A Editora.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade***.** Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HELMAN, Cecil G. *Dor e cultura*. In: Cultura, saúde e doença. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994. p. 165-75.

HIRATA, Helena. 2014. *Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais.* Tempo Social: Revista de Sociologia da USP, 26 (1), p. 61-73.

HOOKS, Bell. *Mulheres negras: moldando a teoria feminista.* Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 16, p. 193-210, jan./abr. 2004.

_____. *Mujeres negras. Dar forma a la teoría feminista.* Otras inapropiables: Feminismos desde las fronteras (obra coletiva). Madrid: Traficantes de sueños, 2004, p. 33-50.

KERGOAT, Danièle. 2010. *Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais***.** Novos Estudos Cebrap, 86, p. 93-103.

KERNER, Ina. *Tudo é inTerseccional? Sobre a relação entre racismo e sexismo.* Dossiê Teoria Crítica. Novos Estudos 93. Julho 2012.

KILOMBA, Grada. *The Mask.* In: *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010.

KOZINETS, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online***.** Porto Alegre : Penso, 2014.

LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções.* Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *A Síndrome de Frankenstein.* Em SANT'ANNA (org.) *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 65

LIMA, Dulcilei da Conceição. *Tá na cabeça, tá na web! Significados simbólicos e historicidade do uso do turbante no Brasil.* VOLUME 10, NÚMERO 22, NOVEMBRO 2017. Disponível em: https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/ view/633. Acesso em: 16 de jul de 2018.

LIMA, Fátima. *Raça, Interseccionalidade e Violência. Corpos e processos de subjetivação em mulheres negras e lésbicas.* Cadernos de Gênero e Diversidade. Vol 04, N. 02 - Abr. - Jun., 2018

LODY, Raul. *Cabelos de axé: identidade e resistência***.** Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004

LUGONES, María. *Rumo a um feminismo descolonial.* Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014.

LUKÁCS, Gyorgy. *As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem.* Temas de Ciências Humanas, tradução de Carlos Nelson Coutinho, São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, n. 4, p. 1-18, 1978.

LUTZ, Catherine. (1988). *Unnatural Emotions***.** Chicago, University of Chicago Press. (Capítulo "Emotion, Thought, and Estrangement: Western Discourses on Feeling", p. 55-80).

MARTINEZ-ALIER, Verena. *Cor como símbolo de classificação social***.** Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/132086/128186. Acesso em: 15 de mar de 2023.

MATOS, Lídia de Oliveira. (2016) *Não é só cabelo, é também identidade: transição capilar luta política e construções de sentido em torno do cabelo afro.* 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, João Pessoa, 2016.

MAUSS, Marcel. *A expressão obrigatória dos sentimentos*. In: FIGUEIRA, S. A. (org.) Psicanálise e ciências sociais. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1981. p. 56-63.

_____. *Sociologia e antropologia*: vol. II. São Paulo: EPU, 1974. p. 37-184.

MELO, Hildete Pereira de; CONSIDERA, Claudio Monteiro & SABBATO, Alberto Di. *Os afazeres domésticos contam***.** Economia e Sociedade, Campinas, v. 16, n. 3 (31), p. 435-454, dez. 2007

MIRANDA, Tatiana & FIALHO, Carlos Eduardo. *Grisalhas: um estudo sobre cabelo, liberdade feminina e "política-vida".* Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

MORAES, Maria Lygia Quartim De. *Usos e limites da categoria gênero.* Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 11, p. 99–105, 2013. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634466. Acesso em: 16 jan. 2020.

MOUTINHO, Laura. *Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes.* Dossiê antropologia, gênero e sexualidade no brasil: balanço e perspectivas. cadernos pagu (42), janeiro-junho de 2014.

MUNANGA, Kabengele. *A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil.* ESTUDOS AVANÇADOS 18 (50), 2004. ENTREVISTA DE KABENGELE MUNANGA. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www

.scielo.br/j/ea/a/MnRkNKRH7Vb8HKWTVtNBFDp/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 01 de nov de 2023.

_____. *Negritude. Usos e sentidos.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

_____. *Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia.* In: BRANDÃO, André Augusto P. Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira, Ed. EDUFF, Rio de Janeiro, 2004.

NASCIMENTO, Abdias. *O Genocídio do Negro brasileiro – Processo de um Racismo Mascarado.* Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 1978.

NOGUEIRA DE SOUZA, Guilherme. *Os negros ascendentes na região metropolitana do Rio de Janeiro: trajetórias e perspectivas.* Rio de Janeiro, 2012. (tese)

NOGUEIRA, Oracy. *Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem.* Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1,p. 287-308, 2006.

_____. *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais.* São Paulo, T. A. Queiroz, 1979.

NOVAES, Regina. *Notas sobre a invenção social de um singular sujeito de direitos*. Juventude, juventudes Revista de Ciencias Sociales, núm. 25, dezembro, 2009, p. 10-20. Universidad de la República Montevideo, Uruguay

O que é frizz? Saiba o que provoca e como acabar com os fios arrepiados. Disponível em: https://www.loreal-paris.com.br/frizz#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20º%20frizz,exposta%2C%20principalmente%20quando%20h%C3%A1%20umidade. Acesso em: 13 de nov de 2023.

O que é Low Poo? Entenda as técnicas, produtos e No Poo! (2023) Disponivel em: https://www.usebob.com.br/blogs/news/o-que-e-low-poo-entenda-as-tecnicas-produtos-e-no-poo. Acesso em: 12 de ago de 2023.

O tererê no cabelo está voltando. Disponível em: https://www.meninashoes.com.br/blog/o-terere-no-cabelo-esta-voltando/ Acesso em: 10 de nov de 2023.

OLIVEIRA ALVES, Erica de. *O cabelo crespo e a valorização da mulher negra brasileira.* RIO DE JANEIRO, 2017.

OLIVEIRA Aryanne Pereira de; MATTOS, Amana Rocha. *Identidades em transição: Narrativas de mulheres negras sobre cabelos, técnicas de embranquecimento e racismo*. Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 445-463, 2019.

OLIVEIRA DE PAULA, Bianca Assis. *Minha negritude minha melhor escolha: a (re)construção discursiva das negritudes das mulheres no processo de transição capilar no Facebook.* Rio de Janeiro, 2018.

OLIVEIRA MATOS, Lídia de. *Transição capilar: cabelos, consumo e interseccionalidade no ciberespaço.* São Cristóvão – Sergipe, 2017.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. *Candomblé de Ketu e educação: estratégias para o empoderamento da mulher negra***.** 2008. Tese (Doutorado em Educação). – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-16062008161253>. Acesso em: 16-08-2016.

QUEIROZ, Renato da Silva; OTTA, Emma. *Beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal.* In: QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000. 181p.

QUINTÃO, Adriana Maria Penna. *O QUE ELA TEM NA CABEÇA?: Um estudo sobre o cabelo como performance identitária.* Niterói 2013. (dissertação)

*Relaxamento capilar: conheça mais sobre a técnica***.** Disponível em: https://www.embelleze.com/transformacao/relaxamento-decabelo#:~:text=Relaxamento%20capilar%3A%20conhe%C3%A7a%20mais%20sobre,deixar%20os%20cachos%20mais%20abertos. Acesso em: 06 de jun de 2023.

REZENDE, Claudia Barcellos. *Imaginando o bebê esperado: parentesco, raça e beleza no Rio de Janeiro.* Etnográfica [Online], vol. 20 (2), 2016. Disponível em: http://journals.openedition.org/etnografica/4258. Acesso em: 15 de nov de 2023.

REZENDE, Claudia Barcellos. *A dor do parto: emoção, corpo e maternidade no Rio de*

Janeiro. Anuário Antropológico v.44 n.2 | 2019.

ROSALDO, Michelle. (1984). *Toward an Anthropology of Self and Feeling.* In: Richard Shweder and Robert LeVine (orgs.) Culture Theory: Essays on Mind, Self and Emotion. Cambridge: Cambridge University Press, p. 137-57.

SÁ RIBEIRO, Marco Aurélio de. *O Gerenciamento Cultural e o Ciclo de Vida da Empresa Familiar Um Estudo de Caso.* (2007) Dissertação de Mestrado. Disponível em: http://livros01.livrosgratis.com.br/cp045698.pdf. Acesso em: 30 de jul de 2019.

SALISTER GOMES, Mariana. *A (des)(re)construção do Brasil como um Paraíso de Mulatas.* Revista Eletrônica de Turismo Cultural. Volume 04 – N 02. 2010.

SANTOS MATOS, Édila Maria dos. *Cachear e Encrespar: moda ou resistência? Um estudo sobre a construção identitária do cabelo afrodescendente em blogs.* Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Curso de Comunicação Organizacional, da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília. Brasília - DF, novembro de 2015.

SANTOS, Neuza**.** *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.* Rio de Janeiro: Edições GRAAL. 1983.

SARDENBERG, Cecília M. B. *Conceituando "Empoderamento" na Perspectiva Feminista.* Salvador: NEIM/UFBA, 2006, p. 3-4. Disponível em: . Acesso em: 24 jun. 2023.

SARTI, Cynthia A. *A dor, o indivíduo e a cultura*. II Encontro de Enfermagem Neonatológica, 1998, Universidade Federal de São Paulo/Escola Paulista de Medicina (UNIFESP/EPM)

SCAVONE, Lucila. *A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais.* **C**adernos Pagu, 2001.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica.* Educação & Realidade, v.lS, n.2, jul./dez. 1990.

SEPÚLVEDA, Myrian. *Memória coletiva, trauma e cultura: um debate.* REVISTA USP, São Paulo, n. 98, p. 51-68. 2013.

SILVA, Gleicy Mailly da***. Corpo, política e emoção: feminismos, estética e consumo entre mulheres negras.*** Horiz. antropol., Porto Alegre, ano 25, n. 54, p. 173-201, maio/ago. 2019.

SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SODRÉ, Muniz. *Claros e Escuros – Identidade, povo e mídia no Brasil***.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

TELES DOS SANTOS, Jocélio. *O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos.* Departamento de Antropologia. Universidade Federal da Bahia. (1999)

Trança box braids: o que é, como fazer e como cuidar? Disponível em: https://www.lorealparis.com.br/trancaboxbraids#:~:text=As%20tran%C3%A7as%20box%20braids%20s%C3%A3o,combina%20com%20o%20seu%20visual. Acesso em: 10 de nov de 2023.

Trança Boxeadora: O que é? Como fazer? Guia com Passo a Passo. Disponível em: https://hidratei.com.br/blogs/cabelos/tranca-oxeadora#:~:text=A%20tran%C3%A7a%20boxeadora%20tradicional%2C%20nada,tran%C3%A7as%2C%20pois%20elas%20s%C3%A3o%20embutidas. Acesso em: 10 de nov de 2023.

Trança nagô: o que é, como cuidar e como é feita a manutenção? Disponível em: https://www.loreal-paris.com.br/tranca-nago-o-que-e-como-cuidar-e-como-e-feita-a-manutencao#:~:text=As%20tran%C3%A7as%20nag%C3%B4%20s%C3%A3o%20aquelas,formar%20desenhos%20na%20sua%20cabe%C3%A7a. Acesso em: 10 de out de 2023.

Tranças jumbo: tudo o que você precisa saber sobre o estilo antes de apostar no visual. Disponível em: https://www.loreal-paris.com.br/trancas-jumbo-tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-estilo-antes-de-apostar-no-visual. Acesso em 10 de out de 2023.

Umectação capilar: o que é e como fazer? Disponível em: https://www.loreal-paris.com.br/o-que-e-umectacao-capilar?&&gclid=CjwKCAiA1MCr BhAoEiwAC2d64R28VQeckq1OPeSxa_mGx7CG9bJzGNg0qSgCEHsKSAt7wqqcckUlEBoCFQIQAvD_BwE&gclsrc=aw.ds. Acesso em: 14 de nov de 2023.

VELHO, Gilberto. 1978. Observando o familiar. Nunes, Edson (org.) *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social.* Rio de Janeiro: Zahar. p.36-46.

VELHO, Gilberto. *Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas.* In: VELHO, Gilberto. Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia das sociedades contemporâneas. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

VELHO, Gilberto. 1981. *Parentesco, individualismo e acusações.* In: Gilberto Velho; Sérvulo Figueira (Orgs.). Família, Psicologia e Sociedade. Rio de Janeiro: Campus.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas para a Antropologia da Sociedade Contemporânea.* 1981

WEINSTEIN, Art. *Segmentação de mercado***.** São Paulo: Atlas, 1995

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual***.** In: SILVA, T.T. Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petropólis: Vozes, 2000.

ANEXO A – Roteiro de entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA
Nome:
Idade:
Quando você era pequena qual era a sua relação com seu cabelo?
Como seu cabelo era tratado na infância? Alguém cuidava do seu cabelo? Quem?
Quais são suas lembranças mais fortes da infância em relação ao seu cabelo? O que você ouvia falarem?
Como foi a sua adolescência e a relação com seu cabelo?
Teve alguma mudança que chame a sua atenção? Na escola? Na universidade?
Qual o peso da opinião das pessoas quanto a sua aparência ou ao seu cabelo?
Você percebe alguma influência de membros da sua família no modo como você deve tratar do seu cabelo? De quem? Como?
Tem algum salão de beleza que você costuma frequentar? É étnico especializado em cachos e crespos ou algum não especializado?
Você costuma mudar de salão de beleza ou é fiel a um mesmo? Por que muda ou por que continua?
Você já passou pela transição capilar? Em que época da sua vida? Acha que teve alguma influência?
Como você percebe a influência da mídia no modo como você trata o seu cabelo?
Você já teve o cabelo alisado? Qual era sua vivência com o processo de alisamento?
Você já sofreu algum tipo de preconceito em relação ao seu cabelo? Como você reagiu e o que sentiu?
Você se entende como uma mulher negra? Já passou por alguma situação de racismo para além do seu cabelo? (pergunta destinada exclusivamente às mulheres negras)
Você sente que existe uma relação entre o seu cabelo e a sua identidade? (pergunta destinada exclusivamente às mulheres negras)
Em relação às suas origens familiares, em algum momento teve aquela coisa do "de onde veio esse cabelo"? De quem você puxou? (pergunta destinada exclusivamente às mulheres brancas)
Como uma mulher branca com o cabelo cacheado, como que você olhava para as mulheres negras que tinham um cabelo parecido com o seu? (pergunta destinada exclusivamente às mulheres brancas)
Nas suas relações afetivas e nos seus relacionamentos amorosos já houve alguma pressão para que você mudasse seu cabelo?
Você acha que o estado do seu cabelo afeta como você se sente como pessoa/mulher?
No seu ambiente de trabalho já houve alguma menção ou pedido que interferisse no modo como você trata o seu cabelo?
Você usa seu cabelo de formas diferentes de acordo com os ambientes que frequenta? Que tipo de penteado usa em ambientes distintos?